# O CONVENTO FRANCISCANO DE MARECHAL DEODORO
# SANTA MARIA MADALENA

THE FRANCISCAN CONVENT OF MARECHAL DEODORO SANTA MARIA MADALENA

ANA CLÁUDIA MAGALHÃES • JOSEMARY FERRARE
MARIA ANGÉLICA DA SILVA (ORGANIZADORAS)







# O CONVENTO FRANCISCANO DE MARECHAL DEODORO

## Santa Maria Madalena

## THE FRANCISCAN CONVENT OF MARECHAL DEODORO

### Santa Maria Madalena


ANA CLÁUDIA MAGALHÃES (ORG.)
JOSEMARY FERRARE (ORG.)
MARIA ANGÉLICA DA SILVA (ORG.)
ALICE JARDIM
ÉRICA APRÍGIO
FLORA PAIM
LOUISE CERQUEIRA
LUÍSA ESTANISLAU
MARIA MADALENA ZAMBI
ROSELINE OLIVEIRA
TACIANA SANTIAGO


IPHAN

# CRÉDITOS


Presidente da República do Brasil
Dilma Rousseff

Ministra de Estado da Cultura
Ana de Hollanda

Presidente do Instituto do
Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Luiz Fernando de Almeida

Diretoria do Iphan
Andrey Rosenthal Schlee
Célia Maria Corsino
Estevan Pardi Corrêa
Maria Emília Nascimento Santos

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição e copidesque
Caroline Soudant

Revisão e preparação
Gilka Lemos

Versão para o inglês
Paula Zimbres

Projeto gráfico e diagramação
Cristiane Dias

Fotos
Nelson Kon, Sylvia Braga.
Arquivos/Acervos: das autoras, DGEMN, Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, Iphan, MASEAL e Secretaria de Cultura de Alagoas. Fotógrafos creditados nas imagens.

Capa
Colunas do adro do Convento de Santa Maria Madalena. Foto de Nelson Kon, 2012.

Guarda
Detalhe da pintura do forro do coro da igreja. Foto de Alice Jardim, 2010.

Frontispício
Imagem de vestir. Foto de Nelson Kon, 2012.

www.iphan.gov.br | www.cultura.gov.br

# APRESENTAÇÃO

Este livro pretende registrar uma obra de restauração tão monumental quanto o próprio complexo arquitetônico que a recebeu. Trata-se do conjunto conventual franciscano de Santa Maria Madalena em Marechal Deodoro, Alagoas.

Os 350 anos de história desse monumento – formado pela Igreja de São Francisco, a Capela da Ordem Terceira e o convento (onde funciona o Museu de Arte Sacra) – dão indício de sua importância. Suas primeiras instalações datavam de meados do século XVII, mas as edificações só começaram a ficar prontas em 1732, para inserir Alagoas entre os estados brasileiros que se beneficiariam de parte do vasto legado franciscano no país.

Os frades da ordem de Assis ocuparam o conjunto arquitetônico até o início do século XX. A partir de então o lugar passou a ser transformado para usos diversos: acampamento de soldados, orfanato e até abrigo de refugiados da seca do sertão. Cada mudança de uso desfigurou um pouco de sua estrutura. O abandono e o desgaste pelo tempo completaram o serviço e a Igreja da Ordem Primeira, cujo teto ameaçava ruir, foi interditada no ano de 2000.

Agora finalmente todas as atividades, inclusive as litúrgicas, poderão ser retomadas ali. O projeto de recuperação, patrocinado pelo BNDES, a Petrobras, o Iphan e a Telemar, reuniu uma equipe de quase cem profissionais – entre especialistas em restauro, arquitetos, engenheiros, historiadores, pedreiros, marceneiros, pintores e muitos outros profissionais. O desafio em questão exigiu, além de perícia na execução, cuidadoso trabalho de prospecção e pesquisa histórica para fundamentar as cruciais decisões que esse tipo de intervenção envolve, como o leitor verá nas páginas a seguir.

*Luiz Fernando de Almeida*
*Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*
*Agosto 2012*



# SUMÁRIO


APRESENTAÇÃO 05
INTRODUÇÃO 09



CAPÍTULO I

FRANCISCANISMO, QUOTIDIANO, ESPAÇOS E ESTÉTICAS 12
Maria Angélica da Silva

CHAPTER I – FRANCISCANISM, ITS SPACES AND AESTHETICS IN EVERYDAY LIFE 250

De "lugares errantes" a "estrelas fixas": os franciscanos chegam ao Brasil 15
From "errant places" to "fixed stars": the Franciscans arrive in Brazil 251

O convento no Brasil e sua arquitetura 26
The convent in Brazil and its architecture 257

O convento e suas estéticas 57
The convent and its aesthetics 270

Foreword 247
Introduction 248



CAPÍTULO II

O CONVENTO E A CIDADE DE MARECHAL DEODORO 76

CHAPTER II – THE CONVENT AND THE TOWN OF MARECHAL DEODORO 279

A cidade, seu histórico e a relação do convento no âmbito da imaterialidade das manifestações religiosas católicas 79
Josemary Ferrare

The town of Marechal Deodoro, its history and relationship with the convent in the sphere of Catholic immaterial religious manifestations 279

O convento como uma microcidade: repercussões urbanas na arquitetura do convento de Madalena 106
Roseline Oliveira

The convent as microtown: urban repercussions in the architecture of the Convent of Madalena 291

Vozes franciscanas em Marechal Deodoro: contas de um rosário urbano 126
Maria Madalena Zambi

Franciscan voices in Marechal Deodoro: beads in an urban Rosary 299






CAPÍTULO III

MATERIALIDADE E RESTAURO DO CONVENTO DE SANTA MARIA MADALENA **144**

Ana Cláudia Magalhães

CHAPTER III – THE MATERIALITY AND RESTORATION OF THE CONVENT OF SANTA MARIA MADALENA 309

Corpo e alma na expressão conventual **147**

Body and soul in conventual expression 309

O restauro: da intenção ao gesto **187**

The Restoration: From Intention to Gesture 321





CAPÍTULO IV

SONS DO VAZIO: REPERTÓRIO VISUAL DO CONVENTO DE SANTA MARIA MADALENA **216**

Alice Jardim e Luísa Estanislau

CHAPTER IV – SOUNDS OF EMPTINESS: A VISUAL REPERTORY OF THE CONVENT OF SANTA MARIA MADALENA 335

O TRAÇO DAS PALAVRAS FRANCISCANAS: GLOSSÁRIO DE TERMOS DO UNIVERSO CONVENTUAL 241

Érica Aprígio, Flora Paim, Louise Cerqueira, Luísa Estanislau e Taciana Santiago

THE TRACE OF FRANCISCAN WORDS: GLOSSARY OF TERMS BELONGING TO THE CONVENTUAL UNIVERSE 336

BIBLIOGRAFIA 340



# INTRODUÇÃO

À esquerda, porta almofadada da Igreja da Ordem Primeira. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, paneled door in the Church of Ordem Primeira. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Este livro é fruto de uma longa trajetória de pesquisa e pretende compartilhar com o leitor um conjunto de reflexões acerca do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro, Alagoas, e seu processo de restauro. Essa recente intervenção faz parte de uma campanha complexa no sentido de dar prosseguimento à existência da edificação, o que hoje exige, na verdade, que se articulem possibilidades sustentáveis de reúso. Compreendemos, portanto, que esse processo deve ser relatado para além das medidas técnicas, pois, pensar na "sobrevivência" do edifício demanda considerar outros aspectos que ultrapassam sua trajetória de centenas de anos.

Como ponto de convergência dos capítulos, está a ideia de abordar o convento e sua história não só como um monumento barroco, "uma caixa dourada", valiosa por sua arquitetura, sua talha e pinturas. Compreendemos o convento como a construção de uma paisagem sólida que se prolonga até muito além de suas paredes.

Também queremos levar o leitor a conhecer um edifício vocacionado para ser um centro de espiritualidade, o que é pouco comum hoje em dia. Por essa razão, o prédio será apresentado como exemplo de uma arquitetura conventual gerada pelo saber franciscano, impregnado dos princípios da simplicidade, despojamento e amorosidade característicos da Ordem, bem como do estilo barroco. Essa comunhão certamente falará das ambivalências da condição humana tão bem reportadas pela arte nesse contexto.

Buscamos não tomar o edifício franciscano como uma obra que *a priori* comunicasse a ideia que mais rapidamente nos vem à mente: a de todo o imaginário da congregação de irmandades naturais, do sol à lua, da vida à morte. Entre o franciscanismo e a arquitetura franciscana, constatou-se realmente na Casa de Madalena uma postura de franca adesão à natureza, mas construída com muito cuidado.

O primeiro impulso da pesquisa foi, obviamente, consultar documentos. Contudo, o grande cronista da Ordem, frei Jaboatão, já nos lembrava da carência de legado escrito pelos franciscanos. Restou-nos, então, deter nosso olhar sobre o próprio edifício e construir, em paralelo à execução de seu restauro, a documentação que gerou este livro.

Esse recurso nos permitiu acessar a arquitetura nas suas entranhas, para oferecer o registro de todo o processo de recuperação, permitindo que o leitor vislumbre o que hoje não está mais disponível *in loco*, bem como que se conscientize das dificuldades de ler o passado. Pudemos acompanhar a força – ora bruta, ora delicada – das estratégias de conservação, desde o romper das paredes até o paciente preenchimento das lacunas de uma pintura. Além disso, testemunhamos as inúmeras dúvidas com que se depara o restaurador, mesmo amparado pelas leis da conservação.

Outro recurso usado na pesquisa foi buscar o apoio dos estudos de Germain Bazin e sua "Escola Franciscana do Nordeste", expressão criada por ele no século passado, que uniu a Casa de Madalena a uma família de mais treze conventos. Por isso, visitamos todos eles em busca de novos dados. Importante também foi pesquisar a longa existência do convento e considerar que, deixando de ser uma casa religiosa no século XIX, jamais cessou de interagir com a comunidade.

Assim, inúmeras injunções místicas, ideológicas, éticas, sociais e políticas foram progressivamente desvelando o edifício. Ele se revelou uma obra bela, erudita, cuja compreensão paisagística implicou no entendimento de sua inscrição urbana, de suas relações com o meio natural e, mais ainda, de sua adesão a uma filosofia e a um posicionamento frente ao mundo. Nesse sentido, foi elaborado um glossário para passear por essas vertentes, mas induzindo o leitor a prosseguir investigando significados.

Posta a linha de perspectiva metodológica e conceitual do trabalho, cabe anunciar os inúmeros apoios que recebemos para a realização do livro, nos desculpando previamente por eventuais omissões.

Abrindo a lista dos agradecimentos, cabe mencionar o próprio convento e seus "irmãos", visitados do Nordeste ao Sudeste, que, como livros antigos, nos mostraram o franciscanismo e sua arquitetura. Deixamos um agradecimento destacado aos habitantes desses conventos, à comunidade franciscana e, em especial, ao frei Hugo Fragoso, frei José Teixeira Rodrigues, frei Hilton Botelho e Marcelino Cantalice, para nós, lições vivas do ser franciscano. Estendemos os agradecimentos a todos os outros membros da comunidade seráfica – guardiões, frades jardineiros, cozinheiros, postulantes – e aos devotos de dentro e de fora do convento, nós concretos de invisíveis cordões franciscanos.

Aos livros, interlocutores silenciosos, enfatizando particularmente os trabalhos de frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, Germain Bazin, Gilberto Freyre, Glauco Campello e Murillo Marx. Quanto aos arquivos, destacamos os do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, da Biblioteca do Iphan e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em Portugal, à Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, ao Arquivo Histórico Ultramarino, em especial aos funcionários Érika Simone Dias e Mário Pires Miguel e, na Biblioteca da Luz, ao gentil apoio de Carla Fátima Brás Silva Maurício.

Para o contato com várias dessas instituições, foi essencial o suporte do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), da Fapeal (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado

de Alagoas) e da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, que nos permitiu o acesso aos arquivos internacionais.

Pela Petrobrás, o apoio ocorreu através do projeto "Memórias Franciscanas", selecionado pelo Programa Petrobrás Cultural em 2005, que nos proporcionou a possibilidade de participação direta na restauração do monumento, obra conduzida com financiamento do BNDES.

Destacamos também a Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho, responsável pela grande tarefa de administração do edifício e por traçar os rumos sustentáveis para a sua manutenção.

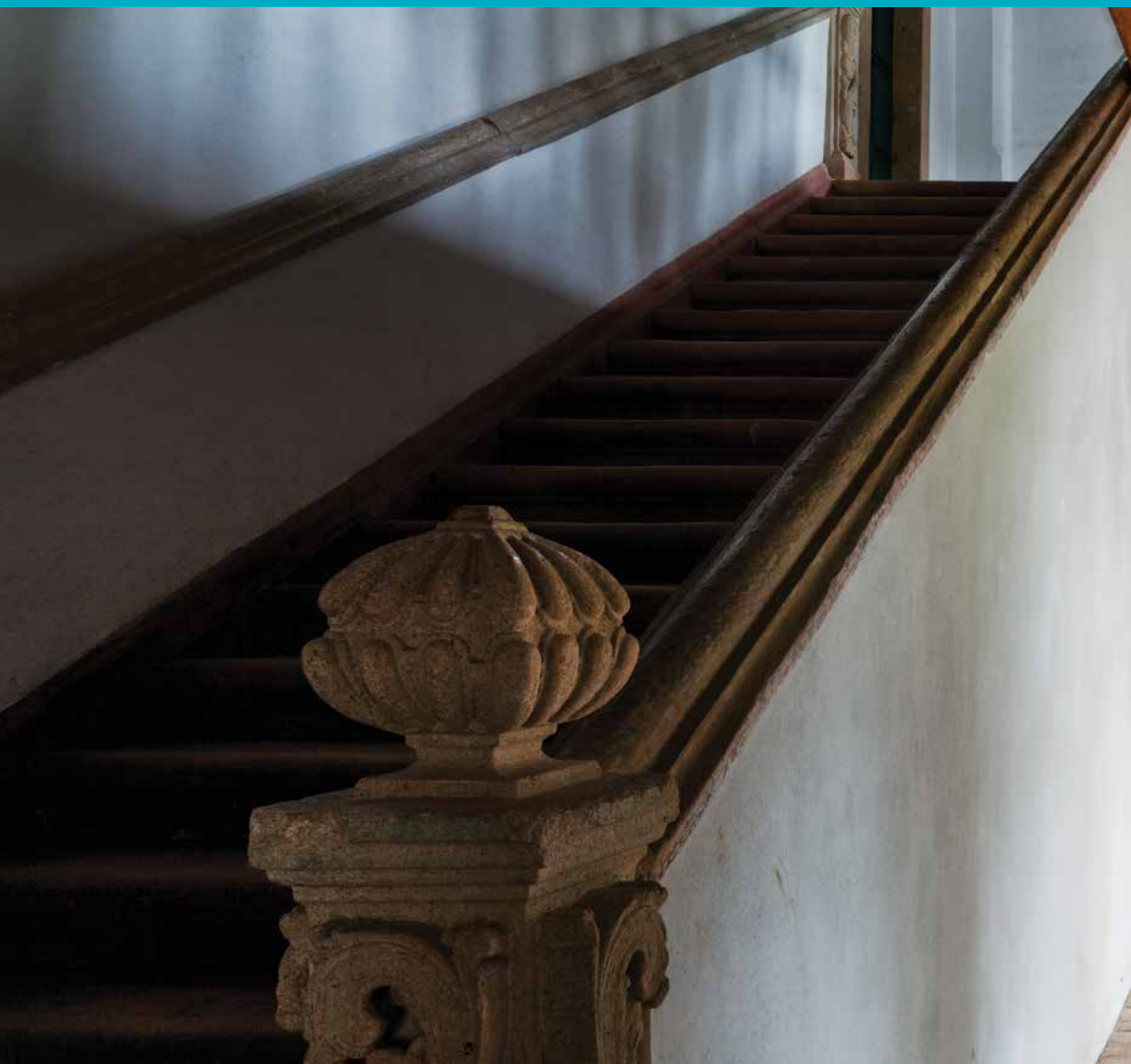
Entre os consultores, nossos agradecimentos ao professor Virgolino Ferreira Jorge, da Universidade de Évora, especialista em hidráulica monástica que nos auxiliou a construir um olhar mais apurado e técnico no acesso à edificação; ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, destacando os professores Marcos Albuquerque e Veleda Lucena, companheiros de longa trajetória; e ao professor José Luiz Mota Menezes, um dos primeiros a nos acompanhar e aconselhar no estudo da casa conventual em restauro. Estendemos os agradecimentos aos funcionários, técnicos e demais trabalhadores envolvidos na obra de restauração do Convento de Santa Maria Madalena.

Todas as autoras do livro se filiam à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas e, no seu contexto, agradecemos aos membros do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, com os quais compartilhamos todas as fases do trabalho de pesquisa e da publicação, destacando o apoio de Pedrianne Dantas, Bianca Muniz, Dayse Luckwu  e Flávia Cerullo, responsável pela adequação logística na construção dos conteúdos do livro.

Outros apoios na pesquisa se fizeram através de Solange Oliveira, Iolanda Martins e Marcus Toscano, companheiro inesquecível de viagens concretas e imaginárias aos conventos no Brasil e além-mar.

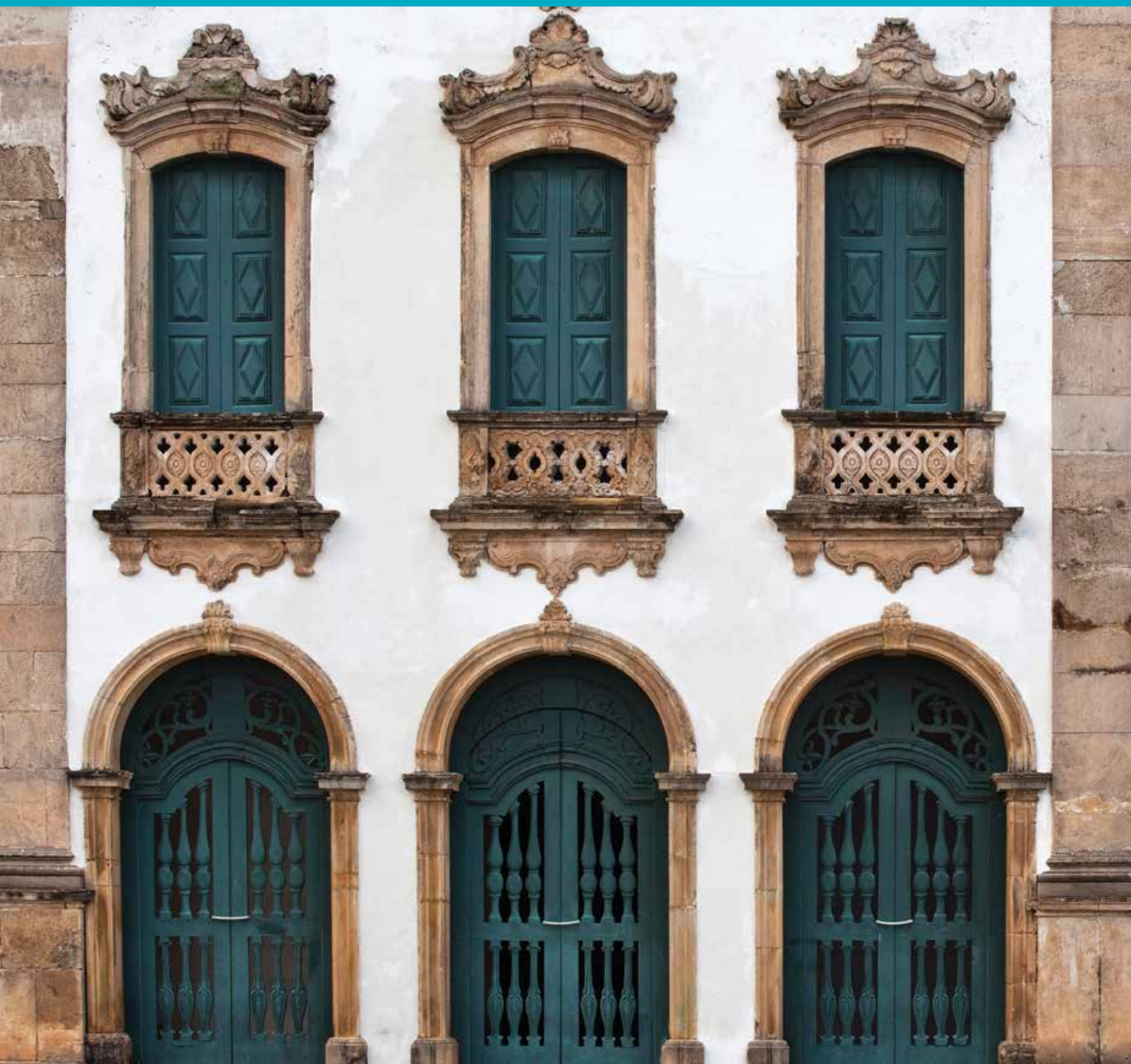
A ênfase concedida ao convento como obra urbana já adianta a relevância da população local, tanto mais quando se considera que o convento, monumento tombado desde 1964, integra o centro histórico da cidade de Marechal Deodoro, declarado Patrimônio Histórico Nacional em 2006.

Por isso, finalmente, gostaríamos de agradecer a esses moradores, cuja história e memória traçam cumplicidades com os franciscanos desde os tempos em que a cidade era vila e o convento, simples eremitério. Construído com o trabalho da população e restaurado pelas mãos dos habitantes de hoje, são as pessoas que constituem a razão mais forte da existência do convento também como monumento, entendido este como bem partilhado comunitariamente.





# I. FRANCISCANISMO, QUOTIDIANO, ESPAÇOS E ESTÉTICAS





# I. FRANCISCANISMO, QUOTIDIANO, ESPAÇOS E ESTÉTICAS

*Maria Angélica da Silva*

## De "lugares errantes" a "estrelas fixas": os franciscanos chegam ao Brasil

Silêncio. Nas matas úmidas, recortadas por canais e lagoas, atormentadas pelo canto dos pássaros, as folhas são abafadas pelo movimento de passos. Farfalhar de folhas sob a pressão das sandálias. O quebrar da vegetação faz-se de maneira diferente, como que conduzidos por corpos estranhos ao lugar. Desde um distante 1500, um personagem é acolhido pela cena americana: o frade franciscano.

Na abertura, escada com arranque e corredor com porta dos fundos do Convento de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*On the opening page, stairway with springer and hallway with the door at the back of the Convent of Santa Maria Madalena, in Marechal Deodoro. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Um dos primeiros registros da história do Brasil diz respeito à celebração da primeira missa em seu território, no dia 26 de abril daquele ano, por frei Henrique de Coimbra. Acompanhavam-no sete frades, na missão que tinha como meta final aportar na Índia, onde os franciscanos já haviam estado muito antes, em peregrinação nos séculos XIII e XIV. Como primeiros religiosos a pisarem o solo do que viria a ser o Brasil, fazem com que a história narrada a partir desse momento se inicie com uma cruz fincada ao solo. Marca favorita do franciscano, pois será a Ordem que difundirá o culto à figura do Cristo crucificado, naquele momento e com aquele ato, uniam-se as ações religiosas e reais celebradas sob o mesmo lenho.

À esquerda, Igreja da Ordem Primeira. Fachada com galilé. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, Church of Ordem Primeira. Façade with porch. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Presume-se que já houvesse no Brasil quinze franciscanos quando, em 1549, aqui chegaram os primeiros jesuítas, outra Ordem muito significativa na história da colônia. Apesar da dedicação dos padres da Companhia de Jesus, os franciscanos parecem ter sido mais facilmente acolhidos. Lentamente, o território vai sendo demarcado por pequenas capelas e igrejas dedicadas aos **santos seráficos**. Além dos edifícios sacros, a devoção também se manifesta na nomeação de inúmeras ilhas, montes, praias e outros acidentes geográficos – a começar do grande rio São Francisco, seguido por vários rios do Frade, morros e ilhas de Santo Antônio – identificando a passagem dos religiosos por ali ou, por vezes, o local onde houve algum milagre ou onde foram martirizados. Com o correr do tempo e a ampliação das obras edificadas, novamente os santos são convocados, batizando então construções voltadas para a segurança física do território como fortes, redutos e mesmo povoados, vilas e cidades.

Em 1585, funda-se a **Custódia de Santo Antônio do Brasil**. Um ano antes, em 1584, iniciava-se a de Santo Antônio de Málaca, no Extremo Oriente. Tais fatos mostram como os franciscanos acompanhavam o grande movimento de acesso aos territórios recém-conquistados. A fundação das primeiras casas franciscanas no Brasil participa de uma enorme rede tracionada até os mais distantes territórios alcançados pelo projeto de expansão ultramarina.

Na verdade, constata-se a continuidade de uma longa proposta de errância, própria dos franciscanos, e que não ocasionalmente os colocou ao lado dos conquistadores das novas terras. Um dia, na Úmbria, Francisco legou aos seus companheiros a tarefa de caminhar. Sabia-se à época que a vocação comum dos monges e eremitas era outra. Conventos e mosteiros tinham como função paralisar fisicamente os religiosos em determinados locais, e ali, distantes e apartados das cidades dos homens, encontravam a situação propícia para melhor realizar as atividades de contemplação e oração.

Invertendo essa prática, Francisco conclamou seus companheiros a desprezar a moradia e, sem abrigo fixo, caminhar para onde houvesse almas a salvar. Assim, a casa do frade não precisava ser de pedra, duradoura como eram os antigos mosteiros, aptos a vencer o tempo. Além disso, em vez de distanciados dos núcleos urbanos, mesmo sob o risco de comprometer as condições ideais para a reflexão, seus seguidores deviam ser frades da cidade. Pois era ali onde se aglomeravam os homens e os bens materiais que se fazia necessário anunciar um outro mundo, oposto à ostentação e ao consumo: o da salvação.

Nessa missão, o próprio Francisco correu terras e, segundo a lenda, atravessou o território português rumo a Compostela, deixando entre os lusos a semente dos primeiros conventos. Dispostos a vencer distâncias, os franciscanos foram fundamentais na construção daquele reino[1]. Fomentaram a vida urbana nas pequenas aldeias, mas também nas vilas e cidades, oferecendo uma série de suportes para a convivência comunitária além do apoio espiritual. Atuaram em especial nas regiões de Portugal onde não estavam instaladas as ordens militares. No tempo das sangrentas cruzadas e das ordens religiosas dedicadas à "guerra santa", Francisco convida à evangelização pacífica, buscando, em vez do conflito, a conversão dos fiéis. Contra o extermínio, seus seguidores caminham rumo às terras estranhas, movidos pelo desejo da conquista pela palavra. Em vez de treinarem fisicamente para o "santo combate", partiam cientes da possibilidade de não retornarem, disponibilizando seus corpos ao martírio.

Acompanhando a expansão ultramarina empreendida por Cabral, bem como por Cristóvão Colombo, marcas físicas mais sólidas da presença franciscana vão sendo deixadas com aldeamentos e construção de igrejas e conventos.

1. Em 1179, com a bula *Manifestis Probatum,* foi concedido a D. Afonso Henriques o título de rei de Portugal.



Detalhe do forro da sacristia. Convento de Salvador. Foto de Maria Angélica da Silva, s/d.

*Ceiling detail of the sacristy. Convent of Salvador. Photograph by Maria Angélica da Silva, n/d.*

## Juntando as peças da presença franciscana no Nordeste

A história de qualquer fato ou objeto é apenas uma narrativa através da qual se busca consolidar uma vertente de conhecimento sobre ele. Assim, optou-se por apresentar a história da arquitetura do Convento de Madalena amparada nas razões da sua realização. Portanto, o convento visto como aparato ao franciscanismo. A arquitetura, obra realizada não apenas com pedra, madeira, tijolos, mas também com matérias mais cambiantes como motivações, intenções, simbolismos, afetos, ideologias, consolida, no caso do Convento de **Santa Maria Madalena**, uma expressão vigorosa dos ideais seráficos, que nortearam as várias etapas construtivas do edifício.

Certamente, outras camadas de significado foram se superpondo a partir do tempo em que os frades se ausentaram e que o edifício assumiu outras funções. Isso inclui o momento presente, quando o restauro finalizado entrega à sociedade um edifício outro, remodelado, abrindo uma etapa de expectativas quanto às novas relações que poderá estabelecer com os tempos atuais.

No geral, um livro realiza-se suportado por outros, mas, no caso da arquitetura franciscana e da rotina de seus frades, restaram poucos registros. A principal fonte são os relatos do frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, que produziu no século XVIII uma extensa obra, organizada em vários livros e disponibilizada em dois volumes com um total de quase mil e setecentas páginas. Ali se encontram, entre várias outras informações, o relato de fatos acerca da implantação da

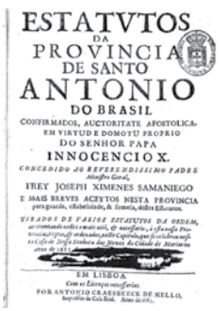
Ordem no Brasil e sobre a construção dos conventos[2]. Contudo, o próprio Jaboatão queixa-se da falta de documentos. Por exemplo, muitas dúvidas na tarefa de escrever adviriam da antiguidade dos tempos, mas também do "descuido dos nossos"[3].



A pesquisa abriu-se, então, para a busca em arquivos e bibliotecas no Brasil e em Portugal. Destacam-se as publicações dos estatutos, as crônicas e os cerimoniais da **província**. Além disso, outro recurso foram os livros produzidos no Brasil com a vinda dos frades alemães[4] na retomada da província, a partir do final do século XIX. As fontes escritas foram combinadas com outras, que incluíram o próprio edifício. Pois ele também conta histórias. Embora o convento seja uma unidade em si mesmo, em se tratando dos franciscanos no Brasil, as casas organizaram-se numa rede apoiando-se mutuamente, como contas de um rosário espalhadas no território. Por essa rede circulavam os próprios frades e, com eles, uma mística, estilos e uma lógica construtiva. Assim, a conduta de observar as edificações se ampliou para outros conventos.


ORDE SERAFICO
NOVO BRASILICO,
S.^ANTONIO,
PARTE PRIMEIRA
CHRONICA
LISBOA:

Voltando a Jaboatão, a narrativa da presença franciscana no Brasil a partir do seu maior cronista adota como uma das metáforas mais frequentes, e que inclusive dá nome ao livro, a ideia de um novo orbe, um mundo que se abre à conversão, como um rebatimento dos céus na esfera terrestre. O autor explicita a ação dos frades como guiada pelas forças divinas. Os céus, além da floresta, lentamente, haviam passado a ser compreendidos como espaços de natureza no contexto do Renascimento. E é nesse outro jardim, azul, que Jaboatão inscreve os franciscanos do Brasil. Os frades menores, pequenas luzes a perambular pelas novas terras, atingem outro estatuto quando são capazes de fixar-se como estrelas através da fundação dos seus primeiros conventos. Essa ação cósmica inicia-se pelo de Olinda e termina com o de Santa Maria Madalena.


ESTATVTOS
DA
PROVINCIA
DE SANTO
ANTONIO
DO BRASIL
DO SENHOR PAPA
INNOCENCIO X.
FREY JOSEPH XIMENES SAMANIEGO
EM LISBOA

A vila que acolhe este último, segundo Jaboatão, recebe o título de Madalena do donatário Jorge de Albuquerque Coelho em 1591, tempos em que o território de Alagoas pertencia à Capitania de Pernambuco. Teria por volta de quinhentos **vizinhos** quando outras duas localidades pernambucanas que também possuíam conventos franciscanos, como **Sirinhaém** e **Igarassu**, teriam por volta de 100. Os primeiros capítulos da sua história estarão permeados pela presença dos franciscanos. Décadas antes de existir o convento como tal, a presença seráfica na

2. Jaboatão foi incumbido de escrever as crônicas da Ordem em 1752 e veio a falecer em 1779. São dois volumes: o primeiro impresso em Lisboa em 1761 e o segundo pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1859. As edições consultadas foram, do primeiro, a reimpressa pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1858 e, do segundo, a publicada pela Assembleia Legislativa de Recife em 1980.

3. JABOATÃO, 1858, v. 2: 402.

4. Grupo de frades da região da Saxônia, na Alemanha, responsável pela restauração das duas províncias franciscanas do Brasil no final do século XIX, período em que muitos conventos se encontravam esvaziados devido à proibição do noviciado pelas leis pombalinas e pelo Imperador D. Pedro II no ano de 1855. Entre eles destacaram-se Frei Basílio Röwer e Frei Venâncio Willeke, importantes historiadores da Ordem no século XX.

Na página ao lado, capas do livro de Jaboatão e dos Estatutos da Província. Publicadas no livro *A história do Brazil de Frei Vicente do Salvador...*, de Maria Lêda Oliveira, 2008.

*On the opposite page, covers of the book by Jaboatão and of the Statutes of the Province. Published in the book* A história do Brazil de Frei Vicente do Salvador..., *by Maria Lêda Oliveira, 2008.*

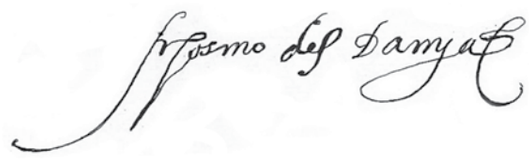
vila foi marcada por uma casa simples, "recolhimento de palha e ramagem"[5], cuja fundação deveu-se ao Frei Cosme de São Damião. No contexto das Invasões Holandesas, na famosa fuga de Pernambuco, fixou-se na vila de Alagoa, seguido de milhares de pessoas, de 2 de agosto de 1635 a 6 de janeiro de 1636.

Portanto, um pouco antes de se tornar vila, Madalena já contava com um estabelecimento seráfico. Frei Cosme de São Damião recebe especial deferimento de Jaboatão, dedicando-lhe em torno de 120 páginas do seu primeiro livro, discorrendo sobre sua vida como religioso e sobre os fatos históricos a que estava vinculado. É anunciado como um novo astro, uma "estrela brilhante", "particularizado nos mimos do Ceo"[6].

O frade, que foi custódio no Brasil, realizou longas itinerâncias, peregrinando do Maranhão ao sul do Rio de Janeiro. Exerceu por cinco vezes a função de superior, isto é, de **guardião** do convento, inclusive na Bahia em 1627. Chegou a ser preso pelos holandeses quando voltava de Alagoa, após a construção do recolhimento, e morreu em 1659. Em 1662, ainda se faziam relatos de seus milagres nesta vila[7].

Nesta página, assinatura do frei Cosme de São Damião. Imagem publicada no livro *Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, de Gilberto Freyre e frei Bonifácio Mueller, s/d.

*On this page, signature of Friar Cosme de São Damião. Image published in the book* Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, *by Gilberto Freyre and Friar Bonifácio Mueller, n/d.*



Foi ainda na vila de Alagoa ou de Santa Maria Madalena que, em 1635, Mathias de Albuquerque escreveu carta elogiando a participação dos franciscanos no contexto das invasões holandesas. Segundo seu depoimento, eles atuaram ativamente nas tarefas de acudir espiritualmente e animar as tropas, envolvendo-se em cercos e assaltos "com tanto perigo como os mais arriscados soldados". Relatório semelhante faz também o conde Bagnolo[8].

Só mais tarde Alagoa realmente contará com uma casa conventual. Pode-se indagar sobre o que significava a presença dos franciscanos em uma vila. Jaboatão responde que os frades se incumbiam de batizar, confessar, ministrar o sacramento do matrimônio, do enterramento, ou seja, muitas funções essenciais que depois passariam para o âmbito laico. Também fortaleciam a povoação, animando seus moradores e facilitando a relação com os povos indígenas[9].

5. JABOATÃO, 1980: 179.
6. JABOATÃO, 1980: 128 e 195, respectivamente.
7. JABOATÃO, 1980: 225.
8. JABOATÃO, 1858, v. 2: 99. Sobre a carta de Bagnolo, ver v. 1: 100-104 e v. 2.
9. JABOATÃO, 1980: 353-354.

Nessas pequenas vilas e cidades do Brasil colonial, a paisagem é marcada pelas edificações religiosas, como se constata até os dias de hoje quando caminhamos por partes antigas de Olinda, Salvador ou Marechal Deodoro. Despontam nos centros históricos os prédios religiosos, sempre situados em local privilegiado e distinguindo-se por certa verticalidade e volume. Nunca é demais lembrar que, quando de sua instalação, viviam-se tempos em que, em expressiva parte do Ocidente, a humanidade entendia-se como religiosa. Assim, era aguardado que os lugares urbanos manifestassem apreço pelo divino através da arquitetura e do urbanismo. Os conventos, se comparados às igrejas e capelas, apresentavam maior impacto físico. Por tal proeminência, pagavam alto preço, pois eram cobiçados e muitas vezes invadidos e reutilizados para as funções da guerra.

São Francisco e a reconstrução da Basílica de São Damião, em Assis (Itália). Imagem publicada no livro *Asís: arte e história,* de Nicola Giandomenico, 2001.

*Saint Francis and the reconstruction of the Basilica of Saint Damian, in Assisi (Italy). Image published in the book* Asís: arte e história, *by Nicola Giandomenico, 2001.*

## O CONVENTO E O URBANO

Voltando ao século XIII e recordando a história de **São Francisco**, o primeiro chamado ouvido pelo santo convocava-o para a missão de refazer a casa de Deus. A mensagem foi recebida na Igreja de São Damião e ele prontamente põe-se a recuperá-la. Apenas mais tarde compreenderá que a tarefa anunciada não era reconstruir a igreja fisicamente, mas restaurá-la nos seus princípios espirituais. Desse modo, a **pobreza** e o afastamento dos bens materiais[10] tornam-se as causas abraçadas por Francisco. Por isso, a fixação em amplos espaços como os facultados pelos conventos impôs-se com grande dificuldade para o santo desde os primórdios da Ordem.



Nos primeiros tempos, os franciscanos provavelmente viviam em eremitérios que eram quase cavernas. Com a crescente popularidade, foi difícil resistir às solicitações de bispos e príncipes, bem como às exigências físicas para o abrigo de tantas vocações. São Francisco ainda presenciará as primeiras tentativas de se erguerem edificações vinculadas ao franciscanismo com certa pompa e honra. Opõe-se fortemente a isso, mas não é capaz de controlar a força que o movimento tinha tomado. Em 1220, o noviciado torna-se obrigatório para os franciscanos, demandando sedes estáveis. No início, os religiosos se opõem à clausura e, portanto, a habitar em um local que se articulasse em torno do **claustro**. Desejam que suas habitações lembrem a *domus*, a casa[11]. Mas, com o tempo, elas tomarão a feição de conventos e se espalharão pelo mundo.

10. A metáfora da nudez é usada para representar a ruptura de Francisco com sua vida anterior e a renúncia a todos os bens materiais. Por isso, o noviço, durante a cerimônia de recebimento do hábito, despe-se de suas antigas roupas.

11. ROS, 2000: 55-58.




Acima, eremitério em Assis (Itália).Foto publicada no livro *Santuari Francescani Minoritici,* de Enrico Sciamanna, 2005.

*Above, hermitage in Assisi (Italy). Photograph published in the book* Santuari Francescani Minoritici, *by Enrico Sciamanna, 2005.*

Assim, lentamente, passa-se da história de São Francisco ao franciscanismo, que, por sua vez, conhecerá várias versões e muitas divisões como a que separará **conventuais** e **observantes**.

As trocas entre o convento e o núcleo urbano eram intensas. O convento não significará mais o perímetro onde termina o mundo dos religiosos. Com o franciscanismo, a cidade passa a ser sua extensão espacial para onde o frade pregador se dirige. Além disto, como dependiam das esmolas, sua manutenção estava nas mãos da comunidade. Os conventos eram edificados a partir de petições dirigidas pelos moradores. No caso do Brasil colonial, dirigentes como homens da câmara e donatários conduziam os pedidos para a fixação dos religiosos. Segundo Jaboatão, foram erguidos como "estrelas fixas" 22 conventos em 75 anos, em uma faixa de mais de 300 léguas de costa.

Inicialmente submetida a Portugal, a custódia do Brasil é criada através de breve do papa Inocêncio X, em 14 de agosto de 1647. Concedida pelo papa Alexandre VII, a condição de província é alcançada em 24 de agosto de 1657 e logo em seguida são fundadas as primeiras casas: as da vila de Penedo e de Alagoas.

Filipe II concede a Jorge de Albuquerque licença para a criação dos conventos, comprometendo-se com doações em dinheiro e em produtos necessários à subsistência do convento, tais como azeite, vinho, farinha para hóstias. O auxílio às vezes toma ares pitorescos. **Santo Antônio**, considerado protetor da cidade de Salvador, recebia o soldo de capitão, que era entregue diretamente ao síndico do convento[12].

À direita, localização dos 22 conventos franciscanos. Imagem publicada no livro *Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, de Gilberto Freyre e frei Bonifácio Mueller, s/d.

*To the right, location of the 22 Franciscan convents. Image published in the book* Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, *by Gilberto Freyre and Friar Bonifácio Mueller, n/d.*




12. JABOATÃO, 1980: 71.

## Uma família de conventos

No século XX, quando o Brasil já republicano reconsidera as marcas do tempo colonial como partes significativas de sua história, um viajante, interessado em arquitetura e arte, abandona a Europa e vem por aqui em missão. Não se trata de um frade, mas também de certa forma, desvencilha-se de riquezas, ao abandonar seu cotidiano na ambiência dos salões do Louvre para penetrar o interior do Brasil por suas estradas vermelhas. Sem sandálias, nem **burel**, mas também imbuído do impulso de salvar riquezas, inclusive imateriais, Germain Bazin será responsável pelo estudo e reconhecimento de uma série de edificações significativas do passado colonial brasileiro, atuando em compasso com o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ex-curador do Louvre, Bazin peregrina pelo Brasil no período de 1945 a 1955. Designa-se como um missionário rumo a descobrir "a existência misteriosa de toda uma escola de arte ainda desconhecida no Ocidente e dispersa em toda a extensão de um imenso território"[13].

Após a jornada, escreve o livro *Arquitetura religiosa barroca no Brasil*, ancorado em um repertório de cerca de 300 monumentos. Entre outros destaques, sublinha os conventos franciscanos do Nordeste, muitas vezes situados em local isolado, mas de extrema beleza natural.

> No agreste dos matagais, no deserto do sertão ou no verdor opulento dos campos de cana-de-açúcar, vê-se surgir, de longe em longe, quase irreal na sua frágil brancura, uma construção de proporções modestas, onde a presença de um sino ou de uma cruz indica um templo religioso. Diante de tal visão, o viajante se apressa, ciente de que atrás desses muros ele descobrirá, concentrado tal como em um frasco precioso, o perfume de uma civilização[14].

Bazin destaca os conventos por sua arquitetura, inseparável da fatura escultórica e pictórica. Segundo ele, "apresentam soluções inéditas, cujo desenvolvimento lógico, que tem como ponto de partida tipos formados na segunda metade do século XVII, pressupõe uma verdadeira escola de construtores pertencente à Ordem"[15]. Para nomear o conjunto da obra, cria a expressão "Escola Franciscana do Nordeste", que corresponde ao título do capítulo IV de seu livro. Essa escola seria, segundo o autor, uma das criações mais originais da arquitetura religiosa no país.

Nessa produção, Bazin vai realçar sinais de uma derradeira prática vinculada ao mundo medieval. Supõe que oficinas itinerantes tenham percorrido o Nordeste do Brasil, engajadas na produção material daquelas casas conventuais. A região foi sendo marcada por esses conjuntos, cujas semelhanças arquitetônicas dever-se-iam não só à fidelidade aos documentos e princípios

13. BAZIN, 1983: 14.
14. BAZIN, 1983: 11.
15. BAZIN, 1983: 137.

| Cidade | Data de fundação do convento | Designação como bem tombado | Data de tombamento |
|---|---|---|---|
| Olinda (PE) | 1585 | Convento e Igreja de São Francisco: capela, casa de oração e claustro dos Terceiros Franciscanos | 22/07/1938 |
| Salvador (BA) | 1587 | Convento e Igreja de São Francisco | 31/03/1938 |
| Salvador | 1587 | Igreja da Ordem Terceira de São Francisco | 25/05/1938 |
| Igarassu (PE) | 1588 | Convento e Igreja de Santo Antônio | 17/05/1938 |
| João Pessoa (PB) | 1589 | Convento e Igreja de Santo Antônio e casa de oração e claustro da Ordem Terceira de São Francisco | 16/10/1952 |
| Ipojuca (PE) | 1600 | Convento e Igreja de Santo Antônio | 21/03/1938 |
| Recife (PE) | 1606 | Convento e Igreja de Santo Antônio | 20/07/1938 |
| Recife (PE) | 1606 | Capela Dourada, claustro e Igreja da Ordem Terceira de São Francisco | 14/03/1938 |
| São Francisco do Conde (BA) | 1618 | Convento e Igreja de Santo Antônio e Capela da Ordem Terceira | 17/10/1941 |
| Sirinhaém (PE) | 1630 | Convento de Santo Antônio | 08/07/1940 |
| Pau D'Alho (PE) | 1635 | Mosteirinho de São Francisco | 08/09/1966 |
| Paraguaçu (BA) | 1649 | Convento de Santo Antônio de Paraguaçu: igreja e ruínas | 25/09/1941 |
| Cairu (BA) | 1651 | Convento e Igreja de Santo Antônio | 17/10/1941 |
| São Cristóvão (SE) | 1657 | Convento e Igreja de Santa Cruz | 29/12/1941 |
| Penedo (AL) | 1659 | Convento e Igreja Santa Maria dos Anjos | 29/12/1941 |
| Marechal Deodoro (AL) | 1659 | Convento e Igreja de São Francisco | 04/11/1964 |










Da esquerda para a direita, fachadas dos conventos de Cairu, Igarassu, João Pessoa, Olinda, Paraguaçu, Recife, São Francisco do Conde e Penedo. Fotos do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*From left to right, façades of the convents of Cairu, Igarassu, João Pessoa, Olinda, Paraguaçu, Recife, São Francisco do Conde and Penedo. Photographs from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*








Da esquerda para a direita, fachadas dos conventos de Ipojuca, Marechal Deodoro, Pau d'Alho, Salvador, São Cristóvão e Sirinhaém. Fotos do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*From left to right, façades of the convents of Ipojuca, Marechal Deodoro, Pau d'Alho, Salvador, São Cristóvão and Sirinhaém. Photographs from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*

da Ordem Seráfica, mas também porque, às vezes, realizados por um mesmo mestre. De fato, tal possibilidade é confirmada na obra de Jaboatão que menciona a presença do frei Francisco dos Santos em várias circunstâncias construtivas de conventos como os de Olinda e da Paraíba[16]. Portanto, assim como os religiosos circulavam entre as casas pela dinâmica da vida conventual, os frades construtores e artistas também o faziam, desempenhando seus ofícios. Bazin não menciona exatamente quais conventos pertenceriam a essa escola. Contudo, a leitura do livro permite que se monte uma lista que inclui 14 casas.

A importância dessas casas levou a seu reconhecimento paulatino como patrimônio nacional, entre os anos de 1938 e 1974, não como conjunto, mas no estatuto de edificações individuais. Entre os critérios adotados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, destacam-se o estado de conservação em que foram encontradas e os sinais de adesão a um determinado padrão artístico, o que levou ao tombamento total ou parcial de algumas delas.

A ideia de conventos em rede e o reconhecimento como monumentos fizeram com que as evidências sobre a vida conventual e seus espaços pudessem ser buscados em um repertório maior de marcas edificadas. Ao modo da itinerância franciscana, foram todos eles visitados e estudados pela equipe responsável pela pesquisa que subsidiou o restauro do prédio do Convento de Santa Maria Madalena em Alagoas.

## O convento no Brasil e sua arquitetura

Conventos postam-se, de alguma maneira, misteriosos na paisagem. Provavelmente isso se deva ao acesso restrito dos leigos por longos séculos às suas dependências. Talvez por essa razão o famoso semiólogo Umberto Eco tenha escolhido um mosteiro beneditino como cenário de seu livro *O nome da rosa* – o mais vendido no ano de 1980, depois transformado em filme. No enredo, o mosteiro é visitado por um frade franciscano inglês, Guilherme de Baskerville, incumbido de resolver o enigma de um crime. Duas linhas lhe norteiam a investigação: a evidência de um conjunto de normas que regem a vida monástica e a crença no caráter individual dos homens.

Conventos submetem-se a regras. Deviam abrigar famílias bem ordenadas, para uma conduta efetiva rumo à vida eterna. De alguma maneira, a arquitetura conventual busca atingir o ideal e a harmonia com o cosmos. Trata-se de edificar, em terra, uma réplica da morada paradisíaca.

Quanto ao caráter dos homens, a importância do indivíduo tem como uma de suas fontes o

16. JABOATÃO, 1858, v. 2: 146 e 303.





franciscanismo. Fala-se também de uma "escola franciscana" para referir-se à filosofia gestada na ordem desde o período medieval. Com campo doutrinário e universo simbólico próprios, e marcada pelo **nominalismo**, essa escola enfatiza o domínio do particular sobre o universal[17]. O conhecimento se realizaria pela experiência, presa às coisas mesmas. Os franciscanos são mestres que se ocupam da lógica no contexto dos séculos XIII e XIV. A opção pela empiria os levaria a introduzir uma forma própria de construção do conhecimento, inquirindo da natureza as suas razões.

Francisco não foi um intelectual no sentido em que usualmente se emprega a palavra, mas pouco depois da sua morte os primeiros franciscanos já são bastante operantes nas universidades, que também surgem naquele momento[18]. Em Oxford, está Roger Bacon. A de Paris, a principal universidade à época, conta com Alexandre de Hales, João de La Rochelle, Boaventura de Bagnoregio, entre outros.

Voltando à história criada por Umberto Eco, valores vinculados ao franciscanismo, como a importância da empiria, poderiam justificar a escolha de um frade dessa Ordem para buscar a resolução do crime. A trama literária certamente demandou uma atenção especial do autor para a vida conventual, no que tange à personalidade dos frades, seu cotidiano e o entorno arquitetônico, o que inspira uma analogia ao empreender o estudo da casa franciscana de Santa Maria Madalena.

Haverá, porém, no Brasil uma cena outra. Uma natureza intensa, outros povos. Se os frades se movem pela expressão do particular, se caminham mundo afora atentando para o individual, como foi o contato com os trópicos? As alegrias e aflições jesuíticas, tão bem descritas em suas cartas, percebendo o território às vezes como paraíso, às vezes como inferno, também afligiram os franciscanos? Houve repercussão na arquitetura que produziram?

Na escassa documentação disponibilizada para a pesquisa, foi preciso buscar com cuidado as poucas referências que ajudassem a pensar sobre o significado do edifício conventual no Nordeste do Novo Mundo brasílico[19]. A conduta investigativa partiu para realizar o exercício inverso: olhar os edifícios remanescentes e buscar respostas na sua própria materialidade.

17. MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 146.

18. O movimento nasce no século XIII, o século das universidades, que significavam uma associação corporativa de mestres e alunos. A palavra "universidade" teria surgido em fonte documental pela primeira vez através de Inocêncio III, em 1208. MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 11. Quando D. Dinis funda a universidade em Portugal, também no século XIII, os franciscanos estarão presentes. Ver ALMEIDA, 1910: 490.

19. Mesmo nas regras religiosas e nos autores medievais europeus encontram-se poucos dados acerca de como os monastérios deviam ser construídos. Ver BRAUNFELS, 1972: 8.

Atravessam as águas atlânticas os frades, seus livros, estatutos, imagens devotas, paramentos. Quando finalmente aportam, que conventos serão capazes de erguer? Certamente, migrando de Portugal para o Brasil, as casas conventuais se transformam. Deixam, por exemplo, a pedra, comum em tantos sítios em Portugal, e passam a usar substancialmente a matéria da floresta: madeira. Quando se erguem as alvas paredes, as janelas não serão muito vedadas, pois a aragem do vento é bem-vinda e não há neve. Das aberturas, a vegetação e as águas que se avistam são outras. As vestes se tornam mais sumárias, o corpo necessita de menos abrigo. Assim, mantendo semelhanças, mas sem serem iguais, erguem-se os conventos no Brasil.

Eles começam pequenos e submissos à forma quadrada, como se observa nas imagens deixadas pelos holandeses e portugueses do século XVII. A edificação apresenta-se primeiro como uma capela discreta, às vezes com **galilé**. No volume, surgem as aberturas essenciais, a torre sineira, a **chaminé**[20]. A fachada remete ao quadrado. Através da iconografia histórica, podemos observar que esse conjunto se anunciava à cidade através de uma fachada simples, posta no adro. No caso de Igarassu vemos o volume geométrico da igreja, o pequeno alpendre para acolher os fiéis, o campanário e a chaminé. Em Recife, o volume inicia-se também humilde e cresce quando ganha o bloco dos dormitórios. A necessidade de uma área reservada ampla obriga a imediata construção de muros que criam o primeiro enlace da natureza em volta da casa conventual, claramente identificados na paisagem urbana. A área cativada por este enlace denomina-se cerca.






*Convento Franciscano de Igaraçu*, de Frans Post, e *Marin D'Olinda de Pernambuco/ Recif de Pernambvco*, do livro de Johannes de Laet, c.a. 1630. Gravuras publicadas, respectivamente, em *Frans Post (1612-1680): Obra Completa*, de Pedro e Bia Corrêa do Lago, 2006, e *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*, de Nestor Goulart Reis, 2000.

Franciscan Convent of Igaraçu, *by Frans Post, and* Marin D'Olinda de Pernambuco/Recif de Pernambvco, *from the book by Johannes de Laet, c.a. 1630. Engravings published, respectively, in* Frans Post (1612-1680): Obra Completa, *by Pedro and Bia Corrêa do Lago, 2006, and* Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial, *by Nestor Goulart Reis, 2000.*

20. Elemento existente em alguns conventos, apresentando forma cônica ou prismática, localizado na cozinha, que serve para o escape da fumaça dos fornos onde eram preparados os alimentos. Na Europa, a chaminé também é utilizada para o aquecimento do mosteiro. Entre os conventos da Escola Franciscana do Nordeste, apresentam chaminé os cenóbios de Cairu, Paraguaçu, São Cristóvão, Penedo e Marechal Deodoro. Este último é o único convento que atualmente possui a base da chaminé com forma prismática.



Convento de Recife visto das águas, no quadro votivo do Museu de Igarassu. Foto do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*Convent of Recife seen from the water, on the votive painting in the Museum of Igarassu. Photographs from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*

As fases construtivas caminham devagar. Naves se alongam, capelas se abrem nas laterais das igrejas, frontispícios ganham decoração, dormitórios se transformam em alas do claustro, dependências da **Ordem Terceira** anexam-se ao lado, numa intensa ginástica arquitetônica cujos rastros muitas vezes desaparecem, exigindo do pesquisador muita observação na sua montagem cronológica.

Hoje, se também nos colocarmos viajantes, o que encontraremos nos conventos? Para responder a essa questão, é preciso pôr-se a caminho! De início, adotar postura semelhante à dos colonizadores e, por exemplo, buscar acessar o convento através das águas, como era comum à época colonial.

Na casa de Madalena, mas ainda nas de outros locais como Igarassu, **Ipojuca**, **Cairu**, João Pessoa, o convento se anuncia de longe, com seu perfil recortado, no enquadramento da paisagem. Quase todos exibem fachadas reformadas, registrando a fase apoteótica do barroco.

O primeiro sinal que se observa é o que marcou o início da história cristã no Brasil: a cruz. Esse tema, popularizado pelos franciscanos, tem como significado o encerramento do ciclo da presença de Jesus entre os homens. Portanto, ícone do seu sofrimento, pelo qual se humanizara. Situado logo no adro, o **cruzeiro** inicia o espaço conventual anunciando à cidade um Cristo fraterno. O adro, área em frente à fachada, antigo local de sepultamento nos conventos da Europa, garante espaço propício aos ofícios religiosos e para a observação cênica do edifício.



Vista do convento de Marechal Deodoro, com suas duas igrejas e adro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*View of the Convent of Marechal Deodoro, with its two churches and parvis. Photograph by Nelson Kon, 2012.*



## A face para a cidade: adro e igreja

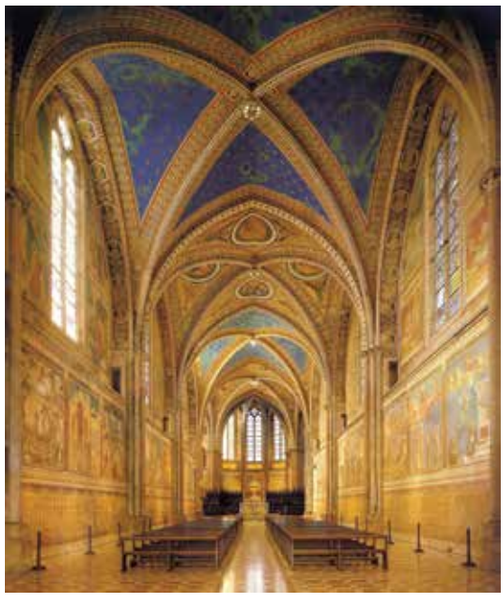
Como pano de fundo do adro, a igreja se destaca em todos os conventos e anuncia-se preponderante na fachada. Seu frontão e aberturas enfeitam-se com o passar do tempo, pelas voltas da talha. Se impactante pelo exterior, é no interior que se realiza o apogeu da sua decoração, cuidadosamente produzida. Como um grande oco colorido, traga feroz os olhos e o coração dos fiéis, inebriando-os com a dança da pedra sinuosa, com luzes, dourados, cores e figurações de anjos, **pássaros** e santos. O ornato é justificado como um oferecimento do melhor do humano ao divino. A alegria estética pode ser virtuosa. Por vezes defendendo o despojamento e o desprezo pelas coisas do mundo; por outra, vestindo-se com pompa, a arquitetura e os elementos artísticos estarão no centro do conflito franciscano, entre o viés mundano e a simplicidade que honra a Deus.

Braunfels, autor importante no estudo das casas conventuais, destaca que, na Europa, são os mendicantes, ou seja, franciscanos e dominicanos, os responsáveis pela realização, já na Idade Média e depois no Renascimento, de igrejas coloridas, que chegam a rebaixar o valor da arquitetura em detrimento da força visual da pintura. A arquitetura se torna mera concha a abrigar uma figuração viva[21].

Entre os quatorze conventos, destaca-se a decoração riquíssima da igreja de Salvador, mas também a *chinoiserie* delicada da de Igarassu. Bazin menciona o convento de João Pessoa para falar dos detalhes orientais na arquitetura conventual franciscana como o testemunho das influências orientais, trazidas para a Colônia de Santa Cruz pelos missionários da China e especialmente os franciscanos. Esses deslocamentos reforçariam no Brasil tal influência, manifesta na arte portuguesa da época rococó e cuja importância a ornamentação do frontispício de João Pessoa confirma[22].

Na verdade, eles aparecem não só em João Pessoa, mas também em Igarassu e em Madalena, apenas de forma discreta, na decoração do vestuário de São Félix de Cantalice e nas suas feições, embora fosse de origem italiana.

21. BRAUNFELS, 1972: 145.
22. BAZIN, 1983: 152.





À esquerda, nave e capela-mor da Basílica de São Francisco, em Assis (Itália), foto publicada no livro *The Basilica of St. Francis in Assisi* , 1996. Acima, capela-mor do convento de Salvador. Foto de Bianca Muniz, s/d.

*To the left, nave and high chapel of the Basilica of Saint Francis, in Assisi (Italy), photograph published in the book* The Basilica of St. Francis in Assisi, *1996. Above, high chapel in the convent of Salvador. Photograph by Bianca Muniz, n/d.*

Abordando o uso da luz enquanto matéria arquitetônica, Bazin identificará o ouro como o elemento primordial para a construção das igrejas barrocas no Brasil. É pelo cintilar que se constrói a relação com o divino, até mesmo nas delicadas *chinoiseries*. "Em parte alguma o esplendor do metal precioso, transformado em símbolo do *splendor veri*, atingiu tamanho fulgor como nas igrejas de arte luso-brasileira"[23].

Em algumas fachadas conventuais surgem, em continuidade, as dependências da Ordem Terceira, às vezes bastante ricas, como são os casos de Recife e Salvador. Essa ordem dos leigos, criação dos franciscanos, permitiu que os não religiosos pudessem ter um lugar próximo à igreja institucional. Já existiam à época medieval organizações dos que mantinham uma vida piedosa sem deixar totalmente as obrigações seculares, mas não com a força e articulação que aconteceria com o franciscanismo. Foram terceiros, Dante, Cristóvão Colombo, Thomas More, Santo Inácio de Loyola, além de muitos papas e reis portugueses. É o caso de D. Afonso V, que inclusive tinha local de residência no interior do convento de Varatojo, em Torres Vedras. No fim da vida, o rei usava hábitos de irmão leigo e submetia-se às obrigações da Ordem[24].

No Brasil, sua importância se expressará fisicamente na arquitetura. Seus edifícios em geral se posicionarão lateralmente ao prédio conventual e podem incluir vários blocos de cômodos

23. BAZIN, 1983: 12.

24. MORENO, Humberto Baqueiro. "O poder real e o franciscanismo no Portugal medievo", in I-II SEMINÁRIO..., 1996: 94-95.





*Chinoiseries* na igreja de Igarassu e na imagem de São Félix de Cantalice, do convento de Madalena. Fotos de Alice Jardim e Ana Cláudia Magalhães, s/d.

Chinoiseries *in the church of Igarassu and in the image of Saint Felix of Cantalice, in the Convent of Madalena. Photographs by Alice Jardim and Ana Cláudia Magalhães, n/d.*

que se organizam ao modo do convento, em torno de um claustro. Nas Ordens Terceiras de Salvador e Marechal Deodoro, as capelas desenvolveram um volume independente. No caso baiano, como em Recife, atingem grande pompa, o que não acontece, porém, no Convento de Santa Maria Madalena.

Se olhamos a igreja através do seu acoplamento ao convento, ela se mostra outra. Por um lado, oferece serviços litúrgicos à comunidade e se abre como um livro ilustrado para mais facilmente passar a lição bíblica; por outro, é o espaço mais sagrado do convento, o mais íntimo, pois abriga as orações e práticas religiosas mais significativas. A solução arquitetônica para resolver essa linha demarcatória foi o coro. Ao alto, aproveitando o pé direito generoso comum ao volume vertical das igrejas, com vista assegurada para o altar e dispondo de acesso direto ao pavimento do dormitório, o coro tem, ao final, a incumbência do ordenamento geral do convento.



Nele se cumpre a pauta de orações, que por sua vez demarca as atividades do cotidiano dos frades. Esse ordenamento são as **horas canônicas**, uma agenda de práticas devocionais estabelecidas durante a Idade Média através das regras de São Bento. Trata-se de um cronograma de repartição do tempo, distribuindo-o de acordo com as orações coletivas. Acompanham a recomendação do profeta de rezar sete vezes ao dia e uma à noite[25].

25. BRAUNFELS, 1972: 232.

As laudes acontecem pelo nascer da aurora. Quase em seguida às primas, às 6h ou 7h da manhã. Seguem as terças, por volta das 9h. A sexta acontece ao meio-dia, na hora da refeição. A noa, ou nona, às 15h, antes da missa conventual. As vésperas remetem à estrela Vésper. As completas correspondem à hora dos frades recolherem-se para dormir. Com as matinas, ou *vigiliae,* na antiga expressão, à meia-noite ou pela madrugada, fecha-se o ciclo[26].

Para demarcá-las, há sempre um instrumento sonoro, em geral o sino. Golpes distintos informam a atividade a ser desempenhada pelos frades, mas também anunciam as notícias internas do convento e comunicam fatos de interesse para a comunidade urbana. Também por conta da importância da marcação das horas, destaca-se o relógio do sol, que fica sob incumbência do frade despertador, "o qual há de trazer muito limpo e regulado, de dia pelo Sol, e de noite pela Estrela do Norte"[27].

A partir desse ciclo de orações, organizam-se as muitas atividades do convento. Os frades ministram a doutrina aos escravos, cuidam da cozinha, do refeitório, da horta. Cosem sacos, toalhas e guardanapos. Atendem às missas, coletam esmolas, realizam missionação fora do convento[28]. Para cada momento do dia e da noite, um ritual. Para cada função, um frade.

O dia começa. É obrigação do frade despertador tanger o sino para as primas. A seguir, abre a porta de cada cela com uma saudação. Despertos, cada frade parte para o seu serviço. O porteiro abre a porta da clausura, e chama os **donatos** para assistirem à missa; o sacristão já se encaminha para a sacristia arranjando cálices, galhetas, cera, tudo o necessário para o ofício da missa; o despenseiro, provendo o vinho para a comunhão[29]. Todos se reúnem no coro.

Se o convento pode ser comparado aos céus, o coro é o lugar dos anjos. Lá, entoam-se hinos, salmos, orações. Cada leitura pede uma gestualidade – tirar o **capelo**, inclinar-se, sentar-se. Ao meio fica o **facistol**. Um leitor conduz as leituras[30].

A cada ida ao coro cabe ao sacristão preparar o necessário para o ofício. Para isto, acendem-se velas, realizam-se rezas e canto, aspersão de água benta, roga-se pelos defuntos. Quando chega o fim da tarde, na altura das vésperas, caso seja necessário luz, o **acólito** irá buscá-la, acendendo o candeeiro. As matinas rezam-se à meia-noite. Faz-se um chamado em forma de canto e com três pancadas na porta de cada cela[31].



Relógio de sol do convento. Foto de Ana Cláudia Magalhães, s/d.

*Sundial at the convent. Photograph by Ana Cláudia Magalhães, n/d.*

26. ECO, 1986: 17 e RENAUD, 2003: 31.

27. SANTIAGO, 1755: 503. A Estrela do Norte ou Estrela Polar, por séculos usada como guia pelos navegadores, indica sempre o Norte, portanto, através dela é possível localizar a direção do nascer do sol.

28. JABOATÃO, 1980: 286-287.

29. SANTIAGO, 1755: 68.

30. SANTIAGO, 1755: 69-71.

31. SANTIAGO, 1755: 57-58.



Coro do convento de Madalena. Foto de Nelson Kon, 2012.

*Choir in the convent of Madalena. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

As horas canônicas e seus intervalos ritualizam os espaços que também se hierarquizam de acordo com o seu caráter sacro, sempre partindo da igreja. Adentrá-la exige preparação. Há de ficar descalço, beijar a terra e benzer-se com água benta.

## Acessando o edifício conventual: a portaria e o claustro

Transição entre o mundo sacro e profano, a portaria é guardada pelo frade porteiro. Para os frades saírem ao século, ou seja, para fora do convento, há regras a cumprir controladas pelo frade porteiro. Assim, do seu procedimento depende muito a credibilidade do convento e de seus religiosos.

> Seja muito diligente em acudir à porta, quando tangerem: a qual terá sempre fechada com a chave; e não a abra sem primeiro ver pelo ralo[32] a qualidade da pessoa que tange [...]. Aos religiosos hóspedes receba com muita alegria, e caridade [...]. Ao médico, cirurgião e sangrador, acompanhará até os entregar ao enfermeiro. Não dará recado a religioso algum para falar a pessoa alguma sem primeiro dar parte ao prelado. Com os pobres se haja com toda a caridade, seja muito solícito em ajuntar para eles o que puder [...] para lhes dar de comer terá sempre louça separada e lavada; nunca lho dará na da Comunidade[33].

Na página dupla seguinte, portas da galilé da Igreja da Ordem Primeira. Convento Franciscano de Marechal Deodoro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*On the following double page, doors in the porch of the Church of Ordem Primeira. Franciscan Convent of Marechal Deodoro. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

32. Parte da porta com orifício ou grade por onde se pode observar a área externa ou se comunicar com alguém.

33. SANTIAGO, 1755: 493.












Claustros dos conventos de Cairu e Igarassu (primeiro piso), e de Cairu, Igarassu, Marechal Deodoro e Olinda (segundo piso). Fotos do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*Cloisters in the convents of Cairu and Igarassu (first floor), and Cairu, Igarassu, Marechal Deodoro and Olinda (second floor). Photographs from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*








Claustros dos conventos de Ipojuca e Olinda (primeiro piso), e de Ipojuca, Sirinhaém, Recife e Salvador (segundo piso). Fotos do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*Cloisters in the convents of Ipojuca and Olinda (first floor), and Ipojuca, Sirinhaém, Recife and Salvador (second floor). Photographs from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*



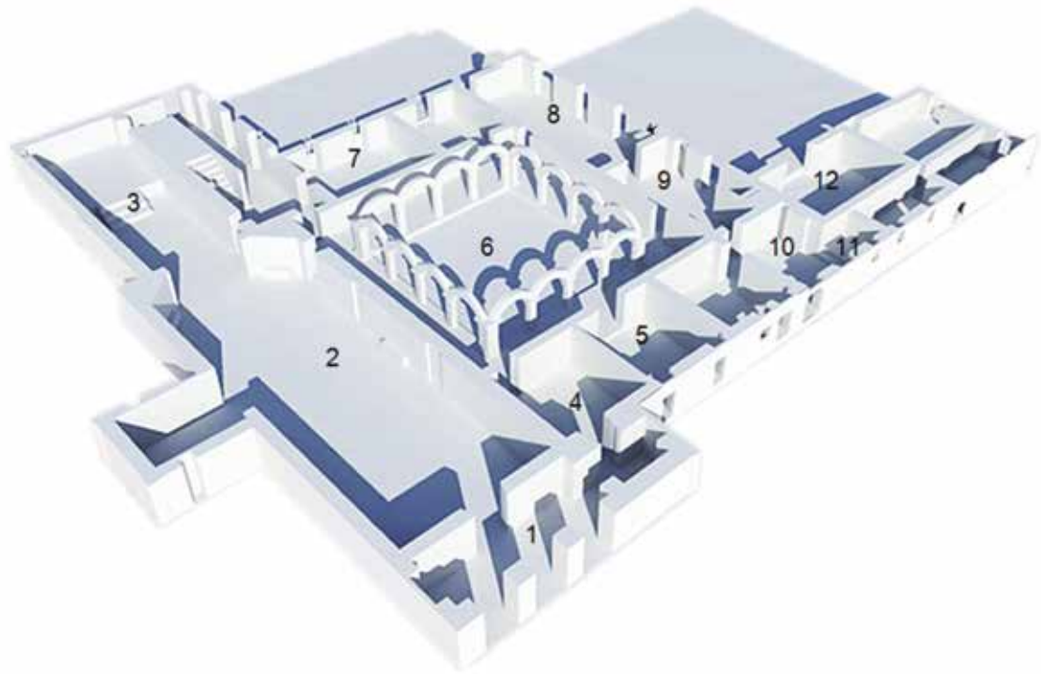
Permitida a entrada ao prédio conventual, um grande espaço aberto chama a atenção: o claustro. Como foi visto, os franciscanos não aceitaram de imediato essa solução de abrigo. Pois o claustro, pela origem da palavra, remete-se não ao espaço aberto, mas justo à ideia de fechamento[34]. Mas, adotando-se a solução conventual típica, vieram esses espaços, evocando a perfeição, associando-se à ideia do paraíso, do estado recluso, da solidão

À esquerda, claustro do convento e torre da igreja. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, cloister in the convent and church steeple. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Se olhamos do alto, todos os edifícios conventuais parecem girar em torno desse vazio. Nas casas europeias que chegaram a reunir um grande número de frades, os conventos apresentavam vários claustros, mas, no Brasil, a solução mais frequente foi de apenas um. Essa conformação unificada impressiona pela centralidade que causa na planta, que conflui para essa área privilegiada do edifício.

Por um lado, o claustro é um espaço aberto. Por outro, fechado: nem todos podem acessá-lo e constitui o limite para vários cômodos que faceiam suas galerias. Os conventos nordestinos exibem claustros marcados por apoios regularmente distribuídos. Bazin fala sobre "um cântico das colunas".




Abaixo, volumetria do primeiro pavimento do Convento de Santa Maria Madalena: 1. galilé; 2. nave da igreja; 3. altar-mor; 4. portaria; 5. sala do capítulo; 6. claustro; 7. sacristia; 8. refeitório; 9. *De Profundis*; 10. cozinha; 11. chaminé; 12. lavatório. Desenho gráfico de Márcio Tabosa.

*Below, volumetry of first floor of the Convent of Santa Maria Madalena: 1. porch; 2. church nave; 3. high altar; 4. vestibule; 5. chapter hall; 6. cloister; 7. sacristy; 8. refectory; 9.* De Profundis*; 10. kitchen; 11. chimney; 12. lavatory. Graphic design by Márcio Tabosa.*

34. "A palavra latina *claustrum* – aliás, mais usada no plural, *claustra* – significava originalmente tudo quanto pudesse servir para fechar, e veio, por extensão, a designar qualquer lugar fechado". (BORGES, 2006: 63)

> Enquanto toda a Europa, inclusive Portugal, tinha adotado o austero claustro conventual, com pesados pilares cercados por uma imposta, por que razões miraculosas, mais uma vez, ouvimos sob a luz dos trópicos esse cântico das colunas que sempre encantou o Ocidente, tanto na Antiguidade quanto na Idade Média?[35].



O claustro espelha a ordem: colunas enfileiradas, espaçamento regrado, dita a lição da geometria. O convento é casa de moradia, mas também de aprendizado do frade. Lugar que se destaca por diversas peculiaridades. Uma delas, a disciplina. Há o entendimento de que sem regras a vida comunitária não é possível. Espera-se que num convento tempo e espaço estejam rigorosamente organizados. Essa prática é tornada legível através do claustro e suas colunas e prossegue pela disposição dos cheios e vazios em outras áreas do convento, seja em planta ou em elevação.

## Sacristia e sala do capítulo

A igreja delega funções de suporte a vários espaços litúrgicos, como é o caso da sacristia. Sua importância inicia-se pela denominação, que guarda vínculos com o sagrado[36], e é comprovada pela disposição e dimensão do cômodo e seu acabamento, muitas vezes largamente decorado. Como mobiliário padrão, há o **arcaz**, com suas longas gavetas para bem preservar os trajes das cerimônias litúrgicas. Um outro móvel, vertical, com pequenas gavetas numeradas, serve para cada sacerdote guardar o seu **amito**[37].

Muitas funções essenciais incumbem ao sacristão. Diferente dos tempos de hoje, em que tal ofício pode ser desempenhado por um leigo, nos antigos conventos destacava-se para tanto um sacerdote "diligente, grave e honesto"[38]. Instruído nas cerimônias eclesiásticas, cuidava da igreja e da sacristia e de todo o aparato necessário para a missa.



> Da sacristia deve ter muito cuidado o sacristão, que esteja com toda a limpeza e asseio, todas as cousas que a ela pertencem, postas em seus lugares, divididas e não a monte, numeradas por rol: as roupas de linho lavadas, consertadas, dobradas; os corporais e rendas engomados, e todos os mais ornamentos e paramentos assim da igreja como sacristia [...][39].

35. BAZIN, 1983: 373.
36. A palavra adviria do latim *sacrum*. Ver BLUTEAU, 1712-1728, consultando o termo "capella".
37. SANTIAGO, 1755: 162.
38. SANTIAGO, 1755: 494.
39. SANTIAGO, 1755: 158.







Na página ao lado, embaixo, arcaz do convento de Recife. Foto de Maria Angélica da Silva. Em cima, episódio dos franciscanos em afresco na Basílica de São Francisco (Assis, Itália), imagem publicada no livro *Asís: arte e história,* de Nicola Giandomenico, 2001.

*On the opposite page, below, chest in the convent of Recife. Photograph by Maria Angélica da Silva. Above, episode of the Franciscans in a fresco at the Basilica of Saint Francis (Assisi, Italy), image published in the book* Asís: arte e história, *by Nicola Giandomenico, 2001.*

Acima, a partir da esquerda, arcaz do convento de Marechal Deodoro, sala do capítulo do convento de Olinda e lavabo da sacristia de Igarassu. Fotos do Arquivo do Museu de Arte Sacra de Alagoas, Bianca Muniz e Alice Jardim, respectivamente, s/d.

*Above, from the left, chest in the convent of Marechal Deodoro, chapter hall in the convent of Olinda and lavabo in the sacristy of Igarassu. Photographs from the Archives of the Museum of Sacred Art of Alagoas, Bianca Muniz and Alice Jardim, respectively, n/d.*

Por ser local de apoio às atividades litúrgicas, fazia-se necessário na sacristia ou perto dela um lavatório provido de água limpa e fresca, usado estritamente para lavar as mãos. Ao seu lado, toalhas vêm marcadas com AM (*Ante Missam*) e PM (*Post Missam*), garantindo ainda maior asseio[40]. No Brasil, as sacristias terão esmeradas pias ornadas em pedra lavrada, encontradas também na casa de Santa Maria Madalena.

Observando-se do claustro, vê-se em um dos seus quadrantes uma porta ou vão com caráter distinto. Este aponta para a sala do capítulo. Local de reunião da comunidade, sua importância já é anunciada no próprio acesso. Para as ordens monásticas, depois das sagradas escrituras, o livro mais importante é o das regras. A partir do século XI, a maior parte dos monastérios beneditinos passa a ter a sala do capítulo, que toma seu nome dos capítulos da regra que eram lidos ali[41]. Era o espaço mais artisticamente trabalhado depois da igreja e também o segundo mais importante para sepultamento[42].

Nela são tomadas decisões importantes da Ordem. Observando vários conventos, é possível construir a sala próxima do ideal, com formato tendendo ao quadrado, altar no fundo, bancos apoiados ao redor das paredes, usualmente decoradas, e com duas janelas. Aberta, mas hierárquica, permite que, mesmo de fora, suas atividades sejam acompanhadas pelos que não têm franco acesso à sala.

40. SANTIAGO, 1755: 161.

41. As normas para os monastérios beneditinos serão modelo para os cistercienses e, na continuidade, para os franciscanos.

42. BRAUNFELS, 1974: 11-12.

Nela também são tomadas as decisões da vida monástica, algumas durante o capítulo conventual que é anunciado com quinze a vinte golpes de sino. A partir desse sinal, todos os religiosos se dirigem para o local. Ficam de joelhos, sem manto e com o capelo na cabeça, virados para o altar e assentados sobre os pés, menos o prelado ou algum frade muito velho[43].

O convento em suas atividades principais é dirigido pelo **guardião**. Segundo os princípios da Ordem, este, por sua vez, deve considerar seus súditos como seus irmãos, ser solícito e o primeiro a corrigir a si mesmo e só depois aos outros. Ser rigoroso, mas suave nas penitências, sabedor da eficácia maior das palavras brandas que das duras para fazer guardar a regra. Pois o capítulo é lugar também de rever faltas e negligências cotidianas. Os noviços dizem as culpas, depois os leigos, os coristas, e são submetidos a castigos corporais, denominados disciplinas. A palavra é usada nas crônicas em dois sentidos: a norma, mas também significando vários tipos de flagelamento. Depois disso, seguem-se uma prédica e orações[44].

Quando há noviciado do convento, a recepção de entrega do **hábito** realiza-se na sala do capítulo. Em caso de sepultamento, nela o corpo é velado. Assim, momentos de grande intensidade e significado para a vida conventual ocorrem nessa sala.

Conventos combinam o puro idealismo e o estrito funcionalismo. Ao final, busca-se a absoluta perfeição. Ordem é palavra da vida monástica. O convento, como edifício escada para aprimorar o frade na sua rota rumo ao céu, conclama à disciplina. As crônicas seiscentistas e setecentistas consultadas, sejam sobre os conventos portugueses ou brasileiros, apresentam o convento como ambiente de valorização da penitência. O edifício, lido nesse aspecto, distribui suas ações por vários espaços – sala do capítulo, cela, igreja e até a prisão, onde os frades reconsideram suas faltas. Ela é encontrada, por exemplo, no convento franciscano do Rio de Janeiro e de Penedo.



Vista externa da prisão do convento de Penedo. Foto do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*Outer view of the prison in the convent of Penedo. Photograph from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*

## *De Profundis,* refeitório e cozinha

A função de alimentar é muito importante no convento, na medida em que o alimento do corpo é recorrentemente vinculado ao alimento da alma. Assim, o comer envolve uma série de cerimônias, recruta o trabalho de vários religiosos e demanda espaços específicos. O ritual não se inicia no refeitório, mas antes dele, em um espaço denominado *De Profundis.* A expressão relaciona-se com o salmo 129, entoado pelos peregrinos, mas também vinculado às orações aos defuntos. No passado, o ritual ocorria, em termos espaciais, no local de sepultamento.

43. SANTIAGO, 1755: 509.
44. SANTIAGO, 1755: 510-511.





Refeitórios em Santa Maria da Arrábida (Espanha) e em Cairu. Respectivamente, fotos do livro *Los Franciscanos y el nuevo mundo...*, de Elena Quirós Acevedo, 1992, e de Bianca Muniz, s/d.

*Refectories in Santa Maria da Arrábida (Spain) and in Cairu. Respectively, photographs from the book* Los Franciscanos y el nuevo mundo..., *by Elena Quirós Acevedo, 1992, and Bianca Muniz, n/d.*

Depois, acaba migrando para a área do refeitório. Portanto, antes do acesso ao alimento, responsável pela manutenção da vida terrena, rezava-se pelos que já a haviam deixado. Na contingência de haver hóspedes no convento, no *De Profundis* ocorria a cerimônia do lava-pés[45].

O refeitório possui forma alongada, com bancos fixos nas paredes em forma de "u". Na parede de fundo fica o quadro da Santa Ceia, como observado em vários conventos visitados. Esse tema aponta o paradoxo da condição humana, posicionada entre a graça e a culpa, presentes na mesma cena bíblica da instituição da sacristia e da traição de Judas[46]. Por isso, entre os conventos franciscanos e dominicanos, expande-se o tema da última ceia pintado no refeitório. O mais importante deles é o realizado por Leonardo da Vinci, no refeitório dominicano de Santa Maria delle Grazie, em Milão[47].

Durante as refeições, o frade leitor vai ao púlpito e realiza as leituras. A lição da mesa é lida em português, para que seja acessível aos irmãos leigos que não sabem latim[48]. O Convento de Santa Maria Madalena mantém a base de seu antigo púlpito.

45. Para o lava-pés, há uma bacia, toalha e flores. Toca-se a campainha do refeitório, reúnem-se todos no *De Profundis* e, antes de rezarem, beijam-se e lavam-se os pés do hóspede. (SANTIAGO, 1755: 492)

46. BRAUNFELS, 1972: 146.

47. BRAUNFELS, 1972: 12.

48. SANTIAGO, 175: 443.







O ambiente é de silêncio e dá-se continuidade a uma prática antiga, dos tempos medievais: os frades comunicam-se por sinais. Cada um recebe sua porção[49], mas pode-se pedir mais pão, água e sal. Para cada um destes há um **sinal** específico[50].

Junto à porta do refeitório, ficam os aparadores com as rações dos que se alimentam sem estar sentados[51]. Dessa informação do Cerimonial pode deduzir-se que nem todos os moradores do convento têm acesso às mesas de refeição. Próximo da porta também fica o cântaro com água. Os frades comiam em mesa nua, sem toalha, mas com guardanapo para limpar a boca, os dedos e os talheres. Usava-se faca e colher de pau, nunca o garfo[52].

As cozinhas são amplas e devem estar sempre asseadas. Têm bancadas, pontos de água e fornos.

> Tenha a cozinha sempre muito varrida, a louça composta e arrumada no louceiro, com ramos de louro[53], que porá novos, quando necessário, lançando fora os velhos. Tenha cuidado de aproveitar a lenha para o lixieiro. Terá uma panela limpa sempre com lixia[54] fresca para lavar as mãos, e um vaso com mechas de enxofre, para quando forem necessárias.

Da esquerda para a direita, chaminé do Palácio de Sintra ( Portugal) e dos conventos de Marechal Deodoro e São Cristóvão. Respectivamente, fotos do livro *O Palácio Nacional de Sintra,* de José Custódio V. da Silva, 2002, do Arquivo da Secretaria de Cultura de Alagoas e de Bianca Muniz, s/d.

*From left to right, chimney in the Palace of Sintra (Portugal) and in the convents of Marechal Deodoro and São Cristóvão. Respectively, photographs from the book* O Palácio Nacional de Sintra, *by José Custódio V. da Silva, 2002, from the Archives of the Alagoas State Secretary of Culture and Bianca Muniz, n/d.*

49. A dieta severa instituída por São Bento em seu livro de regras incluía apenas ervilhas, grãos, pão preto e água. Atualmente, não existe essa rigidez na dieta dos frades.

50. SANTIAGO, 1755: 450 e RENAUD, 2003: 32-33.

51. SANTIAGO, 1755: 453.

52. SANTIAGO, 1755: 434.

53. SANTIAGO, 1755: 500. Segundo Bluteau, o louro era conhecido na Antiguidade como capaz de purificar o ar, evitando doenças e afastando maus espíritos. Por isso, era plantado na entrada das casas, a ponto de Plínio chamar galantemente os porteiros e guardas dos palácios de "louros".

54. Possivelmente, essa era a escrita antiga para a palavra lixívia, ou seja, composto que entra na composição do sabão.

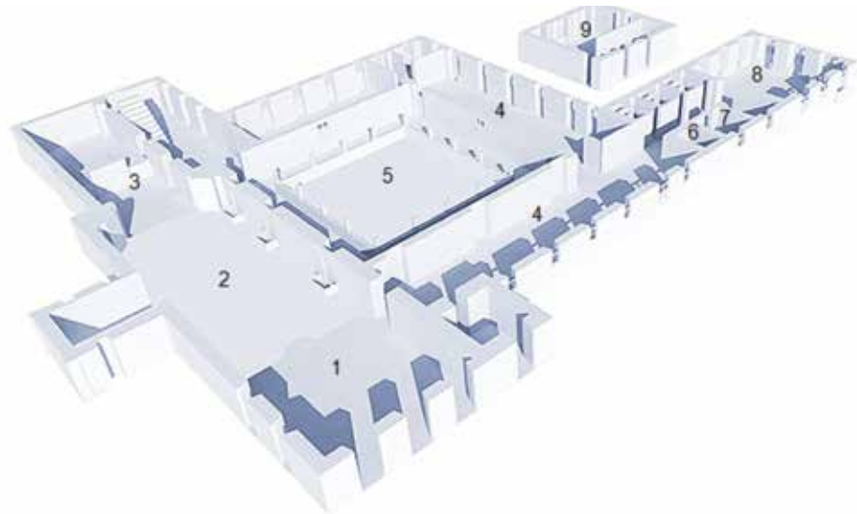
A área da cozinha revela surpresas ao visitante, com a presença das chaminés. Foram encontradas nos conventos de Cairu, Penedo e São Cristóvão, transportadas para o Brasil de Portugal, onde são comuns. No de Madalena, restou a base.

Como suporte à cozinha, temos na Europa os celeiros, que aqui tomam o sugestivo nome de casa de farinha. O frade cozinheiro e o responsável pelo celeiro dividem as obrigações que suportam as atividades de alimentação. Segundo a regra de São Bento, o frade do celeiro deve ser sábio, maduro no caráter, não deve ser glutão, nem arrogante ou insolente. Deve olhar para os pertences do mosteiro como se fossem os cálices do altar[55]. "Tenha muito zelo no gasto da lenha, e do azeite, o que vigiará o despenseiro" [56], complementa o Cerimonial.

Os trabalhos do convento podiam também ser compartilhados com os escravos. Entretanto, não se encontrou, em Madalena, a localização de suas acomodações.

## Celas e livraria

As casas da Escola Franciscana possuem em geral dois pavimentos. Percorrendo a seta da intimidade, o convento começa na portaria e igreja, prossegue pelos vários outros cômodos ao redor do claustro. As escadas sinalizam a mudança rumo aos ambientes mais privados sendo muitas vezes decoradas no seu **arranque** e providas de portas para reforçar o impedimento do acesso pelos leigos. Subindo, temos outra visão do claustro. O pé direito menor, a marcação contínua dos pilares fazem com que, novamente, terra e céu sejam vistos enquadrados, mas agora, como se as pálpebras dos olhos se tornassem reflexivamente mais baixas.




Volumetria do segundo pavimento do Convento de Santa Maria Madalena: 1. coro da igreja; 2. nave da igreja; 3. capela-mor; 4. espaço das celas; 5. claustro; 6. chaminé; 7. latrinas; 8. mirante ou biblioteca; 9. pavimento intermediário. Desenho gráfico de Márcio Tabosa.

*Volumetry in the second floor of the Convent of Santa Maria Madalena: 1. church choir; 2. church nave; 3. high chapel; 4. space in the cells; 5. cloister; 6. chimney; 7. latrines; 8. belvedere or library; 9. intermediate floor. Graphic design by Márcio Tabosa.*

55. Capítulo 31 da regra de São Bento, transcrito em BRAUNFELS, 1972: 233.

56. SANTIAGO, 1755: 500.

Em torno, as celas. Servem para o descanso, mas também para a oração privada. Nos tempos medievais, nos conventos e mosteiros havia longos dormitórios que depois fracionaram-se nas celas. Segundo Braunfels, os dormitórios comunitários foram praticamente suspensos por volta do final do século XIV, mudança selada a partir de 1419, quando Martin V concedeu celas individuais aos beneditinos[57].

Nas celas não há ornamentos: "Por cima do colchão, ou enxergão, lance sempre manta a todos os religiosos da Ordem, como é costume, e a todos ponham travesseiro, e almofadinha de linho"[58]. A menção do linho causa estranheza quando os livros de Jaboatão descrevem celas bem mais simples, enxergas de madeira bruta e até travesseiros de pedra. Nesse sentido, há de se levar em conta a intenção de cada fonte. O livro de Jaboatão se envolve na densa nebulosa penitente. O Cerimonial volta-se para certa etiqueta da vida em comum, onde há lugar para os ornatos e enfatiza-se a limpeza.

Os religiosos têm nas celas, cada um, a sua roupa para se mudar. Os dormitórios possuem lâmpadas que se chamam "clementinas" e passam toda a noite alumiados[59].



Dormitório em monastério medieval. Imagem publicada no livro *Charte Européenne des Abbayes et des sites Cisterciens*, 2003.

*Dormitory in a Medieval monastery. Image published in the book* Charte Européenne des Abbayes et des sites Cisterciens, *2003.*

57. BRAUNFELS, 1972: 136.

58. SANTIAGO, 1755: 497.

59. SANTIAGO, 1755: 498 e 517.



Vista geral da biblioteca do convento de Olinda. Foto de Bianca Muniz, s/d.

*Overview of the library in the convent of Olinda. Photograph by Bianca Muniz, n/d.*

A cela demonstra a importância que a individualidade ganha na filosofia franciscana e a decorrente necessidade de criar uma ambiência privada. Cada frade incumbe-se de sua missão. A ponto de, na opinião de Braunfels, no caso mendicante, em vez do claustro ser o coração do convento, a cela é que o é[60].

No andar superior encontram-se também salas de estudo e biblioteca. Produtores e guardiões dos livros na Idade Média, eles são os companheiros do frade, como se vê tão bem em *O nome da rosa*, embora em outra circunstância temporal e em casa beneditina. Existia outra denominação para o local dos livros: livraria ou *armarium*, nomeando um cubículo sem janelas, adjacente à sacristia[61]. Ao *armarium* pode-se ter acesso pelo claustro, às vezes com banco para os frades lerem ao ar livre[62]. Os livros também costumam ficar armazenados nas bibliotecas, das quais um belo exemplo se encontra em Olinda.

60. BRAUNFELS, 1972: 137.

61. VIRGOLINO, 2006: 82. Ver BRAUNFELS, 1972.

62. BRAUNFELS, 1972: 76.

## Banho, latrina, lavatório de roupa

O corpo situa-se numa posição ambígua, mas fundamental. Se por um lado é o "irmão corpo", por outro é instigado a ser uma ausência, penalizado nas disciplinas, alimentado irrisoriamente, despojado do prazer carnal. É justamente valorizado por abrir o caminho de acesso aos céus. Como se viu, o tema do asseio é recorrente e comparável ao ideal de ordem. São mencionados, por exemplo, os escarratórios que existiam inclusive dentro da igreja[63]. A limpeza dos espaços antecipa a necessidade do asseio, aproximando corpos e mentes dentro do mesmo espírito de sanidade. Seus desdobramentos repercutem por várias partes do convento.

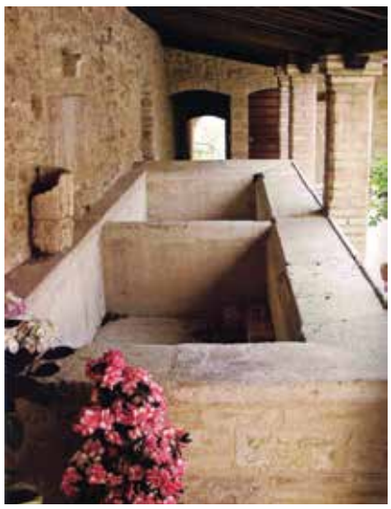
Passada a Antiguidade, os banhos e saunas, a sós ou em grupo, passam a ser condenados, em especial os que demandavam a nudez completa. Entre os religiosos, o banho e o desnudar eram desaconselhados pelas Ordens ao longo da Idade Média e no famoso monastério de Cluny permitia-se o banho completo apenas duas vezes por ano[64]. A higiene se dava apenas na forma de abluções. As lavagens ocorriam nos **lavabos**, compostos por um chafariz em geral localizado na galeria do claustro. Podiam ser na forma de pavilhão com uma fonte ou o chamado *lavatorium.* A imagem apresentada por Braunfels, do século XIV, já mostra uma estrutura alongada, retangular, com uma calha contínua por onde possivelmente corria a água[65]. Solução semelhante é encontrada em alguns conventos, como o de Santa Maria Madalena.

Nos trópicos, possivelmente adotou-se mais livremente o hábito do banho. Jaboatão oferece uma pista quando, discorrendo sobre o convento de Igarassu, narra que os frades tomavam banho no rio que passava por trás do convento na maré baixa, "sem que sejam os que nele entram vistos dos moradores da vila"[66]. Como a maior parte dos conventos, inclusive o de Madalena, possuem curso d´água próximo à cerca, talvez eles fossem usados da mesma forma. Em Igarassu, parece ter existido um pequeno pavilhão próximo ao limite da cerca que prestava-se a tal uso.

Entre os frades responsáveis pelo asseio do convento, inclui-se o frade barbeiro, responsável em especial pela manutenção das **tonsuras** e dos **cercilhos**.

> Haverá um religioso em cada convento a quem esteja entregue o estojo das navalhas de barbear, que terá muito limpo, e as navalhas, com pedra para as afiar, um couro pequeno para lhes endireitar o fio, pente, e tesoura, tudo em seu caixilho muito limpo, e composto. Todos os sábados barbeará os religiosos exceto se for dia clássico ou de guarda. [...] e sendo véspera de

63. SANTIAGO, 1755: 26.
64. ARIES e DUBY, 1990: 519.
65. BRAUNFELS, 1972: 109.
66. JABOATÃO, 1858, v. 2: 326.


Da esquerda para a direita, lavatório do século XIV, em Gloucester (Inglaterra), em Assis (Itália) e no convento de Marechal Deodoro. Respectivamente, fotos dos livros *Monasteries of western Europe...*, de Braunfels, 1993, *Santuari Francescani Minoritici*, de Sciamanna, 2005, e do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*From left to right, 14th-century lavatory, in Gloucester (England), in Assisi (Italy) and in the convent of Marechal Deodoro. Respectively, photographs from the books* Monasteries of western Europe..., *by Braunfels, 1993,* Santuari Francescani Minoritici, *by Sciamanna, 2005, and from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*

> festa, comporá tudo com flores: preparará tamboretes para se assentarem: irá à cozinha por ao fogo o caldeirão pequeno com água, que fará aquecer: as **enfusas** hão de ser duas, uma para água quente, e outra provida de água fria para temperar, sendo necessário[67].

Sem dúvida, as águas correm abundantes pelos conventos, propiciando a benção, a lavagem, o mitigar da sede, a limpeza. O Cerimonial menciona uma **casa** de lavar roupa ou "lavatório de roupa", onde há lixívia e água. Os mais novos lavam a roupa dos velhos e doentes e as devolvem para as celas dobradas e de acordo com a inspiração do Cerimonial, compostas com flores[68].

Jaboatão, quando descreve o convento de Olinda, confirma o lavatório tendo como função a lavagem de roupa. Diz que ele não foi construído no claustro daquele convento porque este era pequeno e já estava pronto. Assim, pode-se deduzir que áreas de lavagem poderiam surgir nesse espaço, como ocorria na Europa. O compromisso do claustro com a coleta da água também é comentado nesse trecho, tanto a recolhida dos telhados quanto do piso e desaguando numa cisterna[69].

Sobre as latrinas, novamente juntando as peças de vários conventos, pode-se chegar à conformação desse espaço e de sua infraestrutura de escoamento. Ficam no geral no pavimento superior, próximas às celas. Os excrementos descem por tubulação e são levados pela força das águas para fora da área conventual. Em Portugal, no convento franciscano de Sintra, pode-se

67. SANTIAGO, 1755: 499. (Grifo nosso)
68. SANTIAGO, 1755: 491.
69. JABOATÃO, 1858, v. 1: 232-233.





Latrinas do convento franciscano de Sintra (Portugal) e de Cairu. Fotos de Maria Angélica da Silva e do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d, respectivamente.

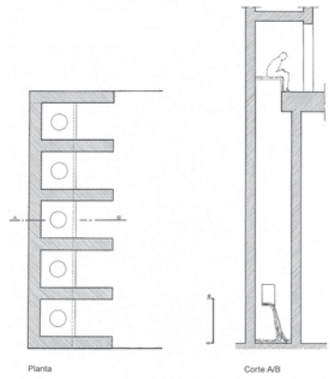
*Latrines in the Franciscan convent of Sintra (Portugal) and Cairu. Photographs by Maria Angélica da Silva and from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d, respectively.*

ver ainda a latrina com locais de assento sem divisão. No convento de Madalena, foram encontrados sinais de estrutura semelhante.

O esquema de captação, uso e escoamento das águas desenha o convento nas suas intimidades. É o caminho líquido que direciona o posicionamento do prédio, rebaixa o telhado, perfura seus pisos com tubulações, promove aberturas para a descida do fluxo, reúne tudo o que sobra reforçando o jorro d´água que despeja o indesejável para fora do convento e aproveita as águas melhores para a horta e jardim. Assim, é impossível pensar o convento sem seu terreno em espessura e sem suas áreas abertas.

Abaixo, planta e corte do sistema hidráulico do convento de Madalena. Esquema gráfico cedido por Virgolino Ferreira Jorge.

*Below, blueprint and section of the hydraulic system in the Convent of Madalena. Graphic scheme offered by Virgolino Ferreira Jorge.*




## Enfermaria, hospedaria e sepultamentos

Alguns conventos eram providos de enfermaria. A função do frade enfermeiro é muito importante, pois é conhecida a dedicação do próprio São Francisco aos doentes.

> Deve o enfermeiro trazer sempre diante dos olhos o preceito expresso de nossa Santa Regra, que diz: se algum dos frades cair em enfermidade, os outros frades o devem servir como queriam que a eles servissem. Deve reconhecer a cada um dos enfermos, a Jesus Cristo[70].

Entre os saudáveis e os enfermos passa-se uma linha demarcatória, possivelmente pela memória das pestes e pelo aprendizado acerca das contaminações. A leitura do Cerimonial leva a crer que cada convento mantinha local separado para os enfermos. Para basear a sua afirmativa, o autor do Cerimonial reporta-se a um documento de 1583, ou seja, do período do surgimento dos primeiros conventos no Brasil:

70. SANTIAGO, 1755: 495.

> ordenam os Estatutos Gerais da nossa Ordem, que em cada um dos conventos haja enfermaria para se curarem os religiosos enfermos; e nela enfermeiros que com toda diligência e cuidado tratam deles, conforme o preceito da nossa Regra, e da caridade[71].

Embora Jaboatão esclareça que certos conventos exerciam a função hospitalar, como os de Olinda e de Salvador, e diga explicitamente que a casa de Madalena não teria enfermaria, talvez isso não inviabilizasse que cada convento disponibilizasse alguns leitos para frades doentes que demandassem maior atenção.

Além de exercer suas funções, a enfermaria servia de hospedaria: "Todos os hóspedes da Província agasalhará na enfermaria, exceto, se for religioso grave, que este agasalhará na cela que o prelado lhe determinar"[72].

Quando há visita, o convento muda sua rotina. Neste aspecto, *O nome da rosa* é bastante útil, pois nos permite observar a circunstância da acolhida do franciscano Guilherme de Baskerville e seu noviço, Adso, na chegada à abadia beneditina de Melk.

Desde a regra de São Bento já se fala do dever de bem receber os hóspedes[73]. O hóspede de certa importância era aguardado na igreja, onde se colocavam uma alcatifa, flores e boninas. Assim que avizinhava-se do convento, o sino repicava até a visita entrar na igreja, bem perfumada, pois o acesso era acompanhado de aspersão de água benta e queima de incenso[74].

Aos hóspedes se oferecerá cama bem arrumada e na mesa se porá guardanapo pregado ou encrespado, com suas flores ao lado do prato. O Cerimonial adverte que pode ser oferecido algum "mimo" ao visitante: doce, fruta, queijo, azeitona[75]. No livro de Umberto Eco, o autor nos deixa observar a intensa preparação da refeição festiva.

Mas, possivelmente, o grande acontecimento do convento é quando um frade deixa de ser hóspede na terra e realiza a sua viagem final. A errância em vida atinge o ápice na morte e exige a mobilização de todo o convento. No franciscanismo, a morte é pacificada e se torna "irmã-morte". Tal fato não exime que a passagem tenha que ser cuidada em vida, o que o ritual funerário apenas confirma. Este é também incumbência do convento com relação à cidade, pois a função do enterramento é exercida pelas instituições religiosas até o século XIX.

71. SANTIAGO, 1755: 496.
72. SANTIAGO, 1755: 498.
73. BRAUNFELS, 1972: 233.
74. SANTIAGO, 1755: 429.
75. SANTIAGO, 1755: 448.

Para frades ou para leigos, obedece a uma hierarquização. Crianças ou adultos, vinculados a irmandades ou não, cada um posta-se diferentemente na pauta dos lugares de acolhimento. Há circunstâncias, como nos casos das epidemias, em que os mortos chegam até a pesar no espaço dos vivos.

Se indagamos qual é a matéria de fabricação dos conventos, se pedra, madeira, pigmentos, podemos aventar que o convento de Madalena é uma caixa de cedro, seja pela estrutura portante, pilares, tesouras, caibros, ou pela massa que compõe os **retábulos**, recortados em pássaros, flores, ramos. Mas, por certo, é extensamente feito dos restos dos mortos, que lhe circundam, pesando abaixo da nave da igreja, das galerias do claustro, das áreas externas.

Voltando aos vivos, pode-se constatar que a listagem dos espaços do cotidiano narrados aqui é recorrentemente demarcada pela ideia da ordem: horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, meditação solitária, trabalho em comum, silêncio, limpeza. Construindo a história das práticas vinculadas ao suplício, Foucault vai encontrar, em certa altura, a confluência das medidas coercivas com a memória dos conventos. Esta se rebate no vocabulário. Assim, a palavra cela desliza do convento para a prisão. A cela é a unidade: cada indivíduo visto em seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. "Solidão necessária do corpo e da alma, dizia um certo ascetismo: eles devem, ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a severidade de Deus"[76].

Quando descreve o cárcere de Auburn na Filadélfia, o filósofo francês observa que, do ponto de vista arquitetônico, o convento se aproxima do cárcere para além da cela.

> O modelo de Auburn prescreve a cela individual durante a noite, o trabalho e as refeições em comum, mas sob a regra do silêncio absoluto, os detentos só podendo falar com os guardas com a permissão destes e em voz baixa. Referência clara tomada ao modelo monástico [...][77].

Os conventos responsabilizaram-se, desde os tempos medievais, por abrigar a escola, o hospital, a prisão, a oficina. A estes, Foucault estabelece conexões com a função de "vigiar e punir". Forma, alinhamento, imobilidade, silêncio: características da arquitetura monástica, mas também das técnicas de vigilância empregadas por outras estruturas de coerção. Os escritos do Cerimonial confirmam o filósofo, ambicionando uma arquitetura do rigor e do controle, expandindo para a anulação da sexualidade e para o asseio.

76. FOUCAULT, 1991: 131.
77. FOUCAULT, 1991: 212.

> Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes "incorretas", gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações[78].

O castigo sem suplício, o punir do soberano ou do guardião como defesa da sociedade ou da comunidade. O Cerimonial menciona disciplinas com o uso de açoites. Dizem os Estatutos da Província do Brasil: "os Noviços se despirão às segundas, quartas e sextas-feiras na Comunidade do refeitório, e tomarão disciplina nas costas pela sua mão de nove golpes, e comerão debaixo da mesa à sexta feira pão e água"[79].

As crônicas entram em inúmeros detalhes dos corpos "docemente" flagelados. Ao Cristo que se aprecia humano, une-se a presença do corpo que sofre. O suplício, recordado pelo papel das imagens, sejam pintadas ou esculpidas, proporciona a relação individual e íntima com tal prática, que, por sua vez, inspira o frade e o fiel a realizarem a própria provação individual da carne.

Há de se fazer a ressalva que a razão da disciplina do frade é a ascese, meta escolhida que permitiria ultrapassar os impulsos vindos da carne, do mundo, levando, ao final, à serenidade. Portanto, diferem as razões do penitente e do prisioneiro.

A prática dos castigos é uma página virada que o franciscanismo atual buscou ultrapassar, recordada aqui porque marcou as palavras e os espaços das antigas casas conventuais, formatando corpos, mentes e espíritos, entre o êxtase e a dor, rumo, finalmente, à terra sem males.

Desligando-se do abrigo da religião, escolas, hospitais, fábricas continuam, mesmo que atenuadas, carregando as praticas de regulamentação: "estabelecer as censuras, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar os ciclos de repetição"[80].

78. FOUCAULT, 1991: 159.
79. ESTATUTOS, 1709: 15.
80. FOUCAULT, 1991: 136.



## O Convento e suas estéticas

### Geometria e luz

Existem várias maneiras de irmanar as casas conventuais e Germain Bazin, em seu livro, privilegiou os aspectos formais. Monta linhagens de campanários, frontispícios, lanternins e vários pares estilísticos, juntando a forma bulbosa dos cruzeiros e dos campanários de igreja ou cabeceiras de cama e frontispícios. Dentro da ideia de oficinas itinerantes, identifica provas no Convento de Santa Maria Madalena, a partir de um vaso costelado que encima um pilar, encontrado tanto em Penedo quanto em Madalena[81].

Mas há outros critérios, além do estilo, de irmanar os conventos. Observando-os no conjunto, na escala macro, vendo-os dos céus, como na "vista a olho de pássaro", eles convergem ao desenharem-se em quadrículas na paisagem aérea.

O prédio do convento é um jogo geométrico em fachada ou em planta baixa. Quando seu construtor o afasta da mata e dos homens, realiza um primeiro polígono englobando prédios e cerca. É o abraço conformado pela linha do muro que se rompe pela galilé, com o acesso à igreja, pela porta do carro ou porta de serviço, e pela portaria, onde se recebem as visitas e os pobres, as esmolas. Depois, outros quadrados vão recortando a massa edificada, separando-a das partes livres – adro, claustro, cerca. Tanto os cheios quanto os vazios são receptáculos geométricos para acomodar a natureza, seja ela vegetal, seja apenas uma reserva de céu e nuvens, todos postos a serviço da vida conventual.

Pilar do arranque da escada-mor nos conventos de Marechal Deodoro, à esquerda, e Penedo, abaixo. Fotos de Nelson Kon, 2012, e Maria Angélica da silva, s/d, respectivamente.

*Pillar at the springer of the main stairway in the convents of Marechal Deodoro, to the left, and Penedo, below. Photographs by Nelson Kon, 2012 and Maria Angélica da Silva, n/d, respectively.*

Abaixo e à direita, vista aérea do convento de Salvador. Imagem do Google Maps, com intervenção da autora.

*Below and to the right, aerial view of the Convent of Salvador. Image from Google Maps, with an intervention by the author.*





81. BAZIN, 1983: 192.

Ao reger-se pela forma do quadrado, podermos lembrar as antigas correspondências místicas. Umberto Eco nos ajuda nesses termos, quando coloca o abade de Melk a explicar a forma da sua abadia.

> Quatro são os pontos cardeais, as estações, os elementos, e o quente, o frio, o úmido e o seco, o nascimento, o crescimento, a maturidade e a velhice, e as espécies celestes, terrestres, aéreas e aquáticas, dos animais, as cores componentes do arco-íris e o número de anos necessários para formar um bissexto[82].

Em outra obra, o mesmo autor reforça a importância do quadrado no contexto medieval e renascentista:

> O número quatro torna-se, assim, para outros autores e para a crença comum, um número fundamental e resolutivo, pleno de determinações seriais. Quatro são os pontos cardeais, os ventos principais, as fases da lua, as estações, quatro o número constitutivo do tetraedro timaico do fogo, quatro as letras do nome ADAM. E quatro será, como ensinava Vitrúvio, o número do homem, pois a largura do homem com braços esticados corresponderá à sua altura, dando assim a base de um quadrado ideal. Quatro será o número da perfeição moral, tanto que o tetrágono será chamado o homem moralmente aguerrido[83].

Vários quadrados dos conventos iluminam-se. Entre as metáforas que a natureza inspira e que ficam disponíveis para a edificação da casa conventual franciscana, pode-se começar pela centelha divina. Se não há atrito entre fé e razão, e a fé é vista como iluminadora do conhecimento, ela é então chamada como seu "suplemento de luz"[84].

A casa de Madalena parece colocar-se como um exemplo pródigo em efeitos de utilizar a luz na arquitetura, matizando as entradas do sol de forma a modelar os ambientes. Diferente das edificações modernas com desinibidos panos de vidro onde a luminosidade entra plena ou das edificações contemporâneas que blindam as paredes com superfícies refletoras e constroem as condições de climatização e iluminação de forma artificial, no prédio dos conventos a luz tempera-se atravessando de início as grossas paredes, que funcionam como condição amortecedora do calor. Aberturas relativamente pequenas fazem com que a luz penetre de chofre de encontro à parede branca, desmanchando-se em cores. As maiores aberturas cativam a presença da luz disciplinada, sem maiores efeitos contrastantes. As da igreja são sabiamente dispostas para dramatizar os recursos trazidos pela pintura e para conformar convenientemen-

82. ECO, 1986: 501-502.

83. ECO, 2010: 76-77.

84. MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 16.

te a expressão dos rostos e corpos dos santos. Portanto, expressam o cuidado em escolher o número, tamanho e locação.

Todos os elementos do convento estão disponíveis a uma leitura mística, sejam os que explicitamente narram histórias reportando diretamente um discurso figurativo, sejam os elementos mais discretos da arquitetura como frontispícios, pilares, capitéis, escadas, áreas de vazio. No convento de Madalena, assim como nos outros treze, os pilares e seus coroamentos estão completamente livres de imagens. Na Europa, o franciscanismo será uma das forças que levarão ao apagamento dos seres fantásticos – embora eles ainda surjam no Brasil – pela adoção de outro vocabulário iconográfico naturalizado.

Pode-se aventar a possibilidade da geometria se imiscuir em detalhes mais sutis, pautando tanto a luz e sombra como os sons: a ênfase na música, que se enlaça com o cadenciado da rotina do cotidiano. Desenha-se com os longos intervalos de silêncio, a métrica e a cadência das orações.

## Natureza

Outro ponto em comum entre as casas conventuais no Nordeste do Brasil é a implantação em sítios de grande impacto cenográfico. Parece que a renúncia aos bens do mundo não os oblitera da posse de magníficas paisagens. Na Europa, por vezes situam-se em locais selvagens, cenários de cultos até mais antigos, de celtas e romanos. No caso dos conventos brasileiros, recolhem o melhor dos trópicos, como observa Bazin:

> Sob o céu azul profundo do Nordeste, moldado por belas formações de nuvens sempre em movimento, esses conventos brancos, reluzindo ao sol, se destacam no fundo sombrio das florestas ou no verdor saturado dos campos de cana-de-açúcar [...][85].

A ideia de Francisco como santo protetor da ecologia[86] faz com que os olhos de hoje busquem apressadamente um convento vertido para a natureza. Contudo, consultando as crônicas e os estatutos, não ocorrem recomendações explícitas com relação a esse aspecto. Jaboatão menciona a beleza natural do Brasil, mas, ao modo de tantos outros escritores desta época, quando saúda o país como "porção notável, deliciosa e rica da grande América"[87].

85. BAZIN, 1983: 156.

86. Devido ao seu amor à natureza e às criações de Deus, São Francisco foi proclamado padroeiro da ecologia pelo Papa João Paulo II, em 29 de novembro de 1979.

87. JABOATÃO, 1858, v. 2: 3.



Acima, o convento de Marechal Deodoro em meio à natureza. Foto de Nelson Kon, 2012. Na página ao lado, vistas da cidade de Penedo, com o rio São Francisco penetrando o interior do convento. Fotos de Bianca Muniz, s/d.

*Above, the Convent of Marechal Deodoro surrounded by nature. Photograph by Nelson Kon, 2012. On the opposite page, views of the town of Penedo, with the River São Francisco entering the convent. Photographs by Bianca Muniz,n/d.*





Em algumas passagens rápidas, fala de "divertir", verbo que era usado para expressar o abandonar do que se toma por convencionado[88]. Em um pequeno trecho sobre o convento de **Paraguaçu**, Jaboatão nos fala sobre a varanda "que é o melhor, e todo o divertimento, que têm os Religosos nesta casa"[89].

Jaboatão quando descreve as vistas que se podiam apreciar da casa de Recife, menciona ser "uma perspectiva muito divertida e agradável". Podia-se ver o rio Beberibe, o mar, Olinda, e até mesmo ao longe, o cabo de Santo Agostinho. Fala especificamente das celas,

> com tão aprazível divertimento que, de cada uma das janelas dos seus cubículos e sem o cuidado de buscar o melhor posto, estão vendo os religiosos desde o Norte até o Sul, e dar fundo ao seu porto qualquer embarcação que entra, e sai, tanto das que vem do mar de fora como das comuns que pelo Rio do Beberibe, sobem, e descem da cidade, Boa Vista, e outros portos[90].

A descrição mostra que, além da vista ser aprazível, é extensa e permite ampla observação, bem como o controle do que está em volta. Fato importante para qualquer edifício erguido no mundo colonial, sempre na expectativa de ataques indígenas, de invasões ou da guerra.

O convento olha a natureza com olhos miúdos pelas janelas das celas, mas observa-a abertamente em espaços que foram chamados por Bazin de mirantes. Concede a denominação para os cômodos de quina situados no segundo pavimento dos conventos, providos com generosas aberturas. Mas não foi encontrada durante a leitura dos livros de Jaboatão a expressão "mirante", exceto na descrição do convento de freiras do Desterro. Como se sabe, nas casas femininas esse espaço ganhava maior importância, já que as freiras não saíam da clausura. Bazin está ciente disso, mas chega a afirmar: "Os conventos franciscanos do Nordeste sempre possuem um ou vários mirantes"[91]. A expressão continua a ser usada na

88. Divertir significa "desaplicação do pensamento, nas matérias que nos houveram de ocupar". (BLUTEAU, 1712-1728)

89. JABOATÃO, 1858: 541.

90. JABOATÃO, 1980: 445-446.

91. BAZIN, 1983: 121.







Janela de cela do convento de Olinda, com apoio para vasos, e vistas da cerca do Convento de Santa Maria Madalena. Fotos de Bianca Muniz, Ana Cláudia Magalhães e Maria Angélica da Silva, s/d, respectivamente.

*Window of a cell at the Convent of Olinda, with supports for vases, and views of the grounds in the Convent of Santa Maria Madalena. Photographs by Bianca Muniz, Ana Cláudia Magalhães and Maria Angélica da Silva, n/d, respectively.*

literatura sobre os conventos brasileiros, possivelmente pela influência de Bazin, mas demanda maior estudo.

A fachada mais significativa do convento mira a cidade. Mas seu fundo, disposto por razões práticas em terreno em declive rumo a um curso de água, abre suas janelas para a cerca e sítios ao longe.

São estranhas ao convento expressões como sustentabilidade, mas certamente almejava-se a autossuficiência, em especial nas circunstâncias da colônia, quando havia sempre o risco dos ataques indígenas, das guerras e uma série de outras ameaças. Assim, a fonte de água, as possibilidades trazidas pela criação de animais, horta e provisão de lenha deviam ser asseguradas por uma ampla área não edificada: a cerca. Ela é o grande espaço provedor de contato com a natureza. Os usos são intensos, em especial para os frades realizarem o serviço corporal, garantindo ao mesmo tempo sustento para o convento e possibilidade de doação para os pobres.

O Cerimonial pede que se aproveite "todo o fruto que a cerca dá". "Esforcem-se a cavar nas hortas; trabalhando fiel e devotadamente, se alegrem em o Senhor, de verem nascer, crescer e sazonar as suas hortaliças"[92].

A natureza[93] é demandada também pela condição de ascese, tornando-se próprio da tradição monástica a necessidade da cerca, que respalda novamente a ideia de um *hortus conclusus*,

92. SANTIAGO, 1755: 501.

93. Valorizada na Idade Média, a natureza passa a ser amada por Francisco, que a percebe como uma criação divina. Sendo assim, seus elementos seriam irmãos do homem.




Azulejos com imagens e textos contando a vida de São Benedito, em Ipojuca. Foto do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*Wall tiles with images and texts narrating the life of Saint Benedict, in Ipojuca. Photographs from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*

ou seja, o jardim do Paraíso. As laterais e o fundo do prédio de Santa Maria Madalena são tomados por ela. É área de resguardo, espaço para a intimidade conventual e para as práticas de devoção, que a presença urbana poderia comprometer.

Aos beneditinos, São Bento recomendava abrigar dentro do convento moinho, horta, arvoredo, tanques, botica, águas, oficinas, evitando demandas externas. Já entre os cistercienses, São Bernardo falava aos seus monges da conveniência e utilidade das atividades de recreio, de caminhadas contemplando a beleza das árvores e tomando o ar puro como compensação a uma série de distúrbios que poderiam ser trazidos pelos exercícios ascéticos de autodomínio, pelos sacrifícios e outras práticas penitenciais próprias da vida monástica. Portanto, recreações moderadas como remédio para temperar o rigor da vida reclusa encontravam lugar na cerca.

Desatentos à importância desse aspecto, vários conventos tiveram suas áreas de cerca restringidas ou amputadas, muitas vezes com a anuência do próprio Iphan.

Caixas que comportam paisagens. Pequenos detalhes vão fecundando a edificação, bem perto de cada frade. Das janelas das celas debruçam-se floreiras.

Outra forma do convento mirar a paisagem é incorporar seus homens. Um exemplo: a portaria do convento de Ipojuca. Dedicada a **São Benedito**, que foi porteiro, os **azulejos** narram a vida do santo acompanhada de palavras, não em latim, como de costume, mas em português, tornando a mensagem das imagens mais próxima dos que ali chegavam.

Acerca de Recife, Jaboatão também menciona a grande popularidade de São Benedito e fala de uma quadra do claustro reservada para a sua irmandade, ao mesmo modo que, depois do restauro, pode-se observar no Convento de Santa Maria Madalena.



## O CONVENTO COMO UM JARDIM

À esquerda, detalhe do retábulo da capela lateral da igreja conventual. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, detail of retable in the lateral chapel of the convent church. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

> O homem franciscano tem clara consciência de estar no mundo e de viver uma natureza concreta, com coisas, seres animados e inanimados e com animais. Sua relação com esse mundo é também vital e afetiva. A natureza para Francisco é o horizonte para uma festa[94].

Buscar encontrar Francisco do **Cântico das Criaturas**[95] nas dependências do convento é uma possibilidade exploratória cabível, principiando sobre partes de natureza instaladas dentro do próprio convento. Examinando o claustro de Santa Maria Madalena, nele não foram encontradas evidências de vegetação. Possivelmente, a função de acolher as águas da chuva aconselhava a pavimentação e não recomendava um claustro verde. De qualquer modo, como diz Duby, o claustro é "uma ilha da natureza"[96], mesmo quando não adornado com plantas, pois acolhe o céu, as chuvas, as estrelas.

Mas o convento por certo floresce. Por vezes, com plantas fabricadas. Bazin fala de "uma vegetação de pedra esculpida"[97]. São pencas de frutos, flores, videiras talhados que terão forte presença no Nordeste, contudo, não só na arquitetura franciscana. Esse "barroco floral", denominação recebida por derivar seus ornamentos da folha de acanto, faz-se presente em Santa Maria Madalena. Diz Bazin: "o convento dos franciscanos de Marechal Deodoro, em Alagoas, apresenta ornamentos no corrimão da escada, nos alizares e nos lintéis de porta que se inspiram nesse estilo"[98].

Na cerca, o pleno domínio do verde. As hortas são "compostas e ornadas de variedade de flores, não só para o ornato da igreja, mas também das mesmas hortas, e para ocasiões necessárias da comunidade"[99].

Flores devem estar na igreja, em especial nos dias de solenidade, "com ramalhetes, assim naturais, como artificiais". Nas pias e caldeirinhas com água benta, não causa indecência que ela seja misturada com água de flor. As alvas e os amitos podiam ser "borrifados com água de cheiro e compostos com flores". Também quando se lança hábito novo para o noviço, elas estão presentes. No enterro do frade, o corpo é lavado com água fervida e ervas cheirosas.

94. MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 221.

95. Nos versos escritos por Francisco e entregues a Frei Leão chamados "Louvores ao Deus Altíssimo", o santo, através da frase "Tu és beleza", enfatiza que ela é proveniente da grandiosidade de Deus. Sendo assim, a beleza pode ser perceptível nas criações divinas, como é visto no Cântico das Criaturas, em que São Francisco mostra seu encantamento pelo sol, lua, estrelas e fogos, todos aclamados como belos.

96. DUBY, 1979: 276.

97. BAZIN, 1983: 166.

98. BAZIN, 1983: 192.

99. SANTIAGO, 1755: 502.



À esquerda, flores pintadas e esculpidas em retábulo do convento de Madalena. À baixo, detalhes das frutas no teto do convento de Olinda. Fotos de Nelson Kon, 2012, e do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d, respectivamente.

*To the left, painted and sculpted flowers on a retable in the Convent of Madalena. Below, details of fruit on the ceiling of the Convent of Olinda. Photographs by Nelson Kon, 2012, and from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d, respectively.*





O esquife é enfeitado com flores[100]. É possível que nunca venhamos a saber exatamente se esses rituais de delicadeza foram cumpridos no Convento de Santa Maria Madalena. Mas fica o registro de que essas práticas eram recomendadas, revelando outros aspectos da dura e restrita rotina conventual.

Em alguns conventos, foi possível ver frutas. Flores fecundas. No de Madalena, rosas. O cântico franciscano vence as forças pagãs, converte a cidade, louva a natureza, concebe um Deus corpóreo, acolhe os laicos, as mulheres, os animais selvagens, as forças agrestes da natureza, não mais imaginadas, mas perceptíveis aos sentidos[101].

Observa-se a evocação dos sentidos. Na maior parte dos conventos visitados, a cerca penetra pelas janelas com um perfume de pequena mata. Mas o mais especial efeito foi encontrado na sacristia do convento de João Pessoa, onde pudemos observar os pisos preenchidos com mirra.

O trato com os sentidos zela pelo irmão corpo. A ênfase está na alma, mas ambos – corpo e alma – estão unidos. Os corpos celestes são luz, os corpos dos homens não são antiespíritos, mas unidades colaborantes. No dizer de São Boaventura, "grande é a dignidade do corpo pela admirável harmonia e pela conjunção proporcional de suas partes. Por ela, mesmo sendo uma criatura terrena, o corpo humano se assemelha às naturezas celestes"[102].

Para se conformar à alma, o corpo é inspecionado. Em conduta perpassada pelo "vigiar e punir", o corpo, segundo os cerimoniais, deveria ficar ereto, buscando os céus. A cabeça levantada para cima é um alerta, um rebatimento da retidão mental[103].

Mas, observado com cuidado e, se possível a sós, as dimensões mais delicadas e sutis do convento de Madalena afloram. O prédio obedece à escala humana. Um pouco mais de observação e outras percepções indicam uma certa qualidade do espaço, mais generosa, acolhedora, feminina.

Quando Umberto Eco descreve a cena de amor entre Adso e a camponesa, para expressar a beleza da moça, transforma-a franciscanamente em uma paisagem. Os seios são duas gazelas gêmeas que pastam entre lírios, seus olhos são pombas, seu ventre, um vale[104]. Quando explica como construiu essa cena literariamente, o autor revela que buscou uma série de memórias

100. SANTIAGO, 1755: 147, 149, 163 e 416.

101. DUBY, 1979: 149.

102. São Boaventura, apud MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 194.

103. São Boaventura, apud MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 194.

104. ECO, 1986: 285-286.



*A família de Jesus,* imagem publicada no livro *Josefa de Obidos e o tempo Barroco*, de Vitor Serrão.

The Family of Jesus, *image published in the book* Josefa de Obidos e o tempo Barroco, *by Vitor Serrão.*

de textos religiosos, inclusive bíblicos. É a contaminação pela vida que o franciscanismo parece adotar, em algumas de suas tendências e épocas. Clama por um mundo que precisa ser tocado. Um mundo naturalizado e que, dessa maneira, não nega amores, partos, nascimentos, mortes. A crença pode ser tateada.

A ideia do feminino tem várias amarrações com o franciscanismo. No século XIII, a mulher avizinha-se da cultura cavalheiresca, cuja repercussão vários autores encontram na própria vida de São Francisco. Segundo Duby, a humanidade cristã descobre ao mesmo tempo o amor cortês e o culto da virgem[105]. Entre cistercienses, no discreto e operoso mundo dos frades de branco, ou em Cluny com o abade Suger, inventor do gótico, na simplicidade ou ostentação, seria recorrente a presença de **Maria**. O tema da família traz para a tela São José, retratado por Josefa de Óbidos, em Portugal, ou numa tela encontrada no convento do Rio de Janeiro. Representações que se sustentam na linha que passa finamente entre a ternura e a sensualidade.

"A pessoa humana é uma espécie de encontro amoroso onde se encontram Deus, como o ser fundante e justificante, os outros homens, com os quais constitui comunidade, e as coisas, como seu complemento necessário"[106].

O franciscano não é "um Robinson da existência"[107]: é um ser fraterno que se disponibiliza ao encontro e realiza-se apenas com o outro. Há uma ideia de enamoramento sublinhada em algumas das leituras acerca do encontro entre São Francisco e o Cristo. São os franciscanos os responsáveis por várias inovações na iconografia e nas devoções que celebram o amor: a introdução dos presépios, com cantos e orações, em uma gruta iluminada por tochas e velas, onde não faltaram o feno, um boi e um burro. O culto ao sorriso. A devoção ao Cristo menino que amplia-se , no caso das ordens femininas, como no Convento das **Clarissas**, em Salvador.



105. DUBY, 1979: 127.

106. MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 196.

107. MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 221.



Acima e embaixo, à esquerda, imagens de Madalena, no convento de Marechal Deodoro. Fotos de Maria Angélica da Silva, s/d.

*Above and below, to the left, images of Madalena, in the Convent of Marechal Deodoro. Photographs by Maria Angélica da Silva, n/d.*

E essa amorosidade – que na Europa levantou polêmicas sobre o papel da paixão e dos sentimentos, não raro terminando nos tribunais da Inquisição –, também poderá ter alimentado os franciscanos, em especial os que ficaram incumbidos de produzir a narrativa ornamental dos conventos. Na casa de Madalena, santa do amor, o feminino já começa a ser acenado por sua invocação.

Prossegue no nártex da igreja com **Santa Clara** e, em vários pontos do convento, anjos. No forro, eles acompanham Maria. Os símbolos marianos prosseguem enquanto se adentra na igreja e encontram lugar de destaque no forro da capela-mor. O teto do local mais nobre da igreja se cobre de honras à virgem. Nele estão representados os símbolos marianos da ladainha – estrada de Jacó, o poço, as flores, a árvore de Jassé, a torre da David. Essa não é uma prática pouco usual. Na Igreja das Correntes, em Penedo, Alagoas, os azulejos celebram os mesmos símbolos marianos. E em outra capela, mais distante, nas montanhas de Minas, temos exemplo do mesmo motivo.

Além do Cristo criança, tem-se a devoção à figura feminina. Com os franciscanos, as madonas se popularizam[108]. O tema da virgem e do menino atravessa as fronteiras estilísticas do gótico, do renascimento, do barroco. No Brasil, inúmeras devoções invocam Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Ó, Aparecida.

108. LIMA DE FREITAS, in I –II SEMINÁRIO..., 1996: 130.



Forro da capela-mor do convento de Madalena. Foto de Nelson Kon, 2012.

*Ceiling in the high chapel of the Convent of Madalena. Photograph by Nelson Kon, 2012.*





Azulejos da Igreja de Nossa Senhora das Correntes, Penedo, e teto da Capelinha de Nossa Senhora do Ó, Sabará, com os mesmos motivos. Fotos de Maria Angélica da Silva, s/d.

*Wall tiles in the Church of Nossa Senhora das Correntes, Penedo, and ceiling in the Chapel of Nossa Senhora do Ó, Sabará, with the same motifs. Photographs by Maria Angélica da Silva, n/d.*

Com Francisco, pode-se mencionar uma humanização dos temas sagrados. As árvores balançam, os animais são mansos, há uma contemplação da inocência como se se instalasse o paraíso na terra. São tempos de uma "exuberância naturalista"[109]. A natureza está presente, por vezes culturalmente modificada. No convento de Madalena, o ouro não está em barra, mas, na condição de um pó fino, cobre acantos, flores, querubins. As ervas maceradas tornaram-se cores. A simplicidade franciscana não rivaliza, mas pactua com a erudição.

Portanto, advoga-se que, com esse convento e seus irmãos, também se constrói nos trópicos mais um capítulo da longa relação entre franciscanismo e natureza. Em outras palavras, os conventos revelam-se como uma paisagem feita com matéria da natureza que Jaboatão soube descrever, para quem o lê nas entrelinhas.

Uma atitude ornamental pode ser preparada por outras técnicas e outros materiais. No convento de Madalena, como se verá, escarificando com cuidado as superfícies talhadas dos retábulos, promoveu-se o surgimento de pinturas mais antigas, evidenciando memórias que se subtraíram na longa história da edificação. Processo semelhante observou Bazin em Olinda.

> No Carmo de Olinda, um altar falso, pintado, imitando mármore, reapareceu, ligeiramente apagado, quando foi retirado para restauração o altar-mor rococó. Esse altar reproduz todos os elementos arquitetônicos de um altar de madeira do tipo românico arcaico [...] por volta de 1660-1670. [...] Esse documento raríssimo é um testemunho de um estado de coisas que, na certa, era frequente. Aguardando recursos suficientes para cobrir os gastos de um altar de madeira, era preciso simular na parede altares pintados em *trompe l'oeil*, sem que se dessem ao trabalho de apagá-los quando eram substituídos pelas suntuosas peças de talha[110].

Em Madalena, com essa descoberta, desvelou-se um discurso imagético mais simples, com anjos e flores plenamente compatíveis com a simplicidade franciscana. O jardim, que se espalhava pela igreja, se ampliou.



109. LIMA DE FREITAS, in I –II SEMINÁRIO..., 1996: 125.

110. BAZIN, 1983: 285.



## O BARROCO... UMA NEBLINA

À esquerda, detalhe da fachada da Igreja da Ordem Terceira. Convento Franciscano de Marechal Deodoro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, detail of the façade of the Church of Ordem Terceira. Franciscan Convent of Marechal Deodoro. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Bazin comenta em seu livro que, antes de chegar ao Brasil, identificava-se como pertencente a uma tradição com forte ancoragem na razão e, portanto, avessa ao barroco. O barroco demanda criar, nas suas palavras, "uma cortina de formas e imagens que intercepte o mundo real". Essa arte teria parte com o encantado, era preciso "deixar-se seduzir"[111].

Não há dúvidas acerca da importância do barroco no Brasil. O Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, em especial no seu aparato decorativo, nas suas esculturas, imagens e pinturas, revela um conjunto de altíssima qualidade. Bazin narra que quando em visita a Alagoas, sob um calor escaldante, visitou a igreja conventual de Marechal, encontrando a talha do altar-mor e lateral tomada pelos cupins. Mesmo assim, notou que compartilharia com a capela dourada de Recife a condição de constituir um entre os mais antigos exemplares dessa talha.

O circular de folhas, aves e frutos que constrói o retábulo do altar-mor não sufoca. O convento de Madalena não se apresenta com suas paredes completamente cobertas de ouro e talha. Talvez a pobreza tenha falado mais forte ou não tenha havido tempo suficiente para que esse último convento da família recebesse completo aparato barroco, que, como se viu, vai sendo construído devagar, dependendo da importância do local onde se situava o convento e dos recursos dos seus moradores. Há lugar para a cor branca das paredes, talvez um branco leite[112].

As relações entre o franciscanismo e o barroco também podem ser observadas não só quando se trata da arquitetura das edificações, nomeadamente das igrejas, mas também quando se localiza o convento no entorno. Há uma tensão entre a solidão própria da vida contemplativa conventual e as trocas e a extroversão próprias das cidades, que os mendicantes se dispuseram a enfrentar desde os tempos iniciais da Ordem.

Mas aqui, além da cidade, soma-se o embate com o próprio mundo natural. Se a exuberância da natureza é notada e levada em consideração para a implantação da arquitetura franciscana, e se ela claramente acirra o poder dos sentidos, como fica a demanda da negação do corpo, de submissão dos canais sensórios a uma prática severa em cenários onde a natureza palpita em um ritmo pujante?

Se o discurso barroco na América sempre sublinhou a tensão com a paisagem, essa tensão se ampliaria nos conventos franciscanos, buscando a pobreza e erguendo os olhos para altares de

111. BAZIN, 1983: 9.

112. "Branco cor de leite" foi uma expressão encontrada por Bazin, em documento de 1806, para designar pintura a ser feita no altar-mor da Sé de Mariana. (BAZIN, 1983: 342)

ouro, apertando os corpos nos **cilícios** e contemplando uma talha que se arredondou freneticamente para cunhar com veracidade os corpos, os frutos e as flores tropicais.

As mortificações corporais são registradas extensivamente. O Cerimonial indica que a penitência pode ser realizada em vários lugares e de diversas formas. No coro, por exemplo, pode-se aplicar o pão na boca, mordaça na língua, pano nos olhos ou estender os braços em cruz[113]. Jaboatão faz o relato de frades que deixavam na sua passagem um rastro de sangue pela ação do cilício[114].

Como anular a cor das vestes e ao mesmo tempo acender tetos com vermelhos e dourados flamejantes?

Como aninhar-se em celas modestas, reservar-se nos claustros de canteiros de plantas benfazejas e, portas afora, contemplar as matas tropicais de plantas desconexas, em plena concorrência entre si, devorando-se umas às outras, habitadas por seres nativos descrentes do valor da casa, da cidade e da barreira da veste?

Uma natureza que, em vez de se colocar posta à observação, observa.

E os cajus frescos ficarão dependurados na igreja da casa franciscana da Paraíba; e as faces estranhas dos nativos, expressas na fachada da igreja da cidade de Penedo. Para uma paisagem excessiva, falante, o silêncio e a introspecção franciscana. Para o embate entre o mundo mais moderno europeu e a prática mais "primitiva" dos habitantes do Novo Mundo, a resposta é o barroco.

Se a hipótese é que o barroco se coloca como berço, como destino inicial de quase todo um continente, para além da talha e do ouro, as simples janelas das celas, abertas à paisagem, evocariam novas razões de uma conduta estilhaçada, para seres divididos entre a contemplação e a ação.

O livro da natureza e a cambiante estrutura dos povos donos da floresta, devoradores de si mesmos, possivelmente descortinaram novos horizontes, complexos e conflituosos, para um pensamento cristão que elegeu, no primitivismo e na natureza, o *locus* da forma fraterna e buscou nele expressar a marca divina.

Sob o aspecto arquitetônico, pode-se ler a casa conventual como impulsos que se interpenetram. Dos ambientes sacros – da igreja, sacristia, sala do capítulo – se encaminha a seta

113. SANTIAGO, 1755: 25.

114. JABOATÃO, 1980, v. 2: 276 e 345.

barroca: o antiplatônico, a luz emotiva, o sensualismo, o lugar de corpos viscerais, o teatro, a exaltação. Já dos ambientes mais ligados à reclusão partiria a vontade da geometria, do igual, da repetição, da perspectiva, da luz clara, do regrado. Esta tingiria as paredes com o possível "branco leite", disciplinaria as colunas, disporia as janelas em ordem nos panos das fachadas, motivaria uma arquitetura em blocos. Entraria discreta nos cômodos sacros, trazendo a modulação para as **campas**, para as aberturas da sacristia e sala do capítulo. Criaria os quadrados e, voltando ao olho de pássaro, prevaleceria no volume do convento.

Em resposta, o lírico avançaria pouco obediente à mão humana, pela vegetação exuberante de folhas recortadas, impulsionado pela mornidão pouco afeita às atividades contemplativas; ascenderia os frontões das igrejas para além do necessário, enfatizando a força vertical da fachada; se ornaria de voltas e contravoltas crivadas de conchinhas do mar, trabalho facilitado pela pedra doce.

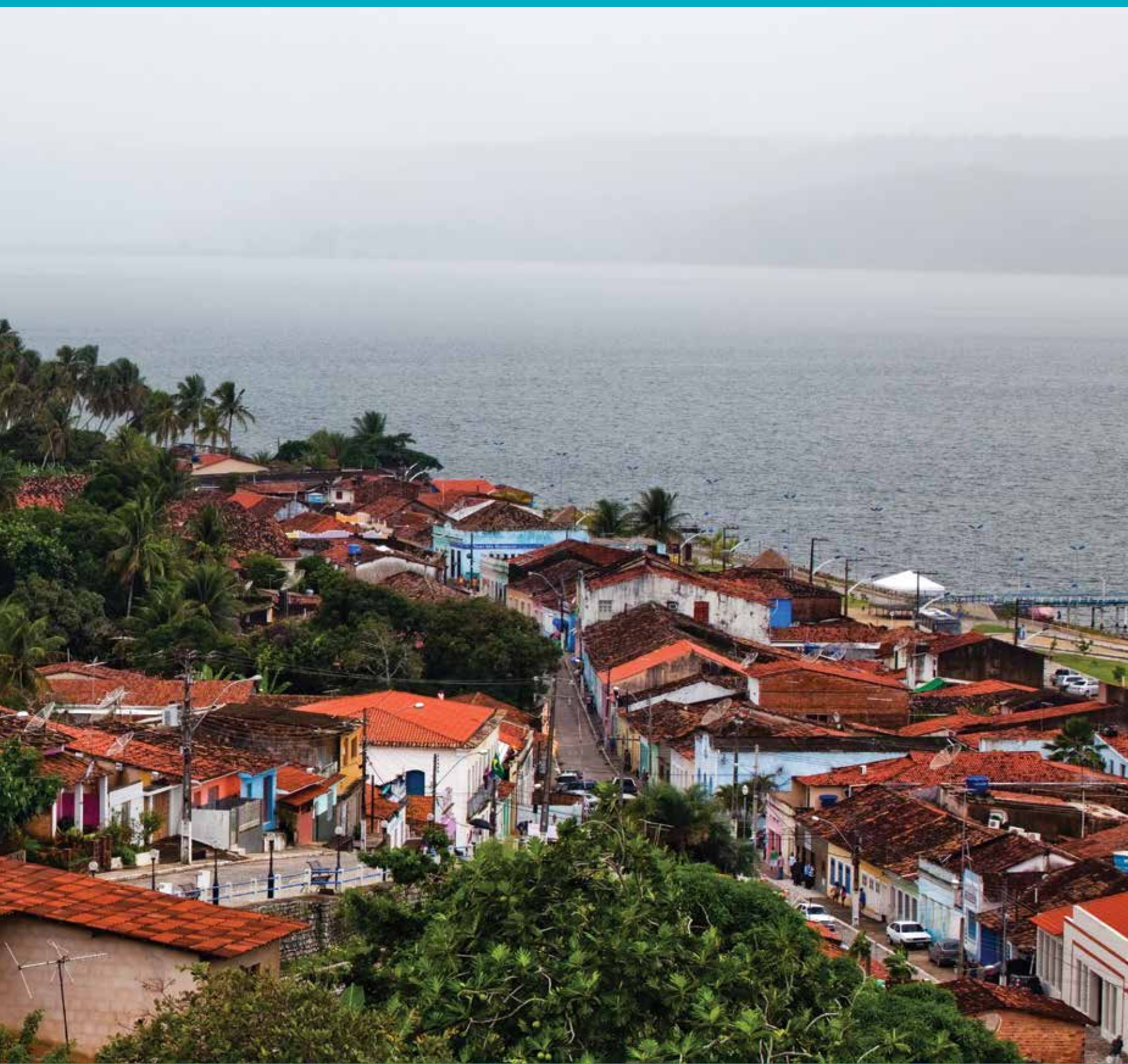
Talvez o abraço das duas tendências seja a razão do barroco. A poesia entre as paredes geométricas da arquitetura significaria a necessidade imperiosa da ordem para o afloramento do sinuoso. Não um conflito, mas uma coesão. Na casa de Madalena, nesse impasse prevaleceu a simplicidade tolerante com o barroco, e talvez tenham se imposto com suavidade os desígnios franciscanos na arquitetura da casa conventual. Suposições a serem testadas pelo visitante que se dispuser a percorrer suas entranhas.



Detalhe das fachadas das igrejas das ordens Primeira e Terceira (ao fundo). Foto de Sylvia Braga, 2012.

*Detail of the façades of the Churches of Ordem Primeira and Ordem Terceira (on the background). Photograph by Sylvia Braga, 2012.*





# II. O CONVENTO E A CIDADE DE MARECHAL DEODORO


1793G
1784



# II. O CONVENTO E A CIDADE DE MARECHAL DEODORO

## A cidade, seu histórico e a relação do convento no âmbito da imaterialidade das manifestações religiosas católicas

*Josemary Ferrare*

### Apresentando a atual cidade, Patrimônio Nacional

Na abertura, vista parcial da cidade, vendo-se a lagoa Manguaba banhar a ribeira. Foto de Nelson Kon, 2012.

*On the opening page, partial view of the town, with the Manguaba Lagoon washing the lakeside. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

À esquerda, detalhe da fachada da Igreja Conventual de Santa Maria Madalena. Foto de Nelson Kon, 2012

*To the left, detail of the façade of the Convent Church of Santa Maria Madalena. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

A cidade de Marechal Deodoro[1], em Alagoas, no Nordeste do Brasil, encontra-se implantada às margens da lagoa **Manguaba**, uma das maiores do país, com 42km² de extensão, a apenas 8km do oceano Atlântico na faixa correspondente à famosa Praia do Francês, e a 28km de Maceió, capital do estado.

Devido às condicionantes geográficas que a particularizam, a lagoa e suas águas mansas banham uma boa parte da extensão urbanizada do município, notadamente a av. Santa Maria Madalena, também chamada rua da Praia, que corresponde à orla da cidade e onde se concentraram, no passado, os acessos de embarque e desembarque: os antigos Cais das Lanchas e Porto do Convento. O primeiro, edificado, apesar de já bastante obsoleto, e o segundo apenas indicando a localização de um acesso nessa ribeira lagunar.

A Manguaba, além de estar intimamente ligada à vida da população em termos de transporte e subsistência, dá enquadramento paisagístico à elevação topográfica em cujo solo foram demarcados arruamentos compactos e sinuosos, seguindo as curvas de nível naturais. Essas ruas, entremeadas por densas manchas verdes[2], são ladeadas por um casario térreo e de pouquíssimos sobrados, embora apresentem algumas edificações de volumetria mais verticalizada, como as igrejas, providas de torres e frontões.

Em virtude de estar a cidade assente em topografia de cotas bem variáveis, a captação de vistas da lagoa torna-se possível a partir de vários pontos, tanto dos mais elevados como dos nivelados com a cota da ribeira. No lado oposto a esta, a cidade é contornada por extensões de vegetação da Mata Atlântica remanescentes do intenso processo de devastação sofrido desde os primórdios do período colonial, com a extração do pau-brasil e demais madeiras de lei, bem como, o ainda atual e velocíssimo avanço da agroindústria da cana-de-açúcar.

1. A cidade abriga uma população de 29.837 habitantes, distribuída entre os bairros Poeira, Carmo, Centro, Barro Vermelho e Taperaguá.

2. As manchas verdes correspondem ao adensamento de diversas espécies arbustivas tropicais, como jaqueiras, mangueiras, cajueiros, coqueiros, frutapãozeiros, goiabeiras etc., nos profundos quintais de formatos retangulares, que em alguns trechos chegam a formar largos "miolos" das quadras e, ainda área da antiga cerca conventual franciscana, o que também particulariza em muito a imagem da cidade.



Vista da lagoa Manguaba a partir de rua elevada em relação à ribeira. Foto do Acervo da DGEMN, 2002.

*View of the Manguaba Lagoon from a street at a higher level than the lakeside. Photograph from the DGEMN Collection, 2002.*

À direita, vista aérea de Marechal Deodoro. Foto do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, 2012.

*To the right, aerial view of Marechal Deodoro. Photograph from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, 2012.*

Efetivamente, a topografia, a lagoa e a farta vegetação arbustiva dominam o contexto paisagístico de modo a integrar os sistemas de significação dos moradores, conforme se percebe em algumas menções: "O quintal da minha casa dá para a lagoa [...]"; "A lagoa é uma 'cantiga de ninar' para mim. Ela é um sonho que acalenta todos os que se aproximam dela e de suas margens"; "É agradável brincar nos quintais daqui porque são grandes, na maioria têm muitas fruteiras e faz fresca [...]"[3].

A ocupação portuguesa ocorreu sob a regência filipina, ainda no século XVI, e a localidade começava a ganhar certa expressão quando foi bastante vilipendiada pela Invasão Holandesa ocorrida no século XVII. Tanto que, para ser reparada necessitou dos parcos recursos da população e, sobretudo, do mais determinante impulso administrativo decorrente de sua elevação à categoria de vila, pela Coroa portuguesa. Isso lhe permitiu reerguer-se e potencializar o crescimento que a tornaria significativa no contexto da Capitania de Pernambuco até o século XIX.

A partir dessa época entraria em processo de decadência, desta feita pela perda de suas prerrogativas de Capital da Província de Alagoas e Cabeça de Comarca[4] para a então vila de Ma-

3. FERRARE, 2002.

4. Função que exerceu a semelhança do que exercia Olinda na parte norte da Capitania.



ceió, processo que se arrastaria até o ano 1839[5], deixando sequelas em seu acervo edificado: "Quando [...] perdeu a primazia de que gozava com a transferência da capital para Maceió, a economia entrou em decadência e a cidade mostrou consequente declínio. As casas e as igrejas vão refletir esse estado de coisas"[6].



Pela degradação paulatina de algumas edificações ao longo desse extenso período de decadência, a cidade chegou mesmo a perder, por completo, exemplares construtivos importantes como o Teatro Conceição, o Mercado do Peixe (ou Mercado São Pedro) e a Casa Natal do Marechal Deodoro, destes dois últimos tendo restado apenas as fachadas frontais.

5. A transferência da capital para Maceió efetivou-se por decisão do primeiro governador da Província, o estadista português Sebastião de Melo Póvoas, neto do Marquês de Pombal, o qual, desde a sua posse no cargo em1819, anteviu as vantagens geoeconômicas da expansão do comércio que seriam decorrentes de tal transferência.

6. IPHAN, Parecer nº 003/ 2005MTDR/GT/DEPAM, 2005, p. 17.







Perdeu, inclusive, várias unidades residenciais construídas em **taipa de pau a pique** e partes estruturais de edificações importantes, como os telhados da antiga Casa de Câmara e Cadeia e das igrejas do Conjunto do Carmo e de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, além de diversos elementos artísticos das igrejas Nossa Senhora do Amparo, Ordem Terceira de São Francisco, Igreja e Convento de Santa Maria Madalena. Também vivenciou o arruinamento gradativo do prédio do antigo Palácio Provincial por várias décadas.

Todavia, no terceiro quartel do século XX, a cidade recomeça a experimentar um relativo fluxo de progresso advindo da implantação da Usina Sumaúma (1970) e da instalação de um polo industrial de aporte à Salgema Indústrias Químicas, situado nos limites entre os municípios de Maceió e de Marechal Deodoro, o que requisitou a abertura da rodovia AL-101 Sul (1979), encurtando consideravelmente a distância entre as respectivas sedes.

Atualmente, Marechal Deodoro ainda mantém um acervo de unidades residenciais com características estéticas e tipológicas da arquitetura colonial brasileira predominante no século XVIII. São casas de **meia-morada** e **morada inteira** edificadas no alinhamento do lote; cumeeiras paralelas à rua com beirais em caibro, em cimalha e **beira-seveira**; vãos em arcos abatidos e também algumas outras referências estilísticas agregadas em épocas posteriores (séculos XIX e XX), como entrada lateral e coberturas com número de águas em padrões diversos e platibandas.



Mais exatamente na área central da cidade, em meio ao conjunto de casas térreas coloniais, além de alguns poucos sobrados de dois pavimentos (ainda de padrão colonial), irrompem entre a vegetação, tão somente algumas torres bulbosas ou prismáticas e os frontões curvilíneos das edificações mais marcantes

Da esquerda para direita, Teatro Conceição (hoje demolido), Mercado do Peixe e fachada da Casa do Marechal. Fotos de Moacir Mendonça, 1970; Josemary Ferrare, 2002; Moacir Mendonça, 1970, respectivamente.

*From left to right, Conceição Theater (now demolished), Fish Market and façade of the Marshal's Birthplace. Photographs by Moacir Mendonça, 1970; Josemary Ferrare, 2002; Moacir Mendonça, 1970, respectively.*

Abaixo, Igreja do Rosário e fachada em taipa. Fotos de Josemary Ferrare, 1997 e 2002, respectivamente.

*Below, Church of Rosário and rammed earth façade. Photographs by Josemary Ferrare, 1997 and 2002, respectively.*







Da esquerda para a direita, Palácio Provincial, Casa de Câmara e Cadeia e Igreja e Capela da Ordem Carmelita. Fotos de Moacir Mendonça, 1970; Josemary Ferrare, 1999; Acervo da autora, 2002, respectivamente.

*From left to right, Provincial Palace, Chamber and Jailhouse and Church and Chapel of the Carmelite Order. Photographs by Moacir Mendonça, 1970; Josemary Ferrare, 1999; Author Archives, 2002, respectively.*

do contexto urbanístico: as igrejas católicas. Essas edificações dominam os seus espaços fronteiros, os adros, que se constituem em forte referencial urbanístico, sobretudo pela similaridade formal que apresentam. Quatro deles se fazem destacar no tecido urbano: os adros da Igreja do Senhor do Bonfim em Taperaguá, da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, contíguo ao da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, e os adros das igrejas da Ordem Carmelita e da Ordem Franciscana.

Apesar do impulso econômico que a cidade experimentou ao final do século XX – quando foram providenciados alguns amparos a edificações, como a Casa Natal do Marechal Deodoro, o antigo Palácio Provincial e a instalação do Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas (MASEAL) no antigo Convento Franciscano –, o século XXI ainda encontrou o seu conjunto arquitetônico bastante degradado. Para tentar evitar perdas mais significativas, foi decretado em agosto de 2006 o Tombamento Federal de parte dos bairros do Centro, do Carmo e Taperaguá[7].

Nas indicações propositivas do parecer que antecedeu as análises finais para a formulação do Decreto de Tombamento Federal, constaram ponderações que referendaram a inscrição da cidade nos Livros de Tombo Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico:

À direita, sobrados geminados. Foto do Acervo da DGEMN, 2002.

*To the right, two-story row houses. Photograph from the DGEMN Collection, 2002.*



7. Os bairros citados integram os perímetros de proteção. Tal delimitação foi informada aos proprietários de imóveis a partir do Edital de Notificação emitido pelo Iphan em 11 de novembro de 2005. Em 29 de agosto de 2006, a Portaria nº 74, de 29 de agosto de 2006, do Gabinete do Ministro da Cultura, viria, no art. 1º, a "Homologar para os efeitos do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Cidade Marechal Deodoro, no município de Marechal Deodoro, no estado de Alagoas, de acordo com o perímetro delimitado às fls. 178 do Processo nº 1.397 – T-97".



Ao analisar a importância artística dessa cidade, cabe a ponderação do processo adiantado de descaracterização do casario que compõe a grande fortuna arquitetônica da cidade. O fato também se repete nos edifícios religiosos, [...]. Assim, além da importância histórica da cidade, marcada por edificações religiosas de significado artístico [...]. Parece-nos, que o tombamento de Marechal Deodoro deve considerar também sua importância paisagística [...] tendo-se em vista a importância cenográfica da natureza dentro da qual a cidade se implanta[8].

A partir da esquerda, Igreja e Capela da Ordem Carmelita, Igreja Matriz e Igreja do Bonfim. Fotos do Arquivo do Iphan, 2012; Josemary Ferrare, 2002 e 2005, respectivamente.

*From the left, Church and Chapel of the Carmelite Order, Mother Church and Church of Bonfim. Photographs by Iphan Archives, 2012; Josemary Ferrare, 2002 and 2005, respectively.*







8. IPHAN, Parecer nº 003/ 2005MTDR/GT/DEPAM, 2005, p.32, 34, 35.



Acima, casario. Casa do Marechal, a terceira da esquerda para direita, atual Museu do Marechal. Foto do Acervo da DGEMN, 2002.

*Above, row of houses. Marshal's Birthplace, the third from left to right, now the Marechal Museum. Photograph from the DGEMN Collection, 2002.*

O Decreto do Tombamento Federal veio então impulsionar vários esforços em trâmite no sentido da captação de recursos para a restauração de edificações emblemáticas da cidade e favorecer a liberação de verbas de diferentes órgãos financiadores que possibilitaram o início da recuperação parcial ou total de alguns monumentos da cidade: igrejas carmelitas, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Casa de Câmara e Cadeia[9], Igreja da Ordem Primeira de São Francisco e Convento de Santa Maria Madalena.



Casa de Câmara e Cadeia, durante a restauração. Foto de Sylvia Braga, 2012.

*Chamber and Jailhouse, during restoration. Photograph by Sylvia Braga, 2012.*

9. Esse prédio, além de ter recebido recursos para sua restauração, foi recentemente adaptado para instalar a Casa do Patrimônio – sede do Iphan – em Marechal Deodoro (AL).



Vista da sinuosa rua Dr. Tavares Bastos, vendo-se a vegetação arbustiva de quintais e o antigo Cais das Lanchas, na lagoa. Foto de Nelson Kon, 2012.

*View of the sinuous Dr. Tavares Bastos Street, with the shrubbery in backyards and the former* Cais das Lanchas*, in the Lagoon. Photograph by Nelson Kon, 2012.*



## Acerca da formação da cidade e sua relação com o convento franciscano

*"[...] porque os brasões e timbres das cidades são os Conventos e os templos".*
*Provincial franciscano. Carta dos oficiais da Câmara de Paranaguá.*

O processo de povoamento da costa brasileira após seu descobrimento pelos portugueses cumpriu-se pelos territórios das Capitanias Hereditárias, ocorrendo conforme bem sintetizou Capistrano de Abreu de forma "ganglionar" e descontínua. Também na Capitania de Pernambuco a ocupação aconteceu dessa forma, notadamente na sua parte meridional, que hoje constitui o estado de Alagoas, onde "as zonas povoadas situavam-se, sobretudo em vales de rios. Os rios das Alagoas, o Manguaba, [...] não só condensam em suas ribeiras os primeiros engenhos, [mas, também] os primeiros povoados [...]"[10].

Acompanhando toda a potencialização geográfica dos veios hídricos, uma esparsa rede de engenhos se estabeleceria nessa parte do litoral do Nordeste, com três focos de povoamento polarizados: Porto Calvo (antigo Bom Sucesso), às margens do rio Manguaba; Alagoas (antiga Madalena do Sumaúma), às margens da lagoa Manguaba e do rio Sumaúma; e Penedo, às margens do rio São Francisco.

Convém registrar que Marechal Deodoro, além do designativo original de Madalena do Sumaúma, também viria a ser chamada pelas seguintes denominações: Vila de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul, Alagoas do Sul e Alagoas, antes de ter, em 1939, sua toponímia totalmente desvinculada da alusão aos veios hídricos que a margeiam (rio Sumaúma e lagoa do Sul ou lagoa Manguaba) para homenagear o proclamador da República do Brasil – o Marechal Deodoro da Fonseca, em ato de reforço do Estado Novo aos símbolos republicanos.

De modo bem particular, o povoado de Madalena do Sumaúma se condensaria afastado oito quilômetros do Atlântico e seu processo de ocupação ocorreria em meio a muitos conflitos. Tanto os travados entre portugueses e índios caetés, quanto os decorrentes das reiteradas tentativas de extinguir o contrabando do pau-brasil por corsários franceses em vários pontos do litoral, que acabaram por receber a denominação de Porto dos Franceses, Porto Velho dos Franceses ou Porto Novo dos Franceses[11], assim constando da cartografia portuguesa mais remota.

10. MELLO NETO, 1949.

11. Dessa ocorrência decorre o nome Praia do Francês dado à costa pertencente ao atual município de Marechal Deodoro, que atrai turistas nacionais e internacionais durante todo o ano.




Indicação dos polos iniciais de povoamento na parte sul da Capitania de Pernambuco, atual estado de Alagoas. Fonte: Josemary Ferrare, 2011.

*Indication of the early nodes of settlement in the Southern part of the Captaincy of Pernambuco, now the State of Alagoas. Source: Josemary Ferrare, 2011.*

A ocupação gradual desse lugar ocorreu a partir da concessão de terras doadas em sesmarias nas margens contíguas do rio Sumaúma e da lagoa Manguaba (nominada lagoa do Sul)[12]. Ali surgiria uma localidade chamada Taperaguá, povoada por colonos portugueses. A convicção de sua fé cristã, disseminada sob os fundamentos da religião católica, ditaria o processo de espacialização do lugar. As normas das Constituições Canônicas determinavam a valorização sempre enfática do edifício da igreja[13]na trama urbana. Por essa razão, esse tipo de espacialização convergente para a igreja também se configurou no segundo ponto de ocupação, quando o adensamento populacional se estendeu para local bastante elevado, acima do nível da lagoa Manguaba.




Abaixo, estágio inicial de ocupação urbana de Madalena do Sumaúma. Fonte: Josemary Ferrare, 2006.

*Below, the early stage of urban occupation in Madalena do Sumaúma. Source: Josemary Ferrare, 2006.*

12.Sobre o processo de doação da sesmaria feito a mando do terceiro donatário da Capitania, Jorge de Albuquerque Coelho, há uma certa dubiedade, estando as argumentações dos historiadores sobre esse dúbio processo coligidas em FERRARE (2006).

13. O adro da Igreja do Senhor do Bonfim, em Taperaguá, é o mais amplo da cidade e se define pelo alinhamento do casario em volta da igreja, disposta em conformação de destaque cênico, própria da "urbanística de colonização" implantada no litoral brasileiro. Foi erguida a partir do sistema de doação de terras para formação de "patrimônio religioso", conforme atestam documentos. Murilo Marx (1999) discorre bastante sobre o sistema de Patrimônio Religioso como irradiador urbano. Também a edificação da igreja Matriz seguiu esse padrão urbanizador.




Estágio gradativo da ocupação urbana de Madalena do Sumaúma, depois Vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul e, por fim, Alagoas. Fonte: Josemary Ferrare, 2006.

*Gradual stage of urban occupation in Madalena do Sumaúma, later known as Village of Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul and, finally, Alagoas. Source: Josemary Ferrare, 2006.*

Contudo, os dois pontos de assentamento que se pretendiam urbanizadores não ficariam totalmente segregados. É que foi mantida a comunicação com o platô de terra às margens do rio Sumaúma através de pontes, tal como informam vários documentos e também o relatório do comerciante holandês Adriaen Van Bullestrate, apresentado em 1642 à Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, descrevendo aspectos da devastação holandesa que acontecera em 1633.

> [...] Seguimos até o rio Soubajouma e aí descansamos; as pontes sobre os rios que levam à Povoação do Sul estavam destruídas ou arruinadas, e por isto tive que contornar a lagoa pela margem para chegar a povoação [...]. Visitei a Aldeia da **Povoação do Sul, e verifiquei estar muito convenientemente situada à vista do mar, em um morro**; acha-se, porém, inteiramente incendiada e destruída pelo comandante Malburgh que ai esteve [...] e por ele abandonada depois [...].Os muros da igreja ainda se mantêm de pé, com duas casas arruinadas. Dali seguimos para o acampamento... ou **engenho Velho** [...] à noite, entre 8 e 9 horas chegamos **ao engenho de Gabriel Soares** [...]. O citado Gabriel Soares mostrou-se disposto a pôr **o seu engenh**o em completa ordem e já começou a moer; espera que no próximo ano esteja de todo organizado [...][14].

Tal relatório, além da ênfase dada à localização na parte alta e à existência de igreja edificada, informa ainda sobre a ocorrência dos engenhos de açúcar em atividade produtiva, mesmo após todo o processo da destruição batava. A ocupação do território por engenhos de açúcar se iniciara anteriormente a esse período, à volta da lagoa Manguaba, em áreas contíguas a essa povoação, se estendendo para o extremo norte. A instalação completa dos engenhos de açúcar se consolidaria entre os séculos XVII e XVIII.

14. BULLESTRATE, Adriaen Van. In *Revista do Interior e Justiça*, 1949. (Grifo nosso). Esse relatório foi elaborado nove anos após a invasão holandesa à Capitania de Pernambuco que a atingiu com devastador incêndio. A cidade foi também abandonada pelo comandante incendiário e as mencionadas pontes ficaram sem reparos, apesar de sua extrema importância para a comunicação entre aqueles dois pontos de assentamento urbano, como informa o documento.

Referências bibliográficas e documentais testificam o dinamismo das relações socioeconômicas travadas entre essas unidades de fabricação de açúcar durante a reestruturação do povoamento e a ascendência político-administrativa atingida pela povoação em 1636, quando se tornou a Vila de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul e, sobretudo, quando chegou à condição de Cabeça de Comarca no âmbito da Capitania de Pernambuco, em 1710, tendo desde então mostrado prosperidade sempre crescente, o que a afirmaria como um centro de comércio, bem como de produção agropastoril.

A condição de Cabeça de Comarca a capacitou a gerir dois outros polos de povoamento da parte sul da Capitania de Pernambuco, Porto Calvo e Penedo, como também a manter a jurisdição espiritual sobre dez freguesias já constituídas, um referencial considerável que chegou a ser ressaltado em correspondência administrativa trocada entre o governador de Pernambuco e o monarca português, na terceira década do século XVII sobre a representatividade de algumas vilas: "Muito maior comarca é a da Villa das Alagoas a quem estão sujeitas as vilas de Penedo e Porto Calvo e dez freguesias e a da Paraíba tem somente quatro, [...]"[15].

Todo esse processo de superação que a Vila vivenciou, desde meados do século XVII e durante o século XVIII, ficou demonstrado no aumento gradual da produção, da estrutura e dos rendimentos dos engenhos, e também na produtividade das terras, dos campos e das faixas onde se edificaram casas e extensos quintais, plenos de fruteiras. Tudo isso muito contribuiu para a subsistência dos colonos e o suprimento de toda a Capitania, inclusive em pescado extraído das férteis águas da lagoa, consolidando-a como polo de abastecimento da Colônia e de difusão da fé cristã. Por essa razão, nesse período, ergueram-se as edificações religiosas mais importantes, implantadas de modo a manter a configuração espaçosa de seus adros e a disposição da igreja, solta entre enfileirados de casas, conforme recomendavam as Constituições Primeiras da Bahia,1853. Livro IV, Título XVII, nº 687:

> As igrejas se devem fundar e edificar [...] em lugar [...] desviado, quando for possível, de lugares imundos, e sórdidos, e de casas particulares, e de outras paredes, em distância que possam andar as Procissões ao redor delas, e que se façam tal proporção, que não somente seja capaz dos fregueses todos, mais ainda gente de fora, quando concorrer às festas, [...][16].

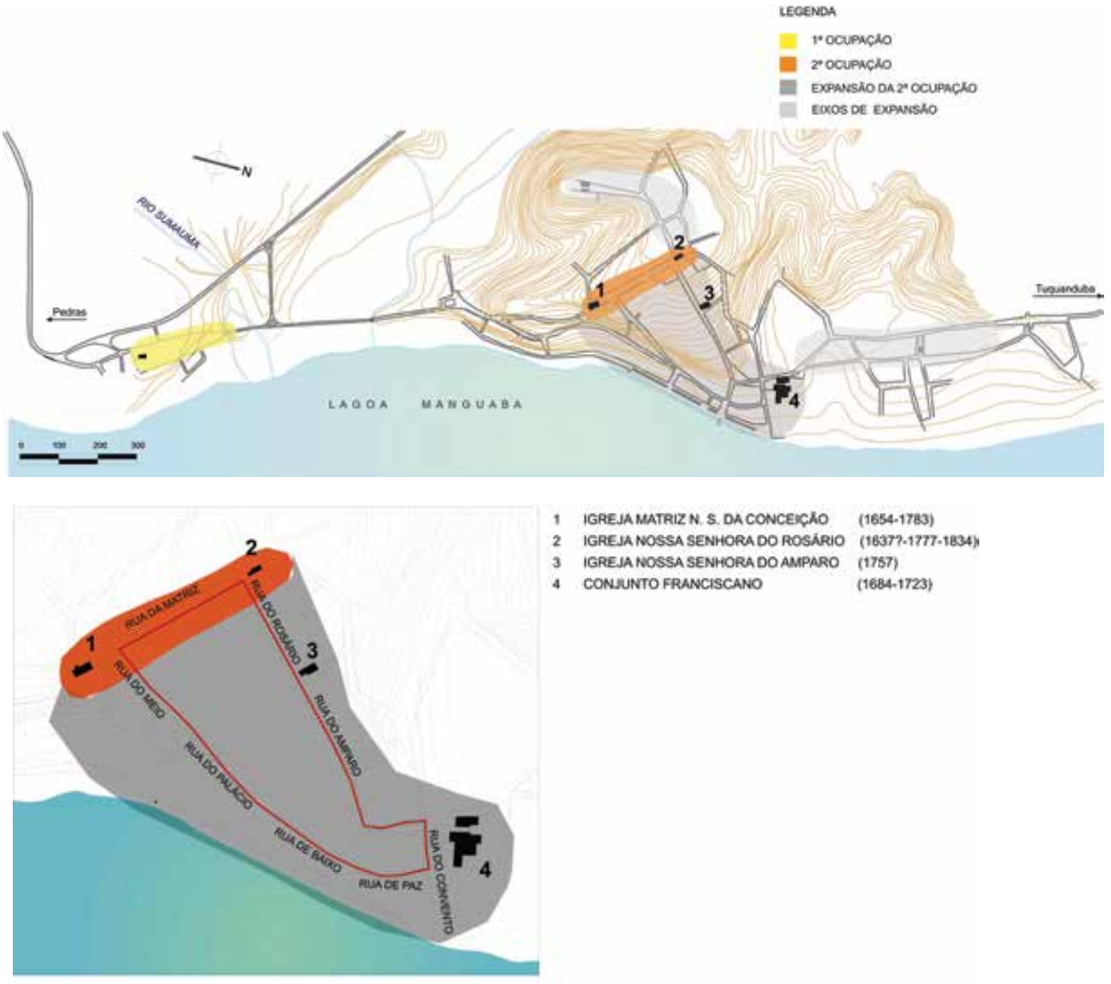
Observando-se a área da segunda ocupação de Madalena do Sumaúma, é possível verificar que o eixo de direcionamento que ligou a igreja matriz a uma capela em invocação de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos declinaria em relação à margem da lagoa, o que se percebe com clareza na gravura *Pagus Alagoae Australis,* de 1647. O mesmo foi feito pelas Confrarias

15. IHGA, CX. 1/ Pac. 03 / Doc. 12. Doc. 00032, 07 de setembro de 1730.

16. VIDE, 2007: 252.

e Ordens Religiosas para a edificação das igrejas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Amparo e Ordem Terceira de São Francisco, contígua à Igreja de Santa Maria Madalena e ao convento franciscano.

Ocorreu ainda que  todas essas edificações religiosas foram dispostas de modo a formar uma espécie de "polígono sacro"[17]. Tal denominação objetiva sintetizar como a disposição das ruas em que se localizavam as igrejas demarcava uma área que se "sacralizava" por ser leito de passagem para atos e festas religiosas e por vetorizar os segmentos das antigas ruas. Entre elas, as do Rosário, do Amparo, do Meio, Palácio, Baixo, da Paz e do Convento, todas em direção convergente ao imenso adro do complexo franciscano, impactante pelas proporções monumentais de suas três edificações (Ordem Terceira, Ordem Primeira e Convento) frente à escala da vila, e por exibir um cruzeiro em pedra, pontuando o imenso adro seráfico, acolhedor de todos quantos desciam por esse circuito de acessibilidade dual.




Detalhe do "Polígono Sacro", abaixo, e indicação das igrejas que o compõem, à direita. Fonte: Josemary Ferrare, 2006.

*Detail of "Sacred Polygon", below, and indications of the churches that comprise it, to the right. Source: Josemary Ferrare, 2006.*

17. Denominação atribuída e desdobrada por FERRARE (2006).

Vale insistir na observação de como o "polígono sacro" convergia em declividade topográfica para a área onde se localizava o complexo conventual franciscano, implantado como um "anteparo" à extensão das ruas, e que dispunha da sua cerca ancorada em trecho bem à margem da lagoa, mantendo assim a coerência com os princípios reguladores da Ordem Seráfica, que priorizava a captação de água, tanto por uma relação filosófica, quanto utilitária.

A pesquisa comparativa realizada pelo pesquisador Murilo Marx em seis complexos seráficos no estado de São Paulo constatou casos similares a essa forma de localização em que "[...] a água está presente de diversas maneiras e de forma aleatória: se junto à praia, um bom porto, [...]"[18]. Circunstância coerente com a localização do complexo seráfico de Santa Maria Madalena em Alagoa do Sul, em que a praia se faz corresponder à lagoa Manguaba, onde também se instalou o Porto do Convento.

Efetivamente, a implantação do complexo franciscano naquele local fora escolhida pela proximidade com a lagoa e tudo leva a crer que essa razão estivera posta desde a construção primitiva de um "recolhimento ou casa com oratório", em 1636.

Embora não se tenha por certo o local onde esteve erguido tal abrigo, tem-se a referência do cronista da Ordem de que estava situado "no fim das ruas da Villa, à parte do Norte, na baixa sobre as margens da Alagoa [...]"[19].

Ressalte-se ainda a condição particular da proximidade deste com o cais ancoradouro de embarque/desembarque da vila. Contudo, havia ainda algumas premissas que eram consideradas pelos frades franciscanos como critérios de escolha do sítio para a edificação de suas casas da Ordem.

As dimensões do terreno em tudo atendiam às necessidades do convento, que se beneficiava da ocorrência de algumas nascentes de água afloradas do baixíssimo lençol freático, basicamente no nível da lagoa, contando ainda com um córrego transverso ao terreno, nascido em área bem próxima[20], o que garantia o abastecimento cotidiano para as mais diversas atividades.

Devido à sua estratégica localização e às dimensões da área conventual consideradas no mosaico de ocupação do solo, entre os demais lotes parcelados da vila, predominantemente estreitos e retangulares, o conjunto franciscano (parte edificada e cerca conventual) parecia mesmo de-

Na página ao lado, vista aérea frontal do antigo Cais das Lanchas, vendo-se a atual conformação do adro franciscano. Foto do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, 2012.

*On the opposite page, frontal aerial view of the former Cais das Lanchas, with the Franciscan parvis as it is found today. Photograph from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, 2012.*

18. MARX, 1968: 47.

19. JABOATÃO, 1859: 608.

20. O nascedouro do córrego localiza-se hoje fora da cerca conventual, aproximadamente a 200m do Cruzeiro da Santa Cruz, no atual bairro da Poeira, e a 50m desse ponto até a rua das Virgens, numa estimativa calculada pelo Sr. Adão José Romeiro, morador dessa imediação, cujo quintal da casa limita-se com o ponto do minadouro.



ter o ritmo desse perfil do parcelamento, passando a funcionar como uma cortina cênica que amparava a convergência da malha viária principal. O que, certamente, além de propiciar uma melhor visualidade de suas fachadas trabalhadas sob o repertório de vertente barroca tardia, impactava pela correlação de volume e formas apresentadas, sem dúvida, associada à grandeza do poder eclesiástico vinculado ao poder político.

Verificando-se de modo acurado a planimetria de sua implantação no contexto urbano instaurado, tende-se a concordar com o pesquisador Murilo Marx, que, analisando a implantação urbanística de conjuntos seráficos das cidades de Santos e São Paulo, constatou:

> Particularmente, a malha viária, o curso das ruas, sobremodo da rua que dava acesso ao estabelecimento religioso não preponderam; pelo contrário, a nova cessão de terras se lhes sobrepunha ao curso e à direção. Assim, em Santos, e em São Paulo, **ruas são truncadas, ficando afastada a possibilidade de sua extensão futura, para ensejar a valoração da frontaria dos templos que na sua direção se erguiam**[21].

21. MARX, 1984: 31. (Grifo nosso).



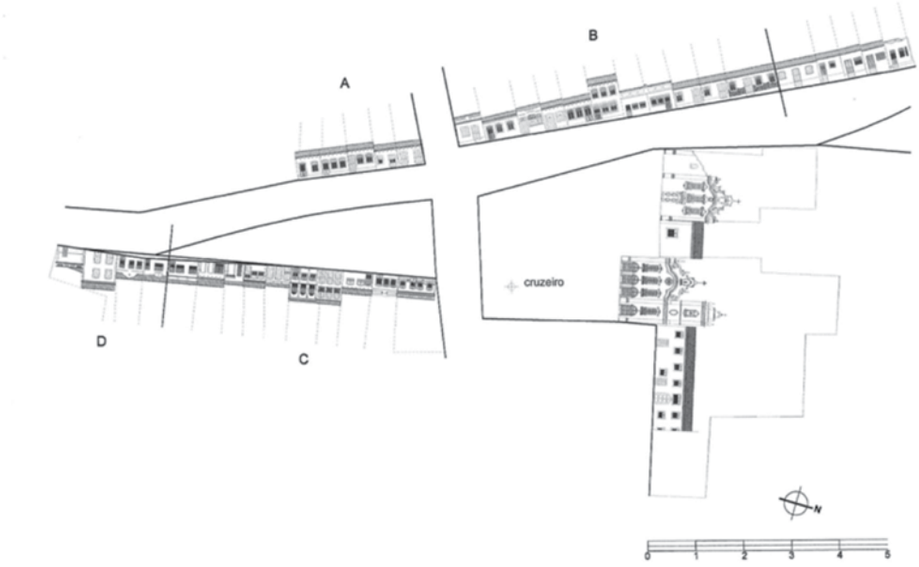
Vista aérea posterior e arruamentos que delimitam o adro. Foto do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, 2012.

*Posterior aerial view and the streets surrounding the parvis. Photograph from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/ UFAL, 2012.*

Abaixo, arruamentos laterais e desenho da atual configuração do adro. Fonte: Josemary Ferrare, 2006.

*Below, side streets and the parvis' current configuration. Source: Josemary Ferrare, 2006.*

ARRUAMENTO E LARGO DO CONJUNTO FRANCISCANO
Rua/Praça Melo Morais
Igreja da Ordem Terceira de São Francisco
Igreja de Santa Maria Madalena - Convento



Tal ocorrência comentada por Marx também se repete em Marechal Deodoro, onde o vetor tendencial de expansão de um dos lados da extensão do adro, atual rua Melo Moraes, foi cerceado da possibilidade de expansão "para ensejar a valoração das frontarias" das igrejas do Convento de Santa Maria Madalena e da Ordem Terceira de São Francisco.

Decerto, essa sua específica localização urbana foi determinante para que o adro seráfico funcionasse como agregador de uma dinâmica cotidiana local e comercial, existindo referências no sentido de que, no século XVIII:

> perfazia um ambiente externo coletivo, rico em atividades específicas gerenciadoras da animação urbana local.[...] [em que] rotineiramente, o pátio seráfico se tornava um espaço sediador de atividades comerciais, onde negros vendiam em tabuleiros forrados de papel gostosas cocadas, pés-de-moleque, doce-de-coco, fruta-pão, farinha de milho; supondo-se ser esta atividade específica, mais profusa em períodos de atividades de cunho festivo[22].

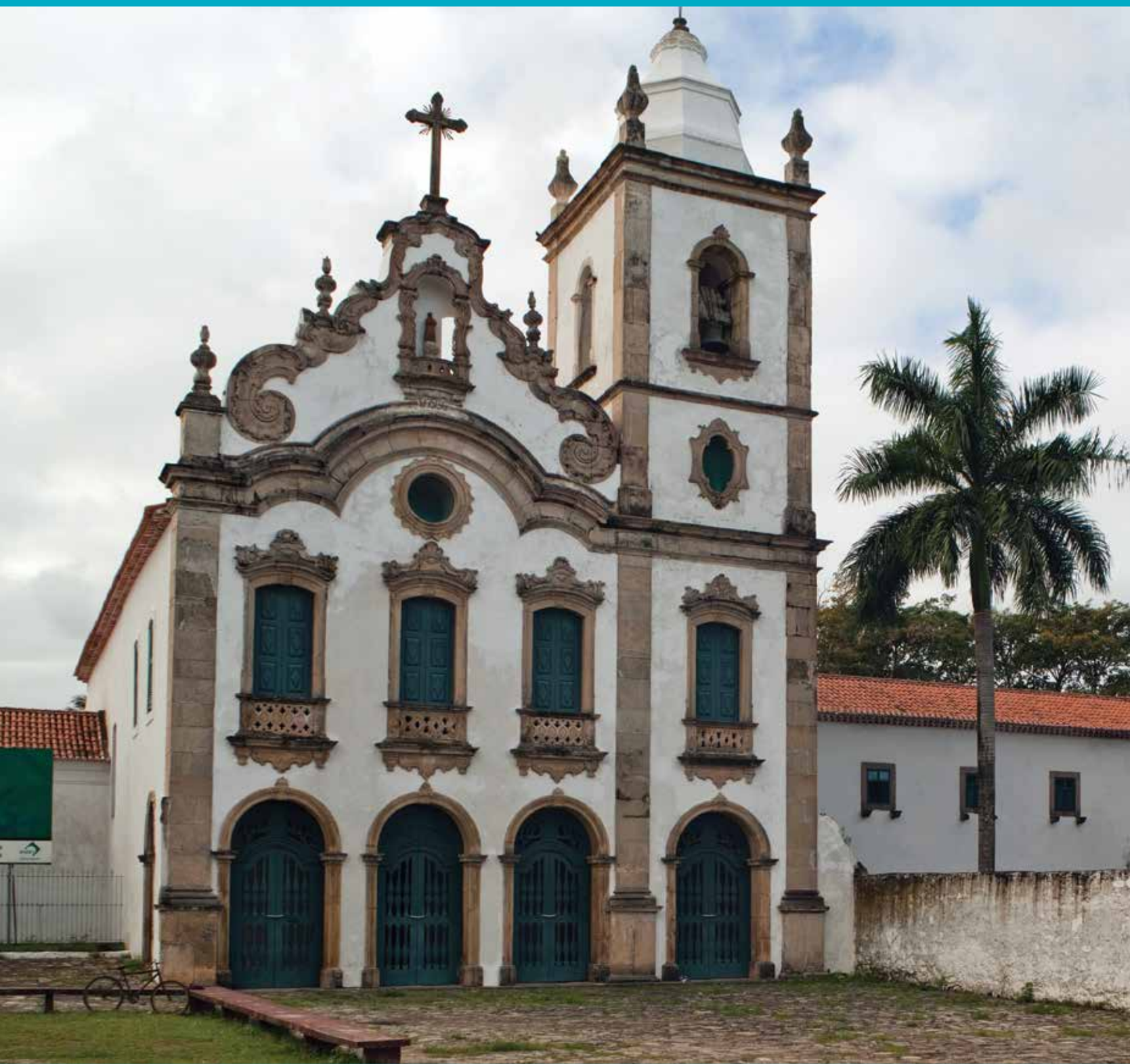
## A cidade, o conjunto seráfico e a práxis de festas e procissões católicas

O adro do Convento de Santa Maria Madalena aglutinava também bastantes pessoas para as procissões religiosas, sobretudo aquelas em que havia uma grande participação dos frades e integrantes da Ordem Terceira e da irmandade de São Benedito, esta última procedendo a uma distribuição de pães até hoje sabida e comentada por alguns moradores. "Participei de festas da irmandade de São Benedito. Eram em outubro. Distribuíam pães no lado de fora. [...] Diziam que tinha uma festa de São Benedito com pães na menorzinha"[23].

Vale lembrar como, no contexto da colonização portuguesa, as festas e procissões eram instrumentalizadas sob caráter ideológico, uma vez que objetivavam doutrinar e, para tanto, eram consideradas, "evento obrigatório para todos os participantes ou assistentes, espelho da própria concentração humana, de sua sede e de seus arredores. Nenhum outro evento comunal, de portas afora, se lhe podia comparar. Esse desfile [...] corria pelas ruas e largos [...]"[24].

Esse aspecto, intrínseco ao deslocamento de fiéis em circuitos que basicamente sacralizavam percursos, decorria de conceito instituído pelas próprias Constituições Primeiras da Bahia, Livro III, Título XIII, nº 488, que assim definia: "Procissão he huma oração publica feyta a Deos por hum comum ajuntamento de fins disposto com certa ordem, que vay de hum lugar sagrado

22. CASTELO BRANCO, 1999.
23. FERRARE, 2006: 373.
24. MARX, 1989: 61.



Fachada da igreja/convento e parte do adro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*Façade of church/convent and part of the parvis. Photograph by Nelson Kon, 2012.*



ao outro lugar sagrado"[25]. O tempo de duração e mesmo o percurso das procissões também eram estabelecidos pelo Arcebispado, que recomendava o trato a ser dado aos locais do trajeto e sugeria a conduta dos súditos para a participação.

Com efeito, para a implementação do projeto colonizador português as festas religiosas foram usadas como repassadoras do ideário catequético de conversão e de consolidação da fé católica. Daí serem instituídas e encaradas como propícias à sociabilização dos moradores dos núcleos em processo de urbanização, bem como das áreas de trabalho agrícola e engenhos adjacentes.

Esse método catequético e socializador das procissões também foi largamente aplicado na Vila de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul, conforme pesquisas documentais e, em particular no registro bibliográfico feito em 1895, por Pedro Paulino da Fonseca, que como ex-participante das festividades públicas de celebração da Quaresma e Semana Santa testifica sua notoriedade em toda a Província, chegando com ânimo de veneração ao século XIX.

É compreensível que as populações dos primeiros centros urbanos colonizados aproveitassem essas festividades como uma oportunidade de participar de forma mais efetiva da vida pública e de figurar como personagens e até assimilar com intensidade cada papel a ser representado e expressar, também de forma intensa, os sentimentos que todo o cortejo fizesse aflorar em termos de emoção[26].

Menciona Fonseca em seu relato, com a propriedade de um natural do lugar, que os atos preparatórios da Semana Santa em Alagoas do Sul principiavam no dia da abertura oficial da Quaresma com o Ato da Procissão das Cinzas, realizada com toda a sua pompa e simbolismo[27].

> [...] Abria o préstito a figura alta e magra da Morte com a foice na mão direita e a matraca na esquerda e um Anjo, [...] em seguida, com ampulheta na mão direita, como insígnia da brevidade da Vida. Atrás um guardião da irmandade com luzeiros aos lados.[...] Depois a Sta. Cruz com as armas da ordem seráfica ladeada de dois Anjos com tochas ou brandões acêsos. Seguiam-se as figuras da Confissão, Contrição, Satisfação, Obediência, Memória da Morte e Desprezo do Mundo, vestidos de penitentes [...] uma figura vestida de penitente, conduzindo a árvore da penitência de cujos galhos secos pendiam rosários, bentinhos, livrinhos de oração em profusão[28].

25. VIDE, 2007: 191.

26.Cf. TINHORÃO, 2000: 68.

27. A Procissão das Cinzas era considerada uma das principais procissões em todo o Brasil colonial e as Ordens Terceiras, segundo afirma Murilo Marx, "despendia seus melhores empenhos e recursos para o sucesso desta". (MARX, 1984: 114)

28. FONSECA, 1895: 18-19.

Havia outros apelos iconológicos enaltecedores da penitência, além de outros alusivos à grandeza do martírio e aos mártires. Eram várias também as figuras de anjos que portavam palmas, sendo a procissão ladeada pelos irmãos Terceiros Franciscanos e em cujo interior desfilavam:

> os andores dos vinte Santos da Ordem: - Sta Izabel de Cortana, São Luiz, Rei da França, São Ivo Doutor, São Vivaldo na tóca, Os bons casados São Lucio e Santa Bonna, São Francisco recebendo as chagas, São Francisco morto, Senhor dos Passos, N. S. das Dôres, Sta. Maria Madalena, São Roque, São Vicente Ferrer, São Gonçalo, Sta. Delfina, Sta. Elisiária e outros, tendo diante de cada um dois Anjos com bandeiras e nelas escrito o nome do Santo e virtudes [...][29].

O último dos andores que desfilava era exatamente o da Padroeira da Ordem Seráfica: Nossa Senhora da Conceição. "Seguiam-se a figura que representa a **Ordem 3ª, os irmãos e os religiosos franciscanos**[...].Era uma procissão de grande aparato que atraía grande massa de povo que afluía de todos os pontos, ficando o porto do Convento apinhado por centenas de canoas"[30]. Isso demonstra o grande afluxo de pessoas para participar do evento, que correspondia a um dos momentos de encontro e socialização[31].




Acima, circuitos da Procissão dos Passos. À direita, pontos de partida das procissões do Encontro e do Fogaréu. Fonte: Josemary Ferrare, 2006.

*Above, circuit of the Stations Procession. To the right, points of departure of the Meeting and Fire Processions. Source: Josemary Ferrare, 2006.*

Consta ainda desse relato que nos quarenta dias seguintes à Procissão das Cinzas aconteciam os atos litúrgicos da Quaresma, sendo apenas no período exato da Semana Santa que a cidade se impregnava de uma dinâmica diferenciada, transfigurando-se. As festividades eram notáveis e atraíam pessoas de outras localidades para se instalar durante vários dias, o que exigia reservas de casas, com "mêses de antecedência e por empenhos, [pois] estavam todas tomadas e habitadas pelas famílias de abastados senhores de engenho e, nas das ruas da Matriz, Rosário, Amparo, Convento, da Paz, Palácio, de Baixo, do Meio, alojadas achavam-se mais de uma família para passar a festa"[32].

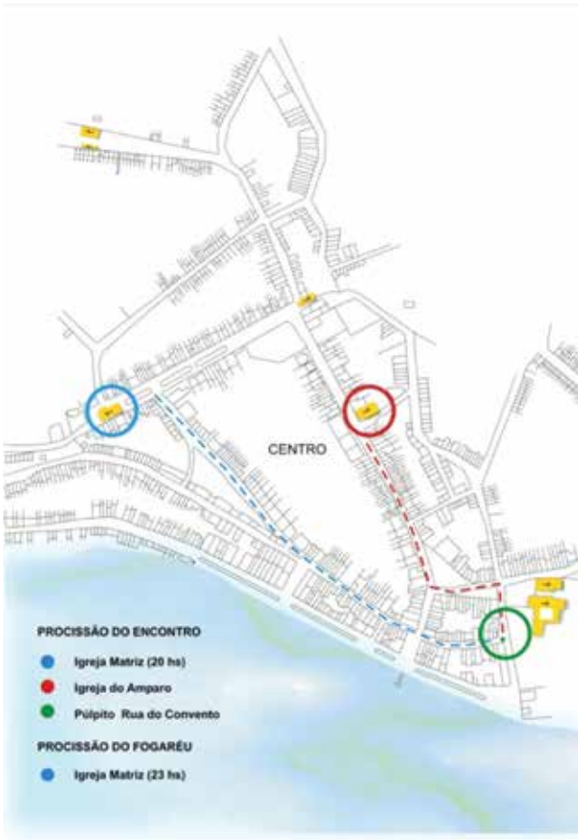
29. FONSECA, 1895: 19-20

30. FONSECA, 1895: 20.(Grifo nosso)

31. A razão direta da importância para todo o aparato desta procissão estava na divulgação que ela disseminava, através de um farto repertório iconológico que transmitia os dogmas da igreja interligados ao sentimento cruzadista que latejava em toda a empresa do Descobrimento, e objetivava intimidar a população com imagens de tormento, para freá-los diante das práticas consideradas "heréticas", condenáveis pela Santa Inquisição.

32. FONSECA, 1895: 20.

Assevera ainda o autor que durante esse período a cidade tornava-se "[...] alegre, festiva, com um movimento espantoso de povo pelas ruas, tendo como certo as noites de luar"[33]. A luminosidade era assegurada por determinação da própria Igreja que, apoiada nos ditames da Reforma Gregoriana, definia regularidade na celebração à Páscoa, "no 1º. domingo depois da lua cheia que se segue ao dia 20 de Março, [era] infalivelmente lua cheia num dos dias da 4ª.a 6ª. Feira santa, e sempre mui clara e bela, não me recordando ter havido chuvas que interrompessem as festas"[34].




Fonseca que, nascido no local, era obviamente muito envolvido com os ensinamentos da religião católica, expõe de modo bastante exaltado aspectos gerais das festividades[35],ao descrever os atos religiosos que abriam o pleno período comemorativo, como a Procissão dos Passos, que já ocorria na tarde da sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos, saindo da Igreja Matriz com a imagem do Senhor dos Passos que, na véspera, era transladada da Ordem Terceira do Carmo para visitar os sete passos armados nas igrejas do Rosário, Amparo, Ordem Terceira de São Francisco, Convento de São Francisco, nicho do finado Joaquim Bastos[36],na Matriz, além de um passo armado *ad hoc* na rua do Convento"[37].

Para o Domingo de Ramos, mencionava que as palmas eram em ramos de flores, e bentas. De tarde ocorria a Procissão do Triunfo que saía da Ordem Terceira do Carmo, pomposa e plena de

33. FONSECA, 1895: 20.

34. FONSECA, 1895: 20.

35. A formação religiosa de Fonseca o fez muito sensível à emoção que emanava dos ritos dessas festas, descrevendo-as apenas com admiração e sem exercer uma avaliação mais crítica acerca do processo de massificação da religiosidade local frente ao estado de involução econômica em que a cidade se encontrava após vários anos da transferência da capital para Maceió, o que não passou despercebido ao viajante alemão Avé-Lallemant, que em Alagoas esteve anos antes dessa crônica ser escrita por Fonseca, conforme ainda será tratado neste capítulo.

36. Segundo moradores antigos, nesse nicho instalado entre o convento e a Igreja Matriz, na altura aproximada da atual sede Colônia dos Pescadores (na antiga rua do Palácio), era exposta a estátua do Bom Jesus da Cana Verde, muito venerado nesse período.

37. FONSECA, 1895: 20.

símbolos, e na terça e quarta-feira ocorria o Ofício de Trevas na Matriz, com o uso do candelabro triangular de quinze velas. Na manhã da quinta-feira, o Ofício das Endoenças e a saída para a Procissão da Visitação de Enfermos. À tarde, o lava-pés e Sermão do Mandato.

A animação da noite de quinta-feira se iniciava quando saíam da Igreja Matriz e da Igreja do Amparo, por caminhos diversos, as Procissões do Encontro, chegando ambas ao final na rua do Convento, onde em púlpito montado, um padre pregava com eloquência o Sermão. Às 23:00h a Procissão do Fogaréu partia da Igreja Matriz, com cada fiel levando uma vela em lanterna de papel ou mesmo tocha, o que criava grande efeito cênico pelas ruas da cidade, conforme se apreende da efusiva descrição:

> Era bonito de longe, dum ponto elevado, nessa noite de luar claro, vêr essa imensa cobra de fôgo como que em zig-zag, subindo e descendo ruas e ladeiras, ora encobrindo-se em parte, vendo-se a cabeça lá e a cauda separada cá. O efeito do préstito com centenas de luzes era espetacular [...][38].

Evidentemente, era determinante para a percepção desse efeito a configuração topográfica de cidade elevada e a sinuosidade de seu traçado urbano. Percebia, também, o emocionado narrador citado, que a chegada da Sexta-feira Santa abatia o estado de espírito das pessoas, enegrecendo-lhes as vestes, assim como o interior dos templos. O ritual era solene e o espaço sacro interior da igreja Matriz era acentuado de efeitos visuais e sonoros. Era criada uma envolvência metafórica para emoldurar um sofrimento que se tornava retórico, como todo o discurso que buscava reafirmar a fé católica, após a Contrarreforma, tal como se depreende do relato e testemunho de participação de Fonseca:

> Pela manhã, na Matriz – Ofício da Paixão – com o templo todo despido e às escuras, os altares velados de roxo e preto; Lamentações: - e mais cerimonial. Notou-se que para o desempenho das funções de Bradados e Texto, os Juízes tinham o capricho de mandar a 10, 20, e 30 léguas e por boa remuneração convidar padres dotados de vóz apropriada para desempenhal-as. Sentia-se verdadeiro abalo e emoção ao ouvir-se Bradados com voz de barítono entoar no templo fechado [...]. Ato imponente, comovedor[39].



O clima emocional de piedade se acentuava ainda mais no período da tarde, bem ao propósito da evangelística do convencimento instrumentalizada pelo projeto colonizador português, desde os primórdios do Descobrimento.

38. FONSECA, 1895: 18-20.
39. FONSECA, 1985: 18-20.

Nestas páginas, detalhes de esculturas da Sala dos Cristos, no MASEAL. Fotos de Sylvia Braga, 2012.

*On these pages, details of the sculptures in the Room of Christs, in MASEAL. Photographs by Sylvia Braga, 2012.*



No Sábado de Aleluia, a cidade amanhecia repleta de Judas e às 8:00h iniciava-se no exterior da Matriz a cerimônia do Fogo Novo, que se transformava em cortejo adentrando a igreja

> com uma das três velas acêsas...cânticos do ritual, seguindo-se o acender [...] – Missa solene – com glória e rompimento de Aleluia.[...]. A igreja que até então conservara o escuro, repentinamente se torna alegre com a transição para a claridade que entrava pelas portas e janelas nesse momento abertas; flôres em profusão atiradas das tribunas e coro; pombos brancos com seus laços de fitas soltos a escovarem d'um para outro lado; o alegre e marcial – ***Gloria in excelsis Deo*** – entoado em côro pelo canto e orquestra, tudo isto dava ao ato o timbre de verdadeira alegria e da convicção religiosa do povo. Os sinos de todas as igrejas a repicarem, milhares de foguetes a estourarem no ar, salvas de bombas a troarem, magotes de meninos e moleques armados de cacêtes a esbordoarem judas que outros arrastavam com cordas pelas ruas[40].

Ao observar os detalhes de como se processavam os rituais da Sexta-feira Santa e do Sábado de Aleluia, identifica-se uma paradoxal mudança de comportamento: da tristeza e compadecimento para alegria e animação. Vale lembrar que pelo registro bíblico, no sábado, Cristo ainda estava sepultado e não ressurreto, de modo a justificar tamanha euforia esbanjada nas glutonarias dos jantares preparados, sem mais qualquer reflexão sobre o padecimento acontecido na sexta:

> Ao jantar iam se refazer os estômagos do jejum da véspera [...] vindo à mesa os presentes recebidos, verdadeiras permutas que durante o dia iam e vinham salvas e bandejas cobertas de finas e ricas toalhas conduzidas por pagens e escravos com decência vestidos![41].

Finalizando os rituais de toda a Semana Santa, acontecia na Igreja Matriz a Missa de Ressurreição – na parte da manhã, formalizando-se depois a Procissão da Ressurreição, marcada pelo concurso de todas as irmandades e confrarias[42] que, correspondentemente, portavam "imensos guiões e lanternas"[43].

Entretanto, o próprio Fonseca adianta que a sensação prazerosa que acompanhava todos esses dias se prolongava e a cidade ainda não retomava o seu ritmo de normalidade, mesmo após o domingo, pois muitas pessoas que a ela tinham vindo instalar-se permaneciam aproveitando os dias feriados que se instituíam em seguida:

40. FONSECA, 1895: 18-20. (Grifo do autor)

41. FONSECA, 1895: 20.

42. A existência de diversas irmandades e confrarias nesse centro urbano colonial expunha a importância política e socioeconômica que alcançou ao ser Cabeça de Comarca da parte meridional da Capitania de Pernambuco, gerindo conflitos advindos dos Palmares e tendo autonomia para não julgá-los na Comarca de Olinda. Também evidenciava a função de polo difusor da crença católica que assumiu ao se transformar em um "santuário" a céu aberto e com extensos adros, onde a fé e a devoção desfilavam em doutrinadoras procissões.

43. FONSECA, 1895: 20.

> Havia ainda nesse tempo, para maior gáudio do povo, três dias de Páscoa, e por isso feriados para todos os efeitos, e bem aproveitados por todos para análise ou crítica dos atos a que tinham assistido. Da 4ª. feira em diante; principiava a dispersão da população adventícia, retirando-se cada um para suas longínquas residências; alguns demoravam-se mais tempo, por comprazer para com a mulher e os filhos, que não se sentiam saciados, tendo presentes na memória os belos e tocantes atos e episódios relativos à festa e se mostravam desejosos de permanente continuação, que em lugar de uma semana, fosse um "mês Santo"[44].



Tornou-se possível constatar o quanto foram marcantes para os moradores e para a cidade de Alagoas todas essas comemorações religiosas, tanto nas saudosas e entusiasmadas descrições do devoto e governador da Província de Alagoas, Pedro Paulino da Fonseca, quanto pela visão mais analítica e isenta de envolvimento religioso do cronista alemão Robert Avé-Lallemant. Ele havia estado na cidade em 1859, apenas duas décadas depois da impactante perda das prerrogativas de Capital da Província, encontrando-se bem esvaziada de moradores, embora ainda mantendo um visível entusiasmo por essas festividades[45].

Atento a esse esvaziamento, Avé-Lallemant logo registrou o aspecto depauperado da cidade e pondera sobre os fatores que propiciaram o processo de deslocamento do contingente de funcionários públicos para a nova capital Maceió e consequente queda do fluxo comercial interno, assim avaliando:

> Apesar da encantadora situação da cidade, da lagoa mais vasta ainda que a de Maceió [...] é Alagoas um lugar miserável. Tudo em decadência, em desleixo e num estado lastimável [...] Dantes a cidade se mantinha porque ai residiam as principais autoridades da Província e era a sede de toda a administração, o que dava sempre muito impulso ao seu comércio e à sua vida. Desde porém que Maceió passou a ser primeira cidade da Província, e todos os que dantes gastavam seus vencimentos em Alagoas, se mudaram para lá, caiu Alagoas em completa decadência[46].

44. FONSECA, 1895: 21.

45. A transferência da Capital da Província para Maceió ocorreu em função de decisões governamentais que culminaram com a desativação do Porto do Francês, em favor da ativação do Porto de Jaraguá (em Maceió), o que causou uma grande depressão econômica que a fez esmaecer na sua importância política.

46. AVÉ-LALLEMANT, 1859.





A partir da esquerda, procissão de São Pedro e festas em homenagem à padroeira e ao Senhor do Bonfim. Fotos de Josemary Ferrare, 2005, e do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, 2009.

*From the left, Saint Peter procession and festivals in tribute of the patron saint and the Lord of Bonfim. Photographs by Josemary Ferrare, 2005, and from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, 2009.*

Todavia, dois fatos chamaram bastante atenção do viajante: a fidelidade que a população remanescente demonstrava no cumprimento das elevações sacras e o fato da cidade, mesmo enfrentando todo o processo de esmorecimento político e socioeconômico, ainda polarizar muitos devotos vindos das proximidades.

> Deserta a praia. Subi a rua para a cidade alta, onde fervilhavam ainda numerosos grupos, em torno das igrejas, por ser Quinta-feira santa. Na manhã de Sexta-feira santa, toda a população da cidade e dos arredores se dirigiu para a igreja, em cuja vizinhança eu estava hospedado. Todos trajavam decentemente, e a grande romaria de devotos muito nos impressionou [...][47].

Não se sabe, no entanto, se o cronista compreendeu que o aparente descompasso de dinamismo era a exteriorização de um comportamento bastante sedimentado naquela sociedade que a mudança de mando político para Maceió não havia conseguido abalar. Na verdade, tal ocorrência refletia a força da fé cristã, "plantada e traçada" naquele solo sob a atenção da Coroa portuguesa, atenta aos ditames reguladores das Ordenações que regulavam a disposição dos templos no espaço urbano e os modos de transmissão dessa fé pelas ordens religiosas.

Das duas ordens que ali se instalaram, foram os franciscanos que cuidaram de transmitir o ensino doutrinário, alicerçando-o com o ensino secular, de tal modo que historiadores como Ernani Mero e Abelardo Duarte assim sintetizaram sobre o seu papel modelador das mentalidades: "Esse cenóbio franciscano tem um grande significado na formação mental e espiritual

47. AVÉ-LALLEMANT, 1859.

dos habitantes daquela Vila"[48]. "A formação mental de Alagoas é monacal."[49] Isso bem se coaduna com o que dizia Craveiro Costa sobre o ensino em Alagoas: "A cultura intelectual vivia de portas adentro, nos claustros sombrios. Cá fora, apenas o rumor efêmero dos sermões nos dias de pompa católica"[50].

O município prosseguiu sem nenhum incremento em sua economia durante todo o século XIX. Só na década de 1970, é que foi alcançado pela política desenvolvimentista brasileira através da implantação em seu território do Polo Cloro-Álcool-Químico de Alagoas, subsidiário da exploração de matéria-prima extraída em Maceió pela Salgema Indústrias Químicas, em trecho limítrofe ao município[51].

Apesar desse crescimento industrial, a cidade de Marechal Deodoro iniciou o século XXI sem alterações marcantes em sua estrutura e configuração urbana, no mesmo sítio elevado às margens da lagoa da época dos seus primórdios.

Esse aspecto de quase imutabilidade em sua forma urbana foi bastante ressaltado na justificativa para que a cidade fosse declarada Patrimônio Nacional, somando-se a aspectos tão relevantes como o de ter sido o ponto inicial da ocupação colonizadora que atingiu pujança na produção do açúcar, na representatividade político-administrativa assumida, ou ainda seu protagonismo no processo de disseminação religiosa no sul da Capitania de Pernambuco. Este último aspecto, devido ao fato de manter a praxis de expor os símbolos e alegorias catequéticas do Cristianismo, tanto os fincados ao solo (igrejas e cruzeiros) quanto os portados por fiéis e veiculados nas procissões, verdadeiras repassadoras ideológicas da doutrina católica arraigada entre a população local, que ainda venera as festas de santos e seus ritos tradicionais remanescentes e em transmutação.

Sobre a veneração das festas de santos[52] é válido informar que ainda se mantém a tradição da festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição e seus "noiteiros", que concorrem para a promoção de quermesses, leilões de alimentos e animais, associados a apresentações de bandas de música orquestral, bandas de pífanos, shows com bandas de música de som eletrônico. Para

48. MERO, 1995: 48.

49. DUARTE, apud. MERO, 1995: 48.

50. COSTA, 1931:5.

51. O município conta hoje com a agroindústria açucareira, com a arrecadação dos rendimentos fiscais oriundos das indústrias instaladas no Polo Cloro-Álcool-Químico (já mais restrita) e com a expansão da demanda do turismo, sobretudo na Praia do Francês, que vem ampliando a cada dia sua infraestrutura hoteleira e gastronômica, pois constitui a maior atração turística do estado.

52. O calendário das festas de santos mantido na cidade é o seguinte: Senhor do Bonfim, 01 a 06 de janeiro; padroeira Nossa Senhora da Conceição, 29 de novembro a 08 de dezembro; São Pedro, 29 de junho; Nossa Senhora da Boa Viagem, 15 a 18 de outubro; São José, 16 a 19 de março; além das festas de São Sebastião, 20 de janeiro; Santa Luzia, 13 de dezembro; e São João, 24 de junho.

isso são usados os adros, cuja forma e amplitude favorecem o aglutinamento de pessoas para atividades sacro-profanas. Entretanto, os rituais sacros já não parecem atrair com a mesma força os frequentadores, sendo mesmo sobrepujados pela animação das atividades profanas que ocorrem em paralelo.

Durante o cortejo que atravessa vários bairros, há o acompanhamento de duas bandas de músicas orquestrais que se revezam a partir de determinado trecho, que tem como marco o adro do conjunto seráfico, se processando tal como há relatos: "Acompanhando sua comitiva desde a saída da Matriz tem-se a Filarmônica Santa Cecília. No pátio do Convento de São Francisco, a Banda Musical Carlos Gomes assume o comando levando a procissão ao outro extremo [o bairro da Poeira]"[53].

A festa do Senhor do Bonfim também sempre foi tradicional e, embora já se processe em ritual bem diverso dos da época em que os engenhos de açúcar eram ativos e enviavam carros de bois com madeira da mata para uma evolução em frente à igreja e a montagem de uma grande fogueira, ainda acontecem as missas e apresentações de bandas musicais no adro, além da concorrida procissão do santo realizada no Dia de Reis, com seu percurso longo, sob o acompanhamento alternado de duas bandas de música.

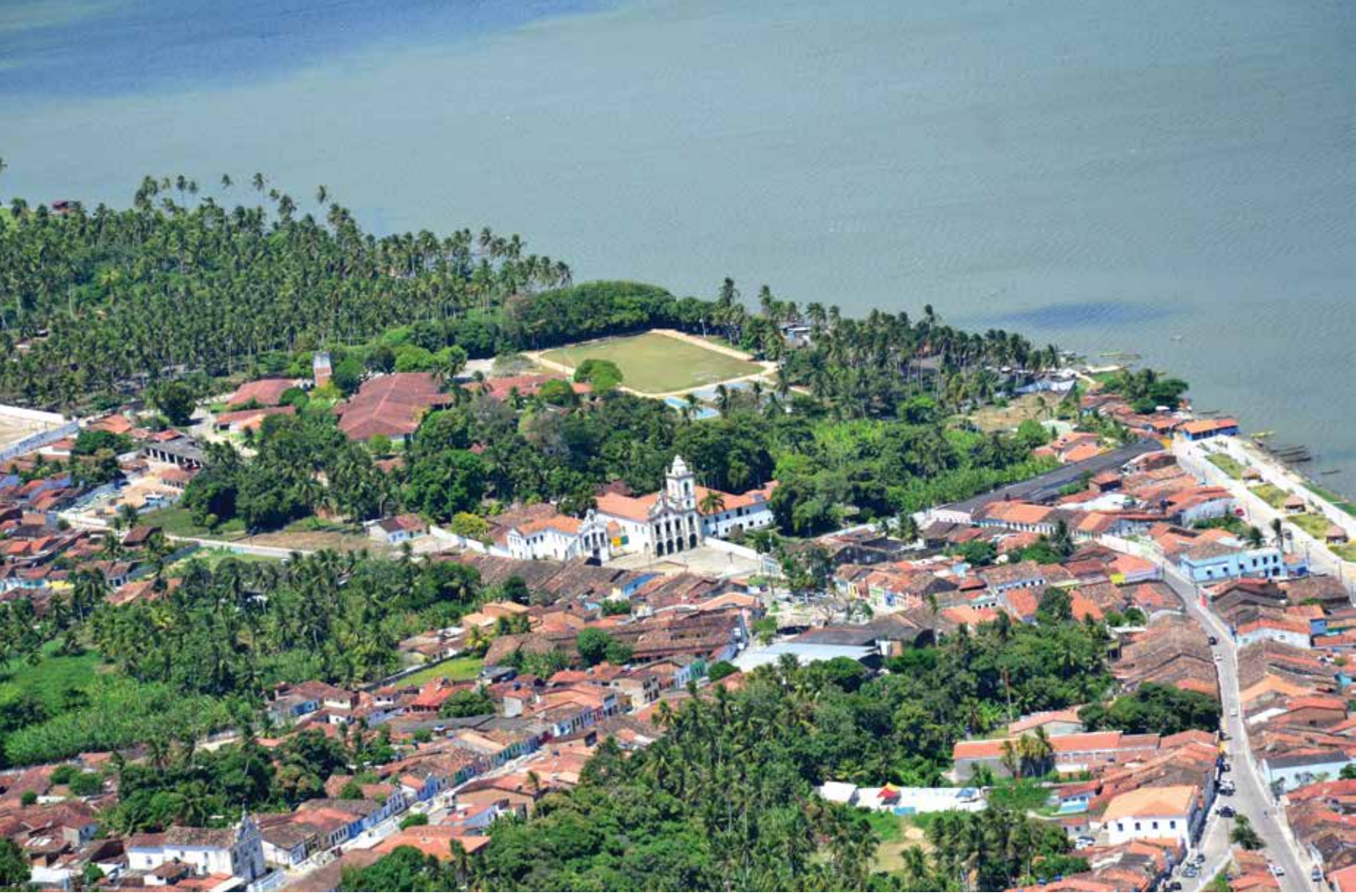
As festas de São José, Nossa Senhora da Boa Viagem e São Pedro, cada uma com o seu rito e trajeto tradicional, são ainda relativamente veneradas e costumam atrair fiéis, sobretudo para as procissões do último dia de festa. A festa de São Pedro acontece quase toda em percurso aquático. Barcas vindas da outra margem (povoado da Massagueira) transportando charolas e devotos atravessam a lagoa e são recebidas na ribeira por banda de música que conduz o cortejo até a capela de invocação do santo, para uma missa campal.

Apesar de um gradativo esfriamento devocional da população, perceptível ano a ano, toda essa tradicionalidade católica, essencialmente vinculada a procissões, decorre do processo da "culturalização" colonizadora que se tornou característica da própria "história do lugar", conforme expressou a fala de um morador muito ligado à tradição musical e artesanal da cidade:

> A Marechal de hoje é uma beleza! Tanto pela música, como pela lagoa, pela vizinhança das casas, pela fresca dos quintais, e pela religião daqui, de muita procissão. É!!_E o mais "incrive" (sic.), é que é igualzinho à Marechal do passado. Mas, espie só, não é do meu passado que "tô" falando. É do passado da história do lugar[54].

53. CORDEIRO e SANTANA, 2001: 22.

54. Mestre Zé Bispo, 80 anos, mestre da Banda de Pífanos e escultor de bonecos articulados de madeira. In: FERRARE, 2006: 406.



## O convento como uma microcidade: repercussões urbanas na arquitetura do convento de Madalena

*Roseline Oliveira*

Ainda hoje, o Nordeste brasileiro carrega em sua paisagem fortes memórias coloniais, desde núcleos urbanos como Olinda, com um expressivo traçado seiscentista, até singelos povoados, a exemplo de Vila Velha de Itamaracá, com as ruínas de seus primeiros edifícios.

Esses remanescentes devem-se muitas vezes ao esquecimento ou à proteção artificial, pois, para permanecerem, inevitavelmente lutam contra o avanço da idade urbana que suporta as interferências do tempo e intempéries.Tanto quanto um fato social, o movimento dos pés, da água e do sol deixa suas marcas na superfície do ambiente construído: as marcas do desgaste e da necessidade ou desejo de renovação. Assim, a paisagem edificada muda com as pessoas. Os edifícios adquirem outros usos, outras formas e, por extensão, são percebidos de outras maneiras, mesmo que, sob olhares desatentos, sua fisionomia pareça a mesma pelo peso de sua história de longa duração.

No contexto da contemporaneidade, cada vez mais, ambas as condições – de imutabilidade e de vulnerabilidade da face concreta da arquitetura – atraem em termos patrimoniais. Contudo,

Vista do núcleo urbano colonial da atual cidade de Marechal Deodoro, enquadrando o convento de Santa Maria Madalena nas proximidades da lagoa Manguaba. Foto do Arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, s/d.

*View of the Colonial urban nucleus of what is now the town of Marechal Deodoro, framing the Convent of Santa Maria Madalena in the vicinity of the Manguaba Lagoon. Photograph from the Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, n/d.*

a noção de patrimônio normalmente inclina-se para a contemplação estética da arquitetura, que tende a desconsiderar uma série de aspectos de cunho prático que pressupõem a sua construção. Um ambiente de raízes coloniais, ou de qualquer outro tempo, resulta de decisões: onde construir, que materiais e técnicas adotar, que dimensões e desenhos espaciais combinar... Um processo que fundamenta a lógica de um núcleo habitado, seja na escala urbana, seja na arquitetônica. Assim, antes de adquirir uma forma, a intervenção física no espaço é uma ideia.

Partindo desse ponto de vista, a estrutura urbana teve um papel bem definido nos dois primeiros séculos de efetiva ocupação do Brasil. Após terem vencido os mares, os colonizadores se depararam com o desafio de dominar o novo território até então marcado pela presença dos homens nus e suas ocas. Mapas e escritos eram expressões de conhecimento. Funcionavam como orientadores de percursos, registro de lugares e, por extensão, uma espécie de certidão de posse.

Mas essas marcas de papel não garantiam o domínio territorial. Era preciso tornar a presença colonizadora visível. Era preciso, pois, marcar a paisagem.

Várias foram as estratégias expansionistas no sentido de dar visibilidade a essa ocupação para que os europeus dominassem politicamente essa parte do Novo Mundo e, principalmente, para reconhecê-lo. A divisão abstrata da nova terra em Capitanias Hereditárias antecedeu as efetivas ações dos portugueses relativas à criação de núcleos habitáveis. Vilas e cidades foram sendo construídas, na medida em que se davam conta de que a expansão territorial lusitana não seria consolidada apenas através de embates com o suporte das feitorias e fortificações[55], e sim através da tranquilidade da moradia, dos complexos edificados que abrigassem pessoas, permitindo a sua permanência. Para ocupar a nova terra de forma definitiva era preciso, portanto, urbanizá-la.

Durante os primeiros cem anos de efetiva colonização das terras brasílicas, centenas de povoações já se encontravam consolidadas em sua costa marítima, apresentando níveis de desenvolvimento urbano diferenciados. Os locais de permanência precisavam de certo aparato para funcionar enquanto tal. O conjunto edificado de vilas nordestinas era composto basicamente de casas, igrejas (ou capelas) e portos. Seus edifícios eram locados em sítios caracterizados

55. Partindo do estudo das cidades coloniais implantadas no Norte do Brasil durante o século XVIII, Renata Malcher de Araújo afirma que "a estrutura comercial marítima utilizava-se, em termos, do estabelecimento de feitorias. Estas, em princípio, pouco mais seriam que locais de armazenamento de mercadorias estabelecidos no litoral com a autorização dos governantes locais. Um elemento, no entanto, transformará a feitoria comercial em território do império – a fortificação. O ato de 'fazer fortaleza' aparece citado com orgulho nas crônicas da Índia, como garantia da soberania portuguesa. À sombra das fortificações, no território por elas estabelecido, surgiram os princípios de instalação urbana. Na repetição deste processo funda-se o paradigma inicial do urbanismo da expansão portuguesa, que associa a cidade à fortificação". (ARAÚJO, 1998: 22)

pela presença de massas de água (rios e lagoas) e pelo relevo acidentado, de cotas elevadas em relação ao nível do mar. A escolha do sítio era norteada por uma série de fatores, entre eles: a economia e as potencialidades de movimentação comercial da situação geográfica, essencialmente gerada pelos complexos de engenhos de açúcar; a subsistência, para garantir a permanência de pessoas; e a segurança, tendo o sítio como um aliado das necessidades de proteção contra invasores, fossem eles nativos ou estrangeiros[56].

A ocupação urbana ao longo da costa, como aconteceu na região Nordeste, foi favorecida porque os planaltos que marcavam as regiões distantes do mar eram vistos como desprotegidos contra os indígenas estabelecidos nas áreas de mata. Além disso, a dependência econômica da colônia, tanto em relação a Portugal como também em relação ao centro econômico local representado pelos engenhos, influenciou essa escolha, pois os primeiros conjuntos edificados desse tipo foram alocados em sua maioria nas áreas planas, próprias para as plantações, próximas a rios e lagoas, favorecendo o escoamento da produção[57].

Essa ideia geral acerca da expansão territorial do império português em termos de ocupação urbana da colônia aproxima a aparência de seus povoados, mas suas instalações não obedeceram a um modelo predefinido. Havia nos séculos XVI e XVII, por parte dos portugueses, uma flexibilidade e capacidade de adaptação devido à infraestrutura disponível e à geografia inerentes ao processo de urbanização. Isso resultou, no caso do Nordeste, em paisagens de feições personificadas, considerando as inegáveis variações das expressões do sítio geográfico que permitiram a formação múltipla de resultados paisagísticos[58].

A vila de **Santa Maria Madalena** insere-se nesse contexto inicial da construção da paisagem nordestina. Na sua ocupação seiscentista, casas, igrejas, convento e ancoradouros articularam-se atrelados a uma lagoa. Esta funcionava como via de transporte, atraindo a permanência de pessoas cujos movimentos também modelaram o lugar, marcando caminhos e definindo percursos. A estabilidadeurbana nesse mesmo momento e ambiente físicose dá em diferentes escalas. Cada espaço construído que compõe a paisagem edificada embrionária – pontes, ancoradouros e edifícios – tem um jeito próprio de se colocar no ambiente natural e um desenho e estruturas físicas internas definidos por determinadas funções que garantem a permanência

56. REIS FILHO, 1968.

57. Segundo Aroldo de Azevedo (1956: 19), "*os aglomerados urbanos, no século XVI, além de tipicamente marítimos, surgiram de maneira isolada e esparsa, constituindo verdadeiros 'nódulos' de população no imenso 'deserto' humano do Brasil de então*".

58. Explorando ideias que, de forma sintética, oscilam entre a espontaneidade e a racionalizadade do processo inicial da formação da cidade no Brasil, alguns autores são referências clássicas para essa discussão (sobretudo baseada nas expressões do traçado, do desenho urbano, especificamente referente a sua adjetivação – formal, informal, regular, irregular, espontâneo, planejado), tais como Aroldo de Azevedo, Sérgio Buarque de Holanda, Nestor Goulart Reis Filho e Paulo Santos.

de pessoas, respondendo às necessidades desua habitabilidade. Então, por questões de funcionamento, as vilas e cidades são elas mesmas compostas por vários núcleos habitados.O convento é um deles. Abriga, de forma definitiva, uma comunidade religiosa. E, por esse motivo, difere de outros abrigos, na medida em que comporta um programa arquitetônico complexo, de certo porte volumétrico, com o caráter autossuficiente próprio da arquitetura monástica[59]. Entretanto, o que faz um edifício ser alocado nas proximidades de uma lagoa, numa área de relevo acidentado, enquadrar um pedaço de um córrego e se apropriar de uma generosa porção de terra livre, como o Convento Franciscano de Santa Maria Madalena?

## O convento e o núcleo urbano

A conduta erudita dos franciscanos e a longa história da Ordem, capaz de atribuir experiência e solidez à arquitetura dos conventos, afastam a ideia de que sua instalação física no meio urbano seja obra do acaso. O que leva o convento a dispor de determinados ambientes e a se colocar de determinada maneira no sítio é uma forma de pensar.

Parte dessas questões acerca das condições urbanas primeiras da arquitetura, quanto à situação e à posição desse edifício, podem ser justificadas por fatores canônicos relativos ao franciscanismo, tais como a tendência para a ocupação de sítios elevadose a busca por áreas salubres. Além disso, sua sede deveria estar fisicamente próxima da comunidade, de maneira a favorecer o exercício da mendicância, e ao mesmo tempo em área não contígua ao aglomerado urbano para permitir a prática cotidiana da reclusão[60].

Para tanto, era inevitável considerar as edificações preexistentes: o convento seria construído num local que já dispunha de certa infraestrutura urbana, pois foi requerido pelos próprios moradores. Nessa perspectiva, escolher um terreno para ser dos franciscanos, considerando a estrutura já montada constituía o primeiro desafio de cunho técnico para a instalação do edifício.

O processo de expansão da antiga vila até a sua atual feição municipal incorporou essa primeira atmosfera urbano-paisagística: uma fortificação, casas geminadas de fachadas simples e dimensões singelas que delimitam os caminhos estreitos ligando suas primeiras igrejas. Uma delas, a matriz, está situada numa porção de terra privilegiada em termos de visibilidade do

59. Apesar da autossuficiência do convento franciscano de Madalena não exigir o total isolamento físico de seus moradores, esse caráter segue a essência do modelo embrionário desse tipo de arquitetura, qual seja, o do mosteiro cisterciense "construído de tal modo que tudo o necessário, isto é, a água, o moinho, o jardim estejam no interior do mosteiro e que aí se exerçam os diferentes trabalhos, para que os monges não sejam forçados a dirigir-se ao exterior [...]". (MARQUES, 2006: 12-13)

60. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, Livro IV, Título XVII, nº 687. Ressalta-se que o Convento de Santa Maria Madalena não ocupa a região mais alta do núcleo urbano, na época já ocupada pela igreja matriz da vila.

entorno e de si mesma, tornando-se uma expressiva referência urbana a partir da perspectiva do seu principal acesso terrestre e da lagoa.

Essa ocupação seiscentista do espaço geográfico foi registrada iconograficamente e, nessas imagens, o convento franciscano ainda não aparece, obviamente, por sua construção não ter sido iniciada no momento em que foram elaboradas[61]. Naquela intitulada *Pagus Alagoa Australis*, além da suposta via aquática, três marcações de caminhos terrestres são claramente desenhados: um é longilíneo, central, enquadrado pelo alinhamento abstrato das casas e igrejas; outro, que contorna uma delas; e um terceiro, desacompanhado[62], com significativa extensão, que liga a contiguidade de edifícios e a lagoa.

Essa região, afastada do núcleo habitado e próxima da margem lagunar, com um leve declive em relação ao seu nível, abrigou o convento doze anos após o registro do período holandês. A sobreposição de uma imagem de época a um mapa atual do antigo núcleo mostra que um caminho, a lagoa e o arranjo construtivo da própria vila certamente estimularam a instalação dos franciscanos. Ou seja, para além dos limites físicos de seus muros, a arquitetura do convento relacionou-se com as outras estruturas edificadas da vila que o sediou. A situação urbana dessas estruturas, que norteou a definição da malha viária, justifica em parte a localização do Convento de Santa Maria Madalenaem área limite da vila, demarcando uma de suas extremidades.

A localização do convento não só garantia seu afastamento inicial da contiguidade urbana, como também, por esse mesmo motivo, uma condição de destaque dentro da feição da vila[63]. Por isso, revela-se como um dos edifícios de caráter religioso cuja fachada frontal pode ser contemplada de um determinado ângulo de visão a partir de seu principal acesso desde a época colonial – o lacustre – mesmo estando voltada para a malha viária da vila.

Obviamente, esse destaque também decorre do seu porte físico. Na qualidade de complexo edificado, o convento, comportando uma série de espaços que o qualificam como um tipo[64],

61. Essas imagens integram o livro de Gaspar Barléus que narrou de forma minuciosa a atuação do Conde Maurício de Nassau no Brasil em sua obra *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil.* Publicado em 1647, o livro é magnificamente ilustrado com mapas, plantas e vistas produzidos por George Marcgrave e Frans Post,respectivamente.

62. Termo utilizado por Diogo de Campos Moreno, **cosmógrafo** real, no registro textual acerca da situação de isolamento das igrejas quinhentistas da Vila de Olinda. (MORENO, 1616: 80)

63. Destaque paisagístico resultante de uma decisão de cunho prático (o isolamento espacial) que, por razões outras, foi adotada na produção arquitetônica do renascimento e do barroco europeu e, séculos mais tarde, será assumidamente tomado pelo Movimento Moderno como artifício de composição arquitetônica para atingir o mesmo fim: o realce.

64. Tipo pode ser definido como "enunciado lógico que está antes da forma e que a constitui" (ROSSI, 1977: 42). Trata-se de um conjunto coeso de princípios ou regras elementares, estabilizados através de processos de longa duração, que antecedem e informam as escolhas formais com que se revestem os objetos arquitetônicos.



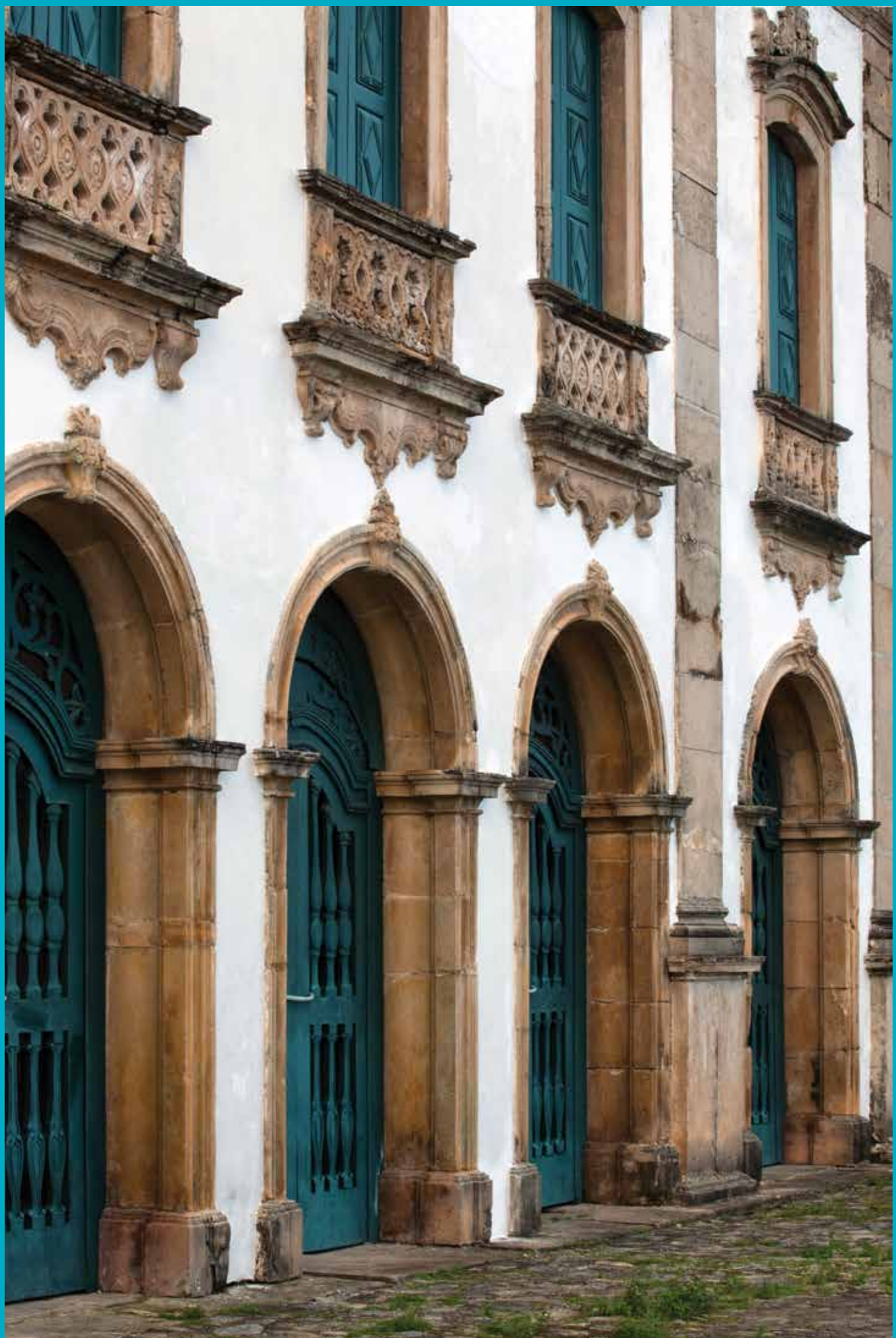
O Convento de Santa Maria Madalena na atual feição urbana da cidade de Marechal Deodoro, vista a partir da lagoa Manguaba. Foto de Alice Jardim, 2010.

*The Convent of Santa Maria Madalena as it appears today in the town of Marechal Deodoro, seen from the Manguaba Lagoon. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

apresenta um arranjo espacial que permite a visitação e a permanência de pesssoas. Sua composição dispõe de ambientes "micro", como as celas e o refeitório, e "macro", a exemplo da cerca, do adro e do volume edificado, como a igreja e a residência franciscana, cujas dimensões e formatos têm uma grande repercussão na vila em termos morfológicos[65].

Portas abrem o convento para a comunidade, mas é o adro que a recepciona. Ele interfere na paisagem urbana como um espaço amplo, livre de construções. Com o tempo, sua configuração, que se estende em direção ao interior da vila, foi sendo demarcada pelas próprias fachadas das casas, continuando um caminho, de maneira a ligar as duas estruturas – a arquitetônica e a urbana. Participa do programa de necessidades do complexo edificado, funcionando, em seu sentido original, como extensão da igreja, pois permite o agrupamento de fiéis e a realização

65. Segundo Theodyr Augusto de Barros, "os primeiros arruamentos da cidade formaram-se em torno dos largos do convento, da Matriz e em volta das igrejas do Rosário e de Nossa Senhora do Carmo". (BARROS, 1981, v. XXXVII: 107)



À esquerda, detalhe da portada frontal da igreja conventual. À direita, fachada lateral da Igreja da Ordem Terceira. Fotos de Nelson Kon, 2012.

*To the left, detail of front doorway of the convent church. To the right, lateral façade of the Church of Ordem Terceira. Photographs by Nelson Kon, 2012.*



de manifestações religiosas. Suas dimensões generosas em relação a outras áreas edificadas na vila garantem ao convento a possibilidade de ter seu rosto visualmente contemplado, preparando a população para acessá-lo.

Nessa abertura comunitária que o adro anuncia, o volume edificado do prédio, cúbico e alto, formado pela igreja e pelo espaço de moradia dos frades, é o anfitrião. Como a Igreja da **Ordem Terceira** foi construída *a posteriori*, essa fachada frontal introduzida pelo adro era marcada inicialmente por dois acessos: o da igreja, pública, aberta aos fiéis, e o da portaria, restrita aos seus moradores. Nessa parte do edifício, cujos ambientes são distribuídos em três pavimentos (dois correspondentes e um intermediário), o **claustro**, uma área quadrada descoberta, articula os conjuntos de ambientes que formam as zonas comuns e a de serviço, garantindo tanto a circulação como a coesão ao conjunto.

Seu último acesso é privado e situa-se em outra área livre generosa de que o convento precisa: a cerca. Sua extensão atribui ao edifício uma imponência volumétrica em termos de proporção urbana. Se o adro avança para a vila, para o núcleo urbano, a cerca se estende para forado volume edificado, chegando às margens da lagoa. Claramente delimitada graças a muros, a cerca constitui um espaço privado voltado para a execução de uma série de serviços essenciais



Na página ao lado, Igreja da Ordem Terceira e, em destaque, a igreja conventual. Fotos de Nelson Kon, 2012.

*On the opposite page, the Church of Ordem Terceira and the convent church as a highlight. Photographs by Nelson Kon, 2012.*

à subsistência dos que habitam o convento, incluindo os domésticos, o cultivo de alimentos e a criação de animais, bem como a provisão de água.

Assim, o edifício não se encerra em si mesmo. Sua destinação interferiu na escolha do espaço que ocuparia, em sua disposição no terreno, na criação dos acessos e nasdiversas relações que a formação de um ambiente aquitetônico requer, sobretudo em um convento submetido ao programa básico dos franciscanos, marcado pela autossuficiência.

## O CONVENTO E O SÍTIO

Nessa perspectiva, considerando os múltiplos espaços dos quais o convento precisaria para funcionar, sua situação geográfica também deveria favorecer sua manutenção. Além da ordem religiosa, da tipologia arquitetônica e da própria estrutura urbana, o espaço natural se coloca como outro critério que influencia o processo de instalação física desse edifício, cujo posicionamento da sua estrutura macro mostra que a escolha do espaço a ocupar considerou não apenas os impactos do arranjo urbano da vila sobre o convento, e virce-versa, como também a própria lógica de funcionamento interno do edifício, que deveria atender a uma série de demandas práticas para garantir a permanência de seus moradores.

Para tanto, sua disposição arquitetônica se apropriou da dinâmica natural do sítio, aproveitando, por exemplo, os desníveis do terreno para assegurar as condições de subsistência e higiene. Em vez de localizar-se em ponto de cumeada, o edifício foi implantado estrategicamente em terreno abaixo de um curso de água potável para que esta fosse captada por gravidade. Tal aproveitamento engenhoso dos cursos naturais da água também pode ser percebido no posicionamento das latrinas, situadas na porção superior do edifício junto às celas, as quais se valem de um espaço inferior para a caída dos dejetos e dos dutos para escoamento das águas pluviais[66].

O convento mostra que a morfologia topográfica que definia o movimento do córrego e a sua absorção no programa do prédio foi arquitetonicamente apropriada para favorecer as demandas hidráulicas do convento. Da mesma maneira, o complexo da cozinha, o refeitório e a cerca, onde as atividades de trabalho de subsistência são exercidas, orientam-se para a lagoa, em

66. De acordo com o arquiteto Virgolino Ferreira Jorge (2006: 85-86), "a disponibilidade de água potável é indispensável à subsistência normal de uma comunidade humana fixa; daí sua importância decisiva nas preocupações da escolha do sítio de fundação de uma abadia cisterciense. O mosteiro para funcionar em condições sanitárias adequadas carecia de uma dupla infraestrutura hidráulica sólida e técnica eficiente, na forma e no traçado, desde a captação de água pura corrente, seu transporte e distribuição pelo interior do mosteiro, até a evacuação das águas residuais. Os monges necessitavam de sistemas de abastecimento de água para a cozinha, para beber, para sua higiene pessoal (abluções, barbear, tonsurar, etc.), para o saneamento das latrinas e, ainda para fins agrícolas (irrigação dos jardins e pomares) e atividades industriais (acionamento de nora, moinhos, forjas, etc.)".







Na página dupla anterior, claustro. À esquerda, porta de acesso ao altar-mor da igreja conventual. Fotos de Nelson Kon, 2012.

*On the previous double page, cloister. To the left, doorway to the high altar in the convent church. Photographs by Nelson Kon, 2012.*

direção ao até hoje conhecido como porto dos frades ou do convento, caminho determinado para o trânsito de produtos.

Nesse arranjo de ocupação espacial, mais que um suporte para a arquitetura, a água e a terra participavam ativamente desse processo de apropriação, gerando material construtivo (como a madeira), alimento, insinuando passagens, zonas de uso, delineando a paisagem edificada.

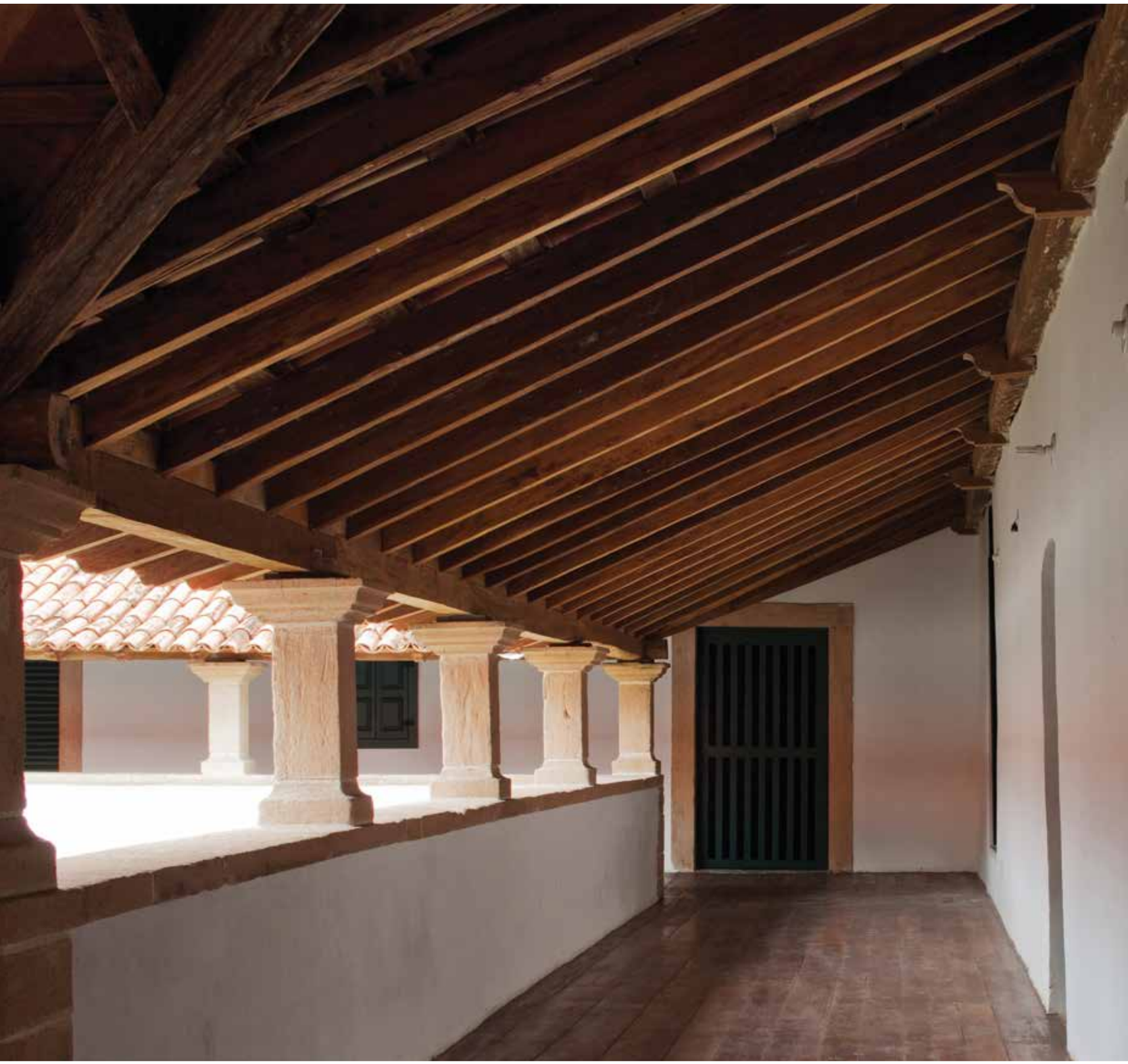
Essa relação de intimidade entre edifício e sítio, como a que o Convento de Santa Maria Madalena apresenta, participa de um diálogo que marca o percurso histórico da arquitetura. Por muito tempo, a dinâmica da geografia foi a grande aliada dos construtores em benefício da comodidade, a exemplo dos arranjos construtivos clássicos, como os antigos teatros, cujas arquibancadas se alinhavam à declividade do terreno, e aquedutos que se valiam de uma inclinação mínima das arcadas para promover o escoamento da água.

Tais limitações foram, aos poucos, sendo superadas pelas inovações tecnológicas que potencializaram as soluções técnicas, criando maior autonomia das construções em relação a sua situaçãogeográfica e movimentação dos recursos naturais. Mas, algumas ações relativas à percepção tridimensional do espaço, por motivos variados, persistiram. Diante das posturas de adaptação arquitetônica do convento, era preciso pensar nas condições atmosféricas, na dinâmica do vento e do sol e em seu comportamento quanto ao conjunto edificado para garantir o bem estar físico de seus moradores. Ou seja, para além dos movimentos da água e a forma do terreno, as variações climáticas também se colocam como definidoras da composição de seus ambientes.

A frente do convento, o qual tende para uma forma quadrangular[67], está voltada para o Sul e a maioria de seus ambientes está disposta de maneira a aproveitar a luminosidade nascente e o direcionamento dos ventos frescos (Nordeste e Sudeste) predominantes na região.

Do ponto de vista do conforto térmico, parece não haver uma hierarquia espacial. A maioria dos ambientes conventuais é favorecida pelo sombreamento e frescor derivados da sua orientação. Mesmo a igreja, que tem uma de suas laterais voltada para o Oeste, se beneficia termicamente dos vãos estreitos, que intimidam a incidência solar, e paredes espessas, com alta inércia térmica. Seu volume, delimitado por septos altos, também funciona como proteção para a ala Oeste do convento propriamente dito.

67. Segundo Henry Koster (1978: 44), viajante inglês que percorreu o Brasil durante o final do século XIX, "os conventos de S. Francisco são todos construídos exatamente segundo um plano idêntico: tem a forma de um quadrângulo, sendo um lado dedicado a Igreja e os outros três restantes para celas e demais usos, as celas em primeiro lugar. Entra-se por uma galeria que volteia o edifício. Os leitos que os frades usam são duros mas aceitei-os depois da nossa jornada".



À esquerda, alas superiores do claustro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, upper wings of the cloister. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

As aberturas das janelas e do claustro permitem que a luz percorra os ambientes de maneira contida, mas intensa. A uniformidade de sombra em seu interior confere ao convento a intimidade correspondente aos seus propósitos. No recinto conhecido como mirante, por exemplo, que se abre para uma paisagem quase panorâmica constituída de vegetação, insinua-se a tranquilidade necessária a esse ambiente destinado à contemplação, seja da paisagem, seja dos livros. Portanto, as demandas funcionais do convento tiraram proveito do posicionamento de seus espaços em relação aos pontos cardeais para garantir-lhes grande conexão entre interior e exterior[68].

Se, para o convento funcionar, o diálogo entre arquitetura e sítio foi necessário no contexto colonial em que se inseria, a sua aparência formal também resulta de razões contextuais, de uma personalidade histórico-social[69]. No século XVI, e especialmente no XVII, as terras brasílicas eram tidas não apenas como propriedade de expansão política, mas também como objeto de exploração. Paisagem inspiradora e estimulante, sobretudo pelo seu caráter de novidade, o Nordeste foi tema das primeiras imagens do Novo Mundo e fonte para ricos registros etnográficos e enciclopédicos.

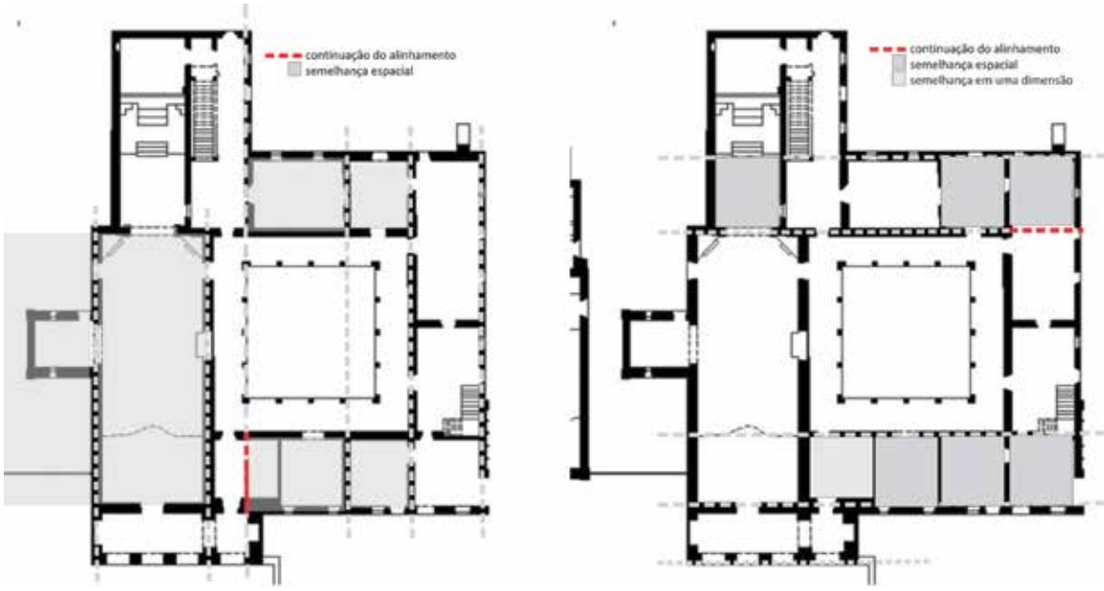
O processo de formação de novo território, contudo, carregaria os conceitos e as experiências ocidentais seculares na construção de edifícios e cidades, como aqueles defendidos na Antiguidade por Marcos Vitrúvio Polião – registradas em seu tratado *Re Architectura* (40 A.C.) e atualizadas por Leon Battista Alberti (1404-1472), cujas ideias fundamentaram a Idade Moderna. Um momento marcado pela superação de preconceitos estimulados pela curiosidade, pela admiração de descobrir e conhecer, entendendo o mundo através da dedução lógica sob a lente da razão. Uma tomada de consciência que transcende o discurso, passando a explicar a natureza, seus movimentos e suas dimensões espaciais.

As formas planificadas do convento são, pois, fruto do amadurecimento da mentalidade de uma época que se vale de práticas medievais, mas também das conquistas trazidas pelo avanço da lógica matemática e do empirismo pragmático vigentes na Europa[70]. Suas expressões físicas constituem-se de alinhamentos retilíneos das paredes e de formas retangulares dos ambientes, aspectos que fundamentarão o sistema teorizado no século XVII por Renée Descartes – o tão conhecido plano cartesiano.

68. Interior/exterior*:* dicotomia que se apresenta no espaço conventual através da disposição dos cômodos, das permissões de acesso restritas e também em relação ao indivíduo, o homem exterior, ligado à vida terrestre e o homem interior, ligado à introspecção e à elevação espiritual.

69. Personalidade social: termo definido por Joseph Rykwet (2006: 241) sobre a consciência humana de se posicionar frente à dinâmica de um certo ambiente e modelá-lo com características inerentes à sua imagem.

70. Já no final da Idade Média, os portugueses se valiam de certas leis de ordem espacial para proceder às intervenções urbanas em Lisboa, tais como medidas de arruamentos, de limites de lotes e mesmo de dimensões de elementos arquitetônicos como portas e janelas e a distância entre elas. (CARITA, 1999: 150)




À esquerda, esquemas gráficos marcando os alinhamentos de paredes do convento e seus espaços retangulares. Percebe-se a aparente correspondência entre a largura da igreja do convento e sua distância lateral da Capela da Ordem Terceira. À direita, esquemas traçando uma malha gráfica na área interna do convento e marcando os ambientes formados por módulos de 3x3m. Infográficos de Flávia Cerullo.

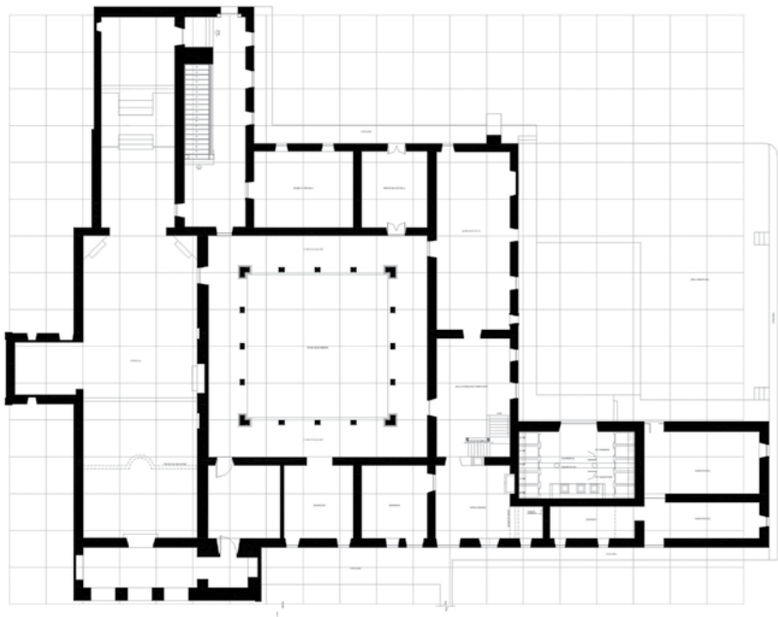
*To the left, graphic schemes marking the alignment of the convent walls and its rectangular spaces. Notice the apparent correspondence between the width of the convent church and its lateral distance from the Chapel of Ordem Terceira. To the right, schemes outlining a graphic grid in the convent's inner area, and marking the spaces formed by modules of 3x3m. Infographics by Flávia Cerullo.*

A distribuição de seus espaços internos sugere ter sido moldada pelo claustro, tanto por suas proporções avantajadas em relação aos demais recintos, quanto pela sua localização central dentro do corpo do edifício, quando se desconsidera o peso compositivo, em termos de área, dos dois outros espaços descobertos que configuram o conjunto: o adro e a cerca, apesar destes últimos também acompanharem as expressões retilíneas do prisma edificado.

O desenho do conjunto, partindo da correspondência e alinhamento das paredes e espaços, nos sentidos transversal e longitudinal do edifício, insinua que sua lógica de concepção e construção seguiu um tipo de sistema de proporções geométricas, ou seja, do entendimento da influência do número e das figuras sobre o arranjo espacial franciscano. Se ampliada para as extremidades do complexo, a diagramação do formato do claustro revela dois módulos: um enquadrando esse ambiente, duas alas e grande parte da igreja; outro correspondendo à área de parte da sacristia e das áreas de serviço[71].

As medidas de seus ambientes revelam um sistema de proporção entre elas, como a relação métrica aproximada de 18, 9 e 6 metros, para as larguras do claustro, igreja e galerias do claustro, respectivamente, números que relacionados indicam a derivação de uma malha geométrica ortogonal de módulo 3x3 metros. Essa malha modular, por si só, já garante ao convento uma lógica racionalizada de espacialização. Mas, o número três em si fortalece a ideia de eloquên-

71. Estudos sobre a métrica do convento foram realizados juntamente com a arquiteta Flávia Cerullo.





cia arquitetônica que se remete a doutrinas místicas. O triângulo, no contexto cristão, pode representar graficamente a Trindade. O **cordão de três nós** dá forma aos votos franciscanos – obediência, castidade e pobreza –, os quais sintetizam a maneira de seus seguidores se portarem diante do mundo.

Essa lógica conjectural de composição e disposição dos ambientes evidencia espacialmente os aspectos de racionalidade tão presentes no corpo edificado do convento quando observado em conjunto. Compartilhando estratégias compositivas clássicas, presentes no sistema de proporção de antigas esculturas gregas, no processo de elaboração dos arcos ogivais de catedrais góticas, nas cidades ideais renascentistas, e mesmo na arquitetura moderna ortodoxa da primeira metade do século XX[72], o edifício molda-se à geometria básica, à figura do quadrado, em que não apenas seus espaços exercem funções específicas, como também sua aparência o faz. As linhas retas, a repetição, o sistema modular demonstram uma suficiência guiada pela previsibilidade que combina com a rotina disciplinar dos frades. Se esta inibe o som da palavra, a arquitetura é tomada como linguagem. Sua espacialidade ajuda, pois, os moradores a serem e a fazerem o que se propõem. É uma extensão deles mesmos.

72. A estrutura arquitetônica clássica de um convento e sua solução prática foi tomada por Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887-1965), mundialmente conhecido por Le Corbusier, figura emblemática da idealização e concretização da Arquitetura Moderna, como exemplo paradigmático de autossuficiência, fundamentando suas teorias funcionalistas aplicadas em vários de seus projetos de edifícios e de cidade. Para Alan de Botton (2007: 59), o arquiteto entendia que "o que o homem moderno precisa é de uma cela de monge, bem iluminada e aquecida, com um canto de onde possa olhar as estrelas".



## O CONVENTO COMO UMA UNIDADE DE HABITAÇÃO

Vê-se, assim, que a estratégia de projeto do complexo conventual está bem longe da aleatoriedade. Assim como o alfabeto decodifica sons, a arquitetura dá forma a uma ideia. O desenho, a disposição dos espaços e a localização urbana formalizam a ideia de convento na Vila de Santa Maria Madalena.

Complexo conventual visto a partir do quintal. Foto de Nelson Kon, 2012.

*Conventual complex seen from the backyard. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Esse jogo compositivo define-se, em primeira instância, na articulação entre arquitetura e natureza, a qual parece ter sido o maior desafio enfrentado no processo de idealização e construção do edifício, que se ajustou à geografia, chegando a dominá-la.

As expressões físico-funcionais do convento, que se encontra em situação privilegiada em termos de leitura arquitetônica, tendo mantido sua coesão espacial, permite-nos perceber que, no processo de constituição da paisagem, as características geográficas de um lugar não se



manifestam apenas como um palco das trocas do espaço urbano. O sítio também se coloca como protagonista na construção de um edifício, influenciando a escolha de uma determinada área para ocupar e sua disposição de uma determinada maneira no terreno. Então, de certa forma, o sítio natural também escolhe o que sediar.

O embate entre arquitetura e geografia, ainda que dificilmente percebido, mostra como o convento se apropriou do sítio, revelando sua dependência da Vila de Madalena. O edifício constituiu demandas que estabeleceram uma série de trocas com o lugar, fazendo com que, por outro lado, em termos de formação urbana, a própria Vila também precisasse dele.

Tal como um núcleo a ser habitado,que compunha sua paisagem construída a partir de arranjos de necessidades pactuados com as expressões do sítio, a construção do Convento de Santa Maria Madalena naquele determinado lugar também pressupunha ajustes físicos decisivos para acontecer, na medida em que guardava uma complexidade de programa e funcionamento. A autossuficiência que caracteriza o conjunto do convento o aproxima da ideia de cidade, vila, povoado, pois carrega essencialmente a noção de reunir pessoas que habitam um mesmo espaço, ocupam uma determinada área geográfica, diferenciando-a do restante no meio físico.

Trata-se de um complexo edificado, um pequeno núcleo articulado que consegue se manter, permitindo abrigar de forma eficiente um certo número de pessoas, aspecto urbano que transformou o convento numa referência de articulação espaço-funcional para propostas de cidade no século XX, enquadrando-se, mesmo com a sua atmosfera secular, no conceito moderno de unidade de habitação[73].

Essas referências teóricas que justificam a aparência do convento por fora e por dentro atribuem importância a um aspecto pouco reconhecido quando se trata de um edifício de valor patrimonial como o complexo conventual de Santa Maria Madalena: o pragmatismo franscicano em termos de estratégia de projeto, de lógica funcional. Isso está tão arraigado à sua arquitetura que, talvez, seja o motivo pelo qual o convento tenha comportado as demandas de outros usos e suportado vários ajustes estilísticos e funcionais. O conjunto resistiu, portanto, a acréscimos e retiradas, ainda conseguindo, através da estrutura física da arquitetura, expressar a ambiência de sua forma primeira de abrigar.

73. A exemplo dos projetos de Le Corbusier para o Convento de Saint-Marie-de-la-Tourette (1953-1960, Lyon, França) e para a Cidade Radiosa ("Unidade de Habitação" de Marselha, com 140 metros de largura e 70 de altura, baseada no sistema do Modulor, composto de diversos tipos de apartamentos para comportar formas distintas de morar).(CORBUSIER, 1987)

## Vozes franciscanas em Marechal Deodoro: contas de um rosário urbano

*Maria Madalena Zambi*

Em Marechal Deodoro, o Convento de Santa Maria Madalena está inscrito no horizonte de múltiplos pontos de vista da paisagem. Para os moradores que tecem com a edificação laços mais estreitos, o tempo vivido no território de pertença possui marcos importantes, tais como datas, eventos que compõem a memória e se cruzam com a história do próprio convento. Para muitos, reencontrar o convento é reencontrar o próprio passado. Quando isso acontece, o parto das lembranças se faz sem muito esforço.

Para uma aproximação do sentimento que as pessoas têm por este convento, compartilhamos interesses e afetos que se desenrolam na vida diária local. Ali mesmo, pelas ruas, dentro das casas, nas oficinas de restauro, nos espaços destinados ao lazer, nas sedes de filarmônicas, em praças e igrejas, observando a trama dos filés[74] e as embarcações, conversamos com as pessoas do lugar e procuramos captar o sentido do convento no mundo delas. Isso foi possível observando como falam sobre o edifício e suas transformações ao longo do tempo e como comunicam o conhecimento que têm do convento, com os elementos que o singularizam tanto em sua materialidade quanto em sua imaterialidade.

A história oral tem como matéria a memória, que ajuda a acrescentar novos detalhes, ou mesmo resgatar outras memórias do convento. Certamente, a edificação por si só já é estímulo que desencadeia o processo de associação e de rememoração. Entretanto, quando a tarefa é a reconstrução do passado, do cotidiano do convento, as pessoas têm a memória do uso mais recente da edificação: como orfanato, para a promoção de bailes, festas santeiras e para a celebração de missas.

Apesar dos depoimentos transcritos não trazerem dados sobre o cotidiano dos frades, os testemunhos acessados têm conteúdo e valor como elemento constitutivo do sentido da identidade. Esse modo de vida, silenciado no interior dos muros conventuais encontra aderência em muitos aspectos da vida social local, em hábitos e valores profundamente arraigados no modo de ser das pessoas da localidade.

E, a memória, que tem na oralidade uma de suas possibilidades de troca, quando transposta para o escrito, suscita outra forma de compartilhar o coro de vozes que ouvimos falando sobre o Convento de Santa Maria Madalena, como pretendemos agora:

74. Filés são bordados tecidos manualmente em teares. Em Marechal Deodoro, é costume tecer filé nas calçadas das casas, à vista dos passantes.

Hoje não tem mais convento! Tem, mas não é como o da dona Antonieta e da dona Cristina. Dona Antonieta era a diretora e dona Cristina ajudava ela. A gente era bem recebida. Hoje em dia, acabou-se! Dona Hilza, 85 anos, entrevista de 10/2008.

A missa era muito bonita com as internas, tudo vestida com uniforme. Tudo muito plissadinho, tudo lindo. A igreja muito cheia de flores. Daí era aquele perfume! Aquela igreja muito bonita. Era linda porque, nessa época, dona Antonieta tomava conta. Ela zelava muito. Dona Mariinha, 70 anos, entrevista de 11/2008.

Eu me criei dentro desse convento! Essa dona Antonieta, pode-se dizer que foi minha mãe e que me criou. Seu Aderbal, 79 anos, entrevista de 11/2008.

Eu com o Manoel fazia baile lá no convento. Eu que abria todos os bailes! Dançava com todas as moças! Seu Carlos Avelino, 89 anos, entrevista de 09/2008.

O convento era muito bonito! Só a gente vendo mesmo pra dizer como era! Lá no alto do forro tinha um desenho muito bonito. Tinha a Santa Clara de Assis. Parece que todo lado que você vai se virando ela tá olhando pra você. Eu não sei se tá assim ainda. Eles fecharam. Não deixaram mais ninguém entrar. Tinha também São Francisco. Tinha aquela bola como se fosse o mundo. Tinha Nossa Senhora. Tinha os anjos. Era uma pintura bonita, lá em cima. Dona Benedita, 68 anos, entrevista de 10/2008.

Pelo lado direito, tinha um altar. Mas ali não celebrava missa, nem nada. Era somente o crucifixo coberto com um vidro. Eu fiquei triste outro dia quando ouvi dizer que tinha caído. Eu queria saber se ele ainda está lá, direitinho. É um crucifixo bem grande, na entrada. Depois tem a grade onde a gente comungava. Na hora da comunhão, o padre vinha ali. Dona Maria Florêncio, 68 anos, entrevista de 10/2008.

O convento era muito bonito. Não sei agora. Tinha capelinha pra gente rezar. Ainda tem? Tinha dormitório lá em cima. A gente tinha de ajeitar as camas. Era gostoso quando a gente era piveta. Agora, eu só não gostava quando as irmãs chegavam e diziam: "vá fazer banca! Ah! eu não gostava muito não! Fazer banca era fazer a limpeza. Uma coisa que eu me lembro é da dona Nita, já falecida, fazendo pão. Dona Lúcia, 60 anos, entrevista de 09/2008.

Ali tinha um sol com a cara de um anjo. Eu já cobrei o convento para botar esse sol de volta. É lindo! De madeira. Lindo! Uma cara de um anjo com o reflexo do sol! Dona Mariinha, 70 anos, entrevista de 11/2008.



Cabeça de Cristo. Escultura do museu de arte sacra instalado no convento (MASEAL). Foto de Nelson Kon, 2012.

*Head of Christ. Sculpture in the Museum of Sacred Art installed in the convent (MASEAL). Photograph by Nelson Kon, 2012.*



O convento não mudou nada, mas era mais animado. Tinha um jardim no oitão do convento! Eu conheci muito a diretora, dona Antonieta. Dona Maria Florêncio, 68 anos, entrevista de 10/2008.

Ali, antigamente, no pátio do convento, era tanta gente à noite, batendo um papinho, palestra, contando estória de trancoso... Essa coisa toda. A gente falava: vamos pro cruzeiro tomar uma fresca? Todos os dias que a gente passava lá, tava cheio. Mas mudou muito. Aqui em Marechal Deodoro tá uma miséria .Ninguém pode mais sair à noite. Hoje, tem assalto, ladrão, maconheiro, toda espécie de desgraça. Marechal Deodoro era uma beleza. A gente dormia de porta aberta. Tranquilo. Seu Carlos Avelino, 89 anos, entrevista de 09/2008.

O adro *é* um espaço grande, bastante aberto e onde todo mundo se encontrava. Já existia na época o convento e o internato. As crianças órfãs ficavam ali internadas. E era muito bonito. Nos finais de semana, a meninada não podia sair, mas ficava na frente do convento. No adro. Só saía de domingo em domingo, final de mês e quando a família vinha visitar. Então ficava passeando no adro. Brincando. No adro tinha concertos de piano, violão, dança, cultura, assim, de modo geral. Dona Judite, 87 anos, entrevista de 10/2008.

Nasci aqui em Marechal Deodoro e vivi ali naquele adro brincando. Era muito bonita a frente. Hoje mudou um bocado. Foi feito calçamento, colocaram bancos e tiraram as plantações. Depois de muito tempo a prefeitura fez uma praça muito bonita que deu até uma beleza diferente na cidade. Depois acharam por certo tirar. Ali no adro não tinha nenhum tipo de calçamento. Era terra batida e gramado. Na fachada do convento, na Ordem Terceira, tinha uma pequena muralha dividindo a igreja do convento. A Ordem Terceira de São Benedito da Igreja de Santa Maria Madalena. Seu Manoel, 51 anos, entrevista de 11/2008.

A gente fazia serenata. Parava ali no pátio do convento, as irmãs se acordavam e ficavam naquela janela lá em cima, ouvindo. Elas moravam em cima, elas ouviam a serenata, abriam a janelinha e ficavam ouvindo. Antigamente o convento era bonitinho. Tinha umas irmãs joia. Umas pessoas amigas. Era uma regência boa a da comadre Antonieta. Ela era uma diretora especial. Ela era demais! Minha menina só chamava ela de mãe. Não era de diretora não. Era de "mãe". Ela tratava muito bem aquelas meninas *órfãs*. Era bem interessante o convento. Era muito útil se o convento voltasse ao que era. Eu já lhe falei que tinha uma festa bonita, a de São Benedito, na Ordem? Era quase igual à festa de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira. Eles entregavam as cartinhas assim, a domiciliado. Naquela época botava dois cruzeiros, três, cinco, pra auxiliar na festinha. Com uns quinze dias já pegava as cartinha. Tinha leilão, tinha tudo. Era uma festa bonita! Tinha essas barquinhas, negócios de jogo, brinquedinhos de seta... Era uma festinha completa. Era no pátio do convento. Tinha banda de pífano . Tinha missa de santo, lá na Ordem. Quando era dia de São Benedito, era missa pela manhã e missa à noite. Tinha procissão bonita.

Era bonito. Depois de um certo tempo, acabou. Faz uns trinta anos, já. Seu Carlos Avelino, 89 anos, entrevista de 09/2008.

Antes, chegava e saía 'procissão do encontro'. Nosso Senhor e Nossa Senhora. Ela saía pelo convento. Nosso Senhor saía por aqui. Lá se encontravam e o padre dizia aquele sermão. Uma coisa linda! Hoje não existe mais! Seu Aderbal, 79 anos, entrevista de 11/2008.

O convento era melhor que a matriz. Mais largo. Eu gosto muito! É mais confortável. Mais valente! A gente se sente bem. Tem coisa que a gente se sente bem quando tá lá. Era missa todo dia! Era um silêncio medonho! Eu gosto porque a gente podia rezar tudo direitinho. Eu gosto muito de rezar no meu cantinho. Dona Hilza, 85 anos, entrevista de 10/2008.

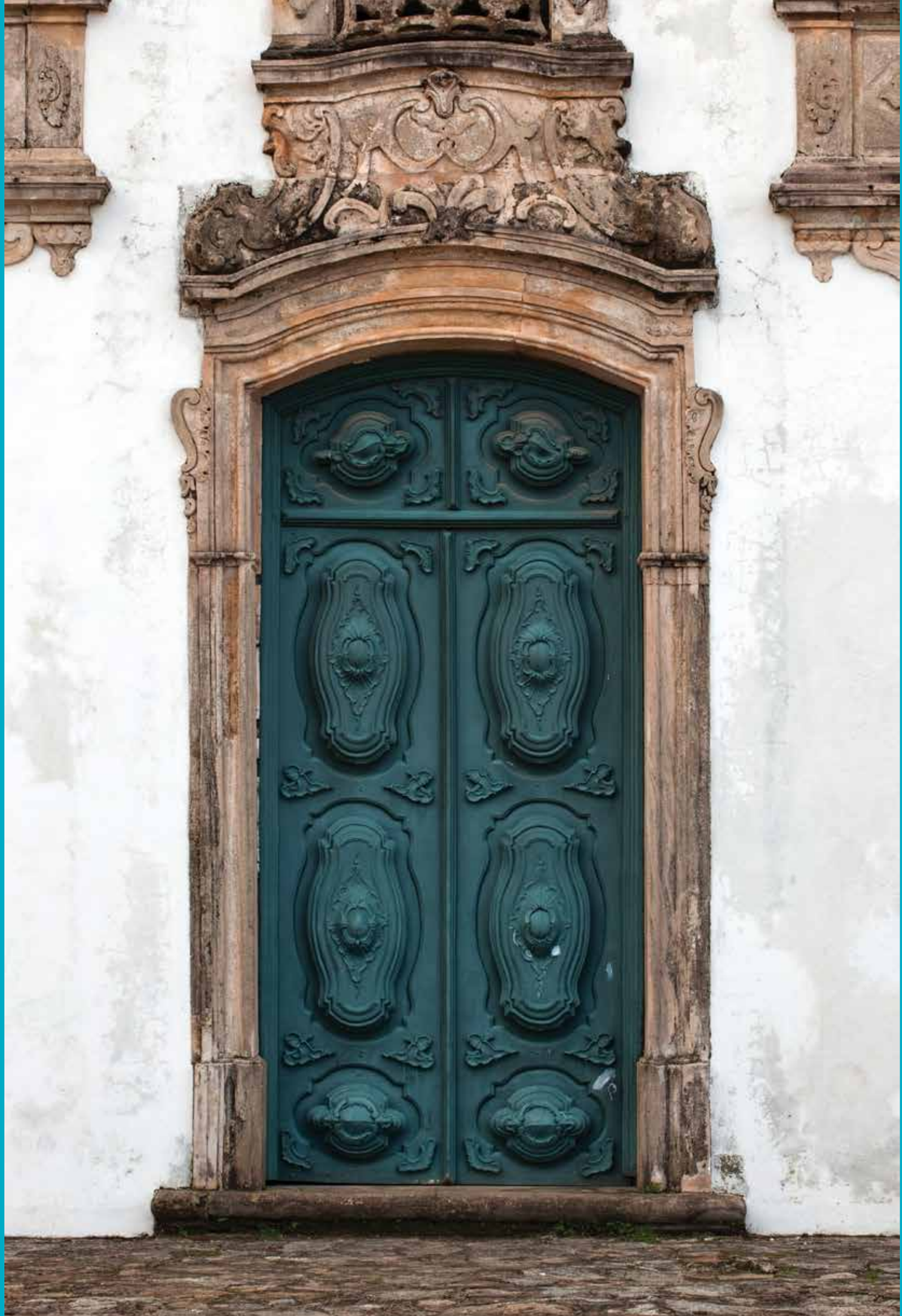
No dia de Santa Maria Madalena tinha só uma missa. Simples! Dona Benedita, 68 anos, entrevista de 10/2008.

Da igreja do convento, me lembro que as filhas desses grandão de Maceió vinham tudo casar aí. Tenho lembrança também das missa, dos sermão e da Semana Santa. O padre falava muito, mas hoje não tem mais nada. Antes era duas moça velha, bonita, solteira, que tomava conta do convento. Elas é que dominava. Hoje tão restaurando. Tiraram os santo que não podia ter tirado não. Tiraram Nossa Senhora... *Ói* o castigo! Tiraram São João e Dom Bosco. Tiraram e botaram num sei aonde. São Roque que é muito pesado, de pedra, saiu da igreja de guindaste. Você sabe o que é guindaste? Pegaram e suspenderam ele porque não tinha homem nenhum que levasse ele daí do convento. Dona Judite, 87 anos, entrevista de 10/2008.



Imagem de São Roque. Foto de Sylvia Braga, 2012.

*Image of Saint Rocco. Photograph by Sylvia Braga, 2012.*



## Pórticos e caminhos da lembrança

Porta principal da Igreja da Ordem Terceira. Foto de Nelson Kon, 2012.

*Main doorway to the Church of Ordem Terceira. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

A teia que cria uma relação entre os conventos franciscanos do mundo retém em suas malhas gente que lembra o que viveu. Se o restauro traz à tona a cor original da flor e o formato da pétala, a memória através da oralidade traz à tona outros importantes ocultamentos.

A edificação conventual que intervém no espaço e na vida dos moradores recupera lembranças, revela diferentes olhares e nos conduz às diferenças inevitáveis que existem no mundo das memórias.

Para acessar as vozes dos narradores percorremos não só a cidade e o interior do convento, mas a lembrança. Vimos que o convento vivido, guardado na lembrança, não só recupera um imaginário local como também traz inquietações e expectativas para os moradores com relação, por exemplo, ao fim de uma obra de restauro.

> Depois do prédio restaurado, ele vai trazer não só visitante de outro lugar, mas gente daqui mesmo, da própria terra. Muita gente já falou isso pra mim: que só está esperando ser restaurado pra conhecer o prédio. Conhecer o museu, que ainda não tinha conhecido. José Messias, 36 anos, entrevista de 10/2008.

> O convento vai ser restaurado. Acho que vão terminar daqui a uns dois anos. O serviço é muito. Uma hora falam que vem frade. Freira não vem mais não. Cortaram as freiras. Agora os frades dizem que vêm. Dois ou três frades. Não sei se é verdade. É conversa que a gente ouve. Mas eu queria ver o convento restaurado! Eu já vi uma vez! Essa é a segunda vez que eles restauram. Eles tiram o forro. Tudinho. Aqueles pedaçinho de pau numerado. Uma coisa séria! Espalha no chão. Numera, pra depois levar lá pra cima. Eles juntam tudo novamente. Dessa vez agora tá sendo pior porque ninguém tá vendo nada. Da outra vez era aberto. A gente entrava e via. Mas agora, não. Agora é fechado. Eu tenho aquele desejo de ver se ainda estão lá aqueles santinhos e o crucifixo grande lá dentro do convento! Na sacristia tinha um caixão de uma madeira muito boa e dentro tinha o crucifixo. Tinha outro, na igreja, mas lá no altar. E parece que também embaixo dele tinha também um altarzinho de madeira, já se estragando. Mas elas zelavam! E tinha outro crucifixo também deitadinho lá. Na Sexta-feira Santa, dona Antonieta tirava, limpava, passava um oleozinho e ajeitava. Ela se sentava na igreja, botava os santos lá embaixo no caixãozinho dele. Se sentava com uma vasilha. Uma bandejinha. Beijava a mão de Nosso Senhor dos Passos e botava uma moedinha na bandeja. Parece que eu tô vendo! Disso eu me lembro! Me lembro também, sabe de quê? Do mês de maio. Era uma coisa linda as coroações que ela fazia para Nossa Senhora! Parecia anjo de verdade! Aquelas meninas! Se desobedecesse, no dia seguinte, não tinha recreio. Era castigo se não ficasse do jeito que ela quisesse. Tinha que ficar parado. Teve um homem que entrou e ficou lá, assim, abismado olhando para ver se era anjo mesmo! Ele não acreditou que era menina! De tão bem comportadas que elas ficavam! Dona Benedita, 68 anos, entrevista de 10/2008.

Eu ouvi dizer que não vai ter mais museu não. Que cada santo vai voltar para o seu lugar. Pra suas igrejas de origem. Não tão ajeitando as igrejas? Apois, os santos não é das igrejas? Dona Lúcia, 60 anos, entrevista de 09/2008.

Eu acho assim: se ele restaurarem e botar os santos pra cá, vai ser bom. Mas dizem que não vai. Que vai ser não sei o quê. Escola... Não sei. O que se vê dizer não se escreve, porque ninguém sabe, nem viu! Dona Hilza, 85 anos, entrevista de 10/2008.

Eu queria ver o altar-mor! Lembro assim dele. Tinha aquela mesa larga. Um santo de um lado. Um santo de outro e, no meio, Nosso Senhor com uma cruz. Queria ver também a mesa de comunhão. Eu comungo todo mês! A moça vem me dar comunhão a mim aqui em casa. Dona Hilza, 85 anos, entrevista de 11/2008.

Podia restaurar**,** mas que abrisse o convento como era no tempo de dona Antonieta. Dona Cícera, 60 anos, entrevista de 09/2008.

Ouvi dizer que na Ordem não vai mais celebrar missa, não. Que vai ser negócio de música. De concerto. Eu acho isso muito ruim porque podia continuar como igreja, mas a vontade é deles. Eles é que mandam. Dona Benedita, 68 anos, entrevista de 10/2008.

Um dado da história passada no lugar é que os apadrinhamentos com santos eram comuns no período colonial e reforçavam os laços de protecionismo entre o santo e o devoto, através do sacramento do batismo.

Na intimidade de sua casa, uma moradora de Marechal Deodoro desabafa o sentimento de vazio sentido por ela desde que sua madrinha Nossa Senhora do Bom Despacho, passou a integrar o acervo do museu sacro instalado no convento. Antes, a imagem da santa ficava exposta no altar, hoje demolido, da Capela da Ordem Terceira do Convento de Santa Madalena.

Tinha São José. Depois da grade, tinha Santo Antônio e Nossa Senhora. Mais adiante um pouquinho, no altar-mor, tinha São Francisco e Santa Maria Madalena. Na época que eu andava por lá! Depois tiraram esses santos porque botaram o Museu. Tiraram os santos da igreja. De todas as igrejas. Tiraram muitos santos pra fazer esse museu sacro. Eu sei que São Francisco, Nossa Senhora, São José e Santo Antônio, tiraram. Uma vez eu ainda fui lá. Uma vez ou duas. Eu tava com as pernas boas. Ainda subi os degraus e fui lá no museu pra rever uma santinha, que tinha na Ordem e que minha mãe dizia que era a minha madrinha: Nossa Senhora do Bom Despacho. Ela dizia assim: "olha, Nossa Senhora do Bom Despacho é sua madrinha"... Acho que foi parto difícil, né? Acho que não despachou logo e então, na hora, ela fez a promessa. Eu fui lá só pra ver onde ela estava e vi. Eu disse: A minha santinha é essa aqui! Minha madrinha é essa! Fui ver onde ela estava porque ela tinha saído daqui da Ordem onde tinha o altarzinho dela logo

À direita, capela lateral da igreja conventual, com retábulo e cripta funerária. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the right, lateral chapel in the convent church, with retable and funeral crypt. Photograph by Nelson Kon, 2012.*



na entrada. Mas tiraram o altar. Acabaram com o altar. E então procurei a santa e não achei. Falei: vou no museu pra ver onde está a Nossa Senhora do Bom Despacho, que é a minha madrinha! Não é Nossa Senhora da Conceição, não! É Nossa Senhora do Bom Despacho! Aí eu fui lá em cima. Saí procurando e vi muitos santos, lá no museu. Aí, encontrei ela *lá no cantinho. Não sei se ainda* está .Um dia ainda hei de ver! Dona Benedita, 68 anos, entrevista de 10/2008.

A enorme abrangência da história oral também possibilitou reflexões a partir do registro de fatos como esse. A moradora de Marechal Deodoro faz referência à criação do Museu de Arte Sacra no prédio do convento, que hoje abriga imagens de vários santos, os quais, antes do trânsito para o museu, eram acessíveis nas igrejas do convento.



Imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho. Foto de Sylvia Braga, 2012.

*Image of Our Lady of Good Birth. Photograph by Sylvia Braga, 2012.*

Para muitos outros moradores de Marechal Deodoro, o desconhecimento dos critérios que orientaram a criação do Museu de Arte Sacra parece imputar ao mesmo um caráter próximo da clandestinidade. Isto é, apesar da formalidade pública da criação de um museu, para alguns moradores, os objetos que passaram a integrar o acervo – especialmente os santos da devoção local – ficaram deslocados de seu contexto original. Ou seja, da igreja onde tinham um uso particularizado. Isso parece fragilizar a relação com um patrimônio considerado particular, pelos moradores. Como subentendido em alguns depoimentos, os santos expostos no museu, como patrimônio de Marechal Deodoro, podem até proporcionar uma experiência singular a um visitante de "fora", pois são mostrados como patrimônio da coletividade. É verdade que, abrigadas, as imagens de santos agregam mais valor ao prédio do convento e ampliam o raio de atração do museu para empreendimentos turísticos locais. Entretanto, depreendemos no ir e vir de vozes que, para os moradores de Marechal Deodoro, é como se, depois da criação do museu, o patrimônio local dependesse dessa fonte (institucional) para ter uma existência social e cultural. E, como vemos, em suas falas, essa "verdade" parece causar constrangimentos.

## A devoção santeira



Carlos Avelino, morador de Marechal Deodoro, com imagem de Santa Madalena, no museu. Foto de Maria Madalena Zambi, 2008.

*Carlos Avelino, an inhabitant of Marechal Deodoro, with image of Saint Magdalene, in the museum. Photograph by Maria Madalena Zambi, 2008.*

> Nós temos aqui em Marechal nove igrejas. E sempre tinha missas sexta, sábado, domingo. No convento tinha missa aos domingos pela manhã. No adro você via várias festividades e a 'procissão do encontro', no período da Semana Santa. Era muito comemorada em Marechal Deodoro! Os dois se encontravam e ali era formado o Sermão do Encontro. Era um momento de reflexão. De meditação. Era muito bonito. O adro ficava superlotado. Era com tocha. A iluminação era com lampiãozinho. Aquelas tochinhas. Coisa antiga. Dona Mariinha, 70 anos, entrevista de 11/2008.

Em um lugar que possui muitas igrejas ocupando um importante espaço social e simbólico, o Convento de Santa Maria Madalena se destaca. A devoção local é um aspecto que dinamiza o cotidiano e reforça, na própria vida das pessoas, a centralidade que as igrejas têm na paisagem. Além do apelo cênico que as edificações têm nos horizontes, elas se colocam como espaços norteadores de referências e valores importantes para as pessoas do lugar[75].

O calendário de festas santeiras mobiliza as pessoas residentes na área do sítio histórico e nos povoados do entorno em uma complexa trama existencial. Há santos da devoção local que chegam a ter em sua honra mais de uma procissão, como no caso de São Pedro, que tem para seu deleite duas procissões diferentes: a primeira é lagunar e tem início quando, de algum porto da lagoa, o santo parte para Marechal Deodoro em uma embarcação (seguida por muitas outras), dividindo espaço com músicos que também tocam em sua homenagem. Quando aportam no Cais da Lancha, nas proximidades do convento, muitas pessoas aguardam a chegada de São Pedro. Então, numa escala não mais do navegar, mas do andar, os devotos juntam-se em um grande cortejo e seguem pelas ruas do sítio histórico, conduzindo a imagem do santo em uma charola cuja forma é de um barco.

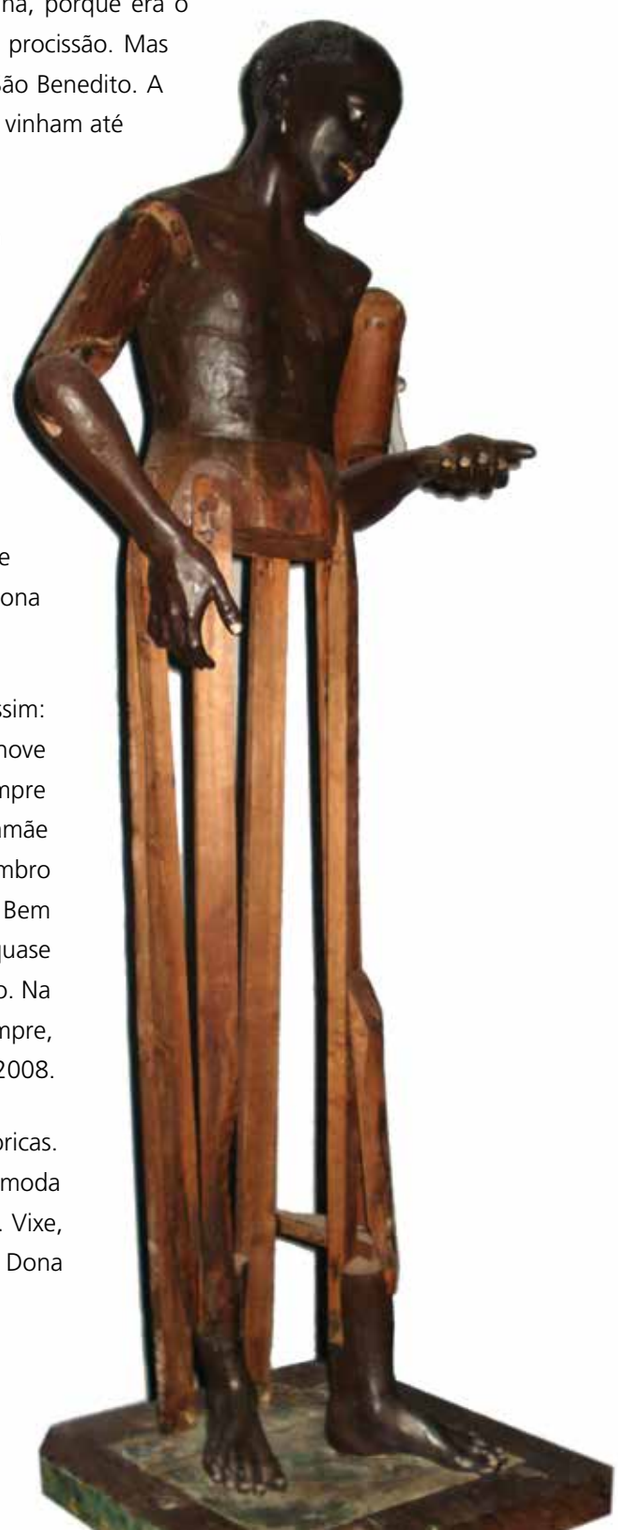
> Pode faltar tudo em Marechal. Só não falta festa de santo. Carlos, acólito da Igreja do Senhor do Bonfim de Taperaguá, 25 anos, entrevista de 09/2008.

75. Além das igrejas, que facilmente se inscrevem no território perceptivo, outros palcos mais discretos como os terreiros de candomblé, por exemplo, servem igualmente de suporte para ritos, práticas e vivências diferenciadas de sociabilidade em Marechal Deodoro, que fortalecem não só a fé nos santos, mas os próprios laços que os moradores tecem entre si e com o lugar.

O imaginário santeiro dos moradores de Marechal Deodoro é muito rico, porém, quando indagados sobre festas religiosas no Convento de Santa Maria Madalena, suas falas trazem à tona detalhes de homenagens a São Benedito e a Santa Terezinha. Na cidade, a manifestação de fé nesta santa especialmente ganhou visibilidade com Dona Antonieta, devota e ex-diretora do Orfanato São José, que funcionava no espaço do convento.

São Benedito, em imagem de roca. Foto de Sylvia Braga, 2012.

*Saint Benedict, in a* roca *image. Photograph by Sylvia Braga, 2012.*



A festa que existia no convento era só a festa de Santa Terezinha, porque era o aniversário da diretora. Ela fazia a missa de Santa Terezinha e a procissão. Mas festa mesmo, de verdade, era do padroeiro da Ordem Terceira, São Benedito. A gente fazia leilão, fazia tudo ali naquele pátio. Tinha barracas que vinham até do Pilar! Maria Florêncio, 68 anos, entrevista de 10/2008.

Uma festa muito boa era a de São Benedito. Eu acho que ela era no dia 28 de outubro. Durava dez dias. Era novenário mais o dia. Quando era no outro dia, distribuía aqueles pão de São Benedito. O povo, antigamente, tinha aqueles fogão de carvão e conservava aquelas latas grandes junto do fogão. Minha mãe mesmo tinha. E então, sempre tinha aquela farinha bem fininha que ficava quentinha a vida toda, por causa do fogão de carvão. O povo ia muito para a missa atrás do pão de São Benedito porque dizia que, se botasse dentro da farinha, nunca que faltasse farinha! Dava pro ano todo. Podia ter a crise que tivesse! Dona Mariinha, 70 anos, entrevista de 11/2008.

A chegada de São Benedito era muito bonita. Na realidade, era assim: eram mais pessoas pretas. Tinha a missa como de costume às nove horas da manhã e, à tardezinha, lá para as quatro horas, tinha sempre procissão. Mas eram mais pessoas escurinhas. E eu também. A mamãe fez uma promessa na época para alcançar uma graça. Não lembro bem a graça, mas ela alcançou e eu saí figurando São Benedito. Bem bonitinha com aquela roupa de São Benedito da época. E hoje quase você não vê mais São Benedito! Então acho que isso é preconceito. Na realidade, São Benedito é um santo forte. Os negros, como sempre, atuaram com São Benedito. Dona Nair, 97 anos, entrevista de 10/2008.

Na festa de São Benedito tinha pastoril, presépio, tinha danças folclóricas. Tinha as barraquinhas de festividades. Todas as coisinhas bem à moda antiga. Coisas atraentes que hoje, se você fizer isso, é ignorância. Vixe, que coisa triste! Festa tem que ter parque! Tem que ter banda! Dona Mariinha, 70 anos, entrevista de 11/2008.



Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Marechal Deodoro. Foto de Louise Cerqueira, 2008.

*Our Lady of Conception, the patron saint of Marechal Deodoro. Photograph by Louise Cerqueira, 2008.*

Dizem que, aqui, a Ordem Terceira era igreja dos negros. E São Benedito era o chefe da igreja. Olha, tinha festa de São Benedito. Festa animada, na rua! Eu tenho um filho que nasceu no dia da festa de São Benedito. Tinha a festa da padroeira, lá na rua da matriz, na igreja mãe. Aqui era de São Benedito. Era uma festa menor, mas era animado! Dona Benedita, 68 anos, entrevista de 10/2008.

Nas festas de São Benedito frequentava mais o pessoal preto. A confraria. A irmandade todinha de São Benedito era tudo de gente morena. Seu Aderbal, 79 anos, entrevista de 10/2008.

Aqui em Marechal Deodoro, tinha uma senhora chamada Maria Souto. Ela morava na rua da Matriz, perto da igreja. Dizem que ela foi do tempo da escravidão. Pois bem, ela ensaiava um presépio. Desse presépio, ainda hoje tenho saudades! Eu dancei nele até mocinha. Ainda existe quem tenha o livro com todas as músicas em três atos. Ele é todo no palco. No palco é o nascimento de Jesus Cristo. Esse presépio ganhou prêmio de melhor do folclore no tempo... Como é o nome do museu? Museu Théo Brandão! No tempo do Théo Brandão ele ganhou o primeiro lugar do folclore! Ele [Théo Brandão] era louco por esse presépio! Dona Mariinha, 70 anos, entrevista de 11/2008.

Festa para Santa Madalena não lembro não. Agora, pra Nossa Senhora da Conceição, que é a padroeira daqui, era muito animada. Era, não, é. Só que não é como no meu tempo. Dona Maria Florêncio, 68 anos, entrevista de 10/2008.

## O convento na moldura das janelas

Os moradores de Marechal Deodoro se dão conta da paisagem do Convento de Santa Maria Madalena quando caminham pelas ruas e, de maneira singular, através das molduras de suas próprias janelas, especialmente das casas edificadas no entorno do edifício. Pela proximidade física, o convento pode ser enquadrado até com as águas do lugar. Certamente, ao longo do tempo, muitos tons se sobrepuseram no território perceptivo do morador: uma **cantaria** escurecida, um tapume verde...

De dentro das casas, nas salas de visitas, a imagem do Convento de Santa Maria Madalena nas janelas ganha um acabamento particularizado. Revela-se como uma imagem desejada. Ao lado de objetos biográficos expostos nas paredes das salas de visita (fotografias, lembranças de viagem, calendários etc.), o convento recortado pela moldura da janela e preservado na intimidade não só seduz o olhar como incita consistentes rememorações. O enquadramento do convento na moldura da janela além de pessoalizar endereços revela que, quando o ponto de vista é a própria morada, pode-se espiar o convento e o seu movimento no tempo.

Quando eram os frades que se deixavam recortar por outras janelas, como as do convento, alcançavam a panorâmica de uma cidade que o tempo pontuou com outras edificações de culto. Talvez avistassem, sobre as águas do lugar, pescadores em suas embarcações na lida diária, pescando ou transformando canoas em andores. Na mesma panorâmica, certamente outros homens, vindo dos arredores, intervinham e exibiam junto ao corpo, santos, bandeiras e mastros coloridos, chamando atenção para os matizes da fé na antiga capital... Ainda hoje, desse ponto de vista, a cidade liga-se ao convento como outro ângulo de sua originalidade.

## Desfiando outros contares

> Todos os conventos têm estórias! Há uma fantasia enorme da Paraíba até Cairu! Lá em João Pessoa dizem que tem um túnel que vai até Cabedelo! Frei Hugo Fragoso, 81 anos, entrevista de 08/2009. Convento de São Francisco, Salvador (BA).

Ao longo do tempo, os túneis que compõem a edificação franciscana nutrem muitas estórias dentro e fora de distintas cercas conventuais. As explicações para a existência desse elemento são muitas e variadas: caminho de ligação a outro convento, a povoações, praias, leprosários, usinas ou ainda para guardar certos bens, como bebidas e pratarias.

Alimentadas pela existência dos conventos franciscanos, certas estórias povoam o imaginário de Norte a Sul e embalam gerações. São estórias que partem das edificações, ampliando sua substância no espaço e estreitando laços com os que vivem ao redor. No caso do Convento de

Santa Maria Madalena, a materialidade da edificação no espaço torna, nos traçados do cotidiano local, ainda mais reais as estórias que os moradores comunicam e compartilham entre si. Pela oralidade buscamos investigar e comparar as múltiplas versões e percepções sobre o Convento de Santa Maria Madalena, um dos raros no vasto contexto franciscano, edificado em honra da santa.

> O túnel, nunca vi! Se falava que tinha esse túnel, mas ninguém viu. Meu pai [Frederico José de Mesquita] desceu, mas logo adiante ele encontrou a parede. Encontrou muito osso e morcego. Não encontrou nada de valor. Também nos altares o que encontrava era osso. Só não encontrou gente em pé. Encontrou resto de cabelo e de mortalha. Nos altares fechados é que eles enterravam gente e fechavam. Dona Benedita, 68 anos, entrevista de 10/2008 em Marechal Deodoro.

> Eu nunca entrei no túnel não. Mas o povo dizia que tinha um buraco que ia bater lá no Carmo, perto do cemitério. Dentro da igreja tem lá o buraco. O túnel é do tempo do holandês. Eu mesma nunca vi, nem nunca entrei. Sei que tem o lugar. O buraco tá coberto. Lá dentro tem ouro, tem prata e tem bronze! Dona Cícera, 60 anos, entrevista de 09/2008 em Marechal Deodoro.

> Já ouvi falar muito do túnel. Mas isso era no tempo dos frades. Saía do convento e ia bater no Carmo por debaixo da terra. Mas isso já aterrou. Já criou mato. Não existe mais não. Dona Nair, 97 anos, entrevista de 10/2208 em Marechal Deodoro.

> O túnel é estória de trancoso! Tenho certeza absoluta. Eu desci lá! Eu e um amigo meu procurando dinheiro enterrado. Eu desci há uns dez anos. Depois de mais cinco, eu desci mais uma vez e continua a mesma coisinha... Aquele mausoleuzinho! A gente não viu saída nenhuma. É tudo fechado. Quem disser que tem saída tá mentindo. Seu Carlos Avelino, 89 anos, entrevista de 09/2008 em Marechal Deodoro.

> Em Igarassu tinha um túnel que ligava o convento [de Santo Antônio] a Iguape, onde tem outro convento. Francisco, 50 anos, entrevista de 08/2009, em Igarassu (PE).

> Na igreja tem uma grade que se levanta. Lá embaixo tem seis metros quadrados onde estão sepultados os corpos de alguns religiosos e pessoas que faz parte dos franciscanos. O povo diz que o túnel vai até Cabedelo, que vai bater no rio. Que era pra fugir dos holandeses. A gente tá procurando. Faz dezoito anos que eu tô aqui. Também tô procurando esse túnel [risos]. Funcionário do Convento de Santo Antônio, João Pessoa (PB), entrevista de 07/2008.

Também ouvimos estórias sobre botijas de ouro enterradas no terreno ou nas paredes dos conventos. Nesse caso a localização do tesouro é dada por frades, através de aparições em sonhos, como relatou dona Euflorzina, que mora desde o nascimento nas vizinhanças do Convento de Santo Antônio, em Cairu (BA):



À esquerda, vista da galilé da igreja conventual. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, view of the porch in the convent church. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

> Ai, se meu pessoal acreditasse! Uma vez, eu era menina e sonhava com um caixão cheio de ouro! Cada uma corrente! Ali no convento! Eu sonhava e, quando era de manhã, eu contava. Com o perdão da palavra... o povo dizia que era merda. Só sei que nunca tiraram. Pode ser que era verdade e que ainda tá por lá. No sonho, quando eu passava em frente, vinha um padre alto e dizia: 'pode tirar que o ouro é seu!' Eu não conhecia aquele frade! Eu sonhava com um frade franciscano! Dona Euflorzina. 88 anos, entrevista de 08/2009.

Além de túneis e botijas de ouro, as estórias que giram em torno dos conventos também se nutrem de elementos muitas vezes visíveis na paisagem conventual: torres, sinos, senzalas, coifas, terraços, púlpitos, para-ventos, cisternas etc.

Já no caso do convento de Paraguaçu (BA), é o próprio padroeiro – Santo Antônio – quem mais contribui para nutrir o imaginário local. De cima do frontão, Santo Antônio participa da vida social local sem a interferência de redomas. Não é que as pessoas do lugar não queiram protegê-lo das intempéries. Dizem que assim o deixam em respeito à sua própria vontade. Segundo os moradores, várias tentativas foram feitas, mas o santo lança por terra todo o vidro, toda redoma que se tenta colocar à sua frente. Moradores de Paraguaçu acreditam que foi graças à visão do santo, nesse ponto estratégico da paisagem, que ele, em tempo, viu e fez afundar um navio com piratas que pretendiam atacar o povoado.

## Luzes voláteis

Para São Francisco, a natureza e o homem fazem parte de uma grande fraternidade; são tão elementares como a luz e a cor o são para a pintura. Através de um método, de uma regra, de uma Ordem e de uma mística, o autor nos alcança através da simplicidade de sua obra. Os conventos, como depositários da radiância sempre nova de um estilo de viver através dos séculos, falam ao mundo e, em diferentes contextos, impregnam de graça narrativas, gestos, formas de viver a religiosidade, cantares, presépios, lapinhas e pastoris.

A edificação franciscana tem, portanto, como seu referencial máximo, Francisco. Um homem que, das lonjuras de Assis, na direção dos quatro cantos do mundo, lançou múltiplos de sua experiência cósmica.

Os conventos estão no mundo unindo tempos, mundos Velho e Novo, Norte e Sul. Aqueles que não sucumbiram conservam sensações que os fizeram existir como arte. Assim alcançam pessoas, no tempo e no espaço. E, no dia a dia, o convívio com as edificações, mesmo que através do enquadramento de janelas, dá qualidade e dinamiza os processos humanos de reinvenção de lugares, paisagens e artes.



Em Marechal Deodoro, o tempo passado no lugar levou consigo as vozes dos franciscanos que compartilhavam certos valores e sentidos para o viver. Porém, antes mesmo da materialidade da edificação dar sinais de falência, os religiosos migraram para outros conventos ou, como São Francisco, jogaram-se na vida em comunhão com tudo, com o tempo e com a própria morte.

São Francisco tinha a certeza da essência divina em tudo. Por isso, mesmo que silenciado, o convento fala que o Deus de Francisco permanece entre nós lembrando-nos, por exemplo, da importância de preservarmos a integridade dos ecossistemas. E também de que, enquanto não chega "nossa irmã morte corporal, da qual homem algum pode escapar"[76], podemos expandir e nutrir de força a capacidade de restaurar – por semelhança – não apenas a materialidade do convento, mas as águas hoje poluídas da lagoa que o margeiam e a própria percepção dos

Vista de um dos salões do pavimento superior do convento de Madalena, hoje usado pelo MASEAL. Foto de Nelson Kon, 2012.

*View of one of the halls in the upper floor of the Convent of Madalena, now occupied by MASEAL. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

76. Esta frase, cujo autor é São Francisco, foi extraída de uma das placas que pontuam o "caminho de penitência" do Convento de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha (ES).

homens que dela dependem para sobreviver. Se imitarmos o ***frater*** Francisco, além de garantir peixe ao pescador, permitiremos que as águas "irmãs" da lagoa atravessem os tempos límpidas, como uma dádiva.

A luz parte da estrela e viaja só. Alguns conventos, assim como estrelas, continuam a brilhar no espaço humano, mas não sabemos até quando os enxergaremos. Os conventos não dependem apenas do olhar. Às vezes se diz que a estrela que vemos não está mais lá. É verdade. Apesar disso, sua luz ilumina. E nós, na terra, olhamos estrelas e conventos. Em alguns a radiância é mais forte. Principalmente quando está pleno de vida cotidiana. Nesse caso, a paisagem do entorno também parece virar estrela que a luz teima em deixar. Quando um convento está vazio, como aquela estrela abandonada pela luz, é preciso fazer um convite: abrir as janelas e trilhar caminhos abertos pela lembrança. Os atalhos são muitos e nem sempre fáceis ou seguros. Entretanto, foi através desses caminhos, alojados nas mentes e nos corações, que tentamos acessar uma porção da luz que no presente ilumina o Convento de Santa Maria Madalena em Marechal Deodoro.

E, como o movimento do mundo não cessa, interessa conhecer essa história de séculos contada num instante, contribuindo para a construção de um olhar sobre a Casa de Madalena.

> A história é um pouco comprida pelo fato de que o convento começou no início de 1635, quando os franciscanos chegaram aqui. Eles encontraram só o terreno e acharam aqui, do lado da lagoa, um bom lugar pra se fazer um convento. Como eles não tinham recursos, eles fizeram uma cabana de palhas e ramagens. Vinte e cinco anos depois, eles vieram conseguir esse recurso. Em 1660 eles deram início à construção, colocando a primeira pedra do alicerce da igreja. Terminada a igreja veio o convento. A obra deu início em 1660 e só foi concluída em 1796. Ou seja, eles levaram cento e trinta e três anos pra construir o prédio. De 1796 até 1821 funcionou como convento. Quando os franciscanos foram embora – não sabemos a causa – o prédio ficou abandonado. Como era um prédio grande e de muita segurança, resolveram fazer daqui um quartel para um batalhão de caçadores. Foi quartel de 1821 a 1839. Vale ressaltar que o quartel só funcionou na parte térrea do claustro. Foram utilizadas algumas áreas como as celas, a cozinha, e outras salas. Depois do quartel, vieram orfanato, seminário e colégio interno. Colégio interno veio por volta do início do século XIX. De 1915 até por volta de 1970, quando o prédio veio em ruínas. Eles transferiram para o prédio ao lado e aqui foi fechado. Após a reforma, que durou nove anos – de 1975 até 1984 –, foi instalado o Museu de Arte Sacra, dia cinco de agosto de 1984. Essa é a história do prédio. Essa é a história do convento. Messias, 36 anos, guia do Museu de Arte Sacra, entrevista de 10/2008.





# III. MATERIALIDADE E RESTAURO DO CONVENTO DE SANTA MARIA MADALENA





# III. MATERIALIDADE E RESTAURO DO CONVENTO DE SANTA MARIA MADALENA

*Ana Cláudia Magalhães*

## Corpo e alma na expressão conventual

### O convento na história

Na abertura, detalhe do forro em caixotão da capela-mor da igreja conventual. À esquerda, *hall* da escada principal do convento. Fotos de Nelson Kon, 2012.

*On the opening page, detail of boxed ceiling in the high chapel of the convent church. To the left, hall of the convent's main stairway. Photographs by Nelson Kon, 2012.*

A construção do complexo franciscano de Santa Maria Madalena se inicia quando haviam sido erigidos onze conventos em vilas e cidades ao longo do litoral nordestino. Nessa época já se estabelecera um modelo arquitetônico que veio a se confirmar, de fato, após o término da invasão holandesa[1], devido à necessidade de recuperação de muitas edificações, pois uma das consequências mais significativas do período conhecido como "guerra do açúcar" foi a destruição sumária de várias casas conventuais franciscanas.

A partir de 1684, com o fim da invasão, ocorre a chamada restauração da Capitania de Pernambuco e o que Glauco Campello chama de "áureo período de obras"[2], que se estende até o século XVIII. Nesse momento, se dão a reconstrução dos antigos e a edificação de novos prédios franciscanos em que técnicas e recursos mais apurados permitem uma nova expressão estética e construtiva.

Nesse sentido, o Convento de Santa Maria Madalena se apodera de uma tradição arquitetônica consolidada e garante a continuidade do modelo pregado pelos franciscanos. Entretanto, ao mesmo tempo em que assume sua condição de fragmento de um todo no qual o estilo era um dado onipresente, também se particulariza ao estabelecer uma identidade que o insere como parte do lugar, em Marechal Deodoro.

Por outro lado, não menos importantes na consolidação de uma fisionomia própria foram os fenômenos culturais e antropológicos vivenciados por entre corredores e paredes: práticas sociais que, se materializando através de fatos marcados pelos conflitos da sociedade colonial, funcionaram como instrumentos de legitimação do convento junto ao povo. Para além dos significados religiosos e da mera fruição visual proporcionada pelos atributos plásticos, foram sendo fornecidos sentidos e valores que qualificaram cada um dos ambientes conventuais como cenário único para interações variadas.

1. A invasão holandesa na colônia portuguesa foi iniciada na Bahia e durou de 1624 a 1625. Em Pernambuco, o domínio holandês se manteve pelo vasto período de 1630 a 1654.

2. CAMPELLO (2001: 39) atribui ao frei Daniel de São Francisco, arquiteto da Ordem, os impulsos necessários à recuperação física e estética dos antigos conventos de Olinda, João Pessoa, Recife, Ipojuca e Igarassu.

A presença franciscana na antiga Vila de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul começa em agosto de 1635, quando um grupo de frades franciscanos, em fuga desesperada para a Bahia, constrói um pequeno recolhimento com oratório na vila e ali se instala[3]. Menos de um ano depois, os religiosos o abandonam. Frei Jaboatão comenta: "e assim ficou o Povo da Alagôa frustrado por então o desejo que tinham de ver também Convento dos nossos na sua Villa (...)"[4].

Em 1657, em nome da população, autoridades locais (vigário, juiz, alcaide-mor, vereador, procurador) solicitam à Custódia Franciscana permitir o envio de frades à vila e a construção de um convento, para a qual prometem toda a ajuda necessária. Com isso, atendem aos requisitos prescritos nos Estatutos da Ordem, ao oferecerem o sítio para instalação e as esmolas necessárias ao sustento dos religiosos e manutenção da casa conventual[5].

Embora o cronista franciscano tenha descrito a edificação e sinalizado para a localização do prédio no meio urbano, ainda restam dúvidas se o local escolhido para erigir o convento foi o mesmo que abrigou os frades em fuga: "está situado no mesmo lugar do recolhimento no fim das ruas da Vila, com muro de pedra e cal, ficando-lhe a porta que chamam do carro, junto à praia (...)"[6].

Ocupado inicialmente apenas por dois religiosos, o primitivo recolhimento, aos poucos, foi cedendo lugar ao prédio maior, cuja edificação completa atravessou séculos. A construção foi iniciada em 1660, por Frei Pedro de São Paulo, oficialmente nomeado prelado do novo convento. No primeiro semestre de 1662, por ocasião das comemorações da Semana Santa, foi rezada a primeira missa e, em outubro do mesmo ano, no dia dedicado a São Francisco, colocado o sacrário em sua capela, embora esta só tenha sido concluída em 1689.

Jaboatão[7] descreve o recolhimento como "estando perfeito de todo", mas, em seguida, informa que por dezesseis anos foi ocupado sem a comodidade adequada por não ter acontecido, até então, a doação oficial do terreno à comunidade franciscana.

A obra, com a estrutura necessária à vida conventual, só foi iniciada em 1684 com o lançamento da pedra fundamental dos corredores, após a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, dona do terreno, dar o consentimento para tal. Nesse mesmo ano, foi, enfim, passada a escritura de posse do sítio para a **Ordem dos Frades Menores**.

3. Segundo SANTANA (1970: 29), nessa época, uma comitiva de cerca de oito mil pessoas fugia dos holandeses em direção à Bahia. Com ela estavam quase quarenta frades franciscanos que haviam abandonado os conventos localizados entre os atuais estados de Pernambuco e Paraíba. Parte deles permaneceu na vila de Magdalena, mas, posteriormente, o próprio ambiente de conflito exigiu que abandonassem o recolhimento, antes mesmo de sua instalação completar um ano.

4. JABOATÃO, 1980: 605.

5. Cf. FRAGOSO, 2004: 32-33.

6. JABOATÃO, 1980: 608.

7. JABOATÃO, 1980: 607.



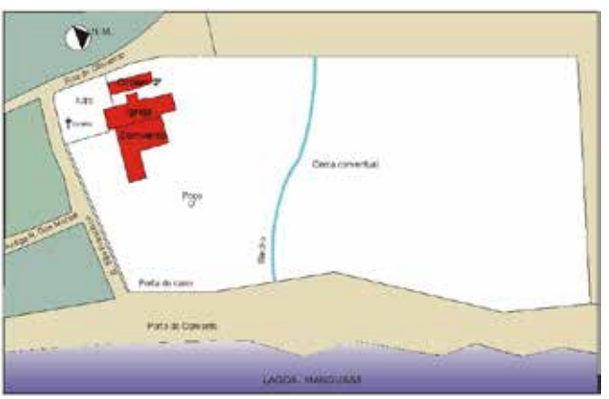

Complexo conventual em data ignorada. Foto do Arquivo do Museu de Arte Sacra, s/d.

*Conventual complex at an unknown date. Photograph from the Archives of the Museum of Sacred Art, n/d.*

Abaixo, planta de locação do complexo conventual no terreno (sem escala). Arquivo do Iphan, 2005.

*Below, blueprint with the location of the conventual complex on the plot (no scale). Iphan Archives, 2005.*

O terreno doado apresentava condições favoráveis à edificação do complexo, estando apropriado às necessidades materiais dos frades. As dimensões, o acesso à água potável e a proximidade do centro urbano facilitariam o desenvolvimento, tanto das atividades conventuais propriamente ditas, quanto das atividades paralelas, imprescindíveis à sustentação das práticas religiosas, tais como pecuária e agricultura[8]. E assim, às margens da lagoa Manguaba, os franciscanos encontraram o lugar adequado para edificarem o convento.




Não foram identificadas informações sobre autoria do projeto, nem maiores detalhes daqueles que ali desempenharam seus ofícios, provavelmente por resultarem da ação dos próprios frades, que reuniam em seu meio muitos artesãos, arquitetos e artistas de várias especialidades. A historiografia, inclusive, aponta a presença de um irmão leigo, de nome Frei André de Sant'Ana, morador do convento, que era teólogo, filósofo, ourives, carpinteiro e escriturário, possuindo, ainda, dotes artísticos de escultor e pintor [9].

8. Cf. ROWER, 1947: 97 e MARX, 1984.
9. JABOATÃO, 1980: 609.



À esquerda, sino instalado na torre sineira. Foto de Pedrianne Dantas, 2004.

*To the left, bell installed in the bell tower. Photograph by Pedrianne Dantas, 2004.*

As obras mais significativas do prédio foram concluídas em 1723, já estando finalizada a capela-mor e em curso os serviços relativos à igreja e à moradia dos frades, incluindo aí a galeria superior do claustro. Em 1759, a igreja ainda não possuía forro e a fachada estava mais recuada em relação à situação atual.

A Coroa portuguesa deu sua parcela de contribuição para a manutenção do convento, mas, sem dúvida, a obra foi fruto do esforço coletivo da população produtiva da vila, já social e economicamente estratificada, que pôde conjugar esforços em benefício da construção[10].

Documento datado de 1735 afirma que, com as esmolas recolhidas, em pouco tempo o convento havia ajuntado pequeno patrimônio formado por uma ilha com lavouras, criações, uma casa de recreação, vinte e oito escravos, além de gado, açúcar, tabaco, farinha, arroz e legumes para sustentação[11].

Mesmo assim, o empreendimento enfrentou dificuldades e a construção chegou a ser paralisada durante cerca de trinta anos, uma vez que as esmolas arrecadadas e as contribuições dos moradores nem sempre eram suficientes para manter os religiosos e as atividades que lhes eram inerentes[12].

Apenas em 1784, já acrescido o nártex, a fachada alcançou mais espaço do terreno, tendo sido trazida para a frente e elevada até a altura do coro. Possivelmente, data dessa época também a construção da galilé. Sua conclusão, em 1793, foi marcada pela introdução de um sino de bronze na torre. Confeccionado em Portugal, sua sonoridade era imprescindível à dinâmica urbana e cultural da época, haja vista sua função de "anunciador das horas cristãs"[13], em torno das quais toda a sociedade colonial se organizava.

Abaixo, fachada posterior do convento. Foto de Nelson Kon, 2012.

*Below, posterior façade of the convent. Photograph by Nelson Kon, 2012.*



10. MARX (1991: 39) afirma que os fiéis "propiciavam, assim, as condições para a construção do templo, para sua manutenção e reparo, para seu equipamento litúrgico e funcionamento efetivo". Também o *Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da Bahia (1587-1862)* informa que os conventos recebiam do governo português a ordinária, que incluía o vinho, o azeite e a cera, destinados às missas, e a farinha de trigo para a confecção de hóstias (1973: 74).

11. *Contestação do Advogado dos Carmelitas Velho Barretto às Allegações dos Franciscanos – 1735* (1879: 30).

12. *Certidão Passada pelos Officiaes da Camara da Villa das Alagoas Acerca do Estado do Convento de S. Francisco, 1759*. (1859: 34-35)

13. PASTRO, 2001: 71.



Fachada principal do convento. Foto de Ana Cláudia Magalhães, 2010.

*Main façade of the convent. Photograph by Ana Cláudia Magalhães, 2010.*

O prédio do convento foi desenhado como um bloco alongado de dois pavimentos, recuado em relação à igreja e separado dela por um muro de pedra e cal. Sua fachada é recortada por várias aberturas, como portas de acesso, pequenas janelas (referentes às celas), janelas rasgadas com guarda-corpos (na antiga biblioteca) e janelas maiores (nos antigos corredores das celas). A ideia de horizontalidade é garantida pelo comprimento maior que a altura. O mirante e o que parece ter sido uma chaminé são os elementos que se destacam volumetricamente no conjunto, por estarem mais elevados em relação à coberta.

Com paredes autoportantes, a técnica construtiva utilizada foi alvenaria mista de pedra, em sua forma bruta, e tijolos de barro cozido. Já o muro que cerca seu quintal é totalmente em pedra e cal. A coberta, em telha de barro, do tipo capa e canal, tem estrutura de madeira e beirais do tipo beira-seveira, com três camadas sucessivas de telhas.

Aproveitou-se bastante a pedra calcária, abundante na região litorânea, para a confecção de partes da edificação, destacando-se nos elementos componentes de fachadas e outros integrantes das áreas internas do complexo. Também foi explorada plasticamente nas fachadas da igreja e da Capela da Ordem Terceira, no claustro e na escada principal. Lavrada, ela aparece também em guarnições de portas e janelas, arcos, lavabos e pias de água benta.

Concluído o complexo conventual com igreja, Capela da Ordem Terceira e moradia dos frades, a composição arquitetônica é arrematada por um cruzeiro à frente da igreja. Tem cruz latina que se assenta sobre amplo pedestal, como é comum nas casas franciscanas daquela época.

Conformava-se, enfim, o edifício religioso colonial onde à pedra e cal – espacialidade, plástica, arquitetura – se somavam os aspectos intangíveis, isto é, rituais e celebrações católicas, sermões exaltados, cânticos, incensos, **alfaias**, efeitos de luz e sombra que, com representações e símbolos justapostos, conformavam o grande espaço cênico barroco onde o drama cristão era espetacularmente encenado, em especial no âmbito da igreja.

Mas não foi apenas a dimensão construída que caracterizou o Convento de Santa Maria Madalena. Estavam ali bem presentes e ligadas à arquitetura as áreas não edificadas: adro e cerca conventual – elementos estáveis, existentes em todas as composições conventuais





franciscanas. Na cerca ainda se visualiza a antiga porta do carro, abertura localizada na praia da lagoa, destinada originalmente à passagem de carros de bois ou carroças. Citada por frei Jaboatão[14], hoje se encontra em ruínas, mas ainda é possível observar certo apuro no corte da pedra que enquadra o vão.

Celebração de missa na igreja conventual, possivelmente em data anterior a 1965. Foto do Arquivo do Museu de Arte Sacra, s/d.

*Celebration of Mass in the convent church, possibly before 1965. Photograph from the Archives of the Museum of Sacred Art, n/d.*

No início do século XVIII, é possível afirmar que a Ordem Franciscana encontrava-se integrada ao contexto local. A sua atuação junto à comunidade era intensa e, além das atividades litúrgicas e missionárias, oferecia aulas de gramática (primeiras letras) para a população desde 1719. Prestando assistência sacramental regular no convento, apenas a prática da mendicância lhes oferecia oportunidade de sair do ambiente claustral. Um documento datado de 1759 confirma as suas atribuições:

> Certificamos que os reverendos religiosos de S. Francisco do Convento desta vila vivem em regular e perfeita observância de seu sagrado instituto, não possuindo nem admitindo coisa própria de que tirem rendas para sua subsistência e vestuário, sendo que se contentam e se contentarão sempre com o que adquirem pedindo esmolas... os productos de seu trabalho, como dizendo missas e pregando sem ir aos enterros por ser bem sabido que aos capuchos como eles são não lhes he permitido saírem em communidade formada a acompanhar procissões e defuntos fora dos conventos e sempre serviram e servem de muita utilidade espiritual administrando os sacramentos no convento não só aos irmãos terceiros os quais são instruídos e exercitados pelo

14. JABOATÃO, 1980: 608. Essa cerca ainda apresenta ampla cobertura vegetal de grande e médio porte, constituída por árvores frutíferas típicas da região, diversos tipos de palmeiras, trepadeiras, ervas ornamentais e de forração.

> seu comissário em todos os cultos próprios daquela venerável ordem, mas também todos os felizes que ao convento concorrem no tempo quaresmal e mais do ano(...)[15].

O espaço conventual também servia como referência social, pois costumava ser utilizado para reuniões de grupos leigos, associados em irmandades diversas. No convento franciscano, reuniu-se durante muito tempo a Irmandade de São Benedito, formada por devotos do santo franciscano, em sua maioria negros. Também acolheu a Ordem Terceira de São Francisco, formada tradicionalmente pela elite local, que, posteriormente, erigiu prédio próprio vizinho à Igreja da Ordem Primeira.

Esse foi o arcabouço físico no qual se desenrolou a maior parte das cenas religiosas conduzidas na vila. Ali, naquele convento, durante cerca de dois séculos e meio, vivenciaram-se intensas práticas religiosas e sociais inseridas no aparato cultural típico da época colonial brasileira. A partir do século XIX, porém, desenhou-se uma nova fase que, gradualmente, foi se estabelecendo e impondo novas formas de apropriação e uso do prédio. Tratou-se de um período onde o esgotamento da função religiosa, por conta da redução no número de frades, sinalizava para a apropriação do prédio para fins diversos dos originais. A igreja manteve suas atividades litúrgicas cotidianas, mas, o convento propriamente dito, ficou empobrecido.

De 1821 até 1839, a parte térrea do claustro, a biblioteca e a área externa serviram como acampamento para um grupo de soldados do Batalhão de Caçadores de Maceió. Logo após, abrigou flagelados da grande seca que atingiu o sertão alagoano, o que provocou sérios danos ao monumento. No ano de 1855, com apenas três frades residentes – o guardião frei José de Santa Engrácia Cavalcante, o presidente João das Chagas de Cristo e o porteiro frei José d'Anunciação –, o prédio apresentava várias degradações em sua estrutura física. Ocorreu um processo de esvaziamento gradual e, no ano de 1879, só residiam no convento três religiosos e quatro escravos. Doze anos depois, era ocupado apenas pelo frade guardião[16].

Esse quadro de decadência se delineava desde 1764, quando o Marquês de Pombal proibiu a admissão de noviços e desencadeou uma crise cujas consequências foram drásticas para a história da Ordem Franciscana no Brasil. Apesar de ter sido revogada em princípios do século XIX, a lei voltou a vigorar em 1855, impedindo o ingresso de novos membros nas ordens regulares. Todos os conventos franciscanos do país passaram, então, por um processo de subutilização, com reduzido número de frades, o que, entre outras consequências, prejudicou a conservação das edificações. Outra causa apontada para o fenômeno de esvaziamento foi o grande número de mortes de

15. *Certidão Passada pelos Officiaes da Camara da Villa das Alagoas Acerca do Estado do Convento de S. Francisco, 1759*. 1879: 34.

16. SANTANA, 1970: 31.

religiosos. Diante desse panorama de decadência, a Província Franciscana no Brasil quase veio a se extinguir completamente, só vindo a recuperar-se em 1893, por ocasião da chamada "Restauração", com a vinda de frades alemães para o país[17].



Alunas do orfanato em aula nas dependências do convento. Fotos do Arquivo do Museu de Arte Sacra, s/d.

*Pupils of the orphanage during class in the convent. Photograph from the Archives of the Museum of Sacred Art, n/d.*

Como visto, o complexo conventual de Marechal Deodoro não ficou imune ao problema e sofreu as consequências de um desdobramento histórico e político que se deu em âmbito nacional. Por outro lado, a perda da condição de capital da Província para Maceió acentuou na cidade, de modo geral, um processo de estagnação econômica e social que já se anunciava há algum tempo. Certamente, isso se refletiu na conservação dos seus monumentos, religiosos e civis.

Em 1902, foi fundado o Seminário Provincial de Alagoas, que funcionou no prédio já desabitado. Na ocasião, "grande foi a reforma feita no velho convento da cidade de Alagoas", em razão de estarem destinados a ocupar o prédio entre 70 e 80 seminaristas[18].

Apesar das intervenções físicas realizadas na ocasião, é possível que os vários comprometimentos houvessem se acentuado gravemente, pois, apenas dois anos depois, os seminaristas foram transferidos para Maceió, alegando a busca por melhores condições de acomodação. Praticamente vazio, ficou por muitos anos em quase completo estado de abandono até quando, em 1914, os frades da Província de Santo Antônio, reunidos na Bahia, decidiram doar o prédio à Arquidiocese de Maceió, pois não dispunham de meios para restaurá-lo, nem de frades para ocupá-lo. Em 1915, instalou-se no local o Orphanato de São José, administrado pela Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho. Em 1923, construiu-se nos fundos do convento o Pavilhão Firmo Lopes, onde se realizavam as festas do orfanato.

Com seu valor legitimado pelo poder público, o convento foi tombado federalmente em 1964. Em 1967, estando seu prédio em péssimas condições de conservação, agregou-se ao Pavilhão Firmo Lopes o prédio do Educandário São José, mantido até 2007 pela Sociedade Claretiana de Educação e Assistência, de Londrina (PR), atualmente desocupado.

Numa tentativa de preservar o monumento, praticamente abandonado e em péssimas condições, ocorre a interação institucional envolvendo governo estadual, Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho e Arquidiocese de Maceió, cuja intenção era não apenas estabelecer

17. ALMEIDA, 2009: 100. Cf. também WILLEKE, 1973: 42. Por razões ainda não identificadas, o Convento de Santa Maria Madalena, ao contrário do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, em Penedo(AL), não foi contemplado com a presença de frades alemães.

18. Jornal *O Semeador* (2002: 8) e MERO (1993: 100), transcrevendo citação de jornal de época.





Dormitórios coletivos do orfanato instalados no pavimento superior do convento e Maria Antonieta Leite (Mãe Nieta), diretora do Orfanato de 1923 a 1966. Fotos do Arquivo do Museu de Arte Sacra, s/d.

*Collective dormitories of the orphanage installed in the convent's upper floor and Maria Antonieta Leite (Mother Nieta), the director of the Orphanage from 1923 to 1966. Photograph from the Archives of the Museum of Sacred Art, n/d.*

uma nova função, mas, também, alavancar recursos para a restauração e manutenção do antigo convento, o que de fato se deu entre 1975 e 1987, através de parceria entre Sphan e Governo do Estado de Alagoas. Em 1984, após restauração, é inaugurado o Museu de Arte Sacra de Alagoas Dom Ranulfo, conforme se mantém até hoje.

Nesse mesmo ano, foi aprovada pelo Iphan a cessão de parte da cerca conventual para a construção da Escola Técnica de Artes e Ofícios de Marechal Deodoro, desde que ela, "se adequasse ao conjunto antigo no que se refere à implantação, relação entre cheios e vazios das fachadas, dimensões, forma, disposição, declividade dos telhados, cor, materiais e, sobretudo, no que diz respeito à cobertura vegetal existente"[19].

Com isso, oficializava-se a apropriação do terreno do convento, pois em 1990 foi construída a ETFAL, atual Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas – Unidade de Ensino Descentralizada de Marechal Deodoro. Embora a doação tenha sido atrelada à recomposição de parte do antigo muro de pedra que havia desabado e à demolição do Educandário São José, tal compromisso nunca foi cumprido, pois jamais se cogitou da restauração do muro e o educandário, embora desativado, ali permanece.

A ocupação de parte da cerca conventual foi justificada, na época, pela necessidade de revitalização da área e pelo perigo iminente de invasões coletivas. Não foi levado em consideração o fato de que o monumento tombado em nível federal incluía as edificações e também o seu sítio de implantação, conforme assumido por Augusto Silva Telles, diretor do DTC/SPHAN em 1983[20].

19. Dados obtidos em documentos do arquivo da Superintendência Regional do Iphan em Alagoas, em março de 2005.
20. Pesquisa realizada em documentos do arquivo do Museu de Arte Sacra de Alagoas, antigo Convento Franciscano.

Na verdade, todos os conventos do país sofreram o parcelamento de seus terrenos. A decadência da vida em clausura, com a consequente degradação física dos edifícios conventuais, a partir do século XIX, aparece como fator determinante nos processos de apropriação de grandes parcelas de terras pertencentes à Ordem Franciscana, em todo o Brasil.[21] Alguns casos, inclusive, em época anterior ao século XIX. No caso de Marechal Deodoro, a fragmentação do espaço aconteceu com a cessão de partes do terreno para as construções já citadas. Com isso, a área total que era de 58.700m² encontra-se reduzida em mais de 50%.

À direita, um dos salões do pavimento superior do convento: área correspondente às antigas celas, hoje utilizada para exposição museográfica. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the right, one of the halls in the upper floor of the convent: area corresponding to the former cells, now used for museographic exhibits. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

## O Convento como espaço habitado

Construído com a infraestrutura adequada para atender ao dia a dia dos frades residentes, o Convento de Santa Maria Madalena deveria ser um dos nós de uma rede montada pela Província Franciscana de Santo Antônio, na qual cada convento nordestino tinha um papel importante, pois todos "funcionavam como centros de apoio aos frades e missionários"[22]. De pequeno porte em relação a outros edifícios monumentais da Ordem, seu plano arquitetônico materializa-se através de uma estrutura simplificada, que se oferece com facilidade à fruição e à contemplação dos usuários.

Ponto de passagem na incessante itinerância dos frades missionários no percurso entre Pernambuco e Bahia, o Convento de Santa Maria Madalena foi concebido não apenas para receber adequadamente os moradores, mas os ocasionais hóspedes. Ali, toda a disposição espacial foi pensada com o objetivo de acolher dignamente moradores e visitantes e suas práticas coletivas, bem como pretendeu traduzir uma dimensão religiosa cujos gestos se apropriam da linguagem arquitetônica para se expressar, se fazer ver e, especialmente, permitir sentir.

Nesse sentido, mesmo sem ter desenvolvido um programa arquitetural muito amplo, apresentou o ambiente necessário à realização das atividades cotidianas dos frades, fosse na privacidade do ambiente claustral, fosse na perspectiva de interação com a população.

Com exceção do corpo da igreja, esse convento é marcado por um despojamento decorativo que não o empobrece. Ao contrário, o prédio é enriquecido pelo confronto entre a sutileza ornamental e o desenho de traços eruditos, nítidos na definição e disposição dos espaços, dos contornos, dos recortes, da métrica, resultando em uma composição cujos apelos formais se movimentam com muita desenvoltura entre o simples e o sofisticado.

21. Cf. MARX, 2000.

22. ALMEIDA, 2009: 114.





À esquerda, arranque da escada principal do convento. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, springer in the convent's main stairway. Photograph by Nelson Kon, 2012.*



À direita, figuras antropomórficas, zoomorfas e fitomorfas. Retábulo da capela lateral da igreja. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the right, anthropomorphic, zoomorphic and phytomorphic figures. Retable in the church's lateral chapel. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Considerando que a Ordem vivia de esmolas, o convento não podia comportar grande número de moradores[23]. A análise da planta mostra ter havido ali cerca de quinze pequenas celas no pavimento superior e mais três celas menores no pavimento intermediário[24]. A cada cela de desenho quadrangular correspondia uma janelinha enquadrada, pelo lado de fora, por uma moldura em pedra. A extremidade do que foram os corredores de celas é arrematada por uma saleta maior, marcada por uma janela generosa com **conversadeiras**, destinada a iluminar e ventilar as circulações, além de funcionar como área de convívio.

A moradia dos frades apresentava um programa simples distribuído entre áreas comuns – claustro, refeitório, *De Profundis*, sala do capítulo, biblioteca, portaria, consistório, sacristia – e áreas de serviço: cozinha, sala da farinha, latrinas, depósitos, acomodação para escravos ou empregados.

Duas escadas interligam os dois pavimentos, sendo uma de ligação entre o refeitório e as celas e a segunda, mais monumental, localizada entre a igreja e a sacristia, levando diretamente a um *hall* que antecede a galeria superior do claustro ou um grande salão, possivelmente onde funcionava o consistório, local destinado à reunião de irmandades e guarda de alfaias, paramentos e demais objetos usados em cortejos processionais.

A escada principal, toda em pedra, se notabiliza pelo apuro artístico com que se trataram os arranques do corrimão, na sua base e na sua finalização, em ambos os lados. São pilares robustos, entalhados na pedra, e que recorrem a motivos fitomorfos, tendo nas folhas de acanto o elemento mais explorado.

O antropomorfismo também atrai a atenção através da presença de **atlantes** e **cariátides** na base do retábulo-mor. Trata-se de representações de figuras humanas, tanto do sexo masculino como do feminino. Destacam-se ainda figuras femininas, talhadas em madeira, distribuídas no guarda-corpo da escada de acesso ao pavimento superior (sobre o *hall* da sacristia) e no guarda-corpo do coro da Capela da Ordem Terceira. Em ambos os casos, as mulheres aparecem com os seios

23. Em meados do século XVIII, a disputa pela coleta de esmolas e doações gerou séria desavença entre franciscanos, já estabelecidos, e carmelitas, tentando se fixar na vila. Os conflitos, com desdobramentos políticos, debilitaram a presença carmelita e terminaram por provocar o abandono do Convento do Carmo.

24. São raros os dados que tratam do número de frades residentes no convento. Segundo os Estatutos da Província de Santo Antônio do Brasil, documento datado de 1683, inicialmente estavam destinados àquela casa dez irmãos. O Relatório de Frei Domingos da Purificação, datado de 1779, informa que, no Convento de Santa Maria Madalena, moravam dezessete frades. Apud: ALMEIDA, 2009: 111.

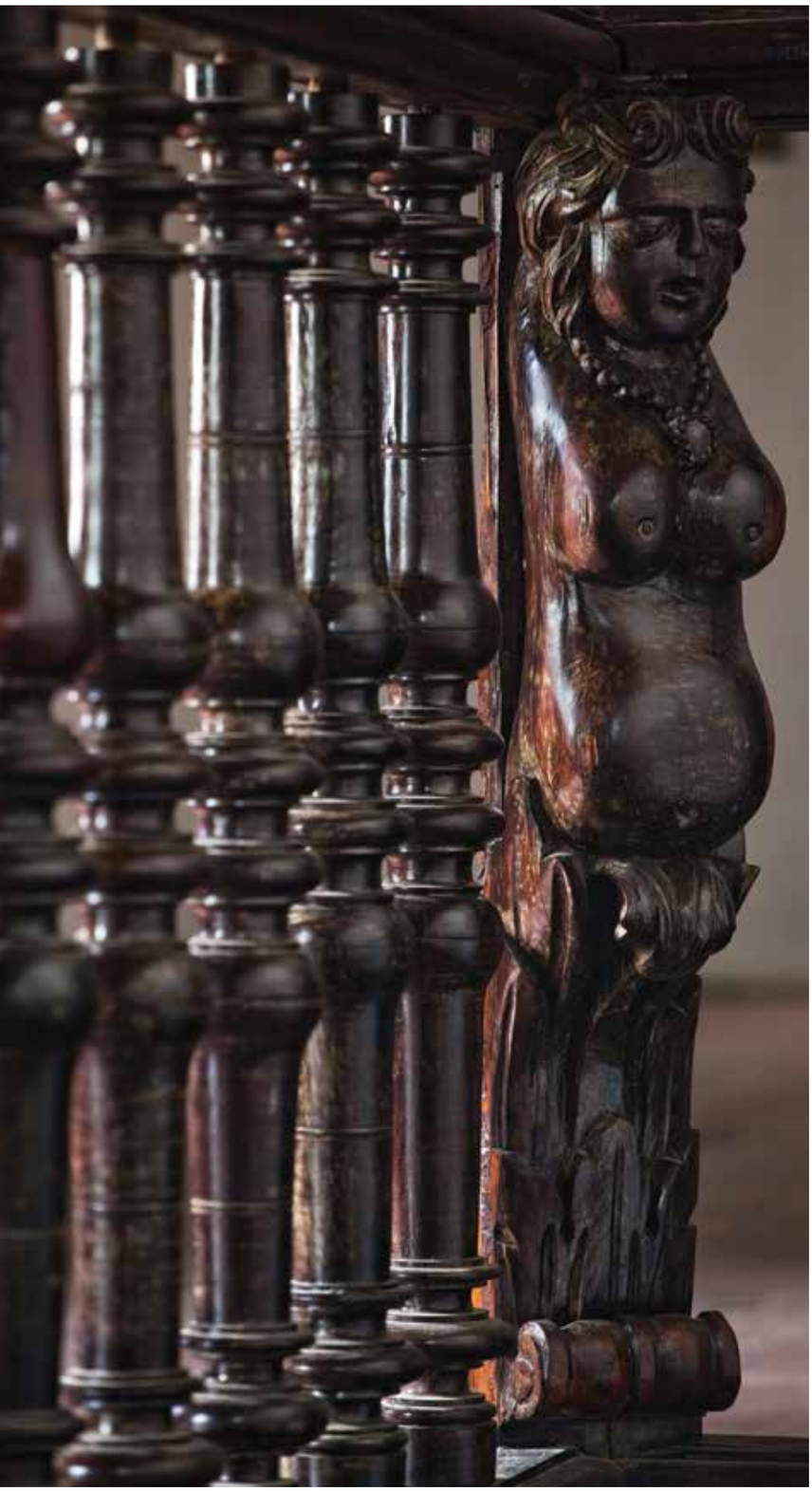


Figura feminina do guarda-corpo da escada principal do convento. Foto de Nelson Kon, 2012.

*Female figure in the guardrail of the convent's main stairway. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

desnudos e a parte inferior do corpo velada. Possuem ventre proeminente e seios bem marcados, inclusive com definição dos mamilos, numa possível alusão ao potencial de maternidade ali contido.

Estruturado em dois pavimentos, o prédio do convento foi ordenado num modelo retangular em que é possível perceber uma ordenação hierárquica e uma narrativa arquitetônica que confirmam o claustro como território central, com o qual todos os demais espaços se relacionam. Emblemático na forma e na essência, o claustro subordina tudo à sua força atrativa, devido à destinação histórica que o colocou como agente definidor de toda a estrutura monástica desde os primeiros mosteiros medievais.

Galeria geometricamente inscrita num espaço quadrangular, colocada na lateral direita da igreja, o claustro constitui-se em passagem obrigatória para acessar a igreja e a maioria dos demais espaços do prédio. Caracterizado fisicamente pelas formas marcantes de uma série de arcadas sustentadas por pilastras, apresenta uma área aberta, vocacionada para

fortes impressões cognitivas, "numa associação simbólica com o paraíso"[25]. Dali, é possível a contemplação plena da abóbada celeste.

Local de procissões internas e particulares aos frades, o ambiente silencioso do claustro estimulava a oração e a interiorização, ao mesmo tempo em que se oferecia à leitura de livros, conforme demonstra a presença do pequeno armário embutido na parede de uma das galerias do pavimento superior.

Quanto à linguagem visual, percebe-se a matriz comum aos outros claustros, cujo objetivo é permitir a ligação entre o céu e a terra, com suas arcadas em pedra anunciando a fronteira entre o espaço interno e o externo. Entretanto, sua dominância visual é determinada também por aspectos sensíveis ali envolvidos, tais como as paredes lisas às quais se contrapõem sentidos variados lapidados na pedra, ou a sacralização do piso pelas sepulturas enfileiradas.

O conjunto parece enfatizar os contornos das pilastras geminadas, singulares na forma, pois contrariam o modelo das colunas comuns aos demais claustros franciscanos no Brasil.

Confirmando a sacralidade de que se reveste o *paradisus claustralis*, estão ali dispostas as sepulturas. Percorrendo todo o perímetro das galerias, as campas retangulares representam o "mundo subterrâneo" [26], um dos três níveis de um universo espiritual mais amplo com o qual os religiosos se relacionam no ambiente do claustro (além do céu e da terra). Possivelmente, ali foram enterrados apenas frades, sendo que uma quadra foi reservada para os membros da Irmandade de São Benedito. Pesquisa preliminar feita no livro *Et Orent Pro Defunctis* aponta que, entre 1665 e 1881, quarenta e quatro irmãos morreram no Convento de Santa Maria Madalena.

A sala do capítulo, normalmente um dos lugares mais destacados no espaço conventual, em Santa Maria Madalena, constitui-se de um ambiente pequeno, cuja ênfase não está no mobiliário ou no arranjo decorativo, mas se revela pelo caráter místico do qual se reveste, originalmente local de reunião e oração. A posição privilegiada dessa sala em relação às demais existentes no claustro é perceptível em gestos sutis, mas eloquentes. Entre eles, o rigor simétrico com que se coloca ao centro de uma de suas galerias; o **arco pleno** assentado sobre pilares de superfície policromada com motivos florais inseridos em temas geométricos, marco imponente pelo qual se acessa a sala; as pinturas murais nas paredes, destacando-se vestígios de uma composição cujo desenho remete a um retábulo com nicho central ladeado por colunas torsas[27].

25. Segundo VILAMARIZ (2002: 29) "dentro do mosteiro, o verdadeiro espaço do paraíso era o claustro, com o seu jardim carregado de associações, que passavam pelo simbolismo das plantas – a rosa, por exemplo, simbolizava o sangue de Cristo – e pelo paralelismo da água – existente numa fonte ou mesmo no lavabo – com os rios que cruzavam o Jardim do Paraíso".

26. BORGES, 2006: 69.

27. A pintura referida apareceu no decorrer da restauração do complexo franciscano, e parte dela ainda se encontra coberta por camadas de repinturas.



Na página ao lado, vista das galerias inferior e superior do claustro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*On the opposite page, view of the cloister's lower and upper galleries. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

À direita, arco de acesso à sala do capítulo. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the right, arch leading to the Chapter hall. Photograph by Nelson Kon, 2012.*



A antiga portaria se localiza paralela à parede da igreja. Essa sala se abre diretamente para a galilé e apresenta na porta externa um ralo em metal que, resguardando a privacidade do ambiente claustral, permitia a comunicação dos frades com o exterior.

Trata-se de um ambiente amplo, mas destituído de quaisquer dos adornos típicos das imponentes portarias que anunciavam o acesso ao convento. Sem nenhum indício de decoração ou mobiliário antigo, ali foi encontrado apenas um nicho, escavado rudemente na parede larga, com recortes para prateleiras e localizado imediatamente após a porta de acesso.

A sacristia, cuja função primitiva era a guarda das alfaias e paramentos para uso nas cerimônias religiosas, sempre foi um espaço exemplar por sua significação dentro da lógica construtiva conventual e, também, pela materialidade ali existente. A localização na igreja é secular; as novidades na liturgia católica não alteraram esse traço, que vem desde os primeiros templos cristãos e favorece um percurso sacralizado pela tradição. Da sacristia, o sacerdote acessava a igreja, realizava a celebração e para ela voltava após a sua conclusão.

Alterada em relação ao mobiliário comum às sacristias dos antigos conventos, ela hoje mantém apenas um contador de amitos e um arcaz em jacarandá. No mais, é destituída de ornatos que remetam à sua importância no conjunto. Apenas uma de suas paredes é enriquecida por um lavabo em pedra, ladeado por dois nichos côncavos arrematados em arco pleno.

Entretanto, a existência de uma portada imponente anuncia a possibilidade de outra perspectiva para a inserção da sacristia na espacialidade do convento. Abrindo-se para o exterior, a portada tem cercadura ampla, totalmente esculpida em pedra e parece indicar não apenas o acesso a um ambiente especial, mas a intenção de crescimento do prédio no sentido noroeste. Nesse caso, a sacristia seria transferida para a parte posterior da igreja, admitindo a forma mais comumente encontrada nas casas conventuais da Escola Franciscana do Nordeste.

O mirante – denominação dada à antiga biblioteca – é um ambiente quadrangular, com suas três faces voltadas para o exterior, com o qual se comunica através dos recortes das janelas. O acesso ao mirante passa pelo que teria sido a bateria de celas. Ele se encontra elevado em relação ao volume do prédio do convento, tendo, por isso, visão privilegiada de todo o conjunto circundante: cidade, lagoa, cobertura vegetal dos quintais. Através dele, a ligação **interior/exterior** se faz mais plenamente.

Para a contemplação confortável da paisagem, da rua com seu casario singelo, as janelas apresentam conversadeiras. Os vãos são preenchidos por janelas rasgadas com **postigos** que permitem o debruçar-se sobre elegante gradil em ferro fundido.

A biblioteca perdeu todo o mobiliário que caracterizava a função exercida, assim como o valioso acervo bibliográfico que provavelmente incluía livros de filosofia, teologia, expositivos,

Cozinha vista a partir do *De Profundis*: porta de acesso e passa-prato. Abaixo, detalhe de azulejo da cozinha. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, 2007.

*Kitchen seen from* De Profundis*: doorway and serving hatch. Below, detail of wall tiles in the kitchen. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, 2007.*



predicativos e históricos, destacando-se os pensadores medievais franciscanos[28].

A cozinha é ampla e iluminada, sendo sua função claramente perceptível pela forma com que se aproxima do refeitório e da sala da farinha, espaços com os quais interage através de passagens e recortes quadrangulares nas paredes, destacando-se um passa-prato.

Constitui um ambiente vigoroso, de desenho regular, com porta e janela voltadas para a área externa, e se comunica com espaços contíguos, como o refeitório e a sala da farinha, ligados a ela por pequenos vãos rasgados nas paredes internas. Há poucos vestígios de seus equipamentos, à exceção de uma grande pia azulejada e de um espaço recuado ao fundo, que se eleva acima da coberta e evoca uma chaminé, hoje transformada em caixa d'água. Possivelmente, ali, na parte térrea, ficava instalado o forno.

No convento, o uso de azulejos em suporte arquitetônico é discreto e a cozinha é o único local onde eles aparecem. Datados do século XIX, a temática apresentada é fitomorfa, com a repetição de dois modelos de flor, em tons monocromáticos de azul sobre fundo branco. Trata-se de um painel de azulejos do tipo "tapete", cuja técnica de manufatura é a estampilha[29].

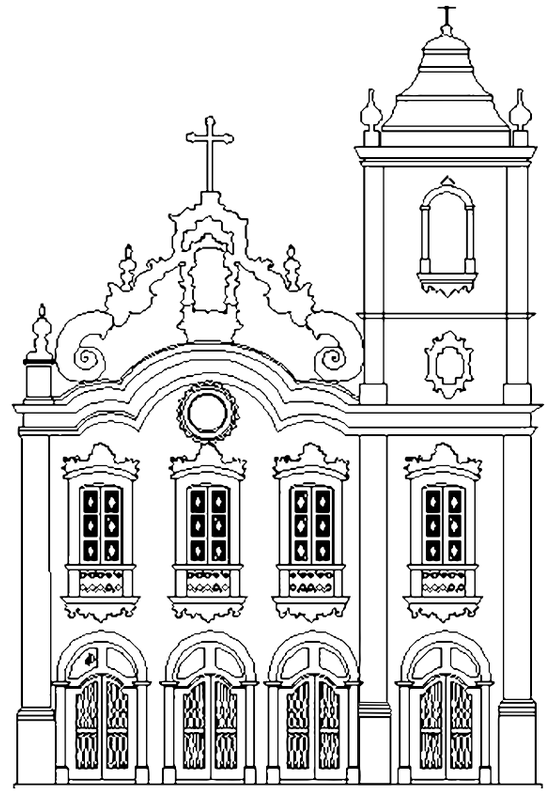
Diretamente ligada à cozinha, a sala da farinha era o local onde se armazenavam gêneros necessários à alimentação cotidiana dos frades. No outro extremo, logo após o *De Profundis*, o refeitório. Salão retangular, de maiores proporções, é muito amplo e claro, pois tem suas duas paredes externas recortadas por uma sequência de janelas. Destaca-se em seu interior, engastada na parede, uma bancada em pedra, com ricos detalhes esculpidos na parte inferior, cuja função parece ter sido a de um púlpito para as pregações e leituras próprias do horário das refeições, embora não apresente vestígios de guarda-corpo nem de escada de acesso.



28. Os conventos mantinham bibliotecas com as obras básicas da Ordem, cujo intuito era estimular o desenvolvimento moral e intelectual dos frades. Cf. ALMEIDA, 2009: 102-103.

29. JÚNIOR e MACHADO, 2008: 65-66.





À esquerda, fachada da igreja conventual. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, façade in the convent church. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

À direita, desenho da fachada da igreja conventual. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, 2010.

*To the right, sketch of the façade of the convent church. Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, 2010.*

Apesar de não ter preservado nada do seu mobiliário tradicional, nem mesas, nem bancos, nem imagens, há certa nobreza e solenidade no ambiente, nobreza essa que remete a um tempo longínquo onde o **alimento** repartido fortalecia corpo e alma. Trata-se de um local onde a vida em comunidade se exercia plenamente com a partilha do pão.

Além dos já citados, outros ambientes devem ter se destacado no espaço do convento. É sabido que não tinha enfermaria[30] e que possuía cemitério que serviu à população até meados do século XIX, localizado na área externa, entre a igreja e a Capela da Ordem Terceira, embora internamente seu solo também tenha sido rasgado por sepulturas, tanto na nave quanto no claustro.

A quase completa ausência de documentação acerca desse convento dificultou a definição de alguns espaços, a exemplo de uma sala pequena localizada no térreo, com abertura para uma das galerias do claustro. A mesma indagação se aplica ao salão acima da sacristia, cuja função não foi possível determinar. Tanto pode ter servido como consistório quanto ter abrigado celas ou, ainda, a varanda, local onde se davam os estudos obrigatórios dos frades[31].

As áreas de serviço ficavam localizadas no porão alto que está logo abaixo da antiga biblioteca. As latrinas eram localizadas no pavimento superior, junto às celas.

A cultura barroca transparece em vários aspectos da composição, seja de forma eloquente ou sutil, materializada ou apenas sentida. Entretanto, é na igreja que ela se afirma mais fortemente, por meio de adornos em pedra demarcando frontispícios, do arremate de frontões, de guarda-corpos vazados, de óculos, de emblemas franciscanos, de cercaduras de esquadrias e arcadas, de pináculos: elementos variados que, enfatizados pelo entalhe cuidadoso, adoçam e amaciam a matéria bruta.

Abaixo, imagem de São Francisco de Assis em terracota policromada. Foto de Ana Cláudia Magalhães, 2009.

*Below, image of Saint Francis of Assisi in polychromed terracotta. Photograph by Ana Cláudia Magalhães, 2009.*



Concluída em fins do século XVIII, a igreja tem seu espaço interno definido pela galilé, nártex, nave, capela-mor e capela lateral. Avizinha-se do convento pelo lado direito, comunicando-se com ele através de portas e tribunas. Sua localização, centrada na perspectiva do adro, atrai a

30. JABOATÃO, 1980: 609.

31. *Atas Capitulares da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, 1649/1843*, p. 212, nota nº 6.

atenção daquele que contempla o conjunto edificado. Nela distingue-se, de pronto, a galilé, ambiente recorrente na arquitetura franciscana, que ocupa toda a extensão da fachada e apresenta quatro vãos em arco pleno cujos fechamentos são em madeira recortada, ao modo de um gradil. Em cada uma das laterais repete-se um vão, sendo que o do lado esquerdo, entaipado em data ignorada, abria-se diretamente para o interior do convento. É possível que tal abertura tenha sido a "porta dos pobres", elemento recorrentemente mencionado na historiografia conventual franciscana, referindo-se a uma porta através da qual pobres, romeiros e peregrinos em geral eram atendidos e recebiam algum auxílio dos frades. Frei Basílio Rower a chama de "portaria ou casa especial onde se fazem as distribuições"[32].

A cada uma das entradas da galilé corresponde, no andar superior, uma janela-rasgada referente ao coro, com verga em arco abatido, apresentando belo guarda-corpo em pedra recortada, esculpida e vazada.

Como informa Bazin[33], sua cimalha, suavemente ondulada – que, num movimento mais acentuado, se curva na área central e se insinua no frontão –, resulta da transformação ocorrida nas fachadas a partir de 1760. Sob esse meio-arco se situa o óculo, logo acima da janela-rasgada central, com sua moldura toda em pedra esculpida.



32. ROWER, 1947: 100.
33. BAZIN, 1983: 178.

Na página ao lado, fachadas da igreja conventual e da Capela da Ordem Terceira de São Francisco, ao fundo. Foto de Nelson Kon, 2012.

*On the opposite page, façades of the convent church and the Chapel of Ordem Terceira de São Francisco, in the background. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

O frontão revela a origem triangular. Entretanto, o que poderia ter sido uma cornija rígida é fragmentado em uma série de curvas e contracurvas cujo arremate são as volutas robustas. Ao centro, aparece um nicho onde está instalada a imagem em terracota policromada representando São Francisco de Assis.

Outro elemento fundamental na composição estética dessa fachada é a torre sineira. Embora, em outros exemplares, tradicionalmente apareça recuada em relação ao plano do frontispício, neste caso, está alinhada com o mesmo, inclusive contribuindo na composição plástica do conjunto, pois nela o jogo de aberturas tem continuidade de modo a se integrar com a relação de cheios e vazios.

O campanário, encimado por um soco poligonal, é arrematado por um acrotério com cruz pequena. Nas quatro extremidades da torre sineira, aparecem pináculos alongados. Esse volume que se eleva acima do telhado, é compartimentado no sentido horizontal em três partes, cada qual com uma abertura. Tendo sido edificado no século XVIII, o campanário pertence a uma mesma família de arremates em forma de bulbo com diversos ressaltos que lembram o Extremo Oriente[34].

Completando arquitetonicamente o complexo conventual, aparece a Capela da Ordem Terceira de São Francisco. Construída para acolher os terceiros franciscanos, homens e mulheres, foi instituída na antiga Vila de Santa Maria Madalena em 1719, pelo provincial frei Hilário da Visitação. No mesmo ano, houve a primeira eleição para composição da mesa diretora, quando foi escolhido para ministro o padre Domingos de Araújo de Lima. Até 1762, os irmãos terceiros reuniam-se em local não identificado, possivelmente nas dependências da própria igreja conventual. Eram proprietários de um sobrado onde havia um oratório e consistório. Ali, o grupo se reunia e guardava os objetos processionais, já tendo sido lançados os alicerces para a capela[35].

Desde 1751, mesmo sem acomodações adequadas, o grupo era responsável por várias atividades que ocorriam durante toda a Quaresma e Semana Santa, destacando-se a mais pomposa delas, a Procissão de Cinzas: "A Procissão da Cinza, na primeira quarta-feira [da Quaresma], era ato da Venerável Ordem 3º do Convento de São Francisco, atraindo muita gente, e fazia-se segundo a regra e estatuto da Ordem (...)"[36].

Em 1781, foi aprovado por Dona Maria I, rainha de Portugal, o Compromisso da Irmandade de São Benedito, cuja sede era a Capela da Ordem Terceira. Ainda hoje, a capela é referida por muitos moradores da cidade como sendo de São Benedito, indicando os laços devocionais do lugar com o santo negro.

34. BAZIN, 1983: 151.
35. JABOATÃO, 1980: 613.
36. FONSECA, 1895: 43.



À esquerda, fachada da Capela da Ordem Terceira de São Francisco. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, façade of the Chapel of Ordem Terceira de São Francisco. Photograph by Nelson Kon, 2012.*



À direita e abaixo, interior da mesma capela e detalhe do lavabo da sacristia. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, 2010.

*To the right and below, interior of the same chapel and detail of lavabo in the sacristy. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, 2010.*

A construção da capela obedeceu a três etapas. Inicialmente, foram edificadas a nave e a capela-mor; paralela a esta, a sacristia; no pavimento superior, o consistório. Numa segunda fase, edificou-se um ambiente anexo à sacristia e, finalmente, numa terceira fase, construiu-se uma área que está situada atrás da capela-mor[37].

O partido da planta apresentado mostra que havia uma intenção de, posteriormente, se construírem galerias laterais. Isso fica evidenciado também através do púlpito e tribunas elevadas na nave e capela-mor, sem meios de acesso, os quais, possivelmente, seriam acrescidos quando dessa ampliação.



Essa capela constituiu uma novidade no partido usualmente utilizado nos conventos franciscanos, uma vez que, ao contrário das demais, dispostas perpendicularmente à nave da igreja, foi edificada em separado do conjunto. É possível que tal inovação tenha se dado justamente porque no lugar onde comumente se instalaria a sede da irmandade construiu-se uma capela particular, destinada aos enterramentos de importante família local, ocupando assim o espaço tradicionalmente destinado aos terceiros franciscanos.

37. MELO, 1979.



Sacristia da Capela da Ordem Terceira de São Francisco, com o lavabo à esquerda. Foto de Ana Cláudia Magalhães, 2010.

*Sacristy in the Chapel of Ordem Terceira de São Francisco, with the lavabo to the left. Photograph by Ana Cláudia Magalhães, 2010.*

O interior da capela apresenta-se pobre iconograficamente, mas pode ter sido destituído de seus ornatos originais. Atualmente, exibe apenas um retábulo-mor em alvenaria, datado de 1923, e a base em pedra recortada do púlpito antigo. Destaca-se nesse edifício o guarda-corpo do coro, em madeira, com entalhes de boa qualidade, onde se sobressaem figuras femininas do tipo cariátides. Na sacristia aparece um lavabo simples, sem grande expressividade estética, cuja matéria-prima mescla pedra e argamassa.

Esse plano arquitetônico básico ao qual se aliou um programa iconográfico discreto foi, entretanto, suficiente para possibilitar a realização de atividades religiosas e sociais que eram inerentes à Ordem Terceira de São Francisco, tendo seu ápice nas celebrações da Semana Santa.

Na fachada, destaca-se a portada grandiosa, toda esculpida em madeira, denunciando a importância de seus membros, geralmente ligados às camadas mais favorecidas da população. Definido por relevos discretos em massa, o frontão da capela parece funcionar como uma moldura delicada para o emblema franciscano executado em pedra e que quase toma completamente o tímpano.

De modo geral, é possível afirmar que igreja e capela formam um conjunto expressivo, de perfil longilíneo, marcado por uma decoração cujos arroubos são controlados, o que lhe confere uma plástica suave, porém, não menos marcante. Por outro lado, o conjunto é muito valorizado pela possibilidade de visualização dos edifícios em sua totalidade, sem prejuízo ou



Desenho da fachada da Capela da Ordem Terceira de São Francisco. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, 2010.

*Sketch of the façade of the Chapel of Ordem Terceira de São Francisco. Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, 2010.*

comprometimento de sua unidade potencial, graças à liberdade visual garantida pelo adro, cuja integridade foi parcialmente preservada. Assim, a fachada amplia a dimensão do impacto causado pelo monumento e contribui para confirmar sua presença no desenho da cidade.

A história da Igreja Católica é marcada pela utilização de elementos artísticos como instrumentos de catequese e convencimento desde o estabelecimento dos primeiros espaços cristãos. Embora tenham surgido divergências a esse respeito, a instituição manteve-se firme contra os movimentos iconoclastas. Nesse sentido, o II Concílio Ecumênico de Niceia, ocorrido em 787 e, séculos depois, o **Concílio de Trento** aceitaram e defenderam como positiva a representação visual de personagens, elementos e figuras ligadas à cristandade em igrejas e demais espaços católicos.

A cristandade no Brasil foi partícipe dessa lógica herdada de Portugal. Todo o clero que aqui aportou trouxe consigo o ideal de propagação da fé cristã com farta utilização de recursos pedagógicos, que incluíam as artes. Nesse sentido, pode-se afirmar que o barroco foi, por excelência, a linguagem que mais amplamente se prestou a essa função, por sua própria natureza. O estilo foi balizado desde sua gênese pelas premissas da Contrarreforma, bem como pelo cenário cultural peculiar do Novo Mundo, que o favoreceu consideravelmente.

O programa iconográfico da Igreja de Santa Maria Madalena expressa esse espírito e a importância que os franciscanos davam ao lugar onde o culto divino era exercido de forma mais ostensiva e eloquente. Há poucas referências que tratem especificamente dos seus atributos iconográficos, embora algumas informações nos possibilitem entender que as adições ao espaço interno foram paulatinas, até conformar-se tal como o conhecemos hoje. Agregados ao longo dos anos, tais atributos permitem estabelecer outro nível de leitura daquele cenário. É possível que tenham sido instalados a partir do século XVIII, com a construção já bem adiantada, quando também foi definida parte dos elementos artísticos integrados à arquitetura.

As práticas devocionais tão queridas ao catolicismo colonial e à Ordem Franciscana, em particular, exigiam todo um investimento no sentido da aquisição e confecção de mobiliário



Na página ao lado, vista da nave da igreja conventual a partir do arco cruzeiro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*On the opposite page, view of the nave in the convent church from the crossing. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

e demais objetos de natureza sacra. A Igreja da Ordem Primeira ilustra essa vontade, que se materializa inicialmente através de pinturas murais, ora imitando altares, ora emoldurando simples nichos rasgados nas paredes. Depois, surgiram retábulos em madeira, arco cruzeiro em pedra, púlpito, forros policromados, tribunas, **cancelo** em jacarandá, sanefas encimando portas e janelas, gradil do coro, entre outros.

Os retábulos em madeira constituem, justamente, os elementos mais expressivos. Eles se elevam nas paredes da igreja com complexa tecnologia construtiva, apurada técnica de entalhamento, incorporando policromia e folha de ouro. Neles ficavam distribuídas imagens dos santos da devoção local, ou dos seus patrocinadores.

A historiografia afirma que, em 1759, a igreja já tinha retábulos policromados e dourados[38]. Possivelmente, se refere aos retábulos da capela-mor e da lateral, cuja expressividade artística permite inseri-los no primeiro ciclo do barroco no Brasil, início do século XVIII. Juntamente com o retábulo da Capela Dourada do Convento de Santo Antônio, em Recife, são os mais antigos exemplares de talha executados pelas oficinas franciscanas[39]. Sua expressão comunicativa se apodera de anjos, pássaros, frutas, flores e folhagens para consolidar, através de trama rebuscada, representações religiosas e simbólicas. É provável que sejam fruto de trabalho oficinal, isto é, que tenham sido concebidos e executados por uma mesma oficina de entalhadores, provavelmente frades artistas da própria Ordem.

Frei Jaboatão informa que, no início da segunda metade do século XVIII, já estavam colocadas no retábulo-mor as imagens de Santa Maria Madalena, ao centro, ladeada à direita por São Francisco de Assis e à esquerda por Santo Antônio.

Já a capela lateral foi edificada perpendicularmente à nave, graças à doação oferecida pelos irmãos João de Araújo de Lima e padre Domingos de Araújo de Lima, em 1709, a fim de custear sua construção: "hipotecando eles dous mil cruzados a juro, para ornato, e paramentos da dita Capela"[40]. No retábulo estavam colocadas as imagens de São João Batista e São Domingos, em homenagem aos patrocinadores da obra. Uma cripta funerária localizada abaixo do nível do piso, com teto baixo abobadado, serviu de local para os sepultamentos da família dos benfeitores, ainda mantidas três sepulturas em pedra, com a inscrição em uma delas: "agosto de 1884".

38. *Certidão Passada pelos Officiaes da Camara da Villa das Alagoas Acerca do Estado do Convento de S. Francisco, 1759*. (1879: 34)

39. BAZIN, 1983: 311.

40. JABOATÃO, 1980: 609.





À esquerda, retábulo em madeira dourada e policromada da capela lateral da igreja. À direita, retábulo colateral em madeira dourada e policromada, dedicado a Santo Antônio. Fotos de Nelson Kon, 2012.

*To the left, retable in gilded and polychromed wood in the church's lateral chapel. To the right, collateral retable in gilded and polychromed wood, dedicated to Saint Anthony. Photographs by Nelson Kon, 2012.*




Retábulo lateral em madeira dourada e policromada, dedicado ao Cristo Crucificado. Foto de Nelson Kon, 2012.

*Lateral retable in gilded and polychromed wood, dedicated to the Christ Crucified. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

À direita, esculturas em madeira dourada e policromada: Santa Maria Madalena, São Benedito, Santo Antônio, São Miguel, São Francisco e Nossa Senhora da Conceição. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, 2011.

*To the right, sculptures in gilded and polychromed wood: Saint Mary Magdalene, Saint Benedict, Saint Anthony, Saint Michael, Saint Francis and Our Lady of Conception. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, 2011.*













A essa altura, também já estavam reservados os lugares para a instalação dos altares colaterais ao arco cruzeiro, dedicados a Nossa Senhora da Conceição e a Santo Antônio, conforme citado pelo cronista[41].

Em meados do século XVIII, a igreja já teria todos os paramentos e alfaias necessários ao desenvolvimento das atividades litúrgicas. No século XIX, foram incorporados à nave os retábulos laterais, dedicados a Jesus Crucificado e a São Benedito, este último com a datação de 1843 inscrita no coroamento.

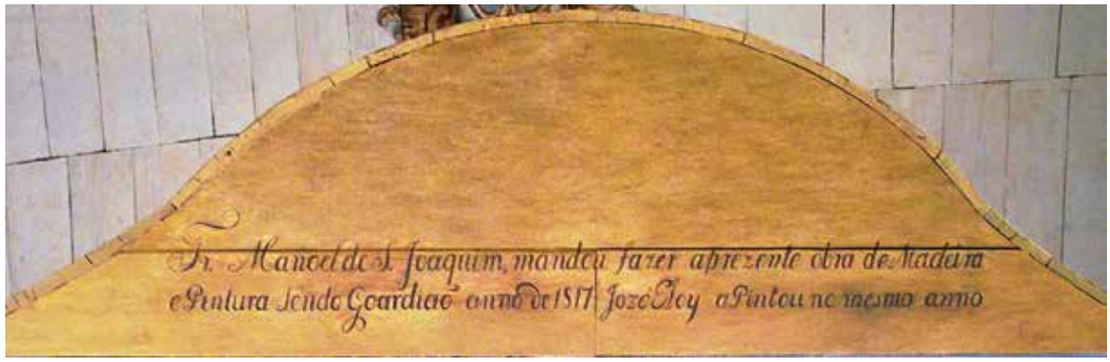
Além de rituais e cerimônias diversas havia, não apenas na igreja, mas espalhado por todo o convento, um elemento essencial à dinâmica religiosa da época: a imaginária representando santos católicos. "A imagem significa a presença do santo, do sagrado, nas circunstâncias mais variadas da formação do Brasil"[42].

As devoções populares se alastraram e se multiplicaram por todas as vilas e povoados brasileiros, em parte como herança dos portugueses e, por outro lado, como fenômeno tipicamente colonial, haja vista os processos socioculturais inerentes à população local. Somem-se a isso as inúmeras devoções específicas dos membros da Ordem dos Frades Menores, além das irmandades que possivelmente ali se reuniam, tal como a de São Benedito. Segundo a tradição oral, os santos que atraíam maior número de devotos em Marechal Deodoro eram São Benedito (especialmente entre os negros), Nossa Senhora da Conceição e São José. Deve-se a essas devoções a grande quantidade de imagens existentes até hoje no antigo convento, sendo as mais recorrentes: Jesus Cristo, em cenas da Paixão, santos franciscanos (São Ivo, São Gonçalo Garcia, São Feliz de Cantalice, Santo Antônio, São Benedito), São Francisco de Assis, Maria Mãe de Jesus (Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Patrocínio, Nossa Senhora do Bom Despacho), figuras bíblicas (São João Batista, Maria Madalena), figuras celestiais (São Miguel Arcanjo).

41. Segundo JABOATÃO (1980: 608), todo o ornato necessário para os retábulos colaterais estava garantido desde 1660, nos primórdios da construção do prédio, sendo benfeitores Ignácio Vieira e esposa, tendo como privilégio o sepultamento da família junto aos mesmos.

42. HOORNAERT, 1977: 292.








À esquerda, *O Milagre da Porciúncula*. Pintura do forro da nave da igreja. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left,* The Miracle of Porziuncula. *Painting on the ceiling of the church nave. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Nesta página, forro do nártex da igreja. Medalhão de Santa Clara e detalhe de inscrição. Foto de Nelson Kon, 2012.

*On this page, ceiling in the church narthex. Medallion of Saint Clare and detail of inscription. Photograph by Nelson Kon, 2012.*





Inscrição em uma das campas e cripta funerária, ambas na capela lateral da igreja conventual. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem – FAU/UFAL, 2009.

*Inscription on one of the gravestones and funeral crypt, both in the lateral chapel of the convent church. Collection of the Landscape Studies Research Group – FAU/UFAL, 2009.*

Ainda sob o impulso evangelizador, aparecem os forros policromados. Destaca-se o da capela-mor, em **abóboda de berço**, dividido em 25 painéis retangulares, possivelmente pintado na primeira metade do século XVIII, cuja temática explora a história franciscana, temas marianos e Jesus Cristo. Na nave da igreja, o forro de fundo liso ressalta o medalhão central cuja pintura representa o Milagre da Porciúncula, tendo como personagens Nossa Senhora, Jesus Cristo e São Francisco, cercados por anjos.

No forro do nártex, uma pintura representa Santa Clara com seus atributos iconográficos, báculo e lanterna. Como parte do forro, embora se sobressaindo em direção à nave, existe a inscrição: "Fr. Manoel de S. Joaquim mandou fazer a presente obra de madeira e pintura sendo guardião, ano de 1817. José Eloy a pintou no mesmo ano". É uma das raras referências à autoria e datação de uma obra em um conjunto edificado tão antigo. É possível que o mesmo artista, e na mesma data, tenha executado a pintura do forro da nave[43].

Os sepultamentos em lugares sagrados, como as igrejas e espaços contíguos, foram comuns até o século XIX, quando questões higienistas forçaram a construção dos cemitérios públicos. Esse costume foi mantido pela crença de que ter o corpo sepultado nesses locais contribuía para a salvação da alma pecadora. Nesse sentido, as pessoas se desdobravam para ter os

43. O pintor José Eloy trabalhou em Recife e executou pinturas existentes no Mosteiro de São Bento (painel e forro da sacristia), na cidade de Olinda (PE).

Na página dupla seguinte, forro em caixotão da capela-mor da igreja conventual. Foto de Nelson Kon, 2012.

*On the following double page, boxed ceiling in the high chapel of the convent church. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

recursos necessários à aquisição de tal privilégio. Por outro lado, tratava-se de uma expressão de fé, a convivência entre mortos e vivos[44].

Outro elemento marcante na igreja é a extensão de sua nave, toda demarcada pela presença de campas quadrangulares, emolduradas em pedra chanfrada. Algumas delas apresentam incisões na pedra representando números e em apenas uma delas há um pequeno texto – *S A DES B°* - possivelmente relativa a um membro da Irmandade de São Benedito.

Observa-se que são variados os elementos cuja complexidade estética e valores simbólicos enriquecem o Convento de Santa Maria Madalena. Ali se observa uma articulação coerente entre símbolos cristãos de temática mariana e franciscana, mitologia antiga, ícones pagãos e profanos, heráldica e muitos outros elementos decorativos de inspiração fitomorfa, zoomorfa e antropomorfa, além de geometrismos.

A iconografia do convento se aviva na brancura das paredes e é matizada pelo ambiente externo, que ora ilumina, ora lança sombras nas superfícies. Adequada à estrutura física do convento, ao seu papel como agente educador e catequético, às suas proporções, tal iconografia tanto apresenta elementos muito sofisticados do ponto de vista da tecnologia construtiva e atributos estéticos – como os retábulos da capela-mor, da lateral e do forro em caixotão da igreja ou do incisivo entalhe da cercadura da porta do *hall* térreo da escada principal – quanto contém outros mais singelos, entre esses o retábulo de São Benedito, as delicadas volutas das arcadas do claustro ou as pequenas pias de **água** benta distribuídas às entradas da igreja e da capela.

Seu acervo de imagens é dos mais representativos da história da imaginária colonial, dotado de peças de complexa fatura, seja na escultura, seja na policromia[45]. A lavra da pedra, em arcos, cercaduras, cruzeiro, lavabos etc., revela conhecimento e apuro técnico e artístico do mestre canteiro e confere, a um só tempo, delicadeza e vigor ao espaço construído.

Entre as paredes do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, um fragmento do divino se materializou através de seus símbolos e representações, formando delicada malha onde personagens, leigos e religiosos, sagrados e profanos, teceram suas vidas e bordaram um lugar destinado à perpetuação. Perpetuação de memórias, diálogos e afetos.

44. RODRIGUES, 1977: 67.

45. Em 2000, oito dessas esculturas em madeira, douradas e policromadas, foram exibidas na Exposição Brasil 500 Anos, comemorativa do descobrimento do Brasil, na cidade de São Paulo.







## O RESTAURO: DA INTENÇÃO AO GESTO[46]

À esquerda, vista da nave da igreja conventual a partir do coro. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, view of the nave in the convent church from the choir. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Embora existam diversas abordagens relacionadas às intervenções restaurativas, atualmente se delineia um novo panorama que concebe a restauração a partir de implicações que transcendem questões tecnológicas e científicas. Vislumbram-se dados confiáveis além do domínio do palpável: memórias não oficiais, dados empíricos, aspectos cognitivos, entre outros que também constituem campos do conhecimento.

A restauração propriamente dita já é por si só produtora de conhecimento, resultado da interação e contribuição de vários atores: o patrimônio cultural materializado, a equipe técnica envolvida, o usuário, o contexto e, permeando a todos, um processo histórico que constantemente se recria.

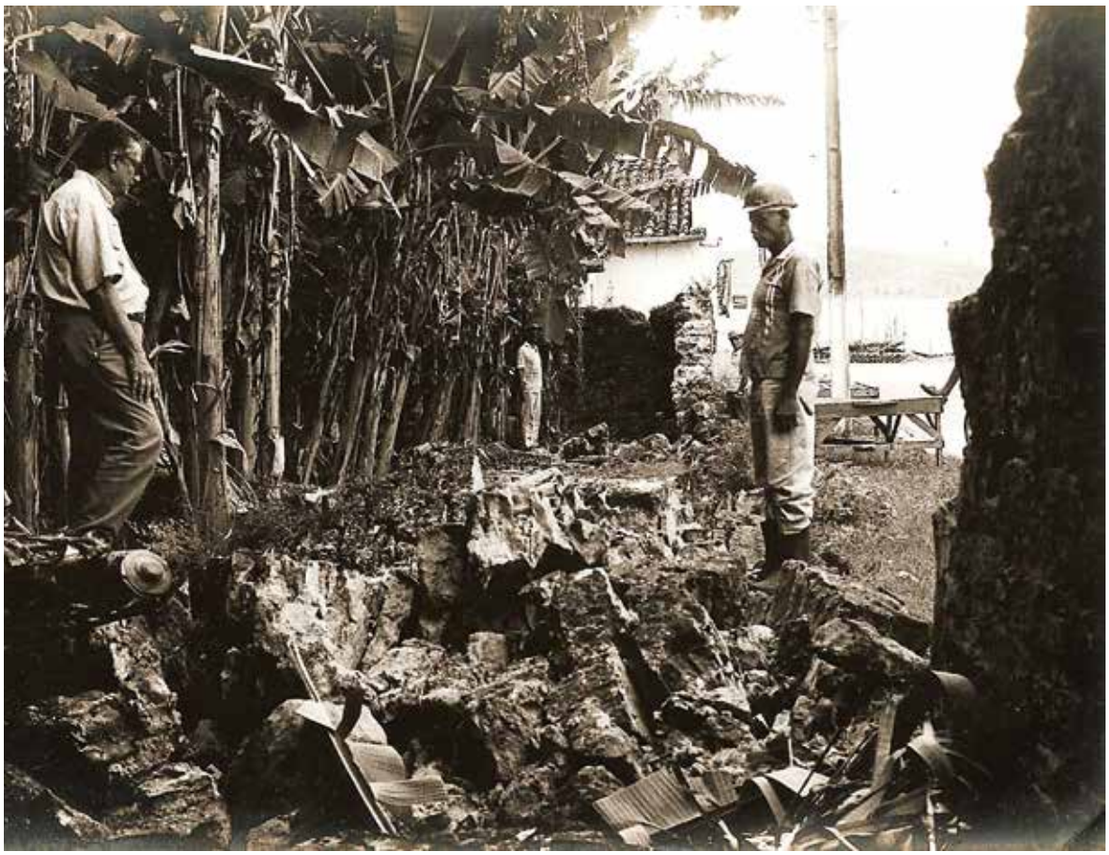
Nesse sentido, a partir dessa perspectiva que abraça e acolhe novas possibilidades, desenhou-se a proposta de restauração do Convento Franciscano de Santa Maria Madalena, tendo por foco a dimensão da edificação como um objeto atemporal. Assim, o monumento se manteria íntegro, apesar de sua longa trajetória e das rupturas e fragmentações sofridas. Também resguardaria um sentido para se sintonizar com o homem contemporâneo, a quem provoca, emociona, impacta.

O reconhecimento de que o monumento ainda tem lugar na emoção e na história ajudou a definir a série de intervenções a serem executadas. Todas, embora aparentemente díspares – manutenção, remoção, mudanças, permanências –, gravitaram em torno de um objetivo comum, o sonho da perpetuação.

Em 350 anos, desde que foi iniciada a sua construção, o prédio acumulou as marcas impressas pela passagem de séculos, pelos usos e pelas diversas alterações introduzidas na sua estrutura física, as quais implicaram mudanças no seu aspecto e na ordenação espacial antiga. Tais mudanças foram vistas não apenas como somas do tempo, mas, também como soma dos muitos significados que foram sendo atribuídos ao espaço.

Do ponto de vista físico, as consequências da ausência de frades no convento foram profundas. Isso predispôs, em meados do século XIX, às ocupações por retirantes sertanejos e por um batalhão de soldados, resultando em grandes danos ao edifício, além da introdução de novos elementos, a exemplo das grades das janelas no pavimento térreo.

46. Título inspirado em trecho da música de Chico Buarque e Ruy Guerra – *Fado tropical.*



Á esquerda, queda de parte da cerca conventual em pedra, observada por Elias Passos Tenório, idealizador do Museu de Arte Sacra. À direita, detalhe do muro que delimitava o antigo cemitério do convento (demolido). Fotos do Arquivo do Museu de Arte Sacra, 1992 e s/d, respectivamente.

*To the left, part of the stone walls around the convent grounds collapsed, observed by Elias Passos Tenório, the idealizer of the Museum of Sacred Art. To the right, detail of the wall that used to delimit the convent's former cemetery (now demolished). Photographs from the Archives of the Museum of Sacred Art, 1992 and n/d, respectively.*

Seu gradual esvaziamento e estado de abandono provocaram atos de vandalismo. Os próprios habitantes da cidade subtraíram pedras do muro da cerca conventual, forçando as autoridades locais a tomarem providências no sentido de impedir as depredações[47].

Em 1883, Pedro Paulino da Fonseca, primeiro governador do estado de Alagoas, nascido em Marechal Deodoro, descreve suas impressões acerca do estado de conservação dos monumentos da sua terra natal, detendo-se de modo especial à situação do convento, naquela época com poucos frades residentes:

> (...) Dali seguimos para a Ordem Terceira de São Francisco e depois para o convento, aquela em abandono, e este quase que não posso descrever o quanto ali vi e o quanto ali senti. As paredes listadas de alto a baixo de dejeções de morcegos; o ladrilho do solo da nave esburacado; vendo de passagem tais coisas segui na direção da capela-mor do majestoso templo; ali fui enlevado (...) pelas pinturas e dourado o forro, que

47. Segundo SANTANA (1970: 32), o fato se deu em 1868. Entretanto, ao longo do tempo, a ação das intempéries, aliada à ausência de cuidados, provocou a queda de partes do muro em pedra da cerca conventual.



> se apresentam ainda (...) novos e belos como obra de pouco tempo quando datam de mais de século; ali tive saudade da maneira de sentir d'outrora, como que perdurando no olfato o odor de incenso das festas que nele assistira a tão longos anos, impressões que ficarão do tempo que era um menino, em luto era o que os olhos ali viam, tudo isto produzindo no espírito luta entre prazer e tristeza, o ideal e a realidade tendo como consequência o riso e o choro; como que ouvia o som do coro da música nas festas do seu tempo (...). Uma verdadeira loucura! Limpando as lágrimas dos olhos procurei afastar-me pensando já no quanto cumpria e poderia fazer a bem da conservação do majestoso templo vendo-se tão baldo de recursos[48].

Foi possivelmente esse sentimento de pesar que provocou a primeira grande iniciativa oficial de intervenção para restaurar aquele bem cultural. Em breve espaço de tempo, o governador conseguiu viabilizar a recuperação emergencial do edifício.

48. Testamento de Pedro Paulino da Fonseca, datado de 1883. Pesquisa realizada no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Funcionando, a partir de 1915, como Orphanato de São José, aos poucos a falta de recursos financeiros e o uso intenso por parte das muitas órfãs ali acolhidas, além das professoras e do corpo administrativo, provocam o acúmulo de novos problemas, que vão se agravando pela falta de recuperação imediata.

Somente em 1975 o poder público, através do Iphan, inicia uma grande obra de restauração, cujos serviços contemplaram tanto remoções sumárias quanto a recuperação e substituição parcial de elementos. Os trabalhos envolveram a substituição de rebocos (capela-mor, camarim e defumador), colocação de tijoleira (galilé, torre, portaria, capela lateral, camarim, sacristia, refeitório, *hall* da escada), piso cimentado nas calçadas externas, substituição do assoalho de madeira (quase todo o prédio), colocação de forro (corredores do claustro e sala do capítulo), bem como intervenções nos forros policromados da nave, nártex e capela-mor da igreja, limpeza da cantaria (vergas, peitoris, ombreiras de portas e janelas), recuperação da estrutura da coberta e esquadrias, intervenções nos retábulos da capela-mor, das capelas lateral e colaterais, arco cruzeiro, púlpito, tribunas, taça do púlpito do refeitório, recuperação do beiral, ferragens e gradis em ferro. Além destes, foi feita a imunização contra ataque de **insetos xilófagos** e serviços de instalação elétrica e hidráulica. Entretanto, apenas 2/3 das obras necessárias foram atendidos[49].



A Capela da Ordem Terceira encontrava-se, nessa altura, completamente degradada, em péssimo estado de

Vista do interior da igreja conventual, em obras. Foto do Arquivo do Museu de Arte Sacra, s/d.

*View of convent church interior, during works. Photograph from the Archives of the Museum of Sacred Art, n/d.*

Na página ao lado, à esquerda, complexo conventual ainda com muro delimitando antigo cemitério e balaustrada à frente da Capela da Ordem Terceira (ambos demolidos posteriormente). À direita, fachada e interior da mesma capela, em obras. Fotos do Arquivo do Museu de Arte Sacra, s/d.

*On the opposite page, to the left, conventual complex with the wall that used to delimit the former cemetery and balustrade in front of the Chapel of Ordem Terceira (both demolished at a later time). To the right, façade and interior of said chapel, during works. Photographs from the Archives of the Museum of Sacred Art, n/d.*

49. Pesquisa feita em documentos e relatórios do arquivo do Museu de Arte Sacra de Alagoas, antigo Convento Franciscano. Segundo a consulta, todos os serviços foram realizados sob a direção do Professor Ayrton de Almeida Carvalho e conduzidas pelo técnico do Iphan de Pernambuco José Ferrão Castelo Branco.







conservação. Dando continuidade ao processo de restauração do complexo conventual, em 1987 também essa edificação recebeu serviços de recuperação abrangendo a construção de escadas de acesso ao pavimento superior, restauração do guarda-corpo do coro, decapagem de toda a pintura existente em forros da nave e capela-mor, sacristia, consistório, sanefas, guarda-corpos do coro e tribunas, e recuperação das instalações elétricas e hidráulicas. Destaca-se nessa obra a remoção completa de um muro que ligava pelos cunhais a igreja e a capela, com a colocação, em seu lugar, de uma grade metálica que não chegava a agredir visualmente as edificações. No decorrer do restauro, foram encontrados vestígios de uma antiga balaustrada que ficava à frente da capela, ligada ao muro do cemitério. Fotografias datadas de 1955 mostram que, por essa época, o elemento ainda existia, não tendo sido identificada a data de sua demolição[50].

Foram ainda demolidos os retábulos laterais e colaterais da nave, datados de 1927, sob a alegação de que comprometiam esteticamente o espaço interno por serem recentes e construídos em alvenaria, assim como a grosseira escada de acesso ao púlpito e o guarda-corpo em madeira. Propôs-se também um novo uso para a capela, que até então mantinha as atividades religiosas e, a partir do restauro, passaria a funcionar como uma extensão do Museu de Arte Sacra (instalado no convento desde 1984), atendendo a necessidades da comunidade, sendo dotado de auditório, sala de leitura e salas para a prática do artesanato.

50. As fotografias citadas encontram-se no Anteprojeto de Restauração da Igreja da Ordem Terceira de Marechal Deodoro (1979), de autoria da arquiteta Marta Maria R. da Silva Melo. A maior parte das intervenções executadas na capela, assim como as novas funções previstas, foram propostas pela arquiteta.

Concluídas as obras, a ausência das rotinas de conservação preventiva, imprescindíveis à manutenção do monumento, provocou novos danos ao prédio até atingir altos índices de degradação, com perdas, comprometimentos e prejuízos vários no desenvolvimento das atividades museográficas. Entretanto, nenhuma das instituições envolvidas dispunha de recursos para promover as ações necessárias à sua recuperação. Ações pontuais foram sendo feitas, como pequenos reparos na coberta e alvenarias, pinturas de paredes e, entre o final dos anos 1980 e início dos 1990, houve intervenções de maior ou menor porte, a exemplo das que foram realizadas na capela-mor, envolvendo retábulo e forro.



O desejo de um restauro amplo e irrestrito foi se consolidando junto à opinião pública, e a Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho, que, na condição de administradora do monumento, há muito tempo se empenhava na captação de recursos para a sua realização, foi finalmente contemplada, em 2007, com um patrocínio do BNDES. Contou-se ainda com participação financeira do Iphan, da Telemar e da Petrobras, esta última financiando ampla pesquisa sobre a edificação[51].

Além dos aspectos meramente técnicos, a restauração se empenhou na identificação e valorização dos elementos mais significativos da edificação franciscana, de modo a evidenciá-los no contexto da obra, por meio de uma leitura do monumento mais comprometida com o modelo conventual franciscano, embora tenha havido uma preocupação recorrente em deixar manifestas, também, algumas das contribuições que a própria história agregou ao seu arcabouço físico.

Com a proximidade da conclusão da restauração de toda a área física e de parte dos elementos artísticos integrados à arquitetura, já é possível reconhecer a recuperação histórica do monumento, graças ao maior conhecimento a respeito da edificação, das fases e movimentos da construção. Ao reconhecer o contexto de recorrência revelado nos aspectos construtivos, nos detalhes decorativos, nos fluxos direcionados pela espacialidade, na forma como os ambientes se apresentam, foi possível reafirmar sua condição conventual nos moldes da Escola Franciscana do Nordeste.

Capela da Ordem Terceira de São Francisco. Elementos removidos no decorrer do restauro: escada e guarda-corpo do púlpito e cancelo da nave. Foto do Arquivo do Museu de Arte Sacra, s/d.

*Chapel of Ordem Terceira de São Francisco. Elements removed during restoration: stairway and guardrail in the nave pulpit and wicket. Photograph from the Archives of the Museum of Sacred Art, n/d.*

51. Contribuiu enormemente a ação da Petrobrás que, a partir de edital público, viabilizou uma pesquisa histórica sobre o convento, realizada pelo Grupo de Pesquisas Estudos da Paisagem/FAU/UFAL, incluindo a consultoria de especialista em arquitetura monástica e de equipe de arqueologia para o conhecimento mais consistente das etapas construtivas do prédio.




Retábulo de São Benedito em madeira dourada e policromada, de 1843. Foto de Anderson Nascimento, 2012.

*Retable of Saint Benedict in gilded and polychromed wood, from 1843. Photograph by Anderson Nascimento, 2012.*



## Estado de conservação

Na página ao lado, retábulo da capela-mor em madeira entalhada, dourada e policromada, século XVIII. Foto de Gilvan Rodrigues, 2007.

*On the opposite page, retable in the high chapel in carved, gilded and polychromed wood, 18th century. Photograph by Gilvan Rodrigues, 2007.*

O século XXI encontrou o prédio do convento em mau estado de conservação, com ambientes interditados ao público e a paralisação de atividades litúrgicas seculares. Não era apenas a qualidade estrutural e estética que estava comprometida, mas também a sua capacidade de funcionar adequadamente, fosse como museu, fosse como espaço de celebrações religiosas e culturais, sendo os maiores causadores de patologias a ação inexorável do tempo, focos de umidade, agentes biológicos, perdas e intervenções inadequadas anteriormente executadas.

As intervenções que mais marcadamente introduziram mudanças no aspecto e tipologias antigas do convento foram: a remoção da maioria das celas e dos elementos que faziam referência às mesmas; a já citada demolição do muro que existia em frente do conjunto delimitando o cemitério e que aparecia nas fotos antigas; o fechamento de vãos de portas e janelas, muito perceptível por causa da desarmonia na relação entre cheios e vazios das fachadas; os novos pisos colocados sobre os antigos; as várias camadas de repinturas em paredes e elementos artísticos integrados à arquitetura.

As dificuldades relativas aos serviços de manutenção e conservação preventiva também provocaram degradações que atingiram o espaço edificado e seus recheios decorativos. Nesse sentido, destacam-se as manchas de umidade ascendente e descendente nas paredes, a desagregação do reboco, a presença de vegetação ao longo dos topos das paredes, fissuras, danos nas esquadrias, vidros quebrados etc. Mas, na coberta é que predominava o maior número de problemas, tais como telhado com rupturas e perdas, ataque de insetos xilófagos e presença de fungos nas peças em madeira de toda a estrutura.

Porém, os maiores danos foram observados na área destinada às atividades litúrgicas. Na igreja, forros e retábulos datados dos séculos XVIII e XIX encontravam-se em péssimo estado de conservação em consequência do intenso ataque de térmitas de solo e de madeira seca, o que provocou perdas generalizadas, deixando a madeira fragilizada e estruturalmente comprometida. O excesso de umidade atingiu desde o suporte até a policromia e o douramento, principalmente nas partes onde houve o contato direto com as paredes úmidas da nave. A oxidação presente nos cravos em metal provocou corrosão na madeira, causando deslocamento de partes componentes da peça. A camada pictórica apresentava desprendimento, com perdas generalizadas, sujidades e manchas provenientes de excrementos de insetos, morcegos e pássaros. Some-se a isso o comprometimento estético causado por repinturas sucessivas na superfície de retábulos e forros.

Com partes da cimalha da nave em risco de desabamento, a igreja, que até então mantinha atividades religiosas eventuais, foi interditada, inclusive para visitação. Junto com os problemas

na estrutura física do prédio, consolidava-se o empobrecimento de suas funções. Isso reverberou diretamente na relação dos habitantes com a edificação. A memória afetiva das pessoas do lugar reclamava voltar à plena fruição da igreja.

## Restauro como aceno de renovação do antigo

O processo restaurativo acolhe as aparentes contradições do "fazer" e "desfazer". Conciliar a ideia de restauração com uma dinâmica histórica e cultural que pressupõe perdas e ganhos talvez tenha provocado os mais intensos momentos de reflexão de todo o decorrer da obra, forçando a equipe técnica a tomar posição diante do impasse de quais memórias destacar, de quais momentos históricos privilegiar.

Nesse sentido, não deixou de haver conflitos uma vez que se reconhecia existir ali uma superposição de memórias, montando um arcabouço de referências que, se suprimidas, poderiam se transformar em lacunas de identidade.

Além da memória afetiva da população, estava onipresente a memória da própria Ordem Franciscana, e a restauração constituiu um momento de empenho na identificação e valorização dos elementos mais significativos do corpo conventual, de modo a evidenciá-lo no contexto da obra como um todo. Isso foi possível graças à recuperação de uma leitura mais comprometida com um modelo identificado e estudado preliminarmente, embora tenha havido uma preocupação recorrente em deixar manifestas, também, algumas das contribuições que a própria história agregou à sua estrutura física, a chamada pátina do tempo.

Desse modo, as intervenções restaurativas realizadas nos prédios do complexo franciscano de Santa Maria Madalena foram balizadas pela necessidade de recuperação de seu arcabouço material, muito fragilizado pela ausência de ações de conservação preventiva e pelas diversas modificações introduzidas na sua estrutura física. Os estudos realizados já permitiam antever e apontavam para a possível supressão de vários elementos identitários provocados por essas alterações na tipologia do modelo conventual, as quais ocorreram, sobretudo, nas celas, nas latrinas, no refeitório e na sala do capítulo.

A conduta que permeou todos os serviços realizados foi embasada em conceitos mais amplos, segundo uma metodologia cujos critérios estavam sustentados na análise cuidadosa das premissas arquitetônicas franciscanas e no entendimento da articulação entre conteúdo/regra e forma/espaço construído. Foi o modo de garantir a preservação do contato da sociedade com o convento, com a manutenção dos atributos de apropriação pública, reforçando sua importância como ferramenta de acesso ao conhecimento e, especialmente, perpetuando sua presença como lugar de memória.

## Serviços realizados

### Exames estratigráficos nas paredes e esquadrias

O primeiro serviço executado no prédio foi a realização de exames estratigráficos em paredes e esquadrias para detectar as várias camadas de tinta existentes e subsidiar as diversas intervenções nas áreas de reboco, já que este apresentava patologias variadas, relacionadas ao excesso do umidade.

O conhecimento acumulado a respeito da arquitetura franciscana já apontava para a possibilidade de haver, sob as várias camadas de repintura, algum tipo de pintura mural ou mesmo um painel de azulejos. Por outro lado, a possibilidade de observar a expressão cromática do convento e o comportamento das cores em cada ambiente, nas diversas fases de sua existência, impulsionou a realização dos exames que percorreram toda a edificação, externa e internamente. Com essa expectativa, foram feitas 125 prospecções, de modo a identificar as cores subjacentes à pintura superficial e a quantidade de camadas de tinta.

A cor original do prédio era o branco, presente em todo o edifício, e que, internamente, foi sendo recoberto por tons de rosa, azul e verde. Em todas as paredes descobriu-se que ocorreram diferentes aplicações de tinta, em possível relação com os diversos usos a que o convento se prestou (quartel do exército, seminário católico, orfanato) após o esgotamento de suas funções religiosas como convento franciscano.

Não houve dificuldade em estabelecer a cor a ser aplicada no convento, pois se entende que o monumento se qualifica pelo branco das paredes uma vez que ele compreende as demais cores e por isso, potencialmente, abraça todas, favorecendo enormemente efeitos de luz e sombra nos ambientes e ampliando a percepção dos detalhes. Além disso, a manutenção dessa cor reforça um padrão cromático já solidificado no imaginário da população.

O mesmo procedimento exploratório se fez nas esquadrias. Essa etapa do trabalho foi muito significativa, pois garantiu a preservação das pinturas artísticas, que posteriormente também receberão restauro, e forneceu os subsídios para a fase final de pintura do monumento como um todo, em branco nas paredes e verde nas esquadrias.

Mas, a grande surpresa proporcionada pelos exames estratigráficos foi a existência de pinturas artísticas subjacentes à superfície. Esse dado novo evidenciou-se nas salas *De Profundis* e do capítulo, não tendo sido identificada essa intenção estética nos demais ambientes do prédio. A descoberta desses painéis, de temática religiosa ou figurativa, serviu para requalificar os ambientes onde se encontram, atribuindo-lhes novos valores. Isso veio a conferir *status*








diferenciado a esses locais, de cuja função original não se tinha certeza até aquele momento. De fato, as pinturas artísticas estavam associadas a locais destacados no ambiente claustral e representavam, em meio à alvura das paredes caiadas, um novo estímulo aos sentidos, graças a formas e cores com apelo à emoção.

No alto, pinturas artísticas encontradas nas paredes da sala do capítulo após a remoção das repinturas. Acima, aspectos da obra de restauração: recuperação do reboco em áreas internas e externas. Fotos de Ana Cláudia Magalhães e Sandro Gama/Arquivo do Iphan, 2007 e 2008, respectivamente.

*On top, artistic paintings found on the Chapter hall walls after repaintings had been removed. Above, aspects of restoration works: recovery of plaster in internal and external areas. Photographs by Ana Cláudia Magalhães and Sandro Gama/Iphan Archives, 2007 and 2008, respectively.*

## Coberta

A coberta era, sem dúvida, o elemento mais danificado e, como consequência, submetia o complexo conventual a uma série de patologias que rapidamente reverberavam no seu arcabouço físico, acarretando danos estruturais e estéticos: manchas de umidade em paredes, pisos e forros, hidrólise dos elementos em madeira, ataque de fungos e insetos xilófagos, fragilização dos materiais constituintes (rebocos, tijolos, cantaria), entre outros prejuízos que comprometiam, inclusive, sua estabilidade.

A própria morfologia da coberta, característica da tecnologia construtiva da época, acarretava alguns problemas com os quais a equipe do restauro teve que se deparar, considerando que havia a intenção de mantê-la, pois constitui um testemunho da história da arquitetura. Nesse sentido, destacou-se a inclinação suave que praticamente se horizontalizava na região dos







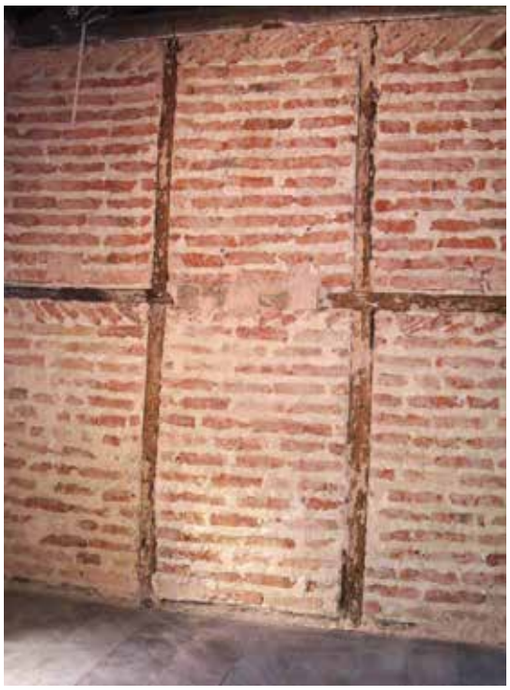

Recuperação de elementos da coberta. Fotos de Ana Cláudia Magalhães e Sandro Gama/Arquivo do Iphan, 2007 e 2008

*Recovery of roofing elements. Photographs by Ana Cláudia Magalhães and Sandro Gama/Iphan Archives, 2007 and 2008.*

beirais e que, por isso, provocava o acúmulo das águas pluviais e posterior infiltração no interior do prédio.

Com a recusa da possibilidade de alteração desse desenho antigo, optou-se pelo risco de tentar minimizar o problema através do recurso do cravejamento das telhas. No mesmo sentido estavam os beirais pouco alongados, que não impedem a entrada de água nas ocasiões de grandes volumes pluviométricos. Nesse caso, o claustro é um dos locais mais prejudicados porque, sem a proteção da coberta, nem quaisquer tipos de coletores, recebe todo o resultado das chuvas, que agride pisos e, especialmente, a cantaria das arcadas e pilastras. A escolha entre manter ou alterar uma linguagem secular típica, reconhecida nos demais conventos da Ordem, foi bastante difícil. Também ali, apesar de se tratar de uma decisão demorada, foi assumida a manutenção do padrão construtivo, evitando impor ao prédio um desenho alienígena.

Todo o telhamento cerâmico da igreja e moradia dos frades, em más condições de conservação, foi removido e substituído por telhas do tipo industrial, com pinos de fixação, dimensões e cor similares às antigas. Na Capela da Ordem Terceira, cuja coberta achava-se em melhores condições de uso, houve substituição parcial, sendo removidas, apenas, as peças inaproveitáveis, e mantidas as que ainda apresentavam condições de uso. A substituição foi feita por telhas





artesanais. As antigas que puderam ser reutilizadas passaram por um processo de higienização, receberam aplicação de produto impermeabilizante e fungicida para garantir maior tempo de vida útil.

O mesmo critério foi usado em relação ao madeiramento. Mantiveram-se as peças em bom estado de conservação, trataram-se aquelas que apresentavam alguma degradação e as absolutamente inaproveitáveis foram substituídas. O tratamento citado consistiu em remoção das partes degradadas e inserção de próteses e enxertos. Também ocorreu o devido tratamento contra ataque de insetos xilófagos, por meio de descupinização e desinfestação. As madeiras novas utilizadas nas substituições foram maçaranduba, cedro ou louro. Trocaram-se as calhas antigas, em zinco, totalmente oxidadas e com vários orifícios, por outras em alumínio. O mesmo procedimento de troca do material inaproveitável se deu em relação às descidas de águas pluviais.

Acima, elementos revelados sob o reboco: pavimento superior e intermediário e claustro. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, 2007, e Sandro Gama/Arquivo do Iphan, 2007.

*Above, elements revealed underneath the plaster: upper and intermediate floors and cloister. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, 2007, and Sandro Gama/Iphan Archives, 2007.*

## Alvenarias

De posse do resultado dos exames estratigráficos, iniciou-se o tratamento das alvenarias, com a análise de todas as áreas de argamassa e mapeamento daquelas que apresentavam degradação (excesso de umidade, pulverulência, desagregação dos materiais etc.), e que deveriam ser





Acima, vãos e nichos entaipados: portaria, claustro e sala da farinha. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, 2008.

*Above, openings and niches covered with rammed earth: vestibule, cloister and flour room. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, 2008.*

removidas para substituição[52]. Tal processo, iniciado pelo claustro, posteriormente se estendeu às demais paredes do prédio do convento.

Essa etapa revelou interessantes soluções estruturais relacionadas às cargas e descargas, tais como os arcos de escarção existentes acima de portas e janelas e as amarrações de madeira no interior das alvenarias, garantindo sua condição de autoportantes com a introdução de elementos de sustentação que marcam vertical e horizontalmente as paredes.

Apesar das várias indagações a esse respeito, no decorrer da obra a revelação dos interiores das alvenarias não apresentou maiores vestígios dos elementos de divisão referentes às antigas celas dos frades, no pavimento superior. Possivelmente, essas paredes internas eram estruturas justapostas, soltas em relação às paredes externas, funcionando apenas como marcos divisórios, ao contrário da resistente estrutura que envolve o prédio. Exceção feita ao pavimento intermediário, onde foi possível visualizar a localização exata das divisórias de cada uma das três pequenas celas, cujos vestígios permaneciam claros na parede mantida. No espaço onde funcionou a portaria do convento, a remoção do reboco também permitiu a visualização das

52. Para assegurar a compatibilidade do reboco antigo com o novo, todas as recomposições de áreas demolidas foram executadas com uma argamassa à base de areia e cal, o mais próximo possível do material preexistente. Buscou-se granulometria e traço volumétrico aproximados.

marcas de uma antiga parede, indicando uma etapa de ampliação daquela sala, possivelmente ligada à do próprio convento em suas origens.

Outro dado resultante da recuperação das argamassas foi a descoberta de vãos e nichos antes encobertos, os quais ajudaram a entender melhor a funcionalidade dos ambientes. Destacam-se nichos da sacristia, claustro e portaria, e um vão na sala da farinha, no mesmo formato e dimensões do passa-prato da cozinha.

Apenas os nichos do claustro foram recobertos. Inicialmente não se chegou a um consenso em relação ao uso original, parecendo destinar-se a um ossuário, haja vista sua localização imediatamente acima das campas. Apesar do reconhecimento de sua importância no conjunto edificado, optou-se por mantê-lo disfarçado na alvenaria para não romper com a brancura equilibrada das superfícies verticais do claustro, até então interrompidas apenas pelas cercaduras em pedra das portas.

### Demolições e retiradas

Essa constituiu uma das fases mais significativas da obra, pois implicou na difícil opção entre a remoção ou a manutenção de intervenções anteriores realizadas no edifício. Devido à importância do monumento e da obra em andamento, todos os serviços de restauro foram criteriosamente conduzidos, especialmente em relação aos aspectos conceituais que lhes deram sustentação teórica. Cuidou-se da instância estética que caracteriza artisticamente o convento, sem, entretanto, desprezar as marcas do seu percurso histórico.

Considerando a quase inexistência de documentos gráficos e/ou iconográficos que fornecessem maiores subsídios para o conhecimento das etapas construtivas do convento, optar pela retirada de determinado elemento para revelar outro escondido significou, para a equipe da obra, a oportunidade de conhecer melhor a caracterização tipológica original do edifício, bem como de compreender como era utilizado em sua função antiga, quando habitado pelos frades.

Como pressuposto teórico, as intervenções restaurativas procuraram respeitar as marcas do tempo, ou seja, a trajetória do monumento em relação às fases de sua construção, aos diversos usos, a alguns acréscimos introduzidos. Desse modo, vãos anteriormente fechados foram reabertos, e vice-versa, valorizando os espaços internos e recuperando relações de cheios e vazios das fachadas laterais e posteriores, a exemplo do refeitório e da sala do capítulo, onde todas as janelas haviam sido transformadas em portas, ou ainda, no coro, onde os guarda-corpos em cantaria estavam completamente entaipados, prejudicando a entrada plena da luz no ambiente, através dos recortes e envasaduras na pedra.

Não foi possível recuperar todas as perdas por não haver referências suficientes e, em restauração, não cabem hipóteses, apenas evidências resultantes de pesquisas e análises cientificamente estabelecidas. Mas a intenção não era a recuperação de todas as perdas. O que se pretendia, prioritariamente, era, através das intervenções no arcabouço físico, dar ênfase às questões mais subjetivas, ligadas à essência da obra enquanto materialização de um pensamento de conotações filosóficas e espirituais. No que se refere aos aspectos menos palpáveis, o restauro buscou enfatizar as expressões mais ricas do espaço conventual que ao longo do tempo foram se tornando invisíveis, como é o caso do próprio franciscanismo e de sua materialização no edifício. Nesse sentido, destacavam-se a igreja, o claustro, o refeitório e a sala do capítulo, ambientes mais caros à comunidade religiosa.

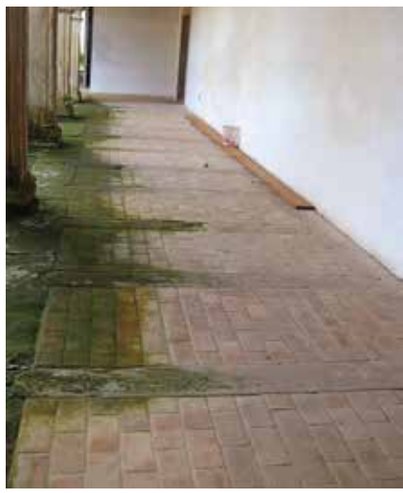
O claustro, um dos mais expressivos espaços do convento, suscitava dúvidas em relação aos usos originais e ao aspecto físico da área descoberta, tendo sido considerada muito fortemente a possibilidade de ser ajardinada, como nos antigos claustros medievais. Por outro lado, estavam envolvidas sérias questões de ordem prática, já que havia a indicação de um elemento central diretamente ligado ao sistema hidráulico. Assim, com vistas à obtenção de respostas para tais perguntas, optou-se pela remoção de todos os pisos, seja das galerias cobertas, seja da área a céu aberto. A remoção empreendida resultou na contemplação mais direta do poço de receptação das chuvas, com escoamento para as áreas de serviço (cozinha e latrinas), demonstrando a manutenção de tradicionais hábitos de coleta e uso dessas águas nos serviços domésticos. Ainda nesse sentido, foi identificada a calha de escoamento das águas servidas em direção à cerca[53]. Não foram encontrados vestígios de qualquer tipo de jardim e o piso subjacente era constituído de tijoleiras de barro e pedra.

Após prospecções nos pisos da igreja e do claustro, encontraram-se níveis subjacentes, constituídos por tijoleira e/ou pedra, parecendo remeter às pavimentações mais antigas do convento. Optou-se por remover esses pisos mais recentes, revelando as antigas sepulturas e permitindo aos usuários do espaço o acesso às informações contidas naqueles raros documentos de um contexto histórico e cultural muito particular[54].

53. As pesquisas e consultorias realizadas pela equipe do arqueólogo Professor Dr. Marcos Albuquerque, da UFPE (em 2010), e pelo especialista em arquitetura monástica Professor Dr. Virgolino Ferreira Jorge (em 2009), da Universidade de Évora, foram imprescindíveis ao fornecer dados mais consistentes sobre as intervenções efetuadas, contribuindo para a compreensão da edificação em seus aspectos materiais e históricos.

54. Essa intervenção foi discutida com os órgãos fiscalizadores municipais, estaduais e federais e a Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho, ocasião em que se decidiu, pelo valor histórico ali representado, que valia a pena efetuar a remoção do piso mais recente para revelar camadas cronológicas mais distantes. Em visita ao convento, em 2008, o arquiteto da UFPE Luiz da Mota Menezes contribuiu para essa decisão, ao reconhecer a oportunidade ímpar oferecida pela intervenção, que acrescentaria novos dados à história do convento.








Nesse sentido, foram retirados os ladrilhos da igreja conventual, claustro, portaria, sala do capítulo, cozinha e antiga sala da farinha. Isso em consideração à retomada de elementos que agregariam valor ao monumento, além de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre os antigos usos do prédio. Com as retiradas na igreja, descobriu-se o movimento do cancelo, indicando como se deram as etapas de crescimento e apropriação daquele espaço. Segundo as pesquisas de natureza arqueológica, essa movimentação se deu em três momentos diferentes, marcando a ocorrência de reformas internas, sendo uma atrelada à necessidade de compatibilização com as campas e outra à necessidade de ajuste do espaço à construção de altares laterais[55].

Outra remoção que conferiu peculiar valor ao prédio foi a que permitiu visualizar a distribuição das sepulturas sob o ladrilho das galerias do claustro e nave da igreja. Cobertas em data ignorada, chamam a atenção pelo meticuloso desenho das campas, definidas em pedra recortada em chanfros, tendo em algumas delas incisões feitas na própria pedra, com numerações e inscrições determinando os ocupantes. Toda a galeria inferior do claustro foi marcada por

55. ALBUQUERQUE, 2010: 22-28.

Aspectos da obra de restauração: piso em tijoleira da nave da igreja e claustro após a remoção do ladrilho; recuperação do assoalho do pavimento superior do convento; remoção do ladrilho da capela-mor da igreja. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, 2007, e Sandro Gama/ Arquivo do Iphan, 2005.

*Aspects of restoration works: brick floors in the church nave and cloister, after the removal of tiles; recovery of floorboards in the convent's upper floor; removal of floor tiles in the church's high chapel. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, 2007, and Sandro Gama/Iphan Archives, 2005.*

sepulturas e uma das quadras apresenta uma inscrição anunciando, em português arcaico, serem reservadas aos membros da Irmandade de São Benedito. Essa descoberta sinaliza para a possibilidade de que no seio do próprio convento houvesse frades integrantes da irmandade devota do santo negro.

Na portaria foi encontrada uma pequena abertura no piso referente a um sepultamento de criança, estando ainda presente a ossada. Também a cripta localizada na capela lateral – que suscita na população divagações que a relacionam a um túnel onde se escondem tesouros – revelou abrigar três sepulturas, possivelmente construídas para os membros da família patrocinadora da capela.

A disposição das campas no edifício conventual permite vislumbrar aspectos históricos e antropológicos muito importantes, a exemplo dos pactos sociais ali representados através da simples localização das sepulturas, que reproduz os mesmos códigos de ordenação da sociedade, quando as camadas mais favorecidas da população tinham o privilégio de serem sepultadas nos locais mais privilegiados – na igreja, junto às pias de água benta, nas proximidades de altares e retábulos.

Numa tentativa de minimização dos efeitos prejudiciais da ação da umidade nas alvenarias, houve também a remoção total de um aterro existente na área externa correspondente ao antigo cemitério, uma vez que se constatou que ele não permitia a ventilação das paredes e, consequentemente, a umidade ali retida extravasava para o lado interno, justamente onde foi descoberta valiosa pintura mural, escondida atrás do retábulo da capela lateral. Nesse processo de remoção de terras foram encontrados vários vestígios arqueológicos, tais como ossos, fragmentos de louça e cerâmica[56].

Durante as obras de restauração dos elementos artísticos integrados à arquitetura, na etapa de desmontagem dos retábulos da capela lateral à nave, do Crucificado e dos colaterais ao arco cruzeiro, foi possível visualizar pinturas artísticas nas paredes encobertas. A presença dessas pinturas murais que precedem os retábulos indica sua execução em data anterior a esses, possivelmente, entre fins do século XVII e início do XVIII, quando os recursos materiais dos frades ainda eram escassos. Embora de traços menos refinados, as pinturas são muito importantes do ponto de vista histórico, pois testemunham as diversas cronologias vivenciadas pelo monumento[57].

56. Esses artefatos se encontram em poder da Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho, aguardando as condições adequadas de uso.

57. Em 2007, logo após a descoberta da pintura da capela lateral, a professora Myriam Ribeiro esteve visitando o convento, na condição de consultora do Iphan, e elaborou Parecer Técnico discorrendo sobre a inegável importância da referida representação pictórica, mas reconhecendo a prioridade artística do retábulo.








À esquerda, aspectos da restauração dos retábulos colaterais da igreja e pinturas artísticas encontradas após a sua desmontagem. Fotos de Ana Cláudia Magalhães e Robson Viana, 2009 e 2010.

*To the left, aspects of the restoration of collateral retables in the church and artistic paintings found after their disassembly. Photographs by Ana Cláudia Magalhães and Robson Viana, 2009 and 2010.*

À direita, datações encontradas no convento: estrutura da coberta e janela. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, 2008 e 2010.

*To the right, dates found in the convent: roof structure and window. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, 2008 and 2010.*

A localização de parte da estrutura que compunha as latrinas constituiu uma das mais importantes descobertas proporcionadas pelo restauro, pois aponta para soluções inteligentes na resolução de questões de ordem prática, ao mesmo tempo em que confirma, até nesse sentido, a existência de um padrão construtivo comum aos demais conventos da Escola Franciscana do Nordeste. Resultante de remoções de rebocos, pisos e assoalhos (para tratamento), tratou-se de um dado muito significativo acessado pelo processo de restauro, haja vista a raridade de sua existência nos antigos conventos remanescentes, após as alterações sofridas por todos. Também se identificaram a localização e o funcionamento da instalação hidráulica, do sistema de abastecimento e escoamento de água e de eliminação de dejetos.

No sentido de requalificar o local, foram removidos três banheiros instalados no pavimento superior, os quais ocupavam inadequadamente três das antigas celas, que permaneceram íntegras.

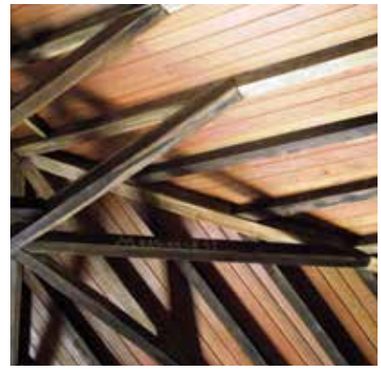
Em relação às portas e janelas, a maioria foi removida do local de origem para tratamento, que consistiu na decapagem completa da pintura antiga – cuja coloração foi totalmente alterada pela ação do sol – e tratamento do suporte conforme o processo descrito acima. Posteriormente, elas receberam camada de pintura na cor determinada a partir das prospecções realizadas.

Os forros e pisos em tabuado de madeira existentes no monumento também sofreram as intervenções adequadas à sua conservação. Foram removidas e substituídas as partes mais degradadas, as que apresentavam sujidades e manchas, e recuperadas as que tinham o suporte fragilizado pela ação da umidade proveniente de infiltrações na coberta. Os suportes, por sua vez, foram limpos, lixados, imunizados contra o ataque de insetos xilófagos e aparelhados, quando necessário. Onde se verificaram perdas dos suportes, estes foram devidamente recompostos através de enxertos, obturações e recomposição de partes faltantes.

As intervenções do restauro destacaram outra peculiaridade desse convento, que foi a atribuição de datação. Na Capela da Ordem Terceira, por ocasião da recuperação da coberta, apareceu uma







peça da estrutura de sustentação com incisão na madeira indicando não apenas o ano em que se supõe ter havido algum tipo de intervenção no local, mas também o nome do autor: "Tourinho fez em 1874". No forro do nártex também aparece a inscrição: "Fr. Manoel de S. Joaquim mandou fazer a presente obra de madeira e pintura sendo guardião, ano de 1817. José Eloy a pintou no mesmo ano". Em uma das janelas maiores, que iluminam os corredores das celas, com a retirada da pintura para tratamento da madeira, surgiu inscrita a data de "1863", assim como, em um dos pontaletes do mirante, existe a data: "Maio de 1855". E, finalmente, na sepultura central da cripta funerária da capela lateral da igreja, está inscrito na própria pedra: "Agosto 1884".

Trata-se de dados peculiares que não apenas situam no tempo as diversas intervenções realizadas, mas também conferem uma personalidade singular ao Convento de Santa Maria Madalena, cujos segredos só foi possível visualizar através do restauro.

Na página ao lado, restauração de elementos em cantaria: pia de água benta, cruzeiro, base de tribuna e restauração de elementos em madeira dos retábulos da igreja. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, Arquivo do Iphan e Mário Swenson, 2008, 2010 e 2011, respectivamente.

*On the opposite page, restoration of ashlar elements: holy water basin, crossing, base of tribune and restoration of wooden elements in the church's retables. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, Iphan Archives and Mário Swenson, 2008, 2010 and 2011, respectively.*

## Elementos artísticos integrados à arquitetura

De modo geral, a igreja, destinada às atividades litúrgicas, foi o espaço que apresentou de forma mais contundente as marcas da ausência de serviços de conservação, o que se refletiu fortemente no estado de conservação dos elementos em madeira entalhada, dourada e policromada. Os elementos agressores foram os mais diversos, a maioria deles resultante de agentes biológicos, físico-químicos e humanos.

No que se refere ao ataque biológico, destacam-se os insetos xilófagos: em muitos anos de atuação, comprometeram a estrutura da obra pela introdução de orifícios e galerias profundas no interior do suporte, que perdeu partes e ficou fragilizado. Fungos também deram origem à chamada podridão branca, que destruiu os pigmentos do suporte (com alteração de sua cor) e provocou a perda gradual de peso. O acúmulo de excrementos de pássaros e morcegos sobre as peças também causou danos estéticos e reações químicas prejudiciais.

Em relação aos agentes físico-químicos, destacam-se as oscilações bruscas da temperatura e da umidade relativa provocando a movimentação do suporte e consequentes fissuras, deslocamentos de blocos, desprendimento da policromia, deformações, bem como reações fotoquímicas devido à ação da luz sobre os materiais constituintes, tais como o enfraquecimento das fibras, oxidação dos pinos metálicos usados na fixação de blocos, causando rupturas, desgaste e fragilização do suporte.

Finalmente, aparece a ação humana inadequada provocando danos no monumento, alguns deles irreversíveis.








Os elementos em pedra, presentes nos arremates de frontões, cercaduras de portas, arcadas, cruzeiro e demais artefatos decorativos, que aparecem na forma de florões, volutas, concheados etc., também sofreram pela falta das rotinas de conservação, fazendo surgir fissuras, rachaduras, esfacelamento, ataque biológico, manchas, perdas irreversíveis, inclusive.

Todos os tratamentos efetuados pelas equipes de restauradores[58] destinaram-se a restabelecer a integridade estrutural e estética dos elementos, com a higienização, imunização, consolidação

58. À frente das equipes de restauração dos elementos em madeira estiveram os especialistas Prof. José Dirson Argolo, da UFBA (que iniciou a restauração do retábulo da capela lateral), Mário Swenson (todos os retábulos e forros da nave) e o técnico Christiano Gregório (cantaria). Alguns desses elementos ainda não foram concluídos, a exemplo dos ornatos em pedra distribuídos por todo o convento. Está em processo de restauração o retábulo da capela-mor.



do suporte por meio de novas fixações, enxertos e próteses, recomposição de partes faltantes e remoção de intervenções inadequadas, tais como repinturas e adição de materiais prejudiciais.

Quase todos os elementos decorativos em madeira componentes da Capela da Ordem Terceira foram removidos para tratamento uma vez que apresentavam degradações relacionadas a ataques de insetos xilófagos, rachaduras e fissuras, sujidades generalizadas. Inicialmente retiraram-se as sanefas, tribunas, janelas e portas isentas de dejetos acumulados (excrementos de insetos, morcegos e pássaros, respingos de tinta etc.), para serem imunizadas contra o ataque biológico. O suporte foi consolidado através de recomposições, próteses e enxertos.

As intervenções citadas foram realizadas no decorrer do ano de 2007, até junho de 2009, quando a obra sofreu uma paralisação, e retomadas em 2010. Nesse ínterim, foi feita toda a recuperação do forro da nave da igreja conventual, representando o Milagre da Porciúncula, forro do nártex e retábulos colaterais e laterais. Também iniciaram-se os trabalhos no retábulo-mor. A obra está em processo de conclusão, esperando-se que seja finalmente devolvida à comunidade.

A partir de 2010, começou uma nova etapa da recuperação integral do monumento com a execução de um projeto de restauração das imagens do acervo do museu, a maioria delas procedentes do próprio convento. Numa interação entre a Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho e o BNDES, foi criada uma estrutura técnica para a realização dos serviços. As imagens entalhadas em madeira dourada e policromada, datadas dos séculos XVII, XVIII e XIX, apresentavam os mais diversos comprometimentos e foram recuperadas de modo a garantir não apenas sua integridade histórica, mas, especialmente, sua função simbólica junto ao povo de Marechal Deodoro, que mantém com santos e santas uma relação de devoção apoiada em laços de amorosidade.

Pretende-se que, com a conclusão do restauro do edifício, algumas delas voltem à igreja, tomando como base os registros historiográficos disponíveis e os testemunhos da história oral, reatando e confirmando ligações antigas, que é o que, de fato, fornece sentido aos lugares do convento.

De modo geral, é possível afirmar que cada um dos serviços que foram executados possibilitou à equipe técnica acesso a um conhecimento mais amplo do que vem a ser a arquitetura conventual franciscana, especialmente aquela denominada por Germain Bazin como Escola Franciscana do Nordeste[59]

À esquerda, imagens de roca do século XVIII, representando Nossa Senhora. Acervo do Museu de Arte Sacra. Abaixo, esculturas em madeira dourada e policromada do século XVIII: Nossa Senhora Divina Pastora e São Ivo. Fotos de Nelson Kon, 2012.

*To the left, 18th-century roca images depicting Our Lady. Museum of Sacred Art Collection. Below, 18th-century sculptures in gilded and polychromed wood: Our Lady the Divine Shepherdess and Saint Yves. Photographs by Nelson Kon, 2012.*





59. Nessa etapa, elementos não edificados, tão importantes na conformação do convento como qualquer outra estrutura arquitetônica, a exemplo do adro e da cerca, não foram contemplados com ações de preservação e conservação.



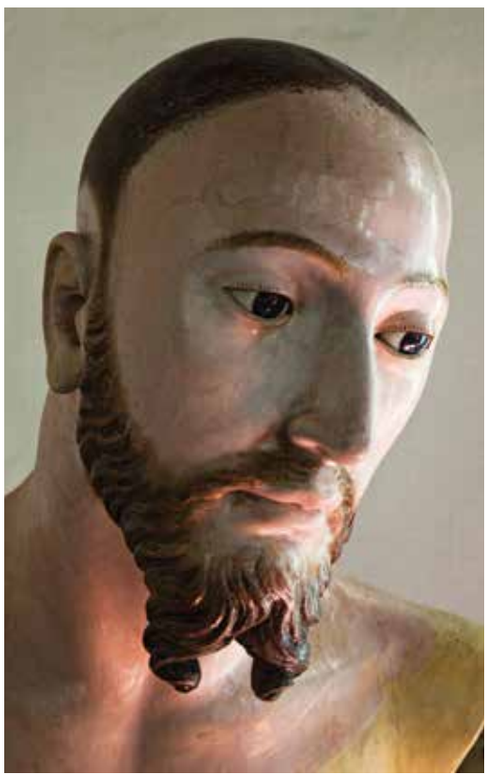
Acima, esculturas em madeira policromada do século XVIII, expostas na antiga biblioteca do convento. Na página ao lado, imagem de vestir do século XVIII: São Francisco de Assis. Fotos de Nelson Kon, 2012.

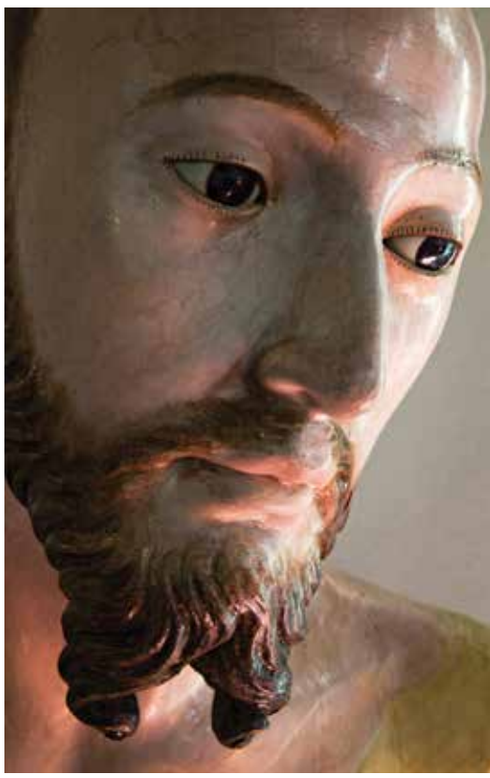
*Above, 18th-century sculptures in polychromed wood, on display in the former convent library. On the opposite page, 18th-century dressing image: Saint Francis of Assisi. Photographs by Nelson Kon, 2012.*

















À esquerda, no sentido horário, esculturas em madeira dourada e policromada, século XVIII: Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Dores. Fotos de Ana Cláudia Magalhães e Caroline Vilanova, 2010 e 2011.

*To the left, clockwise, 18th-century sculptures in gilded and polychromed wood: Our Lady of Good Birth, Our Lady of Conception and Our Lady of Sorrows. Photographs by Ana Cláudia Magalhães and Caroline Vilanova, 2010 and 2011.*



Nesse sentido, procurou-se recuperar e ressaltar seus componentes físicos e estéticos, utilizando materiais e técnicas reversíveis, de modo a afirmar a contemporaneidade da intervenção, sem, entretanto, comprometer a leitura e compreensão do objeto arquitetônico em sua integridade histórica e artística. Com isso conseguiu-se, também, estimular a reflexão sobre identidade e sobre o modo como um patrimônio preservado e requalificado a pedido da população pode contribuir para reforçar a personalidade cultural do lugar.

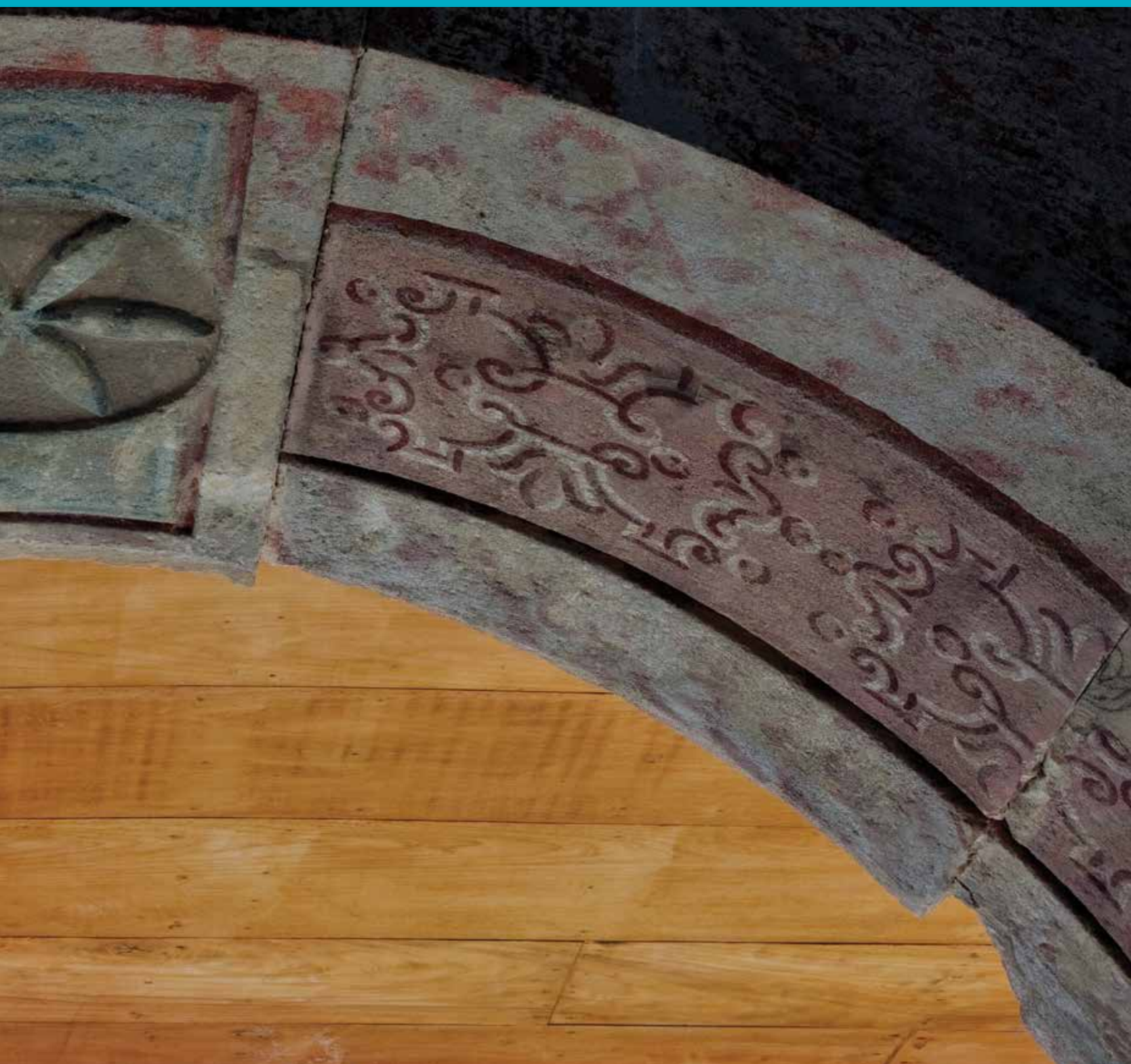
Nesta página, escultura em madeira dourada e policromada, século XVIII: Santa Maria Madalena. Fotos de Ana Cláudia Magalhães, 2011.

*On this page, 18th-century sculpture in gilded and polychromed wood: Saint Mary Magdalene. Photographs by Ana Cláudia Magalhães, 2011.*

A intenção foi identificar e restabelecer a *anima* franciscana presente na arquitetura, valorizando os elementos mais afirmadores de sua identidade religiosa e cultural, bem como seu desenho original, sem com isso desconsiderar as interfaces com o decurso do tempo. O tempo não apenas subtraiu, mas, enriqueceu o Convento Franciscano de Santa Maria Madalena com adições que, assim como camadas que se sobrepõem, o transformaram em um livro em que é possível observar não apenas um momento histórico, mas uma multiplicidade deles.







# IV. SONS DO VAZIO: REPERTÓRIO VISUAL DO CONVENTO DE SANTA MARIA MADALENA































*Alice Jardim e Luísa Estanislau*

Delicadeza, singeleza, espiritualidade... Sensações que habitam a casa de Madalena. Espaços revelados vão delineando vazios. A alternância de luz e sombra que permeia a materialidade arquitetônica do convento cria, através de seus jogos, diferentes cenários.

A partir dessa capacidade de manifestar-se de diferentes maneiras, esboçam-se aqui, através da fotografia, formas distintas de composição. Uma minimalista, construída sobre o contraste entre luz e sombra, e outra que explora a cena retratada através da explosão das cores, externando as texturas de cada lugar.

A luz desdobra-se continuamente, mostrando-se por vezes introspectiva, em outras, lúdica, revelando particularidades do lugar, descortinando marcas do tempo impressas na arquitetura e nos traços de seu desenho.





Figura 1: Janela com conversadeiras da antiga biblioteca/mirante, localizada no pavimento superior do convento. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 2: Pia de água benta esculpida em pedra, localizada em frente à entrada da sacristia. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 3: Porta em frente à ala do segundo pavimento. Ao fundo, galeria superior do claustro. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 4: Galeria superior do claustro. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 5: Pinturas descobertas após a desmontagem do retábulo do Crucificado da Igreja da Ordem Primeira. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 6: Marcas do tempo no retábulo lateral da Igreja da Ordem Primeira. Foto de Luísa Estanislau, 2010.

Figura 7: Detalhe das pinturas descobertas atrás do retábulo do Crucificado e pintura da cena do Milagre da Porciúncula, localizada no forro da nave da Igreja da Ordem Primeira. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 8: Detalhe da pintura descoberta atrás do altar lateral direito da Igreja da Ordem Primeira durante as obras de restauro. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 9: Detalhe da pintura que emoldura a imagem de Santa Clara, no forro do nártex da Igreja da Ordem Primeira. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 10: Projeção da cidade de Marechal Deodoro nas paredes do convento a partir do fenômeno da câmara escura: através da combinação entre luz e pequenas aberturas, imagens são reveladas invertidamente. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 11: Ala do segundo pavimento, anteriormente ocupada pelo corredor e pelas antigas celas, que, devido ao fenômeno da câmara escura, permitiu a impressão de fragmentos da cidade em suas paredes. Foto de Alice Jardim, 2010.

Figura 12: Fragmento do cotidiano da cidade de Marechal Deodoro, visto através dos recortes do guarda-corpo em pedra das janelas do coro da igreja da Ordem Primeira. Foto de Luísa Estanislau, 2010.

*Figure 1: Window with double benches in the old library/belvedere, located at the convent's upper floor. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 2: Holy water basin sculpted in stone, located in front of the entrance to the sacristy. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 3: Door in front of the second floor wing. On the background, the cloister's upper gallery. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 4: Cloister's upper gallery. Photograph by Alice Jardim, 2011.*

*Figure 5: Paintings discovered after the disassembly of the retable of the Crucified of the nave of the Church of Ordem Primeira. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 6: Marks of time on the lateral retable at the Church of Ordem Primeira. Photograph by Luísa Estanislau, 2010.*

*Figure 7: Detail of the paintings found behind the retable of the Crucified and painting depicting the scene of the Miracle of Porziuncula, on the nave ceiling at the Church of Ordem Primeira. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 8: Detail of painting found behind the right lateral altar of the Church of Ordem Primeira during restoration. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 9: Detail of painting framing the image of Saint Clare, on the narthex ceiling at the Church of Ordem Primeira. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 10: The town of Marechal Deodoro projected on the convent walls through the dark chamber phenomenon: a combination of light and small openings reveals inverted images. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 11: Second floor wing, once occupied by the corridor and the former cells, which, through the dark chamber phenomenon, allowed fragments of the town to be imprinted on its walls. Photograph by Alice Jardim, 2010.*

*Figure 12: Fragment of daily life in the town of Marechal Deodoro, seen through the indentations of the stone guardrail on the windows of the choir at the Church of Ordem Primeira. Photograph by Luísa Estanislau, 2010.*



# O TRAÇO DAS PALAVRAS FRANCISCANAS: GLOSSÁRIO DE TERMOS DO UNIVERSO CONVENTUAL

*Érica Aprígio, Flora Paim, Louise Cerqueira, Luísa Estanislau e Taciana Santiago*

**Abóboda de berço:** abóbada construída geralmente em alvenaria que tem a forma de um arco contínuo de volta perfeita, semelhante a um meio cilindro apoiado em duas paredes ou pilares paralelos. Conhecida por outros nomes como abóbada cilíndrica e abóbada de canudo, foi bastante utilizada nos períodos românico e renascentista.

**Acólito:** religioso não ordenado que acompanha e auxilia o celebrante da missa nas ações litúrgicas, tendo, entre outras incumbências, a da arrumação do altar.

**Água:** indispensável para o funcionamento do convento, a água é fonte de vida e também meio de purificação, sendo elemento de regeneração corporal e espiritual. A proximidade dos cursos d'água era um dos parâmetros a serem considerados na escolha do sítio de implantação.

**Alfaia:** paramentos utilizados durante as cerimônias religiosas, incluindo as vestes dos sacerdotes nas missas e os tecidos que adornam as igrejas para tais celebrações.

**Alimento:** a dieta inicialmente severa, instituída por São Bento em seu livro de regras, consistia em ervilhas, grãos, pão preto e água. Atualmente, não existe essa rigidez na dieta dos frades.

**Amito:** espécie de véu branco utilizado pelos sacerdotes sobre o hábito ou sobre a cabeça, durante a celebração de missas. Posteriormente, passou-se a usar uma pequena peça de tecido branco de forma quadrada ou retangular junto ao pescoço.

**Arcaz:** móvel dotado de gavetões, geralmente usado nas sacristias, para guardar as alfaias da igreja, as vestes e os paramentos com os quais o sacerdote celebra cerimônias religiosas.

**Arco abatido**: elemento construtivo em curva, designado pela forma achatada de sua curvatura, que emoldura a parte superior de vãos. Também recebe outras denominações como asa de cesto, sarapanel ou arco rebaixado.

**Arco pleno:** aplicado em vários elementos arquitetônicos e artísticos, tais como portais, janelas e retábulos, também denominado arco de volta perfeita ou inteira, tem curvatura de pleno centro, ou seja, sua flecha tem a mesma medida de seu raio, pois se trata de uma semicircunferência formada a partir de um só centro que descreve um ângulo de 180°.

**Arranque:** ponto onde começa e se apoia um arco ou abóbada. Também pode se referir ao início da parte trabalhada do pilar de um corrimão.

**Atlante:** figura humana (ou meia figura) em escultura, em geral masculina, utilizada para sustentar um entablamento ou coluna e também para decorar elementos arquitetônicos. A origem do nome está ligada ao titã grego Atlas que foi incumbido de sustentar o céu com os ombros.

**Azulejo:** os painéis de azulejo são como livros, cujas cenas contam histórias ligadas à Ordem ou à Igreja Católica. Geralmente são monocromáticos, em tons de azul. Os temas variam entre religiosos e cenas do cotidiano dos frades e de pessoas comuns. Há também azulejos que apresentam motivos florais, como os existentes na cozinha do convento de Santa Maria Madalena.

**Beira-seveira:** beirada de um telhado que consiste em duas fiadas – séries de telhas dispostas numa fileira – engastadas na parte superior das paredes que sustentam a coberta. As telhas da fiada mais baixa, denominada seveira ou sobeira, reforçam a sustentação das telhas da fiada de cima, chamadas beira, por onde corre a água das chuvas. Encontram-se também beirais com três fiadas, chamados de beiras-seveiras e bicas.

**Burel:** tecido grosso e áspero feito de lã, muito usado para a confecção de cobertores e capas e utilizado pelos franciscanos por sua rudeza.

**Cairu:** segundo Frei Jaboatão, a palavra original seria *ará cajurú* e teria sido modificada quando registrada pelos portugueses. Significaria "vaso e casa do sol", porque, naquele lugar, via-se o sol bastante empinado. A pedido dos habitantes de Cairu, em 1654, foi edificado o Convento de Santo Antônio, recentemente restaurado. Apesar de algumas intervenções, apresenta muitas características da tipologia que define um exemplar da Escola Franciscana do Nordeste.

**Campas:** até o século XIX, os sepultamentos das pessoas mais abastadas, religiosos, figuras importantes da sociedade local e os patrocinadores das obras da Igreja eram realizados no interior dos templos por meio de sepulturas fechadas por "tampas", uma espécie de laje sepulcral, denominada campa. Nos conventos também havia espaços destinados aos enterramentos, distribuídos no piso de naves, corredores e claustros conventuais, todos identificados com campas.

**Cancelo:** balaustrada existente no interior das igrejas que separa a capela-mor e os altares laterais da nave do edifício.

**Cantaria:** técnica de lavrar pedras para estruturar ou ornamentar, de forma geométrica ou figurativa, uma edificação.

**Cântico das Criaturas:** também conhecido como Cântico do Irmão Sol, este poema foi escrito por São Francisco em italiano antigo (língua popular) e nele o autor exprime o louvor a Deus e amor às criações divinas, através da glorificação de elementos da natureza, considerados como irmãos pelo santo. A seguir, um trecho do poema:

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas*

*no céu as formaste claras e preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento,*

*e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo tempo,*

*pelo qual às tuas criaturas dás sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água*

*que é muito útil e humilde e preciosa e casta.*

**Capelo:** parte superior do hábito dos frades constituído por uma capa curta vestida sobre a túnica para proteger os ombros e a parte superior das costas, e por um capuz que cobre a cabeça.

**Cariátide:** elemento escultórico de origem grega que exerce a função de pilar ou coluna, apresentando formas femininas que apoiam na cabeça um entablamento. A origem do nome está ligada às mulheres de Cária, que, após a destruição da região, teriam sido transformadas em escravas e servido como modelos para a construção de estátuas na forma de colunas.

**Casa:** "Morada de casas, edifício em que vive uma família com seus móveis amparados das injúrias do tempo" (BLUTEAU, 1712-1728). A palavra casa também pode significar cômodo.

**Cercilho:** palavra derivada de "cercílio" ou "circilo", que pode referir-se à tonsura usada pelos frades ou às extremidades ásperas dos pergaminhos, nas quais tornava-se difícil a escrita.

**Chaminé**: elemento de forma cônica ou prismática existente na cozinha de alguns conventos, que serve para o escape da fumaça dos fornos onde eram preparados os alimentos. Na Europa, também é utilizada para o aquecimento do mosteiro. Dentre os conventos da "Escola Franciscana do Nordeste", apresentam chaminés os cenóbios de Cairu, Paraguaçu, São Cristóvão, Penedo e Marechal Deodoro. Este último é o único convento que atualmente possui a base da chaminé com forma prismática.

**Cilício:** pequeno cinto de crina, de lã áspera ou de aço, utilizado sobre a pele para mortificação ou penitência - um modo de refletir, no próprio corpo, os sofrimentos de Cristo.

**Claustro**: coração do convento a partir do qual os outros cômodos são distribuídos. É local de meditação, oração e contato com a luz do mundo exterior.

**Concílio de Trento:** durante um dos momentos mais críticos da Igreja - a expansão luterana de 1546 - um concílio foi convocado, na cidade italiana de Trento, pelo Papa Paulo III, com a finalidade de estreitar a união da Igreja e reprimir abusos. Interrompido várias vezes, o Concílio durou 16 anos e seu trabalho terminou em 1562, quando suas decisões foram solenemente promulgadas em sessão pública. Todo o corpo das doutrinas católicas foi discutido e algumas das decisões foram: a condenação do princípio protestante da justificação pela fé, o acúmulo de benefícios, a manutenção dos sete sacramentos, o celibato clerical, a indissolubilidade do matrimônio, o culto dos santos e das relíquias, a doutrina do purgatório.





**Conventualistas:** adeptos de uma das duas correntes surgidas no seio do franciscanismo, após o Concílio Ecumênico de Viena (1311 e 1312). Era caracterizada por uma menor rigidez com relação à Regra, inclusive ao voto de pobreza, ao contrário da segunda corrente, a dos "observantes". A partir desse pensamento, os conventos eram construídos com espacialidade que beneficiava a vida comum e eram situados mais próximos às cidades. Assim, realizavam atividades voltadas para as populações urbanas.

**Conversadeira:** assento duplo cujas partes são dispostas frontalmente uma à outra, construído de pedra ou madeira, integrado à parede e localizado abaixo do peitoril.

**Cordão de três nós:** cordão com três nós usado na cintura pelos franciscanos simbolizando os três votos da Ordem: pobreza, castidade e obediência. O último nó era usado para bater na porta das celas a fim de acordar os frades para os ofícios.

**Cosmógrafo:** responsável pela orientação em projetos de fortificação, de confecção de cartas náuticas e geográficas e pela iniciação de jovens nos estudos de matemática, astronomia, arquitetura e outros.

**Cruzeiro**: elemento que faz referência ao culto à Paixão de Cristo, geralmente encontrado nos adros dos conventos franciscanos. É composto por uma base em pedra que sustenta uma cruz do mesmo material ou em madeira. Geralmente caracterizado pela presença de adornos, marca o espaço sagrado dentro da cidade e se destaca no mesmo, ora com sutileza, ora com imponência.

**Custódia**: conjunto de conventos autônomos, subordinado a uma província e administrado por um custódio.

**Custódia de Santo Antônio do Brasil**: primeira custódia brasileira, instituída através de decreto no ano de 1584 e subordinada a uma pequena província portuguesa também dedicada a Santo Antônio. O primeiro convento franciscano da colônia fundado pela mesma foi o de Nossa Senhora das Neves, em Olinda. Foi elevada a Província de Santo Antônio do Brasil em 1657.

**Donato:** leigo admitido na Ordem, que tem atividades diferentes das dos religiosos conventuais, dedicando-se, entre outras coisas, aos trabalhos domésticos e artesanais.

**Ecologia:** devido ao seu amor à natureza e às criações de Deus, São Francisco foi proclamado padroeiro da ecologia pelo Papa João Paulo II, em 29 de novembro de 1979.

**Emblema franciscano**: insígnia na qual, entre seus vários elementos, se destacam os braços cruzados de São Francisco e Jesus Cristo, ambos estigmatizados, e uma cruz elevada ao centro.

**Enfusa**: pequeno vaso de barro utilizado para guardar e conservar a água fresca.

**Facistol**: grande estante situada no coro das igrejas para apoiar os livros de canto ou litúrgicos.

***Frater*:** termo em latim que significa "irmão", aquele que vive junto ao outro, dividindo e sofrendo com ele o cotidiano. É oposto ao sentido da palavra monge, oriunda do grego *monos*, que remete à solidão, ao isolamento.

**Fraternidade:** sentido de união e família, amor a todos os homens e todas as criaturas, por serem obras de Deus. A fraternidade é inerente ao franciscanismo, que se pauta pelo respeito e cuidado com o próximo e com a natureza.

**Galilé:** espaço coberto e delimitado por arcadas que antecede a igreja, funcionando como local de transição entre o exterior e o interior do edifício. É característico do programa arquitetônico da Escola Franciscana do Nordeste que a galilé tenha ligação direta com a portaria. Outrora, já foi ocupada pelos fiéis que não tinham permissão de entrar na igreja para assistir aos rituais ou como espaço adjacente em caso de a nave estar lotada.

**Guardião:** título da autoridade máxima dentro dos conventos, sendo o responsável pela administração das atividades cotidianas conventuais e, em geral, pela posse das chaves do edifício.

**Hábito franciscano:** túnica longa concebida originalmente em forma de cruz, tendo a cintura amarrada por um cordão branco com três nós em uma das extremidades, em referência aos três votos feitos por Francisco (pobreza, castidade e obediência). Por vezes, um rosário em devoção a Nossa Senhora é usado do lado esquerdo. Vestir o hábito constitui um dos símbolos mais fortes e representativos da ordem franciscana e simboliza que o noviço já está preparado para ser um frade; é um sinal externo da consolidação interna.

**Horas canônicas:** divisão do tempo tradicionalmente definida pela Igreja Católica que consagra horários para as orações litúrgicas. Essa divisão orientava a vida nos conventos através do horário ternário, ou seja, da alternância de três em três horas entre momentos de oração e trabalho.

**Humildade:** característica marcante da personalidade de Francisco e princípio de seus seguidores, está relacionada à humilhação para a elevação, à capacidade de escutar o próximo e ao amor aos irmãos. Com isso, ele apresenta aos fiéis uma nova face de Deus ligada à pobreza e à fraternidade humana, portanto, muito diferente daquela cultivada pelos senhores eclesiásticos.

**Igarassu:** palavra originária do tupi, *yara-assu*, significa canoa grande. A vila de Igarassu, banhada pelo rio de mesmo nome, foi um dos núcleos iniciais de povoamento do Brasil e o primeiro de Pernambuco, tendo sido fundada em 1535. Nela localiza-se o convento de Santo Antônio, fundado em 1588.

**Insetos xilófagos:** os que se alimentam de material celulósico presente em madeira, papel, telas, tecidos, gesso e alvenaria.

**Ipojuca:** palavra originária do tupi, *Iapajuque*, significando água escura. A cidade de Ipojuca, Pernambuco, é banhada pelo rio de mesmo nome e sedia o Convento de Santo Antônio, fundado em 1600 nas proximidades desse mesmo rio.

**Lavabo:** pia em cantaria adornada com elementos típicos da Ordem, localizada em vários pontos dos conventos, em especial na sacristia e no *De Profundis*.

**Maria:** a mãe de Jesus é bastante referenciada pelos franciscanos. Foi São Francisco quem disseminou o culto a Maria nos espaços monásticos, conclamando os frades a imitarem seu comportamento e agirem como mães uns para os outros. No convento de Madalena, há referências ao lírio nas pinturas do forro da capela-mor da igreja da Ordem Primeira, simbolizando pureza, inocência e virgindade, qualidades de Maria.

**Manguaba:** palavra de origem indígena que significa "fonte de água de chuva". Assim como em todos os conventos franciscanos, a casa conventual deodorense também se localiza próxima a um curso d'água, nesse caso, a lagoa Manguaba, a maior do estado de Alagoas e que constituía a principal via de acesso à Vila de Santa Maria Madalena no período colonial.

**Meia-morada:** residência térrea de frente para a rua, cujos cômodos se distribuem em sequência ao longo de um corredor lateral, adequada aos antigos lotes urbanos muito estreitos. A fachada conta com duas janelas adjacentes à porta.

**Morada inteira:** corresponde à casa de meia-morada duplicada. Sua planta é estruturada ao longo de um corredor central, cujo acesso é feito através da sala, em torno do qual os seus dormitórios são dispostos em sequência. A fachada é composta simetricamente por uma porta central e uma ou mais janelas em cada lado.

**Natureza:** valorizada na Idade Média, a natureza passa a ser amada por Francisco, que a percebe como uma criação divina. Sendo assim, seus elementos são irmãos do homem. Através do amor ao meio natural, ele buscou chegar a Deus e louvar sua bondade. Desse modo, a relação muito rica de respeito e diálogo com a natureza é própria do franciscanismo.

**Nominalismo:** doutrina medieval proposta pelo franciscano Guilherme de Ockham (1280-1349), segundo a qual os conceitos e temas abrangentes, enquanto dotados da capacidade de serem atributo de várias coisas, eliminam a realidade do singular. A corrente entende que só a experiência (proporcionada pelos sentidos humanos) permite conhecer a causa das coisas. Em suas obras, Ockham separou razão e fé, filosofia e teologia, por isso é considerado o precursor do racionalismo.

**Observantes:** corrente surgida após o Concílio de Viena (1311 e 1312) e que prezava pela conduta fiel à Regra (em oposição à corrente conventualista). Seus conventos, de arquitetura mais simples, eram construídos mais afastados, apesar de realizarem atividades missionárias nas cidades. A custódia e a província estabelecidas no Brasil são vinculadas aos frades observantes.

**Ordem das Clarissas ou Ordem Segunda das Pobres Damas**: Ordem franciscana feminina, iniciada por Santa Clara de Assis, e por isso também chamada de Ordem das Clarissas. Dedicava-se ao sacrifício, à oração e ao amor a Deus no claustro, e às primeiras congregadas dessa ordem eram atribuídas poderes taumatúrgicos.





**Ordem Primeira dos Frades Menores (OFM):** Ordem criada por Francisco de Assis, a Ordem dos Frades Menores *(Ordo Fratrum Minorum)* foi aprovada pelo Papa Inocêncio III, e incumbia-se de seguir os passos de Jesus Cristo e de ser exemplo de obediência para a Igreja. Congregava religiosos do sexo masculino. Foi escolhido o termo "menores", designação dada às classes mais pobres e marginalizadas da população urbana da época, para que os congregados não aspirassem a ser "maiores", ou seja, abastados, seguindo assim os passos da humildade de Cristo.

**Ordem Terceira:** também conhecida como Ordem Franciscana Secular (OFS - *Ordo Franciscanus Saecularis*), destina-se a homens e mulheres que, sem deserção da própria família e sem renunciar às suas propriedades, queiram levar os ideais cristãos a todos. Os membros dessa ordem são chamados de Irmãos da Penitência, cujo ideal é alcançar a perfeição cristã.

**Paraguaçu:** palavra de origem indígena derivada de *Peruassu* que significa mar grosso ou rio profundo. O convento de Santo Antônio, localizado no município de Cachoeira, Bahia, foi implantado às margens do Rio Paraguaçu. Teve sua pedra fundamental lançada em 1658, embora a obra propriamente dita tenha tido início em 1660 e conclusão em 1686, conforme indicam inscrições existentes na edificação.

**Pássaros:** em várias passagens da vida de São Francisco, o santo teria pregado aos pássaros. Em um desses momentos, teria dito aos seus discípulos "Esperem um momento, vou pregar às nossas irmãzinhas aves!" As cotovias eram os seus pássaros prediletos e estão presentes em diversas passagens dos Fioretti da literatura anônima franciscana.

**Paz e Bem**: saudação usual entre franciscanos, une o amor de Deus que traz em si ao amor ao próximo, caminho da bem-aventurança. Desde suas primeiras pregações, São Francisco felicitava a todos com a expressão "que o Senhor vos dê a paz!", como forma de externar e dirigir a todos a paz interior - conquistada e apenas construída por meio da caridade. O bem, por sua vez, encontra sua representação máxima no Criador, o Deus Amor.

**Pobreza:** um dos três votos franciscanos, através do qual os religiosos buscam seguir uma vida aos moldes da de Cristo, com desapego aos valores materiais e valorização de tudo que vem de Deus.

**Postigo:** abertura quadrangular sobre porta ou janela para olhar através delas sem necessidade de abri-las, ou para permitir ventilação do ambiente.

**Presépio**: na noite de Natal de 1223, durante a celebração do nascimento de Jesus em uma gruta na cidade italiana de Greccio, São Francisco recriou a cena da natividade, que logo passou a ser encenada nos conventos com a utilização de figuras de madeira pintada. Assim, tornou-se o fundador do costume de fazer presépios para adornar as igrejas no Natal.

**Província**: grupo de conventos que estabelecem uma unidade e são dotados de administração autônoma. A Província de Santo Antônio do Brasil nasceu em 1657 a partir da custódia de mesmo nome, sendo a primeira do país. Em 1659, os conventos do Sul foram desmembrados, formando a Custódia da Imaculada Conceição com sede no Rio de Janeiro. Em 1675, esta também se tornou Província.

**Retábulo:** geralmente feitos em madeira, com apuradas técnicas de entalhamento, os retábulos são obras de marcenaria ou pedraria, que servem de moldura a um painel, onde se encontram distribuídas imagens dos santos de devoção de um templo. Podem ser classificados como retábulo-mor (o principal, instalado na capela-mor), colaterais (ladeando o arco-cruzeiro) e laterais (dispostos ao longo de naves). Outros ambientes do espaço religioso, tais como capelas, corredores ou sacristias, também podem ter retábulos.

**Santa Clara de Assis***:* fundadora, juntamente com São Francisco, do ramo feminino da Ordem Franciscana, também conhecido por "Damas Pobres" ou Clarissas. Como São Francisco, pertencia a uma família nobre que abandonou para seguir uma vida de pobreza e devoção a Deus.

**Santa Maria Madalena:** santa da Igreja Católica, Maria Madalena teria sido curada por Jesus quando este expulsou sete demônios de seu corpo. Depois disso, ela o acompanhou em sua atividade apostólica, estando presente no calvário e sendo a primeira a testemunhar sua ressurreição. Há controvérsias sobre essa figura, pois se discute se a que serviu a Cristo, a prostituta arrependida e a Maria de Betânia, que ungiu os pés de Jesus com um perfume caro enxugando-os com seus cabelos, teriam sido a mesma pessoa. O nome da santa está presente na toponímia do convento franciscano de Marechal Deodoro e nas denominações primeiras da localidade.

**Santo Antônio de Pádua:** frade franciscano português nascido em uma família abastada de Lisboa que deixou todas as riquezas para se dedicar a Deus. Viveu em Pádua, Itália, onde converteu um grande número de pessoas. Pode-se dizer que é o maior pregador franciscano depois de São Francisco. Tornou-se o santo mais popular no Brasil, tendo seu nome presente na toponímia de oito dos quatorze conventos da Escola Franciscana do Nordeste. Uma das passagens da vida de Santo Antônio diz que, após ter sua pregação ignorada pelas pessoas, ele teria se dirigido a um rio onde vários peixes se aproximaram para escutá-lo.

**São Benedito:** um dos santos mais populares do Brasil, era filho de pais escravos que foram levados para a Itália. Devido à sua cor negra, era chamado de "o mouro". Pastor de ovelhas e religioso franciscano, foi muito procurado por pobres, doentes e demais necessitados. Dentro dos conventos, exerceu a função de guardião, mestre dos noviços, vigário, cozinheiro e porteiro, fato que justifica a presença da sua imagem na portaria das casas conventuais. As irmandades que o tinham como patrono eram responsáveis pela distribuição de pão e farinha nas portarias.

**São Francisco:** seu nome de batismo era Giovanni Bernardone. Nasceu em Assis, na Itália, em 1181 ou 1182, tendo recebido de seu pai ainda na infância o apelido de Francisco.

**Seráfico:** referente aos serafins. Na Bíblia e na teologia cristã, serafim significa espírito celeste da primeira hierarquia dos anjos. O termo também é um designativo da Ordem dos frades franciscanos.

**Sinal:** o *ars signorum*, conjunto de sinais que chegou a contar com mais de 300 variações, era usado para permitir a comunicação dentro das comunidades monásticas que praticavam o silêncio perpétuo. Durante as refeições, por exemplo, os frades utilizavam um sinal específico para a solicitação do pão.

**Sirinhaém:** a palavra tem origem tupi e é derivada de *Serinhaim* que significa "berço de siri". A cidade pernambucana Sirinhaém nucleou-se às margens do rio de mesmo nome, característica que inspirou a denominação inicial do povoado, depois denominado Vila Formosa de Sirinhaém, em 1627. O convento de São Francisco, fundado em 1630, foi implantado nas proximidades do rio homônimo, estando os limites de sua cerca próximos à margem do mesmo.

**Taipa de pau a pique:** processo construtivo que consiste inicialmente em uma estrutura de esteios, ou seja, estacas de madeira fincadas no solo e posicionadas verticalmente. Posteriormente unidas por pedaços menores de varas horizontais e verticais, formam uma trama cuja amarração é, em geral, feita com cipó que recebe um preenchimento com barro.

**Tau franciscano:** além de ser um emblema bíblico, é a última letra do alfabeto hebraico e a 19ª do grego, correspondendo ao "T" na língua portuguesa. O Tau é a convergência da verticalidade e da horizontalidade, e significa o encontro entre o céu e a terra, o divino e o humano. São Francisco demonstrara predileção por essa letra que também constitui uma forma de representação da cruz, como o próprio hábito franciscano. Por essa razão, costumava desenhá-la no final de suas cartas.

**Tonsura**: antigo procedimento religioso no qual o ordinando recebe o corte circular do cabelo no topo da cabeça, simbolizando a entrada no estado eclesiástico, um sinal de obediência ao Senhor. A tonsura, em geral, era renovada a cada quinze dias e existia um encarregado de sua realização. Foi abolida pelo papa Paulo VI, em 1973. Para protegê-la do sol, o franciscano usava um pequeno chapéu denominado solidéu.

**Vizinho:** privilégio concedido a algumas pessoas para a povoação das antigas cidades e vilas portuguesas, em geral ligadas aos príncipes. Os que recebiam esse privilégio participavam da repartição das terras de determinada região. Pode também significar casas, famílias ou moradores.



ENGLISH VERSION

# FOREWORD

This book is the chronicle of a restoration that was as monumental as the architectural complex that witnessed it – the Franciscan conventual ensemble of Santa Maria Madalena, in Marechal Deodoro, Alagoas.

The 350 years in the history of this monument – comprised of the Church of São Francisco, the Chapel of Ordem Terceira and the convent (now housing the Museum of Sacred Art) – are indicative of its relevance. Its earliest facilities dated from the mid-17th century, but the buildings would not be ready until 1732, including Alagoas among the Brazilian states that possess part of the rich legacy of Franciscanism in Brazil.

The friars in the Order of Assisi occupied the architectural ensemble until the early 20th century. After that, the convent was transformed according to its different uses: a camp for soldiers, an orphanage and even a shelter for refugees from the draught in the backlands. With each change, its structure was a little disfigured. Abandonment and the ravages of time completed the service, and the Church of Ordem Primeira, whose roof was threatening to collapse, was closed off in 2000.

Now, at last, all of its activities, including liturgical ones, can be resumed. The project for its recovery, sponsored by BNDES, Petrobras, Iphan and Telemar, brought together a team of almost one hundred professionals – including restoration experts, architects, engineers, historians, bricklayers, joiners, painters and many others. This challenge required not only an accurate execution, but also careful surveys and historical researches upon which to base the crucial decisions involved in this kind of intervention, as the reader will see in the following pages.

*Luiz Fernando de Almeida*
*President of the National Artistic and Historic Heritage Institute*
*August 2012*

# INTRODUCTION

This book is the product of a long journey of research, and intends to share with the reader some reflections about the Franciscan Convent of Santa Maria Madalena, in Marechal Deodoro, Alagoas, and the process of its restoration. This recent intervention was part of a complex campaign aiming to ensure the building's continued existence, which, today, entails articulating sustainable alternatives for renewed usages. From this point of view, a narrative of the process must go beyond a mere description of technical measures, since the building's "survival" takes into account other aspects that surpass its trajectory of hundreds of years.

The chapters converge in the idea of approaching the convent and its history not only as a Baroque monument, "a golden box", valuable for its architecture, carvings and paintings. We understand the convent as the construction of a solid landscape ranging far beyond its walls.

We would also like the reader to become acquainted with a building designed to be a center of spirituality, an uncommon thing these days. For this reason, the building is presented as an instance of a conventual architecture arising from Franciscan knowledge, impregnated with the principles of simplicity, restraint and lovingness typical of the Order, as well as of Baroque style. This communion will certainly speak to the ambivalences of the human condition, so thoroughly depicted by art in this context.

We have attempted not to describe the Franciscan building as communicating, first and foremost, the idea that comes to mind most quickly: the symbolism surrounding the congregation of natural brotherhood, sun and moon, life and death. In between Franciscanism and Franciscan architecture, the House of Madalena is, in fact, openly connected to nature, but according to a careful process of construction.

The first impulse of research was, obviously, consulting documents. But even the great chronicler of the Order, Friar Jaboatão, noted how scarce was the written legacy of the Franciscans. So we had to lay our eyes on the building itself, and construct, alongside its restoration, the documentation that produced this book.

This resource allowed us to access the very core of its architecture, to offer a record of the whole process of recovery, allowing the reader to glimpse at what is no longer available *in loco*, while becoming aware of the difficulties of reading the past. We were able to witness the force – now brute, now delicate – of conservation strategies, from breaking the walls to patiently filling in the gaps of a painting. We also witnessed the countless doubts faced by a restorer, even when abiding by the laws of conservation.

Another resource that supported this research was the work of Germain Bazin and his "Franciscan School of the Northeast", an expression created by him in the last century, as his studies associated the House of Madalena to a family including thirteen other convents. For this reason, we visited all of them, searching for new information. It was also important to research the long existence of the convent, considering that, although it was no longer a religious house by the 19$^{th}$ century, it never ceased to interact with the community.

Thus, a number of mystical, ideological, ethical, social and political injunctions progressively unveiled the building. It revealed itself a fine, erudite work, which, to be understood as landscape, had to be interpreted also in terms of its urban inscription, its relationship with the natural environment and, even more, its adhesion to a philosophy and a stance in face of the world. In this sense, we have developed a glossary that walks through these currents, but inciting the reader to pursue his own investigations of meaning.

After explaining the methodological and conceptual perspective of this work, we must now announce the countless supporters that helped create this book, apologizing beforehand for any omissions.

At the top of the list, we must thank the convent itself and its "brothers", visited from the Northeast to the South-

east, who, like old books, showed us all about Franciscanism and its architecture. We particularly thank those who live in these convents, the Franciscan community and, especially, Friar Hugo Fragoso, Friar José Teixeira Rodrigues, Friar Hilton Botelho and Marcelino Cantalice, living lessons, in our view, of the Franciscan way of being. We extend our thanks to all other members of the Seraphic community – guardians, friar gardeners, cooks, postulants – and the believers inside and outside the convent, concrete knots in invisible Franciscan strings.

Among books, our silent interlocutors, we give particular emphasis to the works of Friar Antônio de Santa Maria Jaboatão, Germain Bazin, Gilberto Freyre, Glauco Campello and Murillo Marx. As for the archives, we highlight those of the Alagoas Historical and Geographical Institute, the Alagoas State Secretary of Culture, the Iphan Library and the National Library of Rio de Janeiro. In Portugal, the Library of the School of Architecture in the University of Oporto, the Overseas Historical Archive, particularly the employees Érika Simone Dias and Mário Pires Miguel and, in the Library of Luz, the kind support of Carla Fátima Brás Silva Maurício.

Promoting our contact with many of these institutions, we counted with the invaluable support of CNPq (National Council for Scientific and Technological Development), Capes (Coordination for the Further Training of Higher Level Professionals), Fapeal (Alagoas State Foundation for the Support of Research) and the Calouste Gulbenkian Foundation, from Lisbon, who granted us access to international files.

Petrobras supported us through the project "Franciscan Memories", selected in the Petrobras Cultural Program of 2005, allowing us to participate directly in the restoration of the monument, funded by BNDES.

We must also highlight the Nossa Senhora do Bom Conselho Society, in charge of the massive task of managing the building and outlining the sustainable paths for its maintenance.

Among our consultants, we thank Professor Virgolino Ferreira Jorge, from the University of Evora, an expert in monastic hydraulic systems who helped us develop a more accurate and technical outlook on the access to the building; the Laboratory of Archaeology in the Federal University of Pernambuco, particularly Professors Marcos Albuquerque and Veleda Lucena, companions in a long journey; and Professor José Luiz Mota Menezes, one of the first to accompany and advise us in the study of the conventual house in restoration. We extend our appreciation to the employees, technicians and other workers involved in the restoration of the Convent of Santa Maria Madalena.

All the authors of this book are affiliated to the School of Architecture and Urban Planning in the Federal University of Alagoas, and, in its context, we thank the members of the Landscape Studies Research Group, with whom we have shared every stage of its research and publishing, emphasizing the support of Pedrianne Dantas, Bianca Muniz, Dayse Luckwu and Flávia Cerullo, responsible for the logistic adaptation of the contents in this book.

Other forms of support in this research were found through Solange Oliveira, Iolanda Martins and Marcus Toscano, the unforgettable companion of concrete and imaginary journeys to convents in Brazil and beyond the ocean.

The emphasis in the convent as an urban work is a sign of the relevance of the local population, all the more when we consider that the convent, a heritage monument since 1964, integrates the historical downtown of Marechal Deodoro, listed as a National Heritage Site in 2006.

As such, we would finally like to thank these dwellers, whose history and memories trace complicities with the Franciscans from the time when the town was a village and the convent, a simple hermitage. Built with the labor of the population and restored by the hands of today's inhabitants, the people are the strongest reason for the existence of this convent as a monument, understood as an asset that is shared by the community.





# I. FRANCISCANISM, ITS SPACES AND AESTHETICS IN EVERYDAY LIFE

*Maria Angélica da Silva*

## From "errant places" to "fixed stars": the Franciscans arrive in Brazil

À esquerda, corredor com porta dos fundos do convento. Foto de Nelson Kon, 2012.

*To the left, hallway with the door at the back of the convent. Photograph by Nelson Kon, 2012.*

Silence. In the damp forests, cut through with canals and lagoons, tormented by warbling birds, leaves muffle the sound of footsteps. They rustle under the pressure of sandals. Vegetation breaks open in an unusual manner, as though disturbed by bodies that are foreign to the place. In the distant year of 1500, a new character appears in the American scene: the Franciscan friar.

In Brazil, the history begins with Friar Henrique de Coimbra, who celebrated the First Mass on April 26 of that year. Seven friars came with him, in a mission that was originally headed for India, where the Franciscans had been a long time before, in pilgrimages during the 13th and 14th centuries. As the first religious men to tread the soil that would eventually become Brazil, they began to tell their story by planting a cross upon the ground. As the Franciscan symbol of choice – the Order was the greatest promoter of the cult of the figure of Christ Crucified – it was from this moment, with this gesture, that religious and royal actions were brought under the same sign.

Fifteen Franciscans were presumedly living in Brazil by 1549, when the first Jesuits arrived – another very significant Order in the history of the Colony. In spite of the earnest dedication of the priests belonging to the Company of Jesus, the Franciscans seem to have been more readily accepted. The territory is slowly punctuated by small chapels and churches dedicated to **Seraphic saints**. This devotion is expressed not only through sacred buildings, but also by the names given to countless islands, hills, beaches and other geographic landmarks – starting with the great São Francisco river, followed by several rivers called do Frade (of the friar), hills and islands of Santo Antônio – as tokens of the presence of religious men, or sometimes marking the site of some miracle or martyrdom. With the passing of time and the increased dimensions of buildings, saints are once again called upon to name constructions aimed at the territory's physical security, such as forts, redoubts and even settlements, villages and towns.

The **Custody of Saint Anthony of Brazil** was founded in 1585. One year earlier, in 1584, the Custody of Saint Anthony of Malaca had been created in the Far East. This shows how attuned the Franciscans were to the great movement of access to newly-conquered territories. The foundation of the first Franciscan houses in Brazil was part of a huge network embracing the farthest territories reached by the project of ultramarine expansion.

In fact, Franciscans were known for this long-standing purpose of itinerancy, which frequently put them side by side with the conquerors of new lands. Once, in Umbria, Francis exhorted his companions to walk. The ordinary vocation of monks and hermits was, at the time, quite different. Convents and monasteries were intended to physically paralyze religious men in certain places, and there, far from the cities of men, they would find favorable conditions for the activities of contemplation and prayer.

Francis inverted this practice, calling upon his companions to forsake dwellings and any steady shelters, to wander wherever there were souls to be saved. Thus, the house of a friar did not need to be made of stone or to last long, like the ancient monasteries that aimed to defeat time. Also, his followers should not move away from urban

centers: they should be town friars, even at the risk of compromising the ideal conditions for reflection. For it was there, near the masses of men and material possessions, that it was necessary to announce another world, opposed to ostentation and consumption: the world of salvation.

In this mission, Francis himself walked across the lands, and, according to legend, passed through Portugal heading for Compostela, leaving among the Portuguese the seeds of the first convents. Franciscans, willing to travel far and wide, were crucial for the construction of the new kingdom[1]. They fostered urban life in small hamlets, but also in towns and cities, offering, in addition to spiritual support, many forms of community assistance. They were particularly active in the regions of Portugal where the military orders were not stationed. In the time of bloody Crusades and of religious orders devoted to "Holy War", Francis called for peaceful Evangelization, seeking conversion rather than conflict. Against extermination, his followers proceeded towards strange lands, moved by the desire to captivate through words. Instead of physical training for "holy combat", they were aware, upon leaving, that they might never come back, and were willing to give their bodies to martyrdom.

Following the ultramarine expansion driven by Cabral and Christopher Columbus, the Franciscans also left their solid, physical marks in the form of settlements, as well as churches and convents.

## Making sense of Franciscan presence in Northeastern Brazil

The history of any fact or object is merely a narrative aiming to consolidate one strand of knowledge about it. Thus, we have opted to present the history of the architecture of the Convent of Madalena starting with the reasons for its construction. In this way, we view the convent as an apparatus of Franciscanism. Its architecture, made not only of stone, wood, bricks, but also of more changeable matter such as motivations, intentions, symbols, affections and ideologies, consolidates, in the case of the Convent of **Santa Maria Madalena**, a vigorous expression of the Seraphic ideals that guided the various stages of its construction.

Other layers of meaning were certainly added after the friars left and as the building took on other roles. This includes the present moment, when the completed restoration presents society with another, remodeled building, starting a stage of expectation about what new relationships it may establish with current times.

A book is usually made with the help of other books, but in the case of Franciscan architecture and the routine of its friars not many documents have survived. Our main source are the accounts of Friar Antônio de Santa Maria Jaboatão, who produced, in the 18th century, an extensive body of works organized into several books and published in two volumes, totaling almost seventeen hundred pages. There we will find, among other information, facts about the implantation of the Order in Brazil and about the construction of convents[2]. Jaboatão himself, however, complains about the lack of documentation. For instance, many doubts in his writing were due to the antiquity of times, but also to the "carelessness of our folk"[3].

Our research proceeded, then, to archives and libraries in Brazil and in Portugal. Among the most relevant findings were the statutes, chronicles and ceremonial books of the **Province**. Another resource were the books printed in

1. In 1179, with the edict *Manifestis Probatum*, D. Afonso Henriques received the title of King of Portugal.

2. Jaboatão was entrusted with writing the Order's chronicles in 1752, and passed away in 1779. There are two volumes: the first was printed in Lisbon in 1761, and the second by the Brazilian Historical and Geographical Institute in 1859. For the first volume, we used the reprint edition by the Brazilian Historical and Geographical Institute in 1858, and for the second, the edition published by the Legislative Assembly of Recife in 1980.

3. JABOATÃO, 1858, v. 2: 402.

Brazil upon the arrival of the German friars[4] who had come to take up the Province, in the late 19th century. Written sources were combined with others, including the building itself – for the building also tells stories. Although the convent itself represented a unit, Franciscan houses in Brazil were linked in a network of mutual support, like beads in a Rosary spread throughout the territory. Friars would circulate along this network, and with them a certain mystique, style and constructive logic. Thus, we expanded our observation to other convents as well.

Returning to Jaboatão, the account of Franciscan presence in Brazil according to its greatest chronicler adopts, as one of the most frequent metaphors, appearing even in the name of the book, the idea of a new orb, a world open to conversion, like a reflection of heaven on the terrestrial sphere. The author describes the actions of friars as guided by divine forces. In the context of the Renaissance, the skies, like the forests, were gradually viewed as natural spaces. It is in these blue gardens that Jaboatão places the Franciscans in Brazil. The Friars Minor, small lights wandering about the new lands, attain a different status once they fix themselves like stars by founding their first convents. This cosmic action begins in Olinda and ends with Santa Maria Madalena.

The village where the latter was built, according to Jaboatão, was named Madalena by the Donatory Jorge de Albuquerque Coelho in 1591, when the territory that is now Alagoas belonged to the Captaincy of Pernambuco. It had about five hundred **neighbors** at a time when two other localities in Pernambuco that also had Franciscan convents – **Sirinhaém** and Igarassu – had about a hundred. The first chapters in its history are permeated by the presence of Franciscans. Decades before the convent came into existence, Seraphic presence in the village was marked by a simple house, "a retreat of straw and branches"[5], founded by Friar Cosme de São Damião. During the Dutch Invasions, in the famous Flight from Pernambuco, he settled in the village of Alagoa, followed by thousands of people, from August 2, 1635 to January 6, 1636. Thus, even before it became a village, Madalena already had a Seraphic house. Friar Cosme de São Damião is greatly lauded by Jaboatão, who dedicates about 120 pages of his first book to him, telling about his life as a religious man and about the historical facts that surrounded it. He is announced as a new star, a "shining star", "particularly worthy of the tenderness of Heaven"[6].

The friar, who was Custodian of Brazil, undertook long itinerancies, from Maranhão to the South of Rio de Janeiro. On five occasions he held the position of Superior, that is, convent guardian, one of them in Bahia, in 1627. He was arrested by the Dutch upon returning from Alagoa, after the construction of the retreat, and died in 1659. In 1662, people still talked about the miracles he performed in this village[7].

In 1635, also in the village of Alagoa or Santa Maria Madalena, Mathias de Albuquerque wrote a letter complimenting the Franciscans for their participation in the context of the Dutch invasions. According to his testimony, they had an active role in the spiritual comfort and motivation of the troops, and were involved in sieges and assaults "with as much danger as the most daring soldiers". Count Bagnolo presents a similar account[8].

Still, Alagoa would not have a proper conventual house until sometime later. We may ask what the presence of Franciscans meant to a village. Jaboatão replies that friars were in charge of baptisms, confessions, administering

4. A group of friars from Saxony, Germany, who were in charge of restoring both Franciscan Provinces in Brazil in the late 19th century, a period when many convents found themselves empty due to the ban on novitiate imposed by the Marquis of Pombal and the Emperor D. Pedro II in 1855. Prominent among them were Friar Basilio Röwer and Friar Venâncio Willeke, both major historians of the Order in the 20th century.

5. JABOATÃO, 1980: 179.

6. JABOATÃO, 1980: 128 and 195 respectively.

7. JABOATÃO, 1980: 225.

8. JABOATÃO , 1858 , v. 2: 99. On Bagnolo's letter, see v. 1: 100-104 and v. 2.

the sacraments of marriage and of funerals, that is, many crucial roles that would later become secular. They also strengthened the settlement, encouraging its inhabitants and facilitating relations with indigenous peoples[9].

In these small villages and towns of Colonial Brazil, the landscape is marked by religious buildings, as we may still notice when walking through the old sections of Olinda, Salvador or Marechal Deodoro. Religious buildings are prominent landmarks in these historical towns: they are always positioned in privileged spots and distinguished by their verticality and volume. We must note that, at the time of their construction, in most of the Western hemisphere, humanity was essentially religious. Thus, urban centers were expected to display their veneration for the divine through architecture and urban planning. Convents, when compared to churches and chapels, had a greater physical impact. For this prominence they paid a high price, as they were coveted and often invaded to be used in war.

## The convent and the urban

Back to the 12th century, recalling the history of **Saint Francis**, the first call heard by the saint urged him to rebuild the house of God. The message was received in the Church of Saint Damian, and he promptly started to recover it. Only later would he understand that the task announced was not to rebuild the church physically, but rather to restore its spiritual principles. Thus, **poverty** and renouncing material possessions[10] became Francis' most cherished causes. That is why the saint was greatly reluctant, from the first days of the Order, to embrace the idea of settling in wide spaces such as those offered by convents.

In the early days, Franciscans probably lived in hermitages that were almost caves. With growing popularity, however, the entreaties of bishops and princes became hard to resist, as did the physical demands of housing so many vocations. Saint Francis witnessed the first attempts to raise Franciscan buildings with a certain pomp and honor. He was strongly opposed to it, but he could no longer control the force attained by the movement. In 1220, novitiate became mandatory for Franciscans, requiring the existence of stable headquarters. At first, these religious were against seclusion, and thus opposed to living in a place articulated around a cloister. They wished their dwellings to resemble a *domus*, a house[11]. With time, however, they started to take on the features of convents, as they spread throughout the world. Thus, we slowly move from the history of Saint Francis to Franciscanism, in its many subsequent versions and ruptures, such as the breach between **conventualists** and **observants**.

Exchanges between the convent and the urban center were intensive. The convent was no longer the perimeter that enclosed the world of religious men and women. With Franciscanism, the town becomes its spatial extension, where the preaching friar is supposed to go. Besides, since they relied on alms, their maintenance was in the hands of the community. Convents were built following petitions filed by town dwellers. In the case of Colonial Brazil, leaders such as chamber men and donatories conveyed the requests for the settlement of the religious. According to Jaboatão, 22 convents were built as "fixed stars" in 75 years, along more than 300 leagues of coastal land.

The Custody of Brazil, at first under the jurisdiction of Portugal, was created by an edict from Pope Innocence X, on August 14, 1647. Granted by Pope Alexander VII, the status of Province was attained on August 24, 1657, and the first houses were founded soon after that, in the villages of Penedo and Alagoas.

9. JABOATÃO, 1980: 353-354.

10. The metaphor of nudity is used to represent Francis' break with his former life and his renunciation of all material possessions. That is why the novice, during the ceremony when he receives the habit, undresses himself of his former clothes.

11. ROS, 2000: 55-58.

Filipe II authorized Jorge de Albuquerque to create the convents, promising to donate money and the required products for the convent's subsistence, such as olive oil, wine, flour for hosts. The aid seems quite picturesque at times. Saint Anthony, considered the patron of the city of Salvador, was paid the military salary of a captain, handed directly to the convent's syndic[12].

## A FAMILY OF CONVENTS

In the 20th century, while Republican Brazil is reassessing the marks of Colonial times as a significant part of its history, a traveller, interested in architecture and art, leaves Europe and comes to these parts in a mission. He is not a friar, but in a way he also gave up his riches by abandoning his life in the halls of the Louvre to wander the red roads of the Brazilian backlands. Wearing no sandals and no borrel, but also imbued with the desire to salvage riches, some of them immaterial, Germain Bazin was responsible for the study and the acknowledgement of a series of significant buildings from the Colonial past of Brazil, in cooperation with the National Historical and Artistic Heritage Service. A former curator in the Louvre, Bazin undertakes his pilgrimage around Brazil from 1945 to 1955. He is a self-appointed missionary discovering "the mysterious existence of a whole school of art that is still unknown in the West and that is spread throughout an enormous territory"[13].

After his journey, he writes the book *L'architecture réligieuse baroque au Brésil*, anchored in a repertory of about 300 monuments. Featured prominently are, among others, the Franciscan convents of the Northeastern Region, often located in isolated but extremely beautiful sites.

> Amidst the woodlands of *agreste*, the arid *sertão* or the opulent greenery of sugarcane fields, from time to time one spots, almost unreal in its fragile whiteness, a building of modest proportions, in which the presence of a bell or a cross indicates a religious temple. In the face of such a vision, the traveller hurries on, aware that behind these walls he will discover, concentrated as in a precious flask, the perfume of a civilization[14].

Bazin gives special attention to the convents for their architecture, inseparable from their sculptures and paintings. According to him, "they present novel solutions, whose logical development, starting from types formed in the first half of the 17th century, presupposes a true school of constructors belonging to the Order"[15]. He names this set of works by coining the expression "Franciscan School of the Northeast", corresponding to the title of the IV chapter of his book. According to the author, this school was one of the most original creations in the country's religious architecture.

In this production, Bazin notes traces of a vanishing Medieval practice. Itinerary workshops are supposed to have crossed the Northeast of Brazil, engaged in the material production of these conventual houses. The whole region was marked by these ensembles, whose architectural resemblances were due not only to their faithfulness to the documents and principles of the Seraphic Order, but also to the fact that they were occasionally made by the same master. In fact, Jaboatão confirms this possibility when he mentions the presence of Friar Francisco dos Santos in many circumstances during the construction of convents such as those of Olinda and Paraíba[16]. Thus, like the

12. JABOATÃO, 1980: 71.
13. BAZIN, 1983: 14.
14. BAZIN, 1983: 11.
15. BAZIN, 1983: 137.
16. JABOATÃO, 1858, v.2: 146 and 303.

religious who used to circulate from house to house by the very dynamics of conventual life, so did the friars who were builders and artists, in the performance of their trades. Bazin does not specify which convents are supposed to belong to this school. By reading the book, however, we may assemble a list of 14 houses.

| TOWN/CITY | DATE OF CONVENT'S FOUNDATION | NAME OF HERITAGE SITE | DATE OF LISTING AS HERITAGE SITE |
|---|---|---|---|
| Olinda (PE) | 1585 | Convent and Church of São Francisco: chapel, house of prayer and cloister of the Third Franciscans | 7/22/1938 |
| Salvador (BA) | 1587 | Convent and Church of São Francisco | 3/31/1938 |
| Salvador (BA) | 1587 | Church of the Ordem Terceira de São Francisco | 5/25/1938 |
| Igarassu (PE) | 1588 | Convent and Church of Santo Antônio | 5/17/1938 |
| João Pessoa (PB) | 1589 | Convent and Church of Santo Antônio and house of prayer and cloister of the Ordem Terceira de São Francisco | 10/16/1952 |
| Ipojuca (PE) | 1600 | Convent and Church of Santo Antônio | 3/21/1938 |
| Recife (PE) | 1606 | Convent and Church of Santo Antônio | 7/20/1938 |
| Recife (PE) | 1606 | Capela Dourada (Golden Chapel), cloister and Church of the Ordem Terceira de São Francisco | 3/14/1938 |
| São Francisco do Conde (BA) | 1618 | Convent and Church of Santo Antônio and Chapel of Ordem Terceira | 10/17/1941 |
| Sirinhaém (PE) | 1630 | Convent of Santo Antônio | 7/8/1940 |
| Pau D'Alho (PE) | 1635 | Little Monastery of São Francisco | 09/08/1966 |
| Paraguaçu (BA) | 1649 | Convent of Santo Antônio de Paraguaçu: church and ruins | 09/25/1941 |
| Cairu (BA) | 1651 | Convent and Church of Santo Antônio | 10/17/1941 |
| São Cristóvão (SE) | 1657 | Convent and Church of Santa Cruz | 12/29/1941 |
| Penedo (AL) | 1659 | Convent and Church of Santa Maria dos Anjos | 12/29/1941 |
| Marechal Deodoro (AL) | 1659 | Convent and Church of São Francisco | 11/4/1964 |

The importance of these houses led to their gradual recognition as national heritage, between the years 1938 and 1974, not as an ensemble, but as individual buildings. Among the criteria adopted by Iphan are the state of conservation in which they were found and the signs of adherence to a particular artistic standard, leading to the total or partial listing of some of them.

The idea of a network of convents and their acknowledgement as monuments allowed the research for evidences on convent life and its spaces to rely upon a broader repertoire of buildings. In an echo of Franciscan itinerancy, they were all visited and studied by the team responsible for the research that lay the foundations for the restoration of the Convent of Santa Maria Madalena, in Alagoas.

## The convent in Brazil and its architecture

Convents make a somehow mysterious presence in the landscape. This is probably due to the restriction of access to their quarters by laymen throughout the centuries. That may be the reason why semiologist Umberto Eco chose a Benedictine monastery as setting for his book *The Name of the Rose* – the best seller in the year of 1980, later turned into a film. In its plot, the monastery is visited by an English Franciscan, William of Baskerville, entrusted with the task of solving a crime. His investigation follows two guidelines: the evidence of a set of norms that governs monastic life and belief in the individual character of men.

Convents are submitted to rules. They must house well-ordered families, to ensure effective conduct towards eternal life. Somehow, conventual architecture seeks the ideal, seeks harmony with the cosmos. It is about building a replica, on earth, of the heavenly abode.

As for the character of men, Franciscanism is one of the sources of his value. The term "Franciscan school" is also used in reference to the philosophy produced within the order since Medieval times. Marked by **nominalism** and with its own doctrines and symbolic universe, this school emphasizes the primacy of the particular over the universal[17]. Knowledge derives from experience, from things themselves. Franciscans were masters in the field of Logic during the 13th and 14th centuries. Their option for empiricism would lead them to introduce a particular means of constructing knowledge, inquiring nature itself about its reasons.

Francis was not an intellectual in the usual sense of the word, but not long after his death the first Franciscans were already quite active in universities, that also began to appear in this period[18]. Roger Bacon is in Oxford. In Paris, the foremost university at the time, are Alexander of Hales, John of La Rochelle, Bonaventure of Bagnoregio, among others.

Returning to the story created by Umberto Eco, Franciscan values such as the importance of empiricism might justify the choice of a friar belonging to this Order to seek the solution for a crime. This literary plot certainly required the author to pay special attention to conventual life, in terms of the personality of friars, their daily lives and architectural surroundings, inspiring an analogy with the study of the Franciscan house of Santa Maria Madalena.

17. MERINO, in MERINO E FRESNEDA (orgs), 2006: 146.

18. The movement appeared in the 13th century, the century of universities, meaning corporate associations of masters and pupils. The word "university" is said to have first appeared in a documental source through Innocence III, in 1208. MERINO, in MERINO E FRESNEDA (orgs.), 2006: 11. When D. Dinis founded a university in Portugal, also in the 13th century, Franciscans were present. See ALMEIDA, 1920: 490.

In Brazil, however, we will find a different scene. An intense nature, other peoples. If these friars were moved by the expressions of the particular, if they wandered the earth paying attention to the individual, what was it like for them to relate with the Tropics? Were the joys and sorrows of the Jesuits, so thoroughly described in their letters, as they perceived the territory now as heaven, now as hell, also the experience of the Franciscans? Were there any repercussions in the architecture they produced?

In the scarce documentation available for our research, we had to look carefully for the few references that might help us understand the meaning of the conventual building in the Northeast of the Brazilian New World[19]. Our investigation proceeded to the inverse exercise: looking at the remaining buildings and seeking for answers in their own material quality.

Friars crossed the Atlantic with their books, their statutes, their images of devotion, their paraments. When they finally landed, what kind of convents were they able to build? Certainly, when migrating from Portugal to Brazil, conventual houses were transformed. For instance, they abandon stone, common in so many Portuguese sites, and start to favor the matter of the forest: wood. When raising their white walls, they won't have to seal their windows so strongly, as the wind is pleasant and there is no snow. From these openings, they will see other vegetation, other waters. Their garments will become lighter, as the body needs less shelter. Thus, convents raised in Brazil are still similar, but no longer equal.

At first, they were small and adhered strictly to the square shape, as can be observed in the images left by the Dutch and the Portuguese in the 17th century. They would begin as modest chapels, sometimes with a **porch**. Then their volumes would be torn with the essential openings, the bell tower, the **chimney**[20]. The façade is essentially square-shaped. Through historic iconography, we may note that, to the town, they showed themselves as simple façades standing against the parvis. In the case of Igarassu we see the church's geometrical volume, the small porch that welcomed the faithful, the bell tower and the chimney. In Recife, the volume also starts at a modest scale and grows upon reaching the dormitory wing. The need for a wide restricted area forces the immediate construction of walls, creating the first ring of nature around the conventual house, clearly identified in the urban landscape. Within this ring are the convent's grounds.

Constructive stages proceed slowly. Naves are elongated, chapels opened at the sides of churches, frontispieces are decorated, dormitories become cloister wings, **third order** quarters appear as lateral annexes, in intense architectural gymnastics whose traces have often vanished, requiring intent observation from the researcher who wishes to establish a chronological order.

As travellers, what will we find in these convents today? To answer this question, we must be on our way! At first, adopt an attitude similar to the colonizers', and, for example, seek to reach the convent from the water, as usual in Colonial times.

In the House of Madalena, but even more in other places such as Igarassu, **Ipojuca**, **Cairu**, João Pessoa, the convent is seen from far away, its indented profile framed by the landscape. Almost all their façades are now restored, marking the apotheotic stage of Baroque.

19. Even religious books of rules and European Medieval authors don't say much about how monasteries should be built. See BRAUNFELS, 1972: 8.

20. A cone – or prism – shaped element that exists in the kitchen of certain convents, used for venting the fumes from the ovens where food was prepared. In Europe, chimneys were also used as a heating system for the convent. Among the convents in the Franciscan School of the Northeast, those of Cairu, Paraguaçu, São Cristóvão, Penedo and Marechal Deodoro have chimneys. The latter is the only one with a prism-shaped chimney base.

The first visible sign is the same that marked the beginning of Christian history in Brazil: the cross. This theme, made popular by the Franciscans, symbolizes the end of the cycle of Jesus' presence among men. It is, then, the icon of his suffering, through which he became human. Placed right at the parvis, the cross marks the beginning of the conventual space, announcing to the town a fraternal Christ. The parvis, the area in front of the façade that used to be a burial ground in the convents of Europe, ensures an adequate space for religious rites and for a scenic observation of the building.

## Facing the town: parvis and church

The church, as backdrop to the parvis, is prominent in every convent, with its façade standing tall. Through time, its pediment and openings would be decorated with curled carvings. In spite of its exterior impact, however, it is on the inside that we will find the apogee of its carefully produced decoration. Like a great colorful hollow, it ferociously drags the eyes and hearts of the faithful, intoxicating them with the dance of sinuous stone, with lights, gildings, colors and figures of angels**, birds** and saints. The ornament is justified as an offering, to the divine, of all that is best in humanity. Aesthetic joy may be virtuous. Now advocating poverty and disdain for worldly things, now vesting itself with pomp, architecture and artistic elements lie at the core of the Franciscan conflict between a worldly point of view and the simplicity that honors God.

Braunfels, a major author in the study of conventual houses, points that, in Europe, mendicant friars – that is, Franciscans and Dominicans – were responsible for the construction, in the Middle Ages and on to the Renaissance, of colorful churches that would even diminish the value of architecture to stress the visual force of painting. Architecture became a mere shell containing living figures[21].

The opulent decoration in the church of Salvador, as well as the delicate *chinoiserie* at Igarassu, are highlights among the fourteen convents. Bazin mentions the convent of João Pessoa to discuss the presence of Oriental details in conventual architecture, as testimonial of Eastern influences brought to the Colony of Santa Cruz by missionaries from China, particularly Franciscans. This influence, reinforced in Brazil by the globetrotting friars, is manifest in Portuguese art from the Rococo period, and its importance is attested by the ornamentation of the frontispiece at João Pessoa[22].

In fact, they appear not only in João Pessoa, but also in Igarassu and Madalena, although in a more subdued manner, in the decoration of Saint Felix of Cantalice's garments and even his features, although he was Italian.

On the use of light as architectural matter, Bazin identifies gold as a primordial element in the construction of Baroque churches in Brazil. A relationship with the divine is established through their glimmer, even in the delicate *chinoiseries*. "Nowhere has the splendor of precious metal, turned into a symbol of *splendor veri*, reached such effulgence as in the churches of Portuguese-Brazilian art"[23].

The quarters of the Third Order appear in certain conventual façades, often quite rich, as in Recife and Salvador. The order of laymen, created by Franciscans, allowed non-religious people to have a place near the institutional church. Organizations for those who led a pious life without completely forsaking secular obligations existed as early as Medieval times, but never with the strength and articulation they would attain with Franciscanism. Dante, Christopher Columbus, Thomas More and Saint Ignatius of Loyola were members of Third Orders, as were many

21. BRAUNFELS, 1972: 145.

22. BAZIN, 1983: 152.

23. BAZIN, 1983: 12.

popes and Portuguese kings. That is the case of D. Afonso V, who held a residence inside the convent of Varatojo, in Torres Vedras. By the end of his life, the king wore the habit of a lay brother and submitted himself to the obligations of the Order[24].

In Brazil, its importance will be physically expressed in architecture. Its buildings are usually positioned next to the conventual building, and may include several blocks of quarters organized around a cloister, in the manner of convents. In the Third Orders of Salvador and Marechal Deodoro, the chapels are comprised of independent volumes. In Bahia as in Recife, they are quite opulent, but not so in the Convent of Santa Maria Madalena.

If we look at the church as coupled to the convent, it appears different. On one hand, it provides the community with liturgical services and opens itself like an illustrated book for a better delivery of Biblical lessons; on the other, it is the holiest space in the convent. The most intimate space, as it is where the most significant prayers and religious practices take place. The architectural solution for this demarcation was the choir. Standing up high, benefiting from the generous ceiling height common in the vertical volume of churches, with an open view to the altar and with direct access to the dormitories, the choir is ultimately responsible for the convent's general order.

The assigned prayers that demarcate the daily activities of friars are performed in the choir. This sequence marks the **Canonical Hours**, an agenda of devotional practices established during the Middle Ages by the Rule of Saint Benedict. It is a schedule for the division of time, distributed according to collective prayers. They follow the recommendation of the prophet: praying seven times during the day and one time at night[25].

Lauds take place at dawn. Almost immediately afterwards, the primes, at 6 or 7 a.m. Next is the Terce, around 9 a.m. The sext is at noon, at meal time. The None happens at 3 p.m., before conventual Mass. The Vespers are so called in reference to the evening star. Complines correspond to the friars' bedtime. The cycle is complete with the Matins, or *vigiliae* in the ancient expression, taking place at midnight or in the wee hours of the morning[26].

A sounding instrument, usually a bell, is used to demarcate them. Different strokes inform the activity to be performed by friars, but also announce news regarding the convent and communicate facts that might hold interest for the urban community. The sundial also holds a prominent position, due to the importance of keeping time; it is the responsibility of the "rousing friar", "who is to keep it very clean and regulated, during the day by the Sun, and at night by the North Star"[27].

The convent's many activities are organized around this cycle of prayers. Friars will teach doctrine to slaves, take care of the kitchen, the refectory, the vegetable patch. They will sew bags, towels and napkins. They will attend Mass, collect alms, go on missions outside the convent[28]. For each moment of the day or night, a ritual. For each role, a friar.

The day begins. The rousing friar is in charge of tolling the bell for the Primes. Next, he opens the door of each cell with a salutation. Each friar, now awake, proceeds to his service. The ostiary opens the door to the cloister and calls

24. MORENO, Humberto Baqueiro., "O poder real e o franciscanismo no Portugal medievo", in I–II SEMINÁRIO..., 1996: 94-95.

25. BRAUNFELS, 1972: 232.

26. ECO, 1986:17 and RENAUD, 2003: 31.

27. SANTIAGO, 1755: 503. The North Star or Pole Star, used by sailors for centuries as a guide, always points North, thus making it possible to find the direction of sunrise.

28. JABOATÃO, 1980: 286-287.

**lay brothers** to attend Mass, the sacristan goes to the sacristy to arrange the goblets, cruets, wax, everything that is needed for the office of Mass, the pantryman provides wine for Communion[29]. They all gather in the choir.

If the convent may be compared to heaven, the choir is the place of the angels. It is there that hymns, psalms and prayers are said. Each reading requires a set of gestures – removing the **cowl**, leaning forward, sitting. The **lectern** lies at the middle. A reader conducts the texts[30].

Each time the friars go into the choir, the sacristan has to prepare the materials for the service. He will light candles, chant and say prayers, asperse holy water, pray for the dead. In the late afternoon, by the time of Vespers, if light is needed, the **acolyte** will provide it by lighting the oil lamp. Chants are used as summons, with three knocks at the door of each cell[31].

Canonical hours and their intervals ritualize spaces within the hierarchy determined by their sacred character, always starting with the church. Entering the church requires preparation. One must be barefoot, kiss the ground and sprinkle oneself with holy water.

## Reaching the conventual building: the vestibule and the cloister

A transition between the sacred and the profane worlds, the vestibule is guarded by the ostiary friar. Before a friar goes into the *seculus*, that is, leaves the convent, he has to follow certain rules enforced by the ostiary. Thus, the credibility of a convent and of its friars depends a great deal on his procedures.

> Be very diligent coming to the door, when someone knocks: it should always be locked with a key; and do not open it without looking through the eyehole[32] to see what kind of person is knocking […]. Welcome religious guests with much joy and charity […]. As for the physician, surgeon and bloodletter, walk them to the nurse. You shall send no message to a religious man to talk to anyone without first telling the prelate. Treat the poor with all due charity, be very solicitous in giving them all you can […] in order to feed them you shall always have some separate, clean dishes; never feed them with the Community's dishes[33].

Once you are allowed into the conventual building, a wide open space comes to attention: the cloister. As we have seen, Franciscans were reluctant to accept this solution, because, in its origins, the word cloister refers not to an open space, but rather to an enclosure[34]. Still, by adopting the typical conventual solution, these spaces appeared, evoking perfection, associated with the idea of paradise, of a recluse state, of solitude.

Seen from above, every conventual building seems to revolve around this void. In European houses that gathered a great number of friars, convents had many cloisters, but in Brazil they most commonly had only one. This unification confers an impressive centralization to its blueprint, in which everything flows towards this privileged area in the building.

29. SANTIAGO, 1755: 68.

30. SANTIAGO, 1755: 69-71.

31. SANTIAGO, 1755: 57-58.

32. A part of the door containing a hole or railing through which one may see the external area or communicate with someone.

33. SANTIAGO, 1755: 493.

34. "The Latin word *claustrum* – more frequently used in the plural, *claustra* – originally meant anything that could be used to close, and by extension, any closed space". (Borges, 2006: 63)

On one hand, the cloister is an open space. On the other, it is closed: not everyone may enter it, and it marks the limits of many rooms lying around its galleries. The cloisters of Northeastern convents are marked by regularly distributed posts. Bazin describes them as "the chant of columns".

> While the whole of Europe, including Portugal, had adopted the austere conventual cloister, with heavy pillars surrounded by imposts, for what miraculous reasons, once again, do we hear under the light of the tropics this chant of columns that had always enchanted the West, in Antiquity as in the Middle Ages?[35].

The cloister reflects order: rows of columns, ruled spacings, as dictated by the lessons of geometry. The convent is the friar's place of dwelling, but also of learning. A place that is marked by a series of peculiarities. One of them is discipline. They understand that, without rules, community living is not possible. In a convent, time and space are expected to be strictly organized. This practice is made legible in the cloister and its columns, and appears also in the disposition of full and hollow spaces in other areas of the convent, whether in blueprint or in elevation.

## Sacristy and chapter hall

The church delegates supporting roles to different liturgical spaces, such as the sacristy. Its importance begins with the name, associated with the sacred[36], and is attested by the room's placement and dimensions and by its often lavish decoration. The standard furniture includes the chest, with its long drawers that hold the costumes used in liturgical ceremonies. There was also another, vertical piece of furniture, with small numbered drawers, where each priest would keep his amice[37].

The sacristan is in charge of many essential tasks. Unlike today, when such duties may be performed by laymen, in ancient convents they were entrusted to a "diligent, grave and honest" priest[38]. Instructed on Ecclesiastic ceremonies, he would take care of the church and the sacristy, as well as all the necessary apparatus for Mass.

> The sacristan must be very careful with the sacristy, that it may be fully clean and tidy, all the things that belong there should be put in their due places and not in heaps, numbered by roster: linens should be washed, fixed, folded; corporals and laces should be starched, and all other ornaments and paraments in the church as well as the sacristy […][39].

Because it was used as support to liturgical activities, there had to be, in or near the sacristy, a lavatory provided with clean, fresh water, strictly used to wash hands. Next to it, there were towels marked AM (*Ante Missam*) and PM (*Post Missam*), ensuring even greater cleanliness[40]. In Brazil, sacristies have elaborate carved stone basins, as in the house of Santa Maria Madalena.

Looking from the cloister, one of its quadrants shows a distinct door or opening leading to the chapter hall. The community's meeting place, its importance is announced by the access itself. For monastic orders, after the Holy

35. BAZIN, 1983: 373.
36. The word derives from the Latin *sacrum*. See BLUTEAU, 1712-1728, in the entry "capella".
37. SANTIAGO, 1755: 162.
38. SANTIAGO, 1755: 494.
39. SANTIAGO, 1755: 158.
40. SANTIAGO, 1755: 161.

Scriptures, the most important book is that of Rules. From the 11th century, most Benedictine monasteries had a chapter hall, named after the chapters of the Rule that were read there[41]. It was the most artistically elaborate space after the church, and also the second most important for burials[42].

Important decisions regarding the Order are made in this hall. Through the observation of many convents, it is possible to envision an ideal hall: it tends to be square, with an altar at the back, seats placed around the decorated walls and with two windows. It is open but hierarchic: even from the outside, its activities may be followed by those not allowed in the hall.

Decisions on monastic life are also made there, some of them during the conventual chapter, announced with fifteen to twenty tolls of the bell. At this signal, all religious men proceed to the hall. On their knees, without their cloaks and with the cowl on their heads, they face the altar and sit on their feet, with the exception of the prelate or some very old friar[43].

The convent, in its most important activities, is run by the **guardian**. According to the principles of the Order, he must treat his subjects as his brothers, be solicitous and rectify himself before rectifying others. Be strict, but gentle in penances, knowing that kind words are more effective than harsh ones in enforcing the Rule. For the chapter is also the place where daily flaws and negligences are reviewed. Novices confess their guilt, then laymen and choirboys, and are submitted to corporal punishments, called disciplines. The word is used in the chronicles in two different senses: the norm, but also various types of flagellation. After that, there is a sermon and prayers[44].

When there are novices in the convent, they receive their **habits** in the chapter hall. In burials, the body is watched there. Thus, moments of great intensity and meaning for conventual life take place in this hall.

Convents combine pure idealism and strict functionality. Ultimately, they aim at absolute perfection. Order is the word for monastic life. The convent, as a stairway for the perfection of the friar in his journey to heaven, commands discipline. Chronicles from the 1600s and 1700s, whether describing Portuguese or Brazilian convents, always show them as places of penance. In this aspect, the building distributes its actions along many spaces – chapter hall, cell, church and even prison, where friars go to reconsider their faults. Prisons can be found, for instance, in the Franciscan convents of Rio de Janeiro and Penedo.

## *De Profundis*, refectory and kitchen

Preparing food is a very important task in the convent, insofar as nourishment of the body is recurrently associated with nourishment of the soul. Thus, eating involves a series of ceremonies, recruits the labor of many friars and requires particular spaces. The ritual begins not in the refectory, but before, in a space called *De Profundis*. The expression is related to Psalm 129, chanted by pilgrims, but also to prayers for the dead. In the past, the ritual would take place in burial grounds, but it eventually migrated to the refectory area. Thus, before touching the food,

41. The norms followed by Benedictine monasteries would shape those of the Cistercians and, later, of the Franciscans.

42. BRAUNFELS, 1974: 11-12.

43. SANTIAGO, 1755: 509.

44. SANTIAGO, 1755: 510-511.

responsible for maintaining earthly life, they would pray for those who had left it. When there were guests in the convent, the foot-washing ceremony would also take place in the *De Profundis*[45].

The refectory is elongated, with seats attached to the wall forming a "U". On the back wall is a painting of the Holy Supper, as in several of the convents we have visited. This theme points to the paradox of human existence, placed between grace and guilt, present in the same Biblical scene of the institution of the Eucharist and the betrayal of Judas[46]. That is the reason why, in Franciscan and Dominican convents, the theme of the Last Supper painted in the refectory is expanded. The most relevant of these is the one painted by Leonardo da Vinci, in the Dominican refectory of Santa Maria delle Grazie, in Milan[47].

During meals, the reader goes to the pulpit and performs the readings. The lesson of the table is read in Portuguese so it can be accessible to the lay brothers who know no Latin[48]. The Convent of Santa Maria Madalena keeps the base of its old pulpit.

This is a place of silence, where a Medieval practice is maintained: friars communicate through signals. Each receives his portion[49], but he may ask for more bread, water and salt. For each of these there is a specific **sign**[50].

Counters by the refectory doors hold the rations of those who were not allowed to sit down to eat[51]. By this information from the Ceremonial we may infer that not all convent dwellers had access to refectory tables. The water jug is also by the door. Friars would eat on a naked table, with no linens, only a napkin to wipe their mouths, fingers and cutlery. They would use knives and wooden spoons, never forks[52].

Kitchens were wide and had to be kept constantly tidy. They had counters, water fountains and ovens.

> The kitchen must be always very well swept, the china clean and arranged in the cupboard, with laurel branches[53], that should be renewed whenever necessary, throwing out the old ones. Be careful to reuse burnt wood to make lye. You shall always have a clean pan with fresh lye[54] to wash your hands, and a vase with sulfur rags, in case they are necessary.

45. The foot-washing ceremony involves a basin, a towel and flowers. The bell in the refectory is sounded, all the friars gather in the *De Profundis* and, before their prayers, they kiss each other and wash the feet of the guest. (SANTIAGO, 1755: 492)

46. BRAUNFELS, 1972: 146.

47. BRAUNFELS, 1972: 12.

48. SANTIAGO, 175: 443.

49. The strict diet instituted by Saint Benedict in his book of rules included only peas, grains, black bread and water. Friars today no longer follow such severe diets.

50. SANTIAGO, 1755: 450 and RENAUD, 2003: 32-33.

51. SANTIAGO, 1755: 453.

52. SANTIAGO, 1755: 434.

53. SANTIAGO, 1755: 500. According to Bluteau, laurel was known in Antiquity as an air purifier, avoiding diseases and expelling bad spirits. For this reason, it was planted at the doors of houses, so much so that Pliny would gallantly call palace guards and porters "laurels".

54. The word that appears in the text - *lixia* – is probably the ancient spelling of *lixívia*, or lye – that is, a solution used to make soap.

The kitchen holds surprises for the visitor, with its chimneys. They were found in the convents of Cairu, Penedo and São Cristóvão, brought to Brazil from Portugal, where they are common. In Madalena, all that remains is the base.

In Europe, barns appear as aids to the kitchen; here, they are suggestively called *casa da farinha* (flour house). The cook and the friar in charge of the barn share food-related duties. According to the Rule of Saint Benedict, the barn friar should be wise, mature in character, not be a glutton, nor arrogant or insolent. He should look after the monastery's possessions as if they were the goblets at the altar[55]. "Be very zealous in the expense of timber and oil, to which the pantryman must pay attention"[56], the Ceremonial completes.

Convent chores might also be shared with slaves. In Madalena, however, we could not find their quarters.

## Cells and library

Houses belonging to the Franciscan School usually have two floors. Following the direction of intimacy, the convent begins with the vestibule and church, proceeding to the various rooms around the cloister. The staircase signals the passage from these to the most private quarters, with their decorated **springers** and their doors reinforcing the boundaries beyond which laymen are not allowed. Upstairs, we have a different view of the cloister. With the lower ceiling height and the regular placement of pillars, heaven and earth are still seen within a frame, but now it is as though our eyelids have been lowered reflectively.

Around it, the cells. They are used for rest, but also for private prayers. In Medieval times, convents and monasteries had long dormitories that were eventually fractioned into cells. According to Braunfels, community dormitories had practically disappeared by the late 14th century, a change that was sealed in 1419, when Martin V granted individual cells to the Benedictines[57].

There are no ornaments in these cells: "Over the mattress, or pallet, always throw[58] a blanket for every religious in the Order, as custom has it, and place on all of them a pillow, and a linen cushion". The mention to linen seems strange, as Jaboatão's books describe much simpler cells, pallets of raw wood and even stone pillows. In this sense, we must take into account the intention of each source. Jaboatão's book is set within the deep fog of penance. The Ceremonial is concerned with a certain etiquette of community living, where there is a place for ornaments and cleanliness is emphasized.

Each religious man keeps within his cell his changes of clothes. Dormitories have lamps called "Clementines", and remain lighted through the night[59].

The cell shows the importance of individuality in Franciscan philosophy, and the resulting need to create private environments. Each friar is in charge of his own mission. So much so that, according to Braunfels, in the case of mendicant friars, the heart of the convent is no longer the cloister, but rather the cell[60].

55. Chapter 31 of the Rule of Saint Benedict, transcribed in BRAUNFELS, 1972: 233.
56. SANTIAGO, 1755: 500.
57. BRAUNFELS, 1972: 136.
58. SANTIAGO, 1755: 497.
59. SANTIAGO, 1755: 498 and 517.
60. BRAUNFELS, 1972: 137.

Also on the upper floor are the study halls and the library. Creators and guardians of books in the Middle Ages, friars have books as their companions, as seen so clearly in *The Name of the Rose*, although in a different temporal circumstance and in a Benedictine house. The place where books were stored was also called an *armarium*, referring to a cubicle with no windows adjacent to the sacristy[61]. The *armarium* may be reached through the cloister, sometimes furnished with seats so that friars may read outdoors[62]. Books are also commonly stored in libraries; in Olinda there is a fine example of it.

## Bath, latrine, clothes lavatory

The body holds an ambiguous but essential position. One one hand, it is the "brother body"; on the other, it is urged to become an absence, penalized in disciplines, scarcely fed, deprived of carnal pleasure. It is valued precisely because it opens the path that leads to heaven. As we have seen, the theme of cleanliness is recurrent, and comparable to the ideal of order. Spittoons, for instance, are frequently mentioned, and present even inside the church[63]. The cleanliness of spaces anticipated the need for orderliness, bringing bodies and minds into the same spirit of sanity. Its repercussions appear in many parts of the convent.

With the decline of Antiquity, baths and saunas, to be used alone or in groups, are now condemned. Particularly those requiring complete nudity. Among religious men, bathing and nudity were frowned upon by the Orders throughout the Middle Ages, and in the famous Monastery of Cluny a complete bath was allowed only twice a year[64]. Hygiene was made only through ablutions. Friars would wash themselves in lavabos, comprised of a water spout usually placed at the cloister galleries. They might be shaped as a pavilion with a fountain, or as the so-called *lavatorium*. The image from the 14th century presented by Braunfels shows an elongated, rectangular structure, with a continuous trough that possibly carried water[65]. A similar solution is found in certain convents, such as the Santa Maria Madalena.

In the tropics, the habit of bathing was probably more freely adopted. Jaboatão offers a clue when, discussing the convent of Igarassu, he mentions that the friars would bathe in the river that flowed behind the convent in the low tide, "without those who enter it being seen by the inhabitants of the village"[66]. Since most convents, including that of Madalena, had a course of water near the grounds, they were possibly used in the same way. A small pavilion near the end of the fence, in Igarassu, signals this usage.

Among the friars responsible for the convent's cleanliness, the barber friar was entrusted particularly with the maintenance of **tonsures** and cercilhos.

> There shall be a religious man in each convent who will be entrusted with the case of shaving razor blades, which he shall keep very clean, and the razor blades, with a grindstone for sharpening them, a small leather to straighten their edges, comb, and scissors, all in very clean and composed boxes. Every Saturday, he shall shave all the religious, except if it is a classic or holy day. […] and if it is the eve of a celebration, he shall

61. VIRGOLINO, 2006: 82. See BRAUNFELS, 1972.
62. BRAUNFELS, 1972:76.
63. SANTIAGO, 1755: 26.
64. ARIES and DUBY, 1990: 519.
65. BRAUNFELS, 1972: 109.
66. JABOATÃO, 1858, v. 2: p.326.

> compose everything with flowers: he shall prepare stools for them to be seated: he shall go to the kitchen to put on fire the small cauldron with water, which he will heat: there shall be two **pitchers**, one for hot water, and another with cold water to temper it, if necessary[67].

Waters certainly run abundantly through convents, for blessings, washing, quenching thirst and for cleanliness. The Ceremonial mentions a **house** for washing clothes, or "clothes lavatory", where there is lye and water. The youngest wash the clothes of the oldest and of the ill, and return them to their cells folded and according to the inspiration of the Ceremonial, composed with flowers[68].

Describing the convent of Olinda, Jaboatão confirms the existence of a lavatory for washing clothes. He says that it wasn't built in the cloister of that convent because the latter was too small and had been finished already. Thus, we may infer that washing areas could exist there, as they did in Europe. This excerpt also mentions the commitment of the cloister with water collection, from the roof as well as from the floor, flowing into a cistern[69].

As for the latrines, once again gathering information from many convents, it is possible to define its conformation and its draining infrastructure. They are usually located on the upper floor, near the cells. Excrements flow down through a plumbing system and are pushed out of the conventual area by the strength of water. In Portugal, in the Franciscan convent of Sintra, we may still see the latrine with undivided seats. Signs of a similar structure have been found in the Convent of Madalena.

The system for collecting, using and draining water outlines the convent's intimacy. The flow of water guides the position of the building, lowers the roof, pierces its floor with plumbing, promotes openings for the downflow of used water, gathers all that remains by reinforcing the water spout that throws away from the convent all that is undesirable and reuses the cleaner water for the vegetable patch and the garden. Thus, it is impossible to think about the convent without the depth of its terrain and without its open areas.

## Infirmary, guesthouse and burials

Some convents had an infirmary. The nurse friar had a very important role, as we know that even Saint Francis devoted himself to the ill.

> The nurse should always bring before his eyes the express precept of our Holy Rule, that says: should one of the friars fall ill, the other friars shall serve him as they would wish to be served themselves. In each sick man, one should recognize Jesus Christ[70].

A demarcation line is drawn between the healthy and the ill, possibly due to memories of plagues and attained knowledge on contamination. Reading the Ceremonial leads us to believe that each convent had a separate space for the ill. The author of the Ceremonial bases this claim on a document from 1583, that is, from the period when the first convents appeared in Brazil:

67. SANTIAGO, 1755: 499.
68. SANTIAGO, 1755: 491.
69. JABOATÃO, 1858, v. 1: 232-233.
70. SANTIAGO, 1755: 495.

> the General Statutes of our Order command that in each convent there shall be an infirmary to heal the religious who fall ill; and in them nurses who shall with all diligence take care of them, according to the precept of our Rule, and of charity[71].

Although Jaboatão explains that certain convents were used as hospitals, such as those of Olinda and Salvador, and states explicitly that Madalena had no infirmary, it is still possible that each convent reserved a few beds for ill friars that might require closer attention.

In addition to its usual role, the infirmary was also used as guesthouse: "All guests in the Province shall take shelter in the infirmary, unless he is a grave religious man, in which case he shall take shelter in the cell chosen to him by the prelate"[72].

When there are visitors, the convent's routine changes. In this aspect, *The Name of the Rose* is quite useful, as it allows us to observe the circumstances that followed the arrival of Franciscan William of Baskerville and his novice, Adso, at the Benedictine Abbey of Melk.

The duty to welcome guests has been discussed since the Rule of Saint Benedict[73]. A guest of some importance would be awaited at the church, where they would place a rug, flowers and periwinkles. As soon as the guest approached the convent, the bell would start to toll until the visitor entered the church, full of perfume from the aspersion of holy water and the burning of incense[74].

Guests were offered a well-made bed, and the table was set with pleated or crisp napkins, with flowers next to the plate. The Ceremonial advises that some "delicacy" should be offered to the visitor: pastry, fruit, cheese, olives[75]. In Umberto Eco's book, the author lets us in on the intense preparations for this festive meal.

But the greatest happening in the daily life of the convent is, possibly, when a friar ceases to be a guest on earth, and undertakes his final voyage. Errancy in life culminates with death, mobilizing the whole convent. In Franciscanism, death is pacified and becomes "sister-death". Friars are expected to take care of their passage during their lives; the funeral ritual is merely a confirmation. Burials for the whole town are also under the responsibility of the convent, since religious institutions were in charge of funerals until the 19th century. For friars or for laymen, there is an established hierarchy. Children or adults, belonging to brotherhoods or not, each holds a different position in the allotment of resting places. In certain circumstances, such as epidemics, the dead go so far as to occupy the spaces of the living.

If we ask, what is the material that convents are made of, whether stone, wood, pigments, we may answer that the Convent of Madalena is a box of cedar – in its load-bearing structure, pillars, trusses, rafters or in the mass that comprises the **retables**, carved into birds, flowers, branches. But it is certainly made also of the remains of the dead that surround it, weighing below the nave of the church, the galleries of the cloister, the outer areas.

Returning to the living, we may notice that the list of everyday spaces narrated here is recurrently marked by the idea of order: hours, time slots, mandatory movements, solitary meditation, communal work, silence, cleanliness.

71. SANTIAGO, 1755: 496.
72. SANTIAGO, 1755: 498.
73. BRAUNFELS, 1972: 233.
74. SANTIAGO, 1755: 429.
75. SANTIAGO, 1755: 448.

When building his history of torture-related practices, Foucault finds, at one point, a confluence between coercive measures and the memory of convents. This confluence is expressed in vocabulary. Thus, the word cell slips from the convent to the prison. The cell is the unit: each individual seen in his or her own place; and in each place, an individual. "The necessary solitude of body and soul, said a certain asceticism: they should, at least for some moments, face temptation, and perhaps the severity of God, alone"[76].

When describing the Auburn Jail, in Philadelphia, the French philosopher notices that, from the architectural point of view, the convent resembles the jail in other ways beyond the cell.

> The model of Auburn prescribes individual cells during the night, communal work and meals, but under the rule of absolute silence, whereby prisoners are only allowed to talk to the guards with their permission and in low voices. It is a clear reference to the monastic model […][77].

Since Medieval times, convents have been in charge of the school, the hospital, the jail, the workshop. To each of these, Foucault establishes a connection with the duty to "discipline and punish". Form, alignment, immobility, silence: characteristics of monastic architecture but also of surveillance techniques employed by other coercive structures. The writing on the Ceremonial corroborates the philosopher, aiming at an architecture of rigor and control, expanding towards the annulment of sexuality and towards tidiness.

> In the workshop, in the school, in the army, a repressive quality lies in a whole micropenality of time (tardiness, absences, interruptions of tasks), of activity (inattentiveness, negligence, lack of zeal), of manners of being (rudeness, disobedience), of discourse (blabbering, insolence), of the body ("incorrect" attitudes, inappropriate gestures, dirt), of sexuality (immodesty, indecency). At the same time, a series of subtle processes are used as punishment, ranging from light physical corrections to small deprivations and petty humiliations[78].

Punishment without mortification, the penalties of a sovereign or guardian in the defense of society or a community. The Ceremonial mentions disciplines inflicted with whips. The Statutes of the Province of Brazil say: "Novices shall be undressed on Mondays, Wednesdays and Fridays in the Community of the refectory, and shall be disciplined on their backs by their own hand with nine strokes, and shall eat under the table on Fridays bread and water"[79].

The chronicles go to countless details about "sweetly" scourged bodies. Christ, appreciated as human, is joined by the suffering body. Mortification, constantly recalled in painted or sculpted images, allows a private and intimate relationship with such practices, inspiring, in its turn, the friar and the faithful to undertake their own individual trials of the flesh.

We must grant, however, that the reason for the friar's discipline is ascesis, a chosen goal, that would allow one to surpass the urges of the flesh and the world, leading, ultimately, to serenity. Thus, the motivations are different for the penitent and the prisoner.

The practice of punishments is a turned page which today's Franciscanism has struggled to overcome, but it is mentioned here because it marked the words and spaces of ancient conventual houses, formatting bodies, minds and spirits, between ecstasy and pain, on the path to the land that is free of all ills.

76. FOUCAULT, 1991: 131.
77. FOUCAULT, 1991: 212.
78. FOUCAULT, 1991: 159.
79. ESTATUTOS, 1709: 15.

Even now, schools, hospitals and factories, no longer attached to the shelter of religion, still maintain, in a lesser scale, their regulatory practices: "establishing censorship, imposing certain occupations, regulating cycles of repetition"[80].

## The convent and its aesthetics

### Geometry and light

There are many possible links to be found between conventual houses, and Germain Bazin, in his book, chose the formal aspects. He establishes lineages of campaniles, frontispieces, lanterns and various stylistic pairs, associating the bulbous shape of high crosses and church campaniles, or headboards and frontispieces. He finds evidence, in the Convent of Santa Maria Madalena, of the idea of itinerant workshops, in a ribbed vase on top of a pillar, found both in Penedo and in Madalena[81].

But convents may be linked through other criteria, beyond style. Looking at them as a whole, in a macro scale, from the sky, as in a "bird's eye view", they converge in their appearance as squares in the aerial landscape.

The convent's building is a play of geometry, in its façade or its blueprint. When its builder removes it from the woods and from men, he outlines a first polygon encompassing the buildings and the grounds. It is the embrace formed by the line of the wall that breaks open at the porch, leading to the church, at the chariot door or service door and at the vestibule, where visitors and the poor are welcomed and where alms are collected. Then, other squares are cut into the built mass, separating it from the open areas – parvis, cloister, grounds. Both the full and the empty are geometrical receptacles to accommodate nature, whether a plant or merely a stretch of sky and clouds, all at the service of conventual life.

This recurrent square reminds us of ancient mystical correspondences. Umberto Eco helps us with this, when he has the Abbot of Melk explain the shape of his abbey.

> Four are the cardinal points, the seasons, the elements, and hot, cold, damp and dry, birth, growth, maturity and old age, and celestial, terrestrial, aerial and aquatic species of animals, the colors that comprise the rainbow and the number of years necessary to form a bissextile[82].

In another book, the same author reinforces the importance of the square in the context of the Middle Ages and the Renaissance:

> The number four becomes, thus, for other authors and in common belief, a fundamental and resolutive number, full of serial determinations. Four are the cardinal points, the main winds, the phases of the moon, the seasons, four is the number that comprises the tetrahedron of fire, four letters in the name ADAM. And four will be, as Vitruvius teaches us, the number of man, because the length of a man with his arms open wide will correspond to his height, forming the base of an ideal square. Four will be the number of moral perfection, so much so that the tetragon will be called the morally brave man[83].

80. FOUCAULT, 1991: 136.
81. BAZIN, 1983: 192.
82. ECO, 1986: 501-502.
83. ECO, 2010: 76-77.

Many of the convent's squares receive light. Among the metaphors inspired by nature and available for the construction of a Franciscan conventual house, we may begin with the divine spark. If there is no conflict between faith and reason, and faith is seen as the light that illumines knowledge, it is then called its "supplement of light"[84].

The house of Madalena seems to be one of the most prodigal in architectural lighting effects, wherein the rooms are molded by different entrances of sunlight. Unlike modern buildings, with unabashed glass panes through which light flows freely, or contemporary buildings whose walls are coated with reflective surfaces, creating artificial conditions of temperature and lighting, in convent buildings light is tempered, first, by crossing the thick walls that abate the heat. Relatively small openings make the light fall directly on the white walls, splitting into colors. Larger openings captivate the presence of disciplined light, with no contrasting effects. Openings in the church are wisely placed so as to add drama to the resources brought about by painting and to adequately conform the expressions of the saints' bodies and faces. Thus, they express meticulous care in the choice of their number, size and location.

Every element in a convent may be subject to mystical readings, from those that explicitly tell stories, reporting directly to a figurative discourse, to more subtle elements of architecture such as frontispieces, pillars, capitals, stairs, empty spaces. In the Convent of Madalena, as in the other thirteen, the pillars and their crownings are completely deprived of images. In Europe, Franciscanism will be one of the forces leading to the disappearance of fantastic creatures – although they still appear in Brazil – through the adoption of another, naturalized iconographic vocabulary.

We may go so far as to say that geometry was involved in even more subtle details, determining not only the lights and shadows, but also the sounds: the emphasis on music, intertwined with the rhythms of everyday life, is outlined by the long intervals of silence alternating with the metric and cadence of prayers.

## Nature

Another thing that conventual houses in Northeastern Brazil have in common is their positioning on sites of great scenic impact. Apparently, renouncing worldly possessions does not preclude them from owning magnificent landscapes. In Europe, they are often located in wild places, sceneries of even older Celtic and Roman cults. In the case of Brazilian convents, they use the best of the tropics, as notes Bazin.

> Under the deep blue sky of the Northeast, molded by beautiful and constantly moving cloud formations, these white convents, glowing in the sun, stand out against the somber background of forests or the saturated green of sugarcane fields […][85].

The idea of Francis as the patron saint of ecology[86] leads our eyes to hurriedly seek a nature-bound convent. But the chronicles and statutes contain no specific recommendations in that sense. Jaboatão mentions the natural beauty of Brazil, but only like so many other writers of the time, when he lauds the country as "a notable, delicious and wealthy portion of the great America"[87].

84. MERINO, in MERINO and FRESNEDA (orgs), 2006: 16.

85. BAZIN, 1983: 156.

86. Because of his love of nature and of God's creation, Saint Francis was declared the patron saint of ecology by Pope John Paul II, on November 29, 1979.

87. JABOATÃO, 1858, v.2: 3.

In some brief passages, he uses the word "*divertir*" (divert, entertain, amuse), a verb that was used to express abandoning what is generally thought to be conventional[88]. In a small passage on the convent of Paraguaçu, Jaboatão tells us about the porch "that is the best, and all the diversion that Religious men have in this house"[89].

Jaboatão describes the view from the house of Recife as "a very diverting and pleasant perspective". One could see the Beberibe River, the sea, the town of Olinda and even, far away, the Cape of Santo Agostinho. He specifically mentions the cells,

> with such pleasant diversion that, from each of the windows in their cubicles and without the trouble of finding the best post, religious men can see from North to South, and spot every vessel that enters or leaves, whether from the outer seas or the common ones that sail on the Beberibe River up and down the city, Boa Vista, and other harbors[90].

This description shows that the view was not only pleasant, but also extensive, allowing for a wide observation and control of the surroundings. An important fact for any building raised in the Colonial world, always under the expectation of attacks by indigenous peoples, foreign invasions or war.

The convent looks at nature with small eyes through the windows of cells, but openly from the spaces that Bazin called belvederes. These are rooms located at the corners of the second floor of convents, furnished with wide openings. But the expression "*mirante*" (belvedere) could not be found in Jaboatão's books, except in the description of the nunnery of Desterro. As we know, in female houses this space was even more important, as the nuns were never allowed to leave the cloister. Bazin is aware of that, but he declares: "Franciscan convents in the Northeast always have one or many belvederes"[91]. The expression is still in use in today's literature on Brazilian convents, possibly due to the influence of Bazin, but it requires further study.

The convent's most significant façade looks out on the town. But its back, placed, for practical reasons, on a sloping terrain leading to a watercourse, opens its windows to the convent's grounds and faraway sites.

Expressions such as sustainability are foreign to the convent, but they certainly aimed for self-sufficiency, particularly in the circumstances of the colony, when there was always a risk of indigenous attacks, wars and many other threats. Thus, the source of water, the possibilities brought about by raising livestock, the vegetable patch and the provision of firewood should be ensured by a wide unbuilt area: the grounds. It is the great provider of contact with nature. Its uses are intensive, particularly in the corporal work of friars, ensuring, at once, the convent's subsistence and the possibility of donating to the poor.

The Ceremonial requires that "every fruit that grows in the grounds" is put to good use. "Put effort in digging the vegetable patches; by working faithfully and devotedly, rejoice in the Lord, to see your vegetables shoot, grow and ripen"[92].

88. *Divertir* (divert) means to "disengage thought from the matters that should occupy us". (BLUTEAU, 1712-1728)

89. JABOATÃO, 1858: 541.

90. JABOATÃO, 1980: 445-446.

91. BAZIN, 1983: 121.

92. SANTIAGO, 1755: 501.

Nature[93] is also essential to the condition of ascesis, and so the grounds become a requirement of monastic tradition, reasserting the idea of a *hortus conclusus*, that is, the Garden of Paradise. It extends over the sides and the back of the building of Santa Maria Madalena. It is an area for retirement, a space for conventual intimacy and for devotional practices that might be compromised by urban presence.

To the Benedictines, Saint Benedict recommended that their convents should contain a mill, a vegetable patch, an orchard, tanks, an apothecary, water, workshops, thus avoiding external demands. Among the Cistercians, Saint Bernard spoke to their monks about the convenience and utility of recreational activities, strolls contemplating the beauty of trees and taking in fresh air as compensation for a series of disturbances that might be brought about by ascetic exercises of self-control, sacrifices and other penitential practices typical of monastic life. Thus, moderate recreations as remedy to temper the rigor of recluse life also took place in the grounds.

Oblivious to the importance of this aspect, many convents had their grounds reduced or amputated, often with the acquiescence of Iphan itself.

Boxes containing landscapes. Small details make the building fertile, right next to each friar. Flower pots lean from cell windows.

Another way in which the convent looks out on the landscape is by incorporating its men. One example: the vestibule in the convent of Ipojuca. In honor of Saint Benedict, himself an ostiary, the tiles narrate the life of the saint accompanied by words, not in Latin, as usual, but in Portuguese, bringing the message in the images closer to those who arrived.

About Recife, Jaboatão also mentions the great popularity of Saint Benedict and describes a block in the cloister that was reserved for his brotherhood, like the one that can be seen in the Convent of Santa Maria Madalena after restoration.

## The convent as a garden

> Franciscan man is clearly aware of being in the world and of living within a concrete nature, with things, animate and inanimate beings and with animals. His relationship with this world is also vital and affective. Nature is, to Francis, the horizon for a feast[94].

Trying to find the Francis of the "**Canticle of Creatures**"[95] in the rooms of a convent would be an appropriate possibility of exploration, but only regarding certain parts of nature installed within the convent itself. In an inspection of the cloister of Santa Maria Madalena, no traces of vegetation were found. The need to collect rainwater possibly meant the cloister had to be paved, rather than green. Anyway, in the words of Duby, the cloister is "an island of nature"[96], even when unadorned with plants, because it contains the sky, the rain, the stars.

93. Held in great esteem during the Middle Ages, nature is deeply loved by Francis, who sees it as a divine creation. As such, its elements are seen as the brothers of man.

94. MERINO, in MERINO and FRESNEDA (orgs), 2006: 221.

95. In the verses written by Francis and handed to Friar Leo, called "Praises of God Most High", with the phrase "Thou art Beauty" the saint emphasizes that this virtue comes from the greatness of God. As such, beauty may be perceived in divine creations, as seen in the Canticle of Creatures, in which Saint Francis shows his enchantment with the sun, moon, stars and fires, all acclaimed as beautiful.

96. DUBY, 1979: 276.

But the Convent certainly blooms. Sometimes with fabricated plants. Bazin speaks of "a vegetation of sculpted stone"[97]. There are bunches of fruit, flowers, vines etc. This carving is strongly present in the Northeast, but not only in Franciscan architecture. This "floral Baroque", so called because its ornaments derive from the acanthus leaf, is present in Santa Maria Madalena. Bazin says: "the Franciscan convent of Marechal Deodoro in Alagoas presents ornaments in the handrail of the stairs, in the ashlars and door lintels inspired by that style"[98].

In the grounds, greenery prevails. Vegetable patches are "composed and ornamented with a variety of flowers, not only to ornament the church, but also the patches themselves, and for the necessary occasions of the community"[99].

There must be flowers in the church, particularly in solemn occasions, "in bouquets, natural or artificial". Holy water could be appropriately mixed with flower water in the basins and vases. Albs and amices could be "sprinkled with perfume water and composed with flowers". They are also present when a novice receives a new habit. The coffin is ornamented with flowers[100]. We may never know whether these delicate rituals were performed in the Convent of Santa Maria Madalena. But we know that they were recommended, revealing other aspects of the harsh and strict conventual routine.

In some convents, fruits were to be seen. Fecund flowers. In Madalena, roses. The Franciscan canticle defeats pagan forces, converts the town, praises nature, conceives a corporeal God, welcomes laymen, women, wild animals, the rough forces of nature, no longer imagined, but perceivable by the senses[101].

The senses are constantly evoked. In most convents we have visited, the grounds penetrate through the windows with the perfume of a small thicket. But the most special effect was found in the sacristy of the convent of João Pessoa, where the floors were filled with myrrh.

Treating the senses is a way to zeal for brother body. The emphasis is in the soul, but both – body and soul – are united. Celestial bodies are light, the bodies of men are not anti-spirit, but rather collaborating units. In the saying of Saint Bonaventure, "great is the dignity of the body by the admirable harmony and by the proportionate conjunction of its parts. Through them, even as a terrestrial creature, the human body resembles celestial natures"[102].

The body is inspected in order to conform to the soul. In a conduct marked by "discipline and punish", the body, according to the ceremonials, must remain erect, seeking heaven. The raised head is an alertness, a reflection of mental rectitude[103].

Still, if we look closely, and possibly in solitude, the most delicate and subtle dimensions of the Convent of Madalena emerge. The building obeys the human scale. A little more observation and other perceptions indicate a certain quality of space, more generous, welcoming, feminine.

When Umberto Eco describes the love scene between Adso and the peasant girl, to express her beauty, he Franciscanly transforms her into a landscape. Her breasts are twin gazelles grazing among lilies, her eyes are doves,

97. BAZIN, 1983: 166.

98. BAZIN, 1983: 192.

99. SANTIAGO, 1755: 502.

100. SANTIAGO, 1755: 147, 149,163 and 416.

101. DUBY, 1979: 149.

102. Saint Bonaventure, apud MERINO, in MERINO and FRESNEDA (orgs), 2006: 194.

103. Saint Bonaventure, apud MERINO, in MERINO and FRESNEDA (orgs), 2006: 194.

her womb, a valley[104]. Explaining the literary construction of this scene, the author reveals that he resorted to a series of memories from religious texts, including the Bible. Contamination by life is what Franciscanism seems to adopt, in some of its tendencies and periods. It calls for a world that needs to be touched. A naturalized world, and in this way, it does not deny love, labor, births, deaths. Belief is palpable.

The idea of the feminine has several links with Franciscanism. In the 13th century, the woman was associated with the culture of chivalry, of which many authors have found repercussions in the life of Saint Francis himself. According to Duby, Christian humanity discovers, at the same time, courteous love and the cult of the Virgin[105]. Among the Cistercians, in the modest and laborious world of the friars in white, or in Cluny with Abbot Suger, the inventor of Gothic, in simplicity or in ostentation, the presence of **Mary** is recurrent. The theme of the family brings Saint Joseph to the canvas, depicted by Josefa de Óbidos, in Portugal, or on a canvas found in the convent of Rio de Janeiro. These depictions stand on the thin line between tenderness and sensuality.

"The human person is a sort of loving encounter between God, as the founding and justifying being, other men, with whom he constitutes a community, and things, as his necessary complement"[106].

The Franciscan is not "a Robinson of existence"[107]: he is a fraternal being that puts himself available for an encounter, and who can only be fulfilled with another. An idea of enamorment appears in some readings of the meeting of Saint Francis and Christ. Franciscans were responsible for many innovations in iconography and devotions that celebrate love: the introduction of Nativity scenes, with canticles and prayers, in a grotto illumined by torches and candles, always including hay, an ox and a donkey. The cult of the smile. Devotion to the Boy Christ is amplified in the case of women's orders, as in the Convent of the **Poor Clares** in Salvador.

And this amorousness may have nourished Franciscans, particularly those who produced the ornamental narrative of convents – an amorousness that raised controversies, in Europe, regarding the role of passion and of feelings, often ending in the tribunal of Inquisition. In the house of Madalena, the saint of love, the presence of the feminine begins with its invocation.

It continues in the church's narthex with **Saint Clare**, and with the angels in various points of the convent. On the ceiling, they accompany Mary. Marian symbols continue to appear as one enters the church, and find a prominent position on the chancel ceiling. The ceiling of the noblest part of the church is covered with honors to the Virgin. There are depicted the Marian symbols of the litany – the Road of Jacob, the well, the flowers, the Tree of Jesse, the Tower of David. This is not an unusual practice. In the Church of Correntes, in Penedo, Alagoas, the tiles celebrate the same Marian symbols. And in another, more distant chapel, in the mountains of Minas Gerais, we will find examples of the same motif.

Devotion to the female figure ascends together with that of Christ as a child. Madonnas become popular with the Franciscans[108]. The theme of the Virgin and the Boy traversed the stylistic frontiers of Gothic, Renaissance, Baroque. In Brazil, countless devotions invoke Our Lady of Conception, Our Lady of Ó (of the Expectation of Childbirth), Aparecida.

104. ECO, 1986: 285-286.

105. DUBY, 1979: 127.

106. MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 196.

107. MERINO, in MERINO e FRESNEDA (orgs), 2006: 221.

108. LIMA DE FREITAS, in I –II SEMINÁRIO..., 1996: 130.

We may say that Francis brought about a humanization of sacred themes. Trees sway, animals are docile, there is a contemplation of innocence as though heaven had been brought to earth. These are times of a "naturalist exuberance"[109]. Nature is present, sometimes culturally modified. In the Convent of Madalena, gold does not appear in bars, but rather as a thin dust covering acanthus, flowers, cherubs. Macerated herbs are turned into colors. Franciscan simplicity is an ally, not a rival, of erudition.

Thus, we argue that, with this convent and its siblings, a new chapter in the long relationship between Franciscanism and nature begins to be written in the tropics. In other words, convents are revealed as a landscape made of natural matter, aptly described by Jaboatão for those who can read between the lines.

An ornamental attitude may be prepared with other techniques and materials. In the Convent of Madalena, as we will see, with a careful scarification of the retables' carved surfaces, older paintings emerged, revealing memories that had been subtracted in the long history of the building. Bazin observed a similar process in Olinda.

> In the Carmo of Olinda, a fake altar, painted, imitating marble, reappeared, slightly faded, when the Rococo high altar was removed for restoration. This altar reproduces all the architectural elements of an archaic Romanic wooden altar […] around 1660-1670. This extremely rare document is a testimonial of a state of affairs that was certainly frequent. While waiting for the resources to cover the expenses of a wooden altar, they had to simulate, on the walls, altars painted in trompe l'oeil, and they would not go to the trouble of erasing them once they had been replaced by the sumptuous pieces of carving[110].

In Madalena, this discovery revealed a simpler visual discourse, with angels and flowers fully compatible with Franciscan simplicity. The garden that was spread all over the church became even wider.

## Baroque... a fog

In his book, Bazin comments that, before arriving in Brazil, he identified himself as belonging to a tradition that was strongly anchored in reason and, thus, averse to Baroque. Baroque wishes to create, in his words, "a curtain of forms and images that intercepts the real world". It is an art form that deals with the enchanted; one has to "allow oneself to be seduced"[111].

The importance of Baroque in Brazil is unquestionable. The Franciscan Convent of Santa Maria Madalena, particularly in its decorative apparatus, in its sculptures, images and paintings, reveals an ensemble of the highest quality. Bazin tells that, when visiting Alagoas, under scalding heat, he visited the conventual church of Marechal and found the carving of the high altar and the lateral altar taken by termites. Even so, he noticed that it shared with the golden chapel in Recife the condition of being one of the oldest exemplars of such carving.

The circle of flowers, birds and fruit that comprises the high altar retable is not suffocating. The walls in the Convent of Madalena are not entirely covered with gold and carvings. Perhaps poverty had the last word, or perhaps there wasn't enough time for the last convent in the family to receive a complete Baroque apparatus, since, as we have seen, this apparatus was built slowly, depending on the importance of the place where the

109. LIMA DE FREITAS, in I – II SEMINÁRIO..., 1996: 125.

110. BAZIN, 1983: 285.

111. BAZIN, 1983: 9.

convent was located and on the resources of its inhabitants. There is a place for white in these walls, perhaps a milky white[112].

Relations between Franciscanism and Baroque may be observed not only in the architecture of buildings, namely of churches, but also by the placement of the convent within its surroundings. There is a tension between the solitude typical of contemplative conventual life and the exchanges and extroversion typical of towns and cities, a tension voluntarily faced by mendicant friars since the early days of the Order.

But here, conflict with the city is compounded by confrontation with the natural world itself. If the exuberance of nature is noticed and taken into account for the positioning of Franciscan architecture, and if it clearly enhances the power of the senses, how is it possible to negate the body, to submit sensorial channels to severe practices, in sceneries where nature throbs with vigor?

While Baroque discourse in America has always stressed the tension with the landscape, this tension would be amplified in Franciscan convents, seeking poverty and looking up on altars of gold, compressing their bodies in cilices and contemplating carvings that were frantically rounded to accurately depict tropical bodies, fruit and flowers.

Corporal mortifications are extensively recorded. The Ceremonial indicates that penance may be undertaken in many places and many forms. In the choir, for instance, one may apply bread to one's mouth, a gag to one's tongue, cloth in one's eyes, or hold one's arms up in a cross[113]. Jaboatão mentions friars that left a track of blood in their wake due to the use of the cilice[114].

How do you annul the colors of your costumes and ignite ceilings with flaming red and gold?

How do you sleep in modest cells, retire to cloisters with beds of beneficial plants and, right out the door, contemplate tropical forests of disconnected plants, in full competition, eating each other; inhabited by native beings with no faith in the value of the house, of the town and of the barriers of garments?

A nature that watches, instead of being watched.

And fresh cashew apples will hang in the church of the Franciscan house of Paraíba, and the strange faces of natives will be expressed in the façade of the church in Penedo. For an excessive, talkative landscape, Franciscan silence and introspection. For the confrontation between the more modern European world and the more "primitive" practices of the inhabitants of the New World, the answer is Baroque.

If we admit to the hypothesis that Baroque is the cradle, the initial destination of a whole continent, beyond the carvings and gold, the simple windows of cells, open to the landscape, would evoke new reasons for a shattered conduct, for beings divided between contemplation and action.

The book of nature and the shifting structure of the people who owned the forest, devourers of themselves, possibly unveiled new, complex and conflicting horizons for a Christian thought that elected, in primitivism and in nature, the *locus* of fraternal form, and sought in it the mark of the divine.

112. "Milk-colored" white was an expression found by Bazin in a document from 1806, designating the painting to be executed on the high altar of the Sé in Mariana. (BAZIN, 1983: 342)

113. SANTIAGO, 1755: 25.

114. JABOATÃO, 1980, v. 2: 276 and 345.

In architectural aspects, the conventual house may be read as interpenetrating impulses. From the sacred spaces – the church, the sacristy, the chapter hall – points the arrow of Baroque: the anti-Platonic, the emotional light, the sensualism, the place for visceral bodies, theatricality, exaltation. From the environments associated with reclusion, in its turn, comes the desire for geometry, evenness, repetition, perspective, clear light, regularity. It would tinge the walls with a possible "milky white", discipline the columns, place the windows orderly on the façades, motivate an architecture in blocs. It would unobtrusively penetrate the sacred rooms, bringing modulations to the **gravestones**, to the openings in the sacristy and the chapter hall. It would create squares, and returning to the bird's eye, eventually prevail in the convent's volume.

The lyrical, in reply, would advance with little obedience to the human hand, through the exuberant vegetation of indented leaves, driven by the heat that is hardly inducive to contemplative activities; it would raise the pediments of churches beyond what is necessary, emphasizing the façade's vertical force; it would ornament itself with turns and counterturns flecked with seashells, in handiwork made easier by the sweet stone.

The embrace of these two tendencies may be the reason for Baroque. The poetry found between the geometric walls of its architecture may signify the imperious need of order for the sinuous to bloom. Not a conflict, but a cohesion. This impasse may be the reason why, in the house of Madalena, simplicity prevailed, tolerant with Baroque, subtly imposing Franciscan designs on the architecture of the conventual house. These conjectures may be tested by the visitor who is willing to walk through its entrails.



# II. THE CONVENT AND THE TOWN OF MARECHAL DEODORO

*Josemary Ferrare*

## The town of Marechal Deodoro, its history and relationship with the convent in the sphere of Catholic immaterial religious manifestations

### The town today, a National Heritage Site

The town of Marechal Deodoro[1], in Alagoas, Northeastern Brazil, is located at the banks of the **Manguaba** Lagoon, one of the largest in the country, measuring 42 km2, at a mere 8 km from the Atlantic Ocean, corresponding to the famed Francês Beach, and at 28 km from Maceió, the state capital.

Because of its particular geographic conditions, the lagoon with its peaceful waters washes much of the municipality's urban area, notably the Santa Maria Madalena Avenue, also known as Rua da Praia (Beach Street), corresponding to the town's shore, where ships used to load and unload their cargos at spots such as the old Cais das Lanchas and Porto do Convento. The former is a building, although quite obsolete; the latter merely indicates the location of an access to the lakeside.

The Manguaba has a close relationship with the life of the population in terms of transport and subsistence, but it is also the landscape that frames the topographic elevation where the compact and winding streets were drawn following its natural curves. These streets, interspersed with patches of dense green[2], are flanked by rows of predominantly ground-level houses and very few two-storied houses, and by some other more vertical buildings such as the churches, with their steeples and pediments.

Because the town is located at a highly uneven terrain, the lagoon can be seen from many different places, from the highest spots to the lowest, at shore level. At the side opposite the lagoon, the town is surrounded by the stretches of Atlantic Rainforest that survived the intense devastation that began in the early Colonial period, with the extraction of Brazilwood and other timber, as well as the ongoing, speedy advance of sugarcane agribusiness.

In fact, the topography, the lagoon and the abundant shrubbery dominate the landscape to the point of integrating the population's systems of meaning, as can be seen in certain quotes: "My house's backyard leads to the lagoon [...]"; "The lagoon is a 'lullaby' to me. It is a dream that comforts everyone who approaches it and its banks"; "It is pleasant to play in the backyards here because most of them are large, with many fruit trees and cool air [...]"[3].

Portuguese occupation began during the Philippine Dynasty, in the 16th century, and the locality was starting to gain a certain prominence when it was severely damaged by the Dutch Invasion, in the 17th century. Its recovery was funded by the population's own scarce resources, and received a boost when the Portuguese crown decided to elevate it to the status of a village. This fact gave impetus to its reconstruction and growth, and the place became one of the most significant in the Captaincy of Pernambuco until the 19th century.

1. The town's population counts 29,837 inhabitants, in the neighborhoods of Poeira, Carmo, Centro, Barro Vermelho and Taperaguá.

2. These green patches correspond to dense growths of many species of tropical shrubbery, such as jackfruit, mango, cashew, coconut, breadfruit and guava trees, in deep, rectangular backyards, in some cases forming wide squares within blocks, and also the former Franciscan convent grounds, another very particular feature of the town's image.

3. FERRARE, 2002.

After this, it would enter a period of decadence, this time because it lost its prerogatives as Capital of the Province of Alagoas and Head of County[4] to the then-called Village of Maceió, a process that would drag on until the year 1839[5], leaving its marks on the village's buildings: "When [...] it lost the primacy it had gained with the transfer of the capital to Maceió, the economy went into decadence and the town showed a consequent decline. Houses and churches would reflect this state of affairs"[6].

With the gradual degradation of some buildings throughout this long period of decadence, the town completely lost some major exemplars such as the Conceição Theater, the Fish Market (or São Pedro Market) and Marshal Deodoro's Birthplace; from the latter two, only the front façades remain. It even lost a number of **wattle-and-daub** houses and structural portions of important buildings, such as the roof of the former Chamber and Jailhouse and the Churches of the Carmo ensemble and Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, as well as several artistic elements in the Churches of Nossa Senhora do Amparo, Ordem Terceira de São Francisco and the Church and Convent of Santa Maria Madalena. For decades, the former Provincial Palace was also gradually coming to ruins.

But in the third quarter of the 20th century, the town began to experience a relative influx of progress due to the implantation of the Sumaúma Power Plant (1970) and the installation of an industrial park to support Salgema Chemical Industries, at the boundary between the municipalities of Maceió and Marechal Deodoro, requiring the construction of Road Al-101 South (1979), which considerably shortened the distance between the respective seats.

Nowadays, Marechal Deodoro still possesses a number of homes with aesthetic and typological features typical of 18th-century Colonial Brazilian architecture. These are **half-** and **whole-dwellings** aligned to the plot; their roof ridges run parallel to the streets, their eaves are either corbelled, in entablatures or in ***beira-seveira***; their openings are depressed arches, and we may also find other stylistic references added in later periods (19th and 20th centuries), such as lateral entrances and roofs with different numbers of slopes and platbands.

In spite of the economic advances of the late 20th century – when certain buildings received some assistance, such as the Marshal Deodoro's Birthplace, the former Provincial Palace and the newly created Museum of Sacred Art of the State of Alagoas (MASEAL), in the former Franciscan Convent –, by the 21st century the town's architectural ensemble was still in deep degradation. To avoid more significant losses, in August 2006 part of the neighborhoods of Centro, Carmo and Taperaguá[7] were declared National Heritage by Iphan.

The propositions of the document that preceded the final analyses for the formulation of this Federal Heritage Decree included considerations to support the listing of the town as a Historical, Archaeological, Ethnographic and Landscape Heritage Site:

> When examining the artistic relevance of this town, we must consider the advanced process whereby the rows of houses that comprise its greatest architectural fortune have been defaced. That is also the case of

4. The same role of Olinda, in the Northern part of the Captaincy.

5. The capital was transferred to Maceió by decision of the first governor of the Province, Portuguese statesman Sebastião de Melo Póvoas, the grandson of the Marquis of Pombal, who, since being installed in 1819, foresaw the geo-economical advantages, in terms of an expansion of trade, that would come from this transfer.

6. IPHAN, Parecer nº 003/ 2005MTDR/GT/DEPAM, 2005, p. 17.

7. These neighborhoods are within the protected perimeter. Real estate owners were informed of this delimitation with the Notification Edict issued by Iphan on November 11, 2005. On August 29, 2006, art. n. 1 of Decree n. 74, from the Cabinet of the Ministry of Culture, would "Ratify, for the purposes of Decree-Law n. 25, of November 30, 1937, the Listing as Heritage Site of the Architectural and Urban Ensemble of the Town of Marechal Deodoro, in the Municipality of Marechal Deodoro, in the state of Alagoas, according to the perimeter outlined in sh. 178 of Process n. 1,397 – T- 97".

> religious buildings, [...]. So, in addition to the town's historical relevance, marked by artistically significant religious buildings [...]. It seems to us that the listing of Marechal Deodoro as a heritage site must consider also its importance as landscape [...] in view of the scenic relevance of the natural environment where the town is implanted[8].

This Federal Heritage Decree would boast several pending efforts to obtain resources for the restoration of emblematic buildings in town, and eventually funds from a variety of sources allowed the beginning of the partial or complete recovery of some of the town's monuments: Carmelite churches, the Church of Nossa Senhora do Rosário, the Chamber and Jailhouse[9], the Church of Ordem Primeira de São Francisco and the Convent of Santa Maria Madalena.

## On the formation of the town and its relationship with the Franciscan Convent

"because the arms and ensigns of a city are its Convents and temples".
(Franciscan provincial. Letter to the officials in the Chamber of Paranaguá).

The settlement of the Brazilian coast, after its discovery by the Portuguese, was promoted through the territories of the Hereditary Captaincies, and took place, as described by Capistrano de Abreu, in a "gangliated", intermittent fashion. In the Captaincy of Pernambuco the settlement also followed this pattern, particularly in its Southernmost part, now comprising the state of Alagoas, where "populated areas were located mostly in river valleys. Not only the sugarcane farms were concentrated at the banks of the rivers of Alagoas, the Manguaba, [...] but also the first settlements [...]"[10].

Following the geographic potential of the water courses, a sparse network of sugarcane farms was established in this part of the Northeastern coast, with three polarized hubs of settlement: Porto Calvo (formerly Bom Sucesso), at the banks of the Manguaba River; Alagoas (formerly Madalena do Sumaúma), at the banks of the Manguaba Lagoon and of the Sumaúma River; and Penedo, at the banks of the São Francisco River.

It is important to note that Marechal Deodoro, originally called Madalena do Sumaúma, also had, at different moments, the following names: Vila de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul, Alagoas do Sul and Alagoas, until 1939, when, through an act of the New State to reinforce Republican symbols, it received a name that no longer made reference to the watercourses surrounding it (the Sumaúma River and the Lagoa do Sul, or Manguaba Lagoon), but rather paid tribute to the officer who proclaimed the Republic of Brazil – Marshal Deodoro da Fonseca.

The village of Madalena do Sumaúma was peculiarly located eight kilometers away from the Atlantic Ocean, and many conflicts surrounded its settlement. They involved struggles between the Portuguese and the *Caeté* Indians, but also repeated attempts at curbing Brazilwood smuggling by French pirates at several points of the coast, appearing in the oldest Portuguese maps as Porto dos Franceses (Port of the French), Porto Velho dos Franceses (Old Port of the French) and Porto Novo dos Franceses (New Port of the French)[11].

8. IPHAN, Parecer nº 003/ 2005 MTDR/GT/DEPAM, 2005, p. 32, 34, 35.

9. This building was awarded resources for its restoration, and was also recently adapted to house the Casa do Patrimônio – Iphan headquarters – in Marechal Deodoro (AL).

10. MELLO NETO, 1949.

11. This fact gave origin to the name Praia do Francês (Beach of the French), referring to the coast belonging to the current Municipality of Marechal Deodoro, which attracts tourists from Brazil and abroad throughout the year.

The gradual occupation of the place began with the allotment of *sesmarias*, or plots of land, at the banks of the Sumaúma River and the Manguaba Lagoon (then called Lagoa do Sul)[12]. The arrival of Portuguese settlers would give rise to a hamlet called Taperaguá. The locality's spatial configuration would be dictated by their Christian faith, spread throughout the land under the Catholic religion. According to the Canonical Constitutions, the church building[13] must always be at a prominent position in the urban grid. That is why the second nucleus of occupation – when the settlement expanded towards a much higher place, above the level of the Manguaba Lagoon – also followed this kind of spatial distribution, converging towards the church.

But the two settlements that were meant to be hubs of urban development would not remain completely segregated: bridges were built to ensure communication with the plateau at the banks of the Sumaúma River, as attested by several documents and also the report from Dutch merchant Adriaen Van Bullestrate, presented in 1642 to the Privileged West India Company, describing aspects of the Dutch devastation that took place in 1633.

> [...] We proceeded to the river Soubajouma and there we rested; the bridges over the rivers that led to the Southern Settlement were destroyed or ruined, and so I had to walk around the lagoon through its banks to reach the settlement [...]. I visited the Village of the **Southern Settlement, and I noticed it to be very conveniently located at view of the sea, on a hill;** it was, however, entirely burned down and destroyed by Commander Malburgh who was there [...] and later abandoned it [...]. The walls of the church are still standing, with two ruined houses. From there we proceeded to the camp... or **Engenho Velho** (Old Mill) [...] at night, between 8 and 9, we arrived at the **mill of Gabriel Soares** [...]. The aforementioned Gabriel Soares proved willing to put **his mill** in perfect order, and started mowing right away; he hopes to have it completely organized by next year [...][14].

This account not only emphasizes the high location and the existence of a church, but also the presence of sugar mills in full productive activity, even after the whole process of Batavian destruction. Sugar mills had started to sprout all over the territory long before this, around the Manguaba Lagoon, in the vicinity of the settlement and all the way North. The complete installation of sugar mills would be consolidated between the 17th and 18th centuries.

Bibliographical and documental references testify to the dynamic social and economic relations between these sugar-producing units during the settlement's reconstruction, as well as its political-administrative ascent in 1636, when it was named Village of Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul and, most of all, when it became Seat of County within the Captaincy of Pernambuco, in 1710. From that moment on, its prosperity would grow continually, making it a hub for trade and agricultural production.

The status of Seat of County enabled it to manage two other settlements in the Southern part of the Captaincy of Pernambuco, Porto Calvo and Penedo, and also maintain its spiritual jurisdiction over ten established parishes, a

12. Regarding the donation of the *sesmarias*, commanded by the Captaincy's third Donatory, Jorge de Albuquerque Coelho, there is some doubt. The arguments of historians on this dubious process are collected in FERRARE (2006).

13. The parvis of the Church of Senhor do Bonfim, in Taperaguá, is the widest in town, and is defined by the alignment of the rows of houses around the church, placed in a position of scenic prominence, typical of the "colonizing urbanism" implanted in the Brazilian coast. It was built through the system of land donations intended to form a "religious patrimony", as attested by documents. Murilo Marx (1999) discusses in great depth the system of Religious Patrimony as promoter of urban expansion.

14. BULLESTRATE, Adriaen Van. In *Revista do Interior e Justiça*, 1949. (Our highlights). This report was written nine years after the Dutch invasion in the Captaincy of Pernambuco caused a devastating fire. The town was abandoned by the incendiary commander and the aforementioned bridges were left unrepaired, in spite of their extreme importance for communication between these two urban settlements, as the document informs.

considerable position that was stressed in the administrative correspondence between the governor of Pernambuco and the king of Portugal, in the third decade of the 17th century, regarding the relevance of certain villages: "A much greater county is that of Villa das Alagoas, which presides over the villages of Penedo and Porto Calvo and ten parishes, when that of Paraíba counts only four, [...]"[15].

After overcoming these adversities, from the mid-17th century and throughout the 18th the Village was able to gradually enhance its productivity, the structure and revenues of sugar mills, and also the productiveness of its lands, fields and of the orchards around the houses and backyards. This growth contributed to the settlers' subsistence as well as supplying for the whole Captaincy, providing, among other things, fish extracted from the fertile waters of the lagoon. The village was thus consolidated as a supply hub for the Colony, and a center for the diffusion of the Christian faith. That is why its most relevant religious buildings were erected in this period, maintaining the spacious configuration of their parvis and the disposition of the churches, loose amidst the rows of houses, as recommended by the First Constitutions of Bahia, 1853. Book IV, Title XVII, n. 687:

> Churches must be founded and built [...] in places [...] apart, whenever possible, from filthy and sordid places, and private homes, and other walls, at a distance allowing Processions to walk around them, and in proportions that can hold not only the whole parish, but also even more people from outside, in the occasion of festivities, [...][16].

In the second settlement of Madalena do Sumaúma, the axis that links the Mother Church to a chapel dedicated to Our Lady of the Rosary of Black Men noticeably declines in relation to the lakeside; this can be seen clearly in the engraving *Pagus Alagoae Australis*, from 1647. The same was done by the Brotherhoods and Religious Orders when building the churches of Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Amparo and Ordem Terceira de São Francisco, next to the Church of Santa Maria Madalena and the Franciscan convent.

These religious buildings were arranged to form a sort of "sacred polygon"[17]. The title describes how the streets where the churches were built demarcated an area that became "sacred", as processions and religious festivities passed through it, and where segments of old streets became vectors. The streets of Rosário, Amparo, do Meio, Palácio, Baixo, da Paz and do Convento, for example, all converged towards the huge parvis of the Franciscan complex, stunning for the monumental proportions of its three buildings (Ordem Terceira, Ordem Primeira and convent) when compared with the general scale of the village, and for its stone cross, a landmark in the huge seraphic *parvis*, welcoming everyone who came down the double access to this circuit.

Once again: the topography of the "sacred polygon" declines towards the area of the Franciscan conventual complex, placed to contain the extension of the streets, with its grounds anchored right at the banks of the lagoon, in coherence with the regulating principles of the Seraphic Order, to whom impounding waters was a priority, both for philosophical and utilitarian reasons.

A comparative survey undertaken by researcher Murilo Marx in six Seraphic complexes in the state of São Paulo found similar cases of placements such as this, where "[...] water is present randomly and in different ways: when next to the beach, a good harbor, [...]"[18]. This circumstance is coherent with the location of the Seraphic complex of Santa Maria Madalena in Alagoa do Sul, the beach corresponding to the Manguaba Lagoon, where there also was a Convent Harbor (Porto do Convento).

15. IHGA, CX. 1/ Pac. 03 / Doc. 12. Doc. 00032, September 7, 1730.

16. VIDE, 2007: 252.

17. This name is attributed and explained by FERRARE (2006).

18. MARX, 1968: 47.

In fact, the convent was planted in that particular location precisely because of the nearby lagoon, and we have every reason to believe that this was the case ever since the early construction of a "retreat or house with oratory", in 1636.

Although we do not know for certain the exact location of this shelter, a chronicler of the Order mentions that it was located "at the end of the Village's streets, on the Northern side, at the lowland by the banks of the Lagoon [...]"[19].

Also note its particular proximity with the village's wharf. But other things were taken into account by Franciscan friars when choosing a site to build the houses of their Order.

This land was big enough to fulfill the convent's needs in every way, and it also had the benefit of a few springs flowing from the extremely shallow groundwater, basically at the level of the lagoon, as well as a stream running transversally to the plot, flowing from a nearby spring[20], ensuring the convent's daily supply for many different activities. Because of its strategic position and the dimensions of the conventual area within the mosaic of land occupation, among the other plots in the village, mostly narrow and rectangular, the Franciscan ensemble (including the buildings and the grounds) did, in fact, seem to curb the rhythm of the village's profile, as a scenic curtain supporting the convergence of the main network of streets. This not only favored the view of its façades, forged with the repertoire of late Baroque, but also certainly enhanced the impact of its outstanding volumes and shapes, undoubtedly associated with the greatness of Ecclesiastic power in its link with political power.

When we observe the planimetrics of its placement within the existing urban context, we tend to agree with researcher Murilo Marx, who concluded, after analyzing the urban placement of the seraphic ensembles in the cities of Santos and São Paulo:

> Particularly, the grid of thoroughfares, the course of streets, most of all the street leading to the religious building, are not preponderant; on the contrary, the new cession of lands overran their course and direction. Thus, in Santos as in São Paulo, **streets are interrupted, with no possibility of a future extension, enhancing the value of the façades of temples on their path**[21].

This is also the case in Marechal Deodoro, where the possibility of expansion at one of the sides of the parvis, now called Melo Moraes Street, was restricted in order to "enhance the value of the façades" of the churches of the Convent of Santa Maria Madalena and Ordem Terceira de São Francisco.

Its particular urban location was certainly a decisive factor in making the Seraphic parvis the aggregator of a daily local and commercial dynamics. There are references saying that, in the 18th century:

> it formed a collective out-of-doors environment, wealthy in specific activities conducive to local urban liveliness. [...] the Seraphic patio regularly hosted commercial activities, when black folk would sell, from paper-covered trays, tasty *cocadas*, *pé-de-moleque, doce-de-coco* (TN: typical Brazilian sweets), breadfruit, corn flour; and this activity in particular was supposedly more profuse in festive periods[22].

19. JABOATÃO, 1859: 608.

20. The spring of the stream is now located outside the convent grounds, approximately 200m away from the High Cross, in what is now the neighborhood of Poeira, and 50m from that point to Rua das Virgens, in an estimate calculated by Mr. Adão José Romeiro, an inhabitant of this area, whose backyard ends at the spring.

21. MARX, 1984: 31. (Our highlights).

22. CASTELO BRANCO, 1999.

## The town, the Seraphic ensemble and the practice of Catholic festivals and processions

The parvis in front of the Convent of Santa Maria Madalena also gathered a great number of people during religious processions, particularly those in which friars and members of the Third Order and the brotherhood of Saint Benedict were active participants. The latter brotherhood would distribute bread in occasions that are still known and talked about by the population. "I took part in the festivals of the brotherhood of Saint Benedict. They were in October. They would distribute bread outside. [...] They say there used to be a Saint Benedict's festival with bread in the smaller one"[23].

We must remember how, in the context of Portuguese colonization, festivals and processions were used as ideological instruments, since they aimed to indoctrinate, and for this reason they were considered "a mandatory event for everyone who participated or watched, a mirror of the human conglomeration itself, of its town and its outskirts. No other communal out-of-doors event could be compared to them. This parade [...] crossed streets and squares [...]"[24].

This aspect, intrinsic to these circuits traversed by the faithful basically in order to establish the sacredness of certain routes, came from a concept instituted by the First Constitutions of Bahia, Book III, Title XIII, n. 488, defining: "Procession is a public prayer made to God through a common gathering of ends placed in a certain order, going from one sacred place to another sacred place"[25]. The duration and even the route of the processions was also established by the Archbishopric, who recommended what kind of treatment should be given to each place in the circuit and suggested how each participating subject should behave.

In effect, furthering the Portuguese colonizing project, religious festivities were used to transmit the Catechetical ideal of conversion and consolidation of the Catholic faith. That is why they were instituted and seen as fit for the socialization of inhabitants of settlements in the process of urbanization, as well as the adjacent agricultural areas and mills.

This catechetical and socializing method of processions was also widely applied in the Village of Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul, according to documental research, particularly from an account written in 1895 by Pedro Paulino da Fonseca, who, as a former participant in public festivities celebrating Lent and Holy Week, testifies for their notoriety throughout the Province, reaching the 19th century in a spirit of veneration.

We can understand how the populations in the first colonized urban centers would enjoy these festivities as an opportunity to participate more effectively in public life and to appear as characters, even assimilating intensely each role played, expressing also intensely the sentiments that the whole parade brought out as emotions[26].

In his account, Fonseca mentions with the propriety of a native that the acts that preceded Holy Week in Alagoas do Sul officially began on the first day of Lent, with the Ash Procession, in all its pomp and symbolism[27].

23. FERRARE, 2006: 373.

24. MARX, 1989: 61.

25. VIDE, 2007: 191.

26. Cf. TINHORÃO, 2000: 68.

27. The Ash Procession was considered one of the main processions throughout Colonial Brazil, and Third Orders, according to Murilo Marx, "would expend their best efforts and resources for its success" (MARX, 1984: 114).

> [...] Opening the procession was the tall and slender figure of Death, with the scythe on his right hand and a ratchet on the left, and an Angel, [...] next, with an hour-glass on his right hand, as a symbol of the brevity of life. Behind, a guardian of the brotherhood with torches at his sides. [...] Then, the Holy Cross with the arms of the Seraphic order flanked by two Angels with burning torches or tapers. Next were the figures of Confession, Contrition, Satisfaction, Obedience, Memory of Death and Contempt for the World, dressed as penitents [...] a figure dressed as a penitent, carrying the penance tree from whose dry branches hung rosaries, scapulars, a profusion of books of prayer[28].

Other icons also praised penance, such as "a figure dressed as a penitent, carrying the penance tree from whose dry branches hung rosaries, scapulars, a profusion of books of prayer", as well as other symbols alluding to the greatness of martyrdom and martyrs. There were also several figures of angels bearing palms. The procession was flanked by Franciscan Third brothers, and inside it were:

> the biers of the twenty Saints of the Order: - St. Elizabeth of Cortana, St. Louis, King of France, St. Yves the Doctor, St. Ubaldo in his lair, The happily married St. Lucius and St. Bonna, St. Francis receiving the stigmata, St. Francis deceased, the Lord of the Stations of the Cross, Our Lady of Sorrows, St. Mary Magdalene, St. Rocco, St. Vincent Ferrer, St. Gonzalo, St. Delphine, St. Eliziaria and others, each preceded by two angels bearing flags with the name of the Saint and his virtues [...][29].

The last bier in the parade was precisely that of the Seraphic Order's Patron: Our Lady of Conception. "Next was the figure that represents the **Third Order, the Franciscan brothers and religious men** [...]. The procession displayed great pomp, drawing a huge mass of people from everywhere, and the convent's harbor was crowded with hundreds of canoes"[30]. This shows how avidly people came to take part in the event, corresponding to one of the great moments for meeting people and socializing[31].

This account also tells us that the forty days following the Ash Procession were filled with the liturgical acts of Lent. But in the exact period of Holy Week, the town was transformed, imbued with a different dynamics. Festivities were notable, drawing people from other localities who came to stay for several days, and had to book houses

> with months in advance and under pledges, [as] they were all taken and occupied by the families of wealthy sugar mill owners, and, in those at the streets of Matriz, Rosário, Amparo, Convento, da Paz, Palácio, de Baixo, do Meio, there were always more than one family lodged for the festivities[32].

The author also states that during this period the town became "[...] merry, festive, with an astounding movement of people through the streets, when moonlit nights were certain"[33]. Lighting was ensured by the determination of the church itself, who, supported by the mandates of the Gregorian Reform, established a regularity in the celebration of Easter, "in the 1st Sunday after the full moon following March 20th, [it was] infallibly full moon in one

28. FONSECA, 1895: 18-19.

29. FONSECA, 1895: 19-20

30. FONSECA, 1895: 20. (Our highlights)

31. The primary reason for the importance of this procession's whole apparatus was that it disseminated a rich iconological repertoire transmitting the dogmas of the church in connection with a Crusadist sentiment that pulsated in the whole Discovery enterprise, aiming at intimidating the population with images of torment to avoid practices considered "heretical", condemnable by the Holy Inquisition.

32. FONSECA, 1895: 20.

33. FONSECA, 1895: 20.

of the days from Holy Wednesday to Friday, and always very bright and beautiful, I cannot recall any rain disrupting the celebrations"[34].

Fonseca, a native-born, was clearly very much involved with the teachings of the Catholic religion, and explains with great exaltation some general aspects of the festivities[35], describing the religious acts that opened the full-fledged period of celebration, such as the Stations Procession, taking place on the Friday before Palm Sunday, leaving the Mother Church with the image of the Lord of the Stations that had been transferred, the day before, from the Ordem Terceira do Carmo, to visit the seven Stations of the Cross set up in the churches of Rosário, Amparo, Ordem Terceira de São Francisco, Convent of São Francisco, the niche of the late Joaquim Bastos[36], at the Mother Church, and an *ad hoc* Station at Convento street"[37].

For Palm Sunday, he mentions that the palms were blessed, flowering branches. In the afternoon there was the Triumph Procession, leaving the Ordem Terceira do Carmo, grandiose and full of symbols, and on Tuesday and Wednesday, the Tenebrae took place in the Mother Church, using the triangular candelabrum with fifteen candles. On Thursday morning were the Maundy rites and the Procession of Visiting the Ill. In the afternoon, the foot-washing and the Mandate Sermon.

Thursday night celebrations began when the Meeting Processions left the Mother Church and the Church of Amparo, both arriving at the end of Convento Street, where a priest preached an eloquent Sermon on an assembled pulpit. At 11pm the Fire Procession would leave the Mother Church, each believer carrying a candle in a paper lantern or a cresset, making a great scenic impression through the streets of the town, as shown in this effusive description:

> It was beautiful from afar, from a higher spot, in this moonlit night, to see this huge snake of fire zigzagging up and down streets and slopes, now partly hidden, showing only its head here and its tail over there. The effect of this procession with hundreds of lights was spectacular [...][38].

The town's elevated topographical configuration and its sinuous urban outlines was clearly determinant for the perception of this effect. This emotional narrator also notes that the arrival of Holy Friday depressed the spirits of the people, and their costumes, as well as the interior of temples, all turned to black. The ritual was solemn and the sacred space inside the Mother Church was enhanced with visual and sound effects. A metaphoric envelopment surrounded this suffering that was essentially rhetoric, like every discourse seeking to reaffirm the Catholic faith after Counter-Reformation, as can be inferred by Fonseca's account and testimonial:

> In the morning, at the Mother Church – Passion Rites – with the whole temple laid bare and dark, the altars covered in black and purple; Lamentations – and more ceremonies. We noted that, for the Chants and the Liturgy of the Word, Judges liked to send for invited priests, with appropriate voices, from as far as 10, 20

34. FONSECA, 1895: 20.

35. Fonseca's religious upbringing made him very sensitive to the emotion emanating from the rites in these festivals, describing them with nothing but admiration, without a more critical assessment of the process of massification of local religiosity in face of the state of economic decadence experienced by the town years after the transfer of the capital to Maceió. German traveller Avé-Lallemant, on the other hand, who visited Alagoas years before Fonseca's chronicle, was not oblivious to this aspect, as we will discuss further in this chapter.

36. According to older inhabitants, this niche installed between the convent and the Mother Church, near what is now the Colônia dos Pescadores (at the former Palácio Street), used to display the statue of Good Jesus of the Green Cane, greatly revered in this period.

37. FONSECA, 1895: 20.

38. FONSECA, 1895: 18-20.

> and 30 leagues away, and for good pay. We were truly shaken and thrilled to hear *Bradados* in a baritone voice sounding in the closed temple [...]. An imposing, moving act[39].

The emotional and pious mood was further enhanced in the afternoon, according to the purposes of the Evangelism of persuasion applied by the Portuguese colonizing project, since the early days of Discovery.

At dawn on Holy Saturday, the town was filled with Judas, and at 8am the New Fire Ceremony began outside the Mother Church, turning into a procession entering the church

> with one of the three lit candles...ritual chants, followed by the lighting [...] – Solemn Mass – with glory and Hallelujah. [...] The church, that until then had remained in the dark, suddenly becomes cheerful with the transition to clarity entering through the doors and windows that are now opened; a profusion of flowers thrown from the tribunes and choir; white doves with their loose bows flowing from one side to the other; the joyous and martial – ***Gloria in excelsis Deo*** – performed in unison by the choir and orchestra, all of it marked the act with the people's true joy and religious conviction. Bells were tolling in all the churches, thousands of rockets popping through the air, volleys of bombs sounding, crowds of boys armed with clubs beating Judas figures that others dragged through the streets with ropes[40].

In each detail of the rituals of Good Friday and Holy Saturday, we can see a paradoxical shift in behavior: from sadness and grief to joy and merriment. Note that, according to the Bible, on Saturday Christ was still lying on his grave, not yet resurrected, as would be expected to justify such euphoria and such gluttony during the feasts, with no further reflection about Friday's ordeal:

> At dinner, stomachs would be replenished after the eve's fasting [...] the gifts received would be brought to the table, true exchanges that all through the day came and went in salves and platters covered with fine and rich towels carried by decently dressed pages and slaves![41].

Completing the rituals of Holy Week, the Resurrection Mass took place in the morning at the Mother Church, followed by the Resurrection Procession, attended by all brotherhoods and confraternities[42], carrying "huge standards and lanterns"[43].

But Fonseca himself notes that the pleasant sensation that came with these days was prolonged, and the town would not immediately go back to its normal pace, even after Sunday, since many people who had come from other places would stay to enjoy the following holidays:

> At that time, for the greater enjoyment of the people, there were still three days of Easter, and holidays for all effects, much appreciated by all who used them to analyze or criticize the acts they had witnessed. From Wednesday onwards, the foreign population started to disperse, each to his own remote residence; some

39. FONSECA, 1985: 18-20.

40. FONSECA, 1895: 18-20. (Highlights by the author)

41. FONSECA, 1895: 20.

42. The existence of many brotherhoods and confraternities in this Colonial urban center testified to its political, social and economic relevance after becoming Head of County in the Southern part of the Captaincy of Pernambuco, managing the conflicts of Palmares and with enough autonomy not to have to judge them at the County of Olinda. It also showed its role in the diffusion of Catholic belief since it became an open air "sanctuary" with extensive parvis, where faith and devotion were paraded in doctrinal processions.

43. FONSECA, 1895: 20.

> would linger for a while, to indulge their wives and children, who were not satisfied, having the beautiful and touching acts and episodes of the celebration fresh in their memories, and wished to remain there, so that, instead of a week, they would have a "Holy Month"[44].

It is easy to note how important these religious celebrations were for the dwellers and the town of Alagoas from the nostalgic and enthusiastic descriptions of the devout governor of the Province of Alagoas, Pedro Paulino da Fonseca, but also from the more analytical and impartial point of view of German chronicler Robert Avé-Lallemant. He had visited the town in 1859, merely two decades after the impact of its loss of prerogatives as Province Capital, when the town's population was quite reduced, but the enthusiasm surrounding these festivities was still visible[45].

Seeing this depletion, Avé-Lallemant notes how impoverished the town looked, and ponders on the factors that caused a great number of civil servants to move to the new capital, Maceió, and the consequent downturn in commercial activity:

> In spite of the town's lovely situation, of the lagoon that is even wider than that in Maceió [...] Alagoas is a miserable place. Everything is in decadence, neglect and in a pitiable state [...] Previously, the town was sustained because the greatest authorities in the Province lived there, and it was the seat of the whole administration, which always propelled its trade and life. But since Maceió became the first town in the Province, and all those who used to spend their earnings in Alagoas moved there, Alagoas fell into sheer decadence[46].

Still, two facts caught the attention of the traveller: the faithfulness displayed by the remaining population in the performance of sacred elevations and the fact that, although in the middle of a process of political, social and economic dejection, the town still attracted many believers from nearby localities.

> The beach was deserted. I went up the street towards the higher town, where there were still a number of very excited groups, as it was Holy Thursday. In the morning of Holy Friday, the whole population of the town and the neighboring areas went to the church, in whose vicinity I was staying. They were all decently dressed, and the great procession of believers was very impressive [...][47].

It is not clear, however, if the chronicler understood that these apparently contradictory dynamics were really the outer expression of a behavior that was deeply ingrained in that society, and which even the transfer of political power to Maceió could not shake. In fact, this was a reflex of the strength of Christian faith, "planted and traced" on that soil under the attentions of the Portuguese crown, observant of the Orderings that regulated the disposition of temples in the urban space and the means of transmission of this faith by religious orders.

From the two orders installed there, the Franciscans were the ones in charge of conveying the doctrines with the support of secular teaching. Historians such as Ernani Mero and Abelardo Duarte synthesized their role in shaping mentalities as follows: "This Franciscan monastery has great meaning in the mental and spiritual background of that

44. FONSECA, 1895: 21.

45. The transfer of the Province Capital to Maceió followed governmental decisions that culminated in the deactivation of Porto do Francês, in favor of the activation of Porto de Jaraguá (in Maceió), causing a major economic depression that diminished its political relevance.

46. AVÉ-LALLEMANT, 1859.

47. AVÉ-LALLEMANT, 1859.

Village's population"[48]. "The mental background of Alagoas is monachal"[49]. This goes together with Craveiro da Costa's saying on teaching in Alagoas: "The intellectual culture lived indoors, within somber cloisters. Outside, only the ephemeral hum of sermons in days of Catholic pomp"[50].

The municipality's economy remained stagnant throughout the 19th century. It was not until the 1970s that Brazilian developmentalist policy reached the town, establishing the Chlorine-Alcohol-Chemical Complex of Alagoas, a subsidiary of prime matter extraction in Maceió by Salgema Chemical Industries, at the border of the municipality[51]. In spite of this industrial growth, the town of Marechal Deodoro entered the 21st century with no remarkable changes in its urban structure and configuration, at the same elevated site at the banks of the lagoon.

The virtual immutability of its urban shape was highlighted as a reason to justify its inclusion as National Heritage, as well as aspects such as that it was the starting point for the colonization that culminated in the era of sugar production, or its political-administrative representativeness, or its protagonism in the dissemination of religion in the South of the Captaincy of Pernambuco. The latter aspect is demonstrated by the continued practice of exhibiting the catechetical symbols and allegories of Christianity, both those on the ground (churches and crosses) and those borne by the faithful and transported in processions, the greatest ideological conveyers of the Catholic faith, deeply ingrained with the local population, who still worship saints in their festivals and perform rites, whether in traditional or transmuted form.

On the veneration of saints during festivals[52] we should note that the traditional festival of the patron saint Our Lady of Conception still takes place, and its "*noiteiros*" still promote nightly activities such as fairs, animal and produce auctions, orchestras, fife bands, shows with electronic music bands. These events take place in the parvis, whose shape and extension allow a great number of people to gather for sacred and profane activities alike. Sacred rituals, however, no longer seem to attract attendants with the same intensity: the excitement of parallel profane activities tends to overshadow them.

The procession that crosses several neighborhoods is accompanied by two orchestral music bands who relay after a certain point, marked by the parvis of the Seraphic ensemble, as described in accounts such as this: "Following the parade from the moment it leaves the Mother Church is the Filarmônica Santa Cecília. At the patio of the Convent of São Francisco, the Carlos Gomes Music Band takes the front, and leads the procession to the other extreme [the neighborhood of Poeira]"[53].

The Lord of Bonfim festival is also very traditional, and although its ritual is quite different from the time when sugar mills were in activity and sent oxcarts full of wood from the forests to parade in front of the church and put up a great bonfire, there are still Masses and music band performances at the parvis, in addition to the

48. MERO, 1995: 48.

49. DUARTE, apud. MERO, 1995: 48.

50. COSTA, 1931:5.

51. Today, the municipality counts with sugar agro-industry, tax revenues from the Chlorine-Alcohol-Chemical Complex (more restricted) and the growing demand of tourism, particularly at Praia do Francês, with the expansion of its infrastructure of hotels and restaurants, as it is the greatest tourist attraction in the state.

52. The calendar of saint festivals maintained by the town is as follows: Lord of Bonfim, January 1 to 6; the patron Our Lady of Conception, November 29 to December 8; Saint Peter, June 29; Our Lady of Good Voyage, October 15 to 18; Saint Joseph, March 16 to 19; as well as Saint Sebastian, January 20; Saint Lucy, December 13; and Saint John, June 24.

53. CORDEIRO and SANTANA, 2001: 22.

widely attended procession that takes place on the day of Epiphany (January 6; *Dia de Reis*, in Portuguese, or Day of the Kings), following a long circuit, accompanied by two music bands in alternation.

The festivals of Saint Joseph, Our Lady of Good Voyage and Saint Peter, each with its traditional rites and circuit, are still relatively venerated and usually attract many believers, particularly for the processions in the last day of festivities. The festival of Saint Peter is almost completely aquatic. Boats coming from the other shore (village of Massagueira) cross the lagoon carrying biers and believers and are welcomed at the banks by a music band that leads the procession to the chapel dedicated to this saint, for a field Mass.

Although the people's devotion is gradually losing heart each year, the whole Catholic tradition, essentially linked to processions, is part of the process of colonizing "culturalization" that became a trait of the "place's history" itself, as expressed in the speech of a town dweller who is deeply attached to the town's musical and handicraft tradition:

> Marechal today is a beauty! Both for the music and for the lagoon, the neighborhood of the houses, the coolness in the backyards, and for the religion around here, full of processions. It is! And the most incredible thing is that it is exactly like Marechal in the past. But, mind you, I'm not talking about my past. I'm talking about the past in the place's history[54].

## The convent as microtown: urban repercussions in the architecture of the Convent of Madalena

*Roseline Oliveira*

The Brazilian Northeast, to this day, carries strong memories from its Colonial past in its landscape, from urban centers such as Olinda, with its expressive 17th-century features, to simple villages, like Vila Velha de Itamaracá, displaying the ruins of its first buildings.

These remainders are often due to forgetfulness or artificial protection, since their survival is inevitably conquered in a struggle against the advance of urban age, bearing the interferences of time and inclement weather. Social events, as well as the movement of feet, water and sun, will leave their marks on the surface of the built environment: the marks of wear or of the need or desire for renovation. Thus, the built landscape changes with the people. Buildings acquire new usages, new shapes and, by extension, are viewed in different ways, although, to less attentive eyes, they may look the same, bearing the weight of their long history.

In a contemporary context, both conditions – the immutability and the vulnerability of the concrete face of architecture – are increasingly attractive in terms of heritage. But the notion of heritage usually leans towards an aesthetic appraisal of architecture, and tends to disregard a series of practical aspects that were prerequisites for its construction. A Colonial environment, or one from any other period, results from decisions: where to build, what kind of materials and techniques to use, which dimensions and designs to combine... This process is the basis for the logic of an inhabited environment, in the urban or the architectural scale. Thus, physical interventions begin as an idea, and only later acquire a particular shape.

54. Mestre Zé Bispo, 80 years old, master of the Fife Band and sculptor of articulated wooden dolls. In: FERRARE, 2006: 406.

From this point of view, urban structure had a well-defined role in the first two centuries of Brazil's effective occupation. After defeating the seas, colonizers had to face the challenge of conquering a new territory, marked, at the time, by the presence of naked men and women and their huts. Maps and writings were expressions of knowledge. They were used to establish routes, inscribe places and, by extension, as a kind of ownership certificate.

But these paper marks were not enough to ensure their domain over the territory. Colonizing presence had to be made visible. Thus, they had to leave their marks in the landscape.

Many expansionist strategies were used to make this occupation visible, allowing Europeans to politically dominate this part of the New World and, most of all, to become acquainted with it. The abstract division of the new land into Hereditary Captaincies came before the actual creation of inhabitable nuclei by the Portuguese. Villages and towns started to be built as the Portuguese realized that it was not possible to consolidate their territorial expansion merely through battles, with the help of trade posts and fortresses[55]; rather, with peaceful dwellings, complexes of buildings where people could remain permanently. To occupy the new land in a definitive manner, then, it had to be urbanized.

Over the first hundred years of effective colonization in Brazilian lands, hundreds of settlements had been established along its maritime coast, displaying different degrees of urban development. Permanent occupations needed a certain apparatus to work as such. The built ensemble of villages in the Northeast was basically comprised of houses, churches (or chapels) and harbors. Their buildings were located in sites characterized by the presence of bodies of water (rivers and lagoons) and by an uneven terrain, elevated in relation to the sea. The choice of sites would take into account a number of factors, including: the economy and the possibility of commercial exchange presented by the geographical situation, essentially promoted by sugar mill complexes; subsistence, allowing people to stay; and safety, using the site as an ally in the protection against invaders, native or foreign[56].

Urban occupation along the coast, as in the case of the Northeast, was favored because the plateaus that marked the regions far from the sea were seen as unprotected against the Indians that lived in the forests. Also, the colony's economic dependence, both in relation to Portugal and to the local economic center represented by the sugar mills, helped confirm this choice, as the first sugar mills were mostly established in flat areas, adequate for plantations, near rivers and lagoons, facilitating the transport of production[57].

This general idea regarding the territorial expansion of the Portuguese empire in terms of the urban occupation of the colony explains the similarity between the appearance of its settlements, but their establishment did not follow a predefined model. During the 16th and 17th centuries, the Portuguese showed flexibility and were able to adapt their procedures to the available infrastructure and geography inherent to the process of urbanization. In the case of the

55. From a study of Colonial towns established in Northern Brazil during the 18th century, Renata Malcher de Araújo states that "the maritime commercial structure used trade posts. At first, they were little more than places for the storage of merchandise established at the coast with the authorization of local governments. One element, however, would turn trade posts into a territory of the Empire – the fortification. The act of "making fortresses" is mentioned with pride in chronicles of India, as a guarantee of Portuguese supremacy. Under the fortresses, in the territory established by them, the first traces of urban facilities appear. In the repetition of this process, the initial urban paradigm of Portuguese expansion is founded, associating the town and the fortress". (ARAÚJO, 1998: 22)

56. REIS FILHO, 1968.

57. According to Aroldo de Azevedo (1956: 19), "urban conglomerates in the 16th century are typically maritime, and appear in an isolated and sparse manner, constituting true 'nodes' of population in the huge human 'desert' that was Brazil at the time".

Northeast, this resulted in landscapes with peculiar features, considering the undeniable variations of geographical sites, allowing a multiplicity of landscaping results[58].

The village of **Santa Maria Madalena** appears in this early context of landscape construction in the Northeast. In its 17th-century occupation, houses, churches, convent and wharves were linked to a lagoon. The lagoon was used as a means of transportation, attracting people who came to stay and whose movements also helped shape the place, marking pathways and establishing routes. Urban stability, in this moment and in this physical environment, takes place in different scales. Each built space comprising the embryonic landscape of constructions – bridges, wharves and buildings – presents itself in the natural environment in a particular way, and with internal physical structures defined by certain functions that ensure the permanence of people, according to the needs of their inhabitability. Thus, for functional reasons, villages and towns themselves are comprised of several inhabited nuclei. The convent is one of them. It houses a religious community in a permanent way. For this reason, it differs from other shelters, as its complex, relatively large architectural program has the self-sufficient character typical of monastic architecture[59]. Still, what drives a building to be established in the vicinity of a lagoon, at an uneven terrain, framing a stretch of a river and taking hold of a generous portion of open land, as in the case of the Franciscan Convent of **Santa Maria Madalena**?

## The convent and the urban nucleus

The erudite behavior of the Franciscans and the long history of the Order, granting experience and solidity to the architecture of convents, make it clear that its physical establishment in the urban environment is not the result of chance. The convent is provided with a certain environment and placed on its site in a certain way because of a manner of thinking.

Part of these questions on the primary urban conditions of its architecture, regarding the situation and position of the building, are justified by Canonical factors in the context of Franciscanism, such as the tendency to seek elevated sites and salubrious areas. Also, the building should be near the community, favoring the exercise of begging for alms, but at the same time not contiguous to the urban center, allowing for the daily practice of reclusion[60].

For that end, they inevitably had to consider the preexisting buildings: the convent should be built at a place with a certain urban infrastructure, as it was requested by the population itself. In this sense, choosing the plot of land to be occupied by the Franciscans, considering the existing structure, was the first technical challenge for the establishment of the building.

58. By exploring ideas that, in a synthetic manner, oscillate between the spontaneity and the rationality of the early process of urban formation in Brazil, some authors are classical references for this discussion (particularly based on expressions of urban outline and design, especially in terms of their adjectives - formal, informal, regular, irregular, spontaneous, planned), such as Aroldo de Azevedo, Sérgio Buarque de Holanda, Nestor Goulart Reis Filho and Paulo Santos.

59. Although the self-sufficiency of the Franciscan Convent of Madalena did not require its complete physical isolation from the town's inhabitants, this character follows the essence of the embryonic model of this kind of architecture, that is, the Cistercian monastery "built in such a way that all its necessities, that is, the water, the mill, the garden are inside the monastery, and that all different labor activities are performed there, so that monks will not be forced to go outside [...]". (MARQUES, 2006: 12-13)

60. First Constitutions of the Archbishopric of Bahia, Book IV, Title XVII, n 687. Note that the Convent of Santa Maria Madalena is not located at the highest spot of the urban nucleus; that position is taken by the village's Mother Church.

The expansion from the old village to its present status as a municipality incorporated this early urban-landscaping atmosphere: a fortress, row houses with simple façades and humble dimensions marking the narrow pathways between its first churches. One of them, the Mother Church, is located at a privileged portion of land, allowing a great visibility of itself and its surroundings, and making it an expressive urban reference from the point of view of its main terrestrial access and from the lagoon.

There are iconographical records of this 17th-century occupation, but the convent obviously does not appear in them, as its construction had not yet begun when these images were created[61]. In the illustration called *Pagus Alagoa Australis*, in addition to the alleged waterway, three terrestrial pathways are clearly marked: one is long and central, framed by the abstract alignment of houses and churches; another, surrounding one of them; and a third is significantly extensive and unaccompanied[62], linking the contiguous buildings to the lagoon. This region, detached from the inhabited nucleus and near the banks of the lagoon, on a slight slope toward its level, is where the convent would be built twelve years after the sketch from the Dutch period. By superposing an image from the time to a current map of the old nucleus, we can see that one of the paths, the lagoon and the constructive arrangement of the village itself were certainly factors that stimulated the settlement of the Franciscans. This means that, beyond the physical boundaries of its walls, the convent's architecture had a relation with the other built structures in the village. The urban situation of these structures, defining the grid of thoroughfares, is part of the reason why the Convent of Santa Maria Madalena was located at the borders of the village, marking one of its extremities.

The convent's location not only ensured an initial distance from the urban nucleus, but, for the same reason, it also granted it a prominent position in the appearance of the village[63]. That is why it turns out to be one of the religious buildings whose frontal façade may be seen from a certain angle at its main access since Colonial times – the lagoon –, even though it faces the village's streets.

Obviously, this prominence is also a consequence of its physical dimensions. As a built complex, the convent, containing a series of spaces that qualify it as a type[64], is arranged in a certain way that allows people to visit and stay. It is comprised of "micro" environments, such as the cells and the refectory, and "macro" ones, such as the grounds, the parvis and the built volume, including the church and the Franciscan residence, whose size and shape have great morphological repercussions over the village[65].

Doors open the convent to the community, but it is the parvis that welcomes them. It interferes in the urban landscape as a wide, open space, free of constructions. With time, its outlines, extending towards the village, were demarcated by the façades of houses, prolonging a path that connected two structures – urban and architectural. It is part of a program that answers the needs of the built complex, originally functioning as an extension of

61. These images are found in Gaspar Barleus' book, which narrates in detail the acts of Count Maurice of Nassau in Brazil, in his work *History of the deeds recently practiced during eight years in Brazil*. Published in 1647, the book is magnificently illustrated with maps, plans and vistas produced by George Marcgrave and Frans Post, respectively.

62. Term used by Diogo de Campos Moreno, Royal cosmographer, in his text on the isolated situation of 16th-century churches in the Village of Olinda. (MORENO, 1616: 80)

63. This prominence in the landscape results from a practical decision (spatial isolation) which, for other reasons, was adopted in the architectural production of European Baroque and Renaissance, and which, centuries later, would be adopted by the Modern Movement as an artifice of architectural composition for the same purpose: enhancement.

64. Type may be defined as a "logical enunciate that comes before form and constitutes it" (ROSSI, 1977: 42). It is a cohesive set of principles or elementary rules, stabilized through long processes, preceding and informing the formal choices that constitute architectural objects.

65. According to Theodyr Augusto de Barros, "the first streets in town were formed around the parvis of the Convent and of the Mother Church and around the Churches of Rosário and Nossa Senhora do Carmo". (BARROS, 1981, v. XXXVII: 107)

the church, since believers would gather there to perform religious manifestations. Its generous dimensions, in comparison with other built areas in the village, ensures the visibility and contemplation of the convent's façade, preparing the population to enter it.

As the parvis announces this opening to the community, the building's volume, cubic and tall, formed by the church and the friars' dwellings, acts as the host. Since the Church of **Ordem Terceira** was built at a later time, at first this frontal façade introduced by the parvis was marked by two accesses: the church, public and open to all believers, and the vestibule, accessible only to its inhabitants. In this part of the building, with quarters divided into three floors (two corresponding ones and one intermediate), the **cloister**, a square, open zone, articulates the sets of quarters forming the common areas and the service areas, ensuring both circulation and the ensemble's cohesion.

Its last access is private, and located at another generous open area that is necessary to the convent: the grounds. Its extension enhances the building's volumetric stateliness in terms of urban proportion. While the parvis advances towards the village and the urban nucleus, the grounds extend away from built volumes, reaching the banks of the lagoon. Clearly outlined by walls, the grounds are a private space devoted to the performance of a series of essential services for the subsistence of those who inhabit the convent, including domestic activities, growing food produce and breeding animals, as well as the water supply.

Thus, the building is not closed upon itself. Its uses influenced the choice of its location, its placement on the plot, the creation of accesses and the many different relationships required for the creation of an architectural environment, particularly in the case of a convent that submits to the basic program of the Franciscans, marked by self-sufficiency.

## The convent and the site

From this perspective, considering the multiple spaces necessary for the convent's operation, its geographic situation also had to facilitate its maintenance. In addition to religious order, architectural typology and urban structure itself, nature is another criteria affecting the process of this building's physical implantation. The position of its macro structure shows that the choice of location took into account not only the impacts of the village's urban arrangement on the convent, and vice-versa, but also the inherent logic of the building's functioning, as it should answer a series of practical demands to ensure the permanence of its dwellers.

For that end, its architectural disposition appropriated the site's natural dynamics, using, for instance, the slopes in the plot to ensure the conditions for its subsistence and hygiene. The building was strategically positioned at a level below a stream of potable water, rather than at the summit, so that water could be collected through gravity. Such an ingenious use of natural bodies of water can also be seen in the position of the latrines, located at the higher portion of the building near the cells, with a space below where excrements would fall and ducts where rainwater would flow[66].

66. According to architect Virgolino Ferreira Jorge (2006: 85-86), "the availability of potable water is indispensable to the normal subsistence of a fixed human community; thus its decisive importance in the concerns regarding the choice of site for the founding of a Cistercian abbey. In order to work in adequate sanitary conditions, the monastery needed a double solid hydraulic infrastructure and an efficient technique, in form and design, from the collection of pure running water to its transport and distribution inside the monastery and the disposal of residual water. Monks needed systems of water supply for the kitchen, to drink, for personal hygiene (ablutions, shaving, tonsuring etc.), for the sanitation of latrines and for agricultural ends (irrigation of gardens and orchards) and industrial activities (operating norias, mills, forges etc.)".

The convent shows that the topographic morphology defining the movement of the stream and its absorption into the building's program was architecturally appropriated to favor the convent's hydraulic demands. Likewise, the kitchen complex, the refectory and the grounds, where subsistence activities were performed, face the lagoon, towards what is still known as the friars' harbor or convent's harbor, the specified path for the transit of products.

In this spatial arrangement, more than a mere support for architecture, water and land were active participants in the process of appropriation, offering constructive materials (such as timber), food, implying passages, zones of usage, delineating the built ensemble.

Such an intimate relationship between the building and the site, as in the case of the Convent of Santa Maria Madalena, is part of a dialogue that marks the historic process of architecture. For a long time, the dynamics of geography were the greatest ally of builders in the name of commodity, as can be seen in classic building arrangements such as the old theaters, whose seats were aligned with the terrain's declivity, and aqueducts where the slightest slope of the arcades was enough to promote the flow of water.

These limitations were gradually surpassed by technological innovations that potentialized technical solutions, creating a greater autonomy of buildings from their geographical situation and the movement of its natural resources. Still, for various reasons, certain actions regarding the three-dimensional perception of space have remained. Because of the convent's architectural adaptation, it was necessary to think about atmospheric conditions, about the dynamics of the wind and sun and their behavior towards the built ensemble to ensure the physical well-being of its dwellers. That is, beyond the movements of water and the shape of the terrain, climatic variations were also defining elements in the composition of their environments.

The front of the convent, tending towards a quadrangular shape[67], faces South, and most of its quarters are placed in such a way to profit from the light of the rising sun and the direction of the cool winds (Northeast and Southeast) that are predominant in the region.

From the point of view of thermal comfort, there does not seem to be any spatial hierarchy. Most conventual quarters are favored by the shade and coolness provided by its orientation. Even the church, with one of its sides facing West, has the thermal benefit of narrow openings, reducing the incidence of sunlight, and thick walls, with a high level of thermal inertia. Its volume, marked by high septa, also works as protection for the West wing of the convent itself.

The openings of windows and the cloister allow light to flow into the quarters in a restrained but intense manner. The uniform shade in its interior grants the convent the sense of intimacy that corresponds to its purposes. The room known as belvedere, for instance, opening towards an almost panoramic landscape of vegetation, inspires the tranquility that is necessary in this space devoted to contemplation, whether of the landscape or of the books. Thus, the functional demands of the convent benefit from the position of its spaces in relation to the cardinal points to ensure them a great connection between the interior and the exterior[68].

If the dialogue between architecture and the site was necessary for the convent's functioning in its Colonial context,

67. According to Henry Koster (1978: 44), an English traveller who visited Brazil in the late 19th century, "the convents of Saint Francis are all built following the exact same plan: in the shape of a quadrangle, with one side devoted to the church and the other three for cells and other uses, the cells coming first. One enters through a gallery that surrounds the building. The beds used by friars are hard, but I accepted them after our journey".

68. Interior/exterior: a dichotomy that is presented in conventual space through the disposition of quarters, restricted permissions of access and also in relation to the individual, the exterior man, attached to earthly life, and the interior man, attached to introspection and spiritual elevation.

its formal appearance also resulted from contextual reasons, from a historical-social personality[69]. In the 16th and, particularly, the 17th centuries, Brazilian lands were seen not only as a property for political expansion, but also as an object of exploitation. An inspiring and stimulating landscape, especially because of its novelty character, the Northeast was the theme of the first images of the New World and a source of rich ethnographic and encyclopedic records.

The new territory's formative process, however, carried centuries-old Western concepts and experiences in the construction of buildings and towns, such as those advocated in Antiquity by Marcus Vitruvius Pollio – described in his treatise *Re Architectura* (40 b.C.) and updated by Leon Battista Alberti (1404-1472), whose ideas shaped the fundamentals of the Modern Age. At that time, prejudices were overcome by curiosity, by the admiration of discovery and knowledge, of understanding the world by logic deductions through the lenses of reason. A new consciousness that transcends speech, and seeks to explain nature, its movements and its spatial dimensions.

As such, the planned shapes of the convent are fruit of the developing mentality of a time that employs Medieval practices, but also the achievements brought by the advancement of mathematical logic and pragmatic empiricism then in vogue in Europe[70]. Its physical expressions are based on rectilineal alignments of the walls and the rectangular shapes of quarters, aspects that will found the system theorized in the 17th century by Renée Descartes – the well known Cartesian plane.

The distribution of its internal spaces seems to have been shaped by the cloister, both for its proportions, much wider than the other quarters, and for its central location within the body of the building, if we disregard the compositional weight, in terms of area, of the two other open spaces that comprise the ensemble: the parvis and the grounds, although these also follow the rectilineal expressions of the built prism.

The design of the ensemble, starting with the correspondence and alignment of walls and spaces, both transversally and longitudinally, insinuates that the logic behind its conception and construction followed a system of geometric proportions, that is, an understanding of the influence of numbers and shapes on Franciscan spatial arrangement. If we extend it towards the extremities of the complex, the diagram of the cloister's shape reveals two modules: one framing this quarter, two wings and much of the church; another corresponding to the sacristy and the service quarters[71].

A system of proportions is revealed between the measurements of its quarters, such as the approximate metric relation of 18, 9 and 6 meters, for the widths of the cloister, church and cloister galleries, respectively, numbers whose relation indicates they were derived from an orthogonal geometric grid of modules measuring 3 x 3 meters. This modular grid, by itself, ensures the convent's rationalized spatial logic. But the very number 3 reinforces the idea of an architectural eloquence referring to mystical doctrines. The triangle, that, in the Christian context, may be a graphic depiction of the Trinity. The **three-knotted string** lends its shape to the Franciscan vows – obedience, chastity and poverty – which synthesize the behavior of its followers in face of the world.

The conjectural logic found in the composition and disposition of the quarters is a clear evidence for the rational aspects so apparent in the built body of the convent when seen as a whole. Sharing Classical compositional strategies, present in the system of proportions of ancient Greek sculptures, in the process of creation of the ogival

69. Social personality: term defined by Joseph Rykwet (2006: 241) referring to human consciousness positioning itself in face of the dynamics of a certain environment, shaping it with traits inherent to its image.

70. By the late Middle Ages, the Portuguese would use certain orders of spatial logic to define urban interventions in Lisbon, such as the measure of streets, the limits of plots and even the dimensions of architectural elements such as doors and windows and the distance between them. (CARITA, 1999: 150)

71. Studies on the metrics of the convent were made in cooperation with architect Flávia Cerullo.

arches in Gothic cathedrals, in the ideal Renaissance cities, and even in orthodox Modern architecture from the first half of the 20th century[72], the building takes its molds from basic geometry, from the square, in which not only its spaces, but also its appearance, serve specific purposes. Straight lines, repetition, a modular system demonstrate a sufficiency guided by a predictability that matches the friars' disciplinary routine. Where it inhibits the sounds of words, architecture is taken as a language. Its spatial arrangement, then, helps its dwellers to be and do what they choose. It is an extension of themselves.

## The convent as housing unit

We can see, then, that the design strategy behind the conventual complex is far from random. As the alphabet is used to decode sounds, architecture gives form to an idea. The design, the disposition of spaces and the urban location formalize the idea of a convent in the Village of Santa Maria Madalena.

This compositional interplay is defined, at first, by the articulation between architecture and nature, apparently the greatest challenge in the process of the building's conception and construction, as it adjusted itself to geography to the point of dominating it.

The physical and functional expressions of the convent, with its privileged location favoring its architectural interpretation and maintaining its spatial cohesion, shows us that, in the process of landscape constitution, the geographical features of a place are manifest not only as the stage for the exchanges that take place in the urban sphere. The site is also a protagonist in the construction of a building, influencing the choice of a certain area and its disposition on the plot in a certain way. So, in a way, the natural site also chooses what it will host.

The struggle between architecture and geography, although hardly noticeable, shows how the convent took over the site, revealing its dependency from the Village of Madalena. The building posed demands that established a series of exchanges with the place, while, on the other hand, making the Village rely on it as well, in terms of urban formation.

As a nucleus that was meant to be inhabited, composing its built landscape from arrangements of necessity in dialogue with the expressions of the site itself, the construction of the Convent of Santa Maria Madalena at that particular spot also presupposed decisive physical adjustments, in order to maintain its complex program and functioning. The self-sufficiency that characterizes the conventual ensemble brings it closer to the notion of a town, village, settlement, as it carries essentially the notion of bringing together people who inhabit the same space, occupy a certain geographical area, making it different from the rest of the physical environment.

It is a built complex, a small articulated nucleus that manages to sustain itself, efficiently housing a certain number of people, an urban aspect that turned the convent into a reference for spatial-functional articulation that inspired proposals for cities during the 20th century, bringing its centuries-old atmosphere to the modern concept of a dwelling unit[73].

72. The classic architectural structure of a convent and its practical solution was taken by Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887-1965), known throughout the world as Le Corbusier, an emblematic figure of Modern Architecture, as a paradigmatic example of self-sufficiency, founding his functionalist theories applied in many of his projects for buildings and cities. To Alain de Botton (2007: 59), the architect understood that "what modern man needs is the cell of a monk, with good lighting and heating, and with a corner from which he may look at the stars".

73. For example, Le Corbusier's projects for the Convent of Saint-Marie-de-la-Tourette (1953-1960, Lyon, France) and for the Radiant City ("Housing Unit" in Marseille, measuring 140 meters wide and 70 high, based on the Modulor system, comprised of different kinds of apartments to accommodate distinct forms of living). (CORBUSIER, 1987)

These theoretical references that justify the convent's appearance inside and out attribute great importance to an aspect that is not widely recognized when it comes to a heritage building such as the conventual complex of Santa Maria Madalena: Franciscan pragmatism in terms of project strategy, of functional logic. This is so deeply ingrained in its architecture that it may be the reason why the convent was able to fulfill the demands of other usages and bear several stylistic and functional adjustments. The ensemble resisted, then, a number of additions and removals, still able to express, through the physical structure of its architecture, the atmosphere of its original form of dwelling.

## Franciscan voices in Marechal Deodoro: beads in an urban Rosary

*Maria Madalena Zambi*

In Marechal Deodoro, the Convent of Santa Maria Madalena appears in the horizon from multiple points of view. For the locals who maintain closer links with the building, the time spent in the territory where they belong is counted by major landmarks, such as dates, events, forming one's memory and interweaving with the history of the convent itself. For many, to rediscover the convent is to rediscover one's own past. When this happens, memories are brought to light without any effort.

If we wish to come closer to the feeling that people nurture towards this convent, we must share their interests and affections as they are manifest in local daily life. It was there, in the streets, inside the houses, in repair workshops, in leisure areas, in the headquarters of Philharmonic bands, in squares and churches, watching the embroidery of *filés*[74] and the arrival of boats, that we talked to the locals trying to understand the meaning of the convent in their world. This was done by observing how they talk about the building and its transformations through time, and how they communicate their knowledge of the convent, with the elements that make it singular in both its materiality and immateriality.

Oral history has memory as its prime material, helping to add new details or even recapture other memories about the convent that had been forgotten. The building itself certainly stimulates the process of association and reminiscence. But when attempting to reconstruct the past, the daily life of the convent, people's memories refer to the most recent uses of the building: as an orphanage, for the promotion of dances, saint festivals and the celebration of Mass.

Although the transcribed statements bring no information on the daily life of friars, the testimonials contained in them are valuable and meaningful for the constitution of a sense of identity. This way of life, silenced within convent walls, resonates in many aspects of local social life, in habits and values that are deeply ingrained in the manner of being of these people.

And memory, with oral speech as one of its possibilities of exchange, when transposed to the written language, incites a new way to share the choir of voices that we heard talking about the Convent of Santa Maria Madalena, as we intend to do now:

> There's no more convent today! There is, but it's not like that of Dona Antonieta and Dona Cristina. Dona Antonieta was the director and Dona Cristina would help her. We were welcome then. Now, it's over! Dona Hilza, 85 years old, interview from 10/2008.

74. *Filés* are embroideries made manually in looms. In Marechal Deodoro, it is a custom to weave *filé* in the pavement in front of houses, in full view of passersby.

Mass was very beautiful with the interns all dressed in uniforms. All very pleated, all beautiful. The church full of flowers. Then it was such a perfume! That church very beautiful. It was beautiful because, at that time, Dona Antonieta was taking care of it. She was very zealous. Dona Mariinha, 70 years old, interview from 11/2008.

I was brought up inside this convent! This Dona Antonieta, you may say she was my mother and that she brought me up. Seu Aderbal, 79 years old, interview from 11/2008.

Me and Manoel, we would do balls in the convent. I opened all the balls! I would dance with all the ladies! Seu Carlos Avelino, 89 years old, interview from 09/2008.

The convent was very beautiful! You had to see it to know what it was like! Up on the ceiling there was a very beautiful drawing. There was Saint Clare of Assisi. It seemed like everywhere you turned she was looking at you. I don't know if it is still like that. They're closed. They don't let anyone in anymore. There was also Saint Francis. There was that ball, like the world. There was Our Lady. There were the angels. It was a beautiful painting, up there. Dona Benedita, 68 years old, interview from 10/2008.

On the right, there was an altar. But they wouldn't celebrate Mass there, or anything. It was just the crucifix covered with glass. I was sad the other day when I heard it had fallen. I would like to know if it is still there, all right. It's a really big crucifix, at the entrance. Then there's the screen where we would take communion. At the time of communion, the priest would come there. Dona Maria Florêncio, 68 years old, interview from 10/2008.

The convent was very beautiful. I don't know now. There was a little chapel where we could pray. Is it there still? There were dormitories upstairs. We had to make the beds. It was nice when we were kids. The only thing I didn't like was when the sisters would come and say: "go do the *banca*!" Ah, that I really didn't like! Do the *banca* meant to do the cleaning. One thing I remember was Dona Nita, who is now passed away, making bread. Dona Lúcia, 60 years old, interview from 09/2008.

There was a beautiful sun there with the face of an angel. I've already asked the convent to put that sun up again. It is beautiful! Made of wood. Beautiful! An angel face with the reflex of the sun! Dona Mariinha, 70 years old, interview from 11/2008.

The convent hasn't changed at all, but it used to be more lively. There was a garden by the side walls of the convent! I knew the director very well, Dona Antonieta. Dona Maria Florêncio, 68 years old, interview from 10/2008.

There, in the old days, at the convent patio, there used to be so many people at night, chatting, talking, telling fabulous stories... All that stuff. We used to say: let's go to the high cross to get some fresh air? Every day we came by and it was full. But it changed a lot. Here in Marechal Deodoro, it's a misery. No one can go out at night. Today, there are robberies, thieves, marijuana, all kinds of disgrace. Marechal Deodoro was a beauty. We would sleep with our doors open. Easy. Seu Carlos Avelino, 89 years old, interview from 09/2008.

The parvis is a big, open space, where everyone would meet. At the time, there was already the convent and the orphanage. Orphan kids would stay there. And it was very beautiful. At the weekends, the kids could not go out, but they would stay in front of the convent. At the parvis. They would only leave every other

Sunday, at the end of the month and when their families came visiting. Then, they would walk around the parvis. Playing. At the parvis there were concerts with piano, guitar, dances, culture, like, in general. Dona Judite, 87 years old, interview from 10/2008.

I was born here in Marechal Deodoro, and I was always there at that parvis, playing. The front was very beautiful. Now it's all changed. They paved it, put benches and removed the plants. After a long time the town hall made a very beautiful square, that even gave the town a different beauty. Then they decided it was better to take it away. There, at the parvis, there was no paving at all. It was all earth and grass. At the convent's façade, at the Third Order, there was a small wall, dividing the church from the convent. The Ordem Terceira de São Benedito from the Church of Santa Maria Madalena. Seu Manoel, 51 years old, interview from 11/2008.

We would serenade. We would stop at the convent patio, the sisters would wake and stay at that window up there, listening. They lived upstairs, they would hear the serenade, open the little window and stay listening. The convent used to be pretty. There were some nice sisters. Some friendly people. That was a good regency, that of *comadre* Antonieta. She was a special director. She was great! My girl always called her mother. Not director. "Mother". She was very good to those orphan girls. It was very interesting, the convent. It would be very useful if the convent came back to what it was. Did I tell you there was a beautiful festival, the Saint Benedict, at the Order? It was almost like that of Our Lady of Conception, the patron. They would deliver the letters like that, at people's houses. At that time I would put in two, three, five *cruzeiros*, to help with the festival. With fifteen days I would take the letter. There were auctions, and everything. It was a beautiful party! There were these stands, gambling, dart games... It was a complete party. It was at the convent patio. There were fife bands. There were Masses for the saint, at the Order. When it was Saint Benedict's day, there were Masses in the morning and at night. There was a beautiful procession. It was beautiful. After a time, it ended. It's been like thirty years, now. Seu Carlos Avelino, 89 years old, interview from 09/2008.

Before, the "meeting processions" would come and go. Our Lord and Our Lady. She would leave from the convent. Our Lord would leave here. They would meet there, and the priest preached that sermon. A beautiful thing! It doesn't exist anymore! Seu Aderbal, 79 years old, interview from 11/2008.

The convent was better than the Mother Church. Wider. I like it very much! It's more comfortable. Braver! We feel good. There are things that make you feel good when you're there. There was Mass every day! It was a scary silence! I like it because we could pray everything right. I like to pray at my own corner. Dona Hilza, 85 years old, interview from 10/2008.

At the day of Saint Mary Magdalene there was only one Mass. Simple! Dona Benedita, 68 years old, interview from 10/2008.

Of the convent church, I remember that the daughters of this Maceió bigshot would all come to marry there. I also remember the Mass, the sermon and Holy Week. The priest would talk a lot, but now there's nothing any more. Before, there were two old, pretty, single ladies taking care of the convent. They were the bosses. Now they're restoring it. They took away the saints that they couldn't have taken away. They took Our Lady... There's punishment! They took Saint John and Dom Bosco. They took them away and put them no one knows where. Saint Rocco is very heavy, made of stone, it left the church in a crane. Do you know what a crane is? They took it and suspended it because there was no man who could take it away from the convent. Dona Judite, 87 years old, interview from 10/2008.

## Porticos and paths of memory

The web of relationships between Franciscan convents throughout the world retains people who remember what they lived. While restoration brings back to life the flower's original color and the petal's original shape, oral memory brings back other important concealments.

The conventual building, intervening in the space and life of the population, recovers its memories, reveals different glances and leads us to the inevitable differences that are always found in the world of remembrance.

To access the voices of these narrators, we walked not only through the town and the interior of the convent, but also through its memories. We saw that the convent, as it was experienced and retained in remembrance, not only recovers a local imagination, but also causes the locals some restlessness and expectations, related, for example, with the conclusion of restoration works.

> Once the building's been restored, it will bring not only visitors from elsewhere, but people from right here, from the land. A lot of people told me that: that they've been waiting for the end of restorations to go see the building. To see the museum, which they've never seen. José Messias, 36 years old, interview from 10/2008.

> The convent will be restored. I think they will finish it in about two years. It's a lot of service. Sometimes they say a friar is coming. Nuns don't come any more. They cut off the nuns. Now the friars say they are coming. Two or three friars. I don't know if it is true. It's just stuff we hear. But I would like to see the convent restored! I did see it once! This is the second time they're restoring. They take away the ceiling. Everything. Those little bits of wood with numbers. It's serious stuff! They spread them out on the floor. Then they number them, and take them upstairs. They put them all back together again. This time it's worse because nobody can see anything. The other time, it was open. We could walk in and watch. But it's not like that now. Now it's closed. I have a desire to see if the little saints are still there, and the big crucifix all the way into the convent! In the sacristy there used to be a chest made of very good wood and inside was the crucifix. There was another in the church, but up there, at the altar. And it seems that underneath it there was another little wooden altar, almost ruined. But they would zeal for it! And there was another crucifix too, lying there. On Holy Friday, Dona Antonieta would take it, clean it, spread some oil on it and put it back. She would sit at the church, put the saints down there in their little coffins. She would sit with a bowl. A little tray. She would kiss the hands of Our Lord of the Stations and put a little coin on the tray. It's like I can see it right now! That I remember! But I also remember, you know what? The month of May. It was a beautiful thing, those crownings she would make to Our Lady! They were like real angels! Those girls! If they disobeyed, there was no recess time the day after. It was a punishment if it didn't look they way she wanted it. They had to stand still. Once a man walked in and stood there, stunned, trying to see if they were real angels! He couldn't believe they were girls! So well behaved they were! Dona Benedita, 68 years old, interview from 10/2008.

> I heard that there won't be a museum any more. That each saint will go back to its place. To their churches of origin. Aren't they fixing all the churches? After all, don't saints belong in the churches? Dona Lúcia, 60 years old, interview from 09/2008.

> This is what I think: if they restore it and put the saints back there, it will be good. But they say it won't be like that. It will be I don't know what. A school... I don't know. There's no writing what people tell, because nobody knows, or saw! Dona Hilza, 85 years old, interview from 10/2008.

> I would like to see the high altar! This is how I remember it. There was that wide table. A saint on one side. A saint on the other, and, at the middle, Our Lord with a cross. I would also like to see the communion table. I take communion every month! The lady comes to give me communion here in my house. Dona Hilza, 85 years old, interview from 11/2008.

> They could restore it, but they should open up the convent like it was at the time of Dona Antonieta. Dona Cícera, 60 years old, interview from 09/2008.

> I heard that, at the Order, they won't celebrate Mass anymore. That it will be a music thing. For concerts. I think that's very bad because it could remain as a church, but it's their will. They're the bosses. Dona Benedita, 68 years old, interview from 10/2008.

A relevant fact in the place's past history is that, in the Colonial period, people often had saints as their patrons, reinforcing the links of protection between the saint and the believer, through the sacrament of baptism.

In the intimacy of her home, an inhabitant of Marechal Deodoro vents the feeling of emptiness she experienced since her patron Our Lady of Good Birth became part of the collection of the sacred Museum installed at the convent. Before that, the image of the saint used to be on display at the altar, now demolished, of the Chapel of Ordem Terceira in the Convent of Santa Maria Madalena.

> There was Saint Joseph. Then, after the screen, there was Saint Anthony and Our Lady. Further ahead a little, at the high altar, there was Saint Francis and Saint Mary Magdalene. That was when I was around there! Then they took these saints because they started the Museum. They took the saints from the churches. From all the churches. They took a lot of saints to make this sacred museum. I know that Saint Francis, Our Lady, Saint Joseph and Saint Anthony, they took away. I actually went there once. Once or twice. My legs were good then. I even climbed the stairs and went to the museum to see a little saint once more, that used to be in the Ordem and that my mother said was my Godmother: Our Lady of Good Birth. She would say: "look, Our Lady of Good Birth is your Godmother"... I think it was a difficult labor, right? I think she couldn't deliver right away and then, at the time, she made this promise. I went there just to see where she was and I saw it. I said: My little saint is this one! My Godmother is this one! I went to see where she was because she had left the Ordem here where she had her little altar right at the entrance. But they took away the altar. They destroyed the altar. And then I looked for the saint and couldn't find it. I said: I'll go to the museum to see where Our Lady of Good Birth is, my Godmother! Not Our Lady of Conception, no! Our Lady of Good Birth! Then I went upstairs. I went looking and I saw many saints, up there at the museum. Then, I found her at a corner. I don't know if she's still there. I'll see her again someday! Dona Benedita, 68 years old, interview from 10/2008.

The wide scope of oral history also inspires reflections, from the record of facts like this one. This inhabitant of Marechal Deodoro refers to the creation of the Museum of Sacred Art in the convent building, now housing images of several saints which, before being moved to the convent, were accessible at the convent churches.

Many others who live in Marechal Deodoro, not knowing the reasons behind the creation of the Museum of Sacred Art, seem to view it as an almost clandestine venture. This means that, in spite of the public formality of creating a museum, to some locals, the objects in the collection – particularly the saints of local devotion – were dislocated from their original contexts. That is, the church where they were objects of particular use. This seems to weaken their relationship with a heritage that is considered private by the locals. As we may gather from some testimonials, the saints on display at the museum, as heritage of Marechal Deodoro, might even offer a singular experience to

a visitor from "abroad", since they're shown as a heritage of the collectivity. It is true that, in a proper shelter, the images of saints add value to the convent building and expand the attractiveness of the museum for local touristic enterprises. Still, we gather from the superposing voices that, for the locals of Marechal Deodoro, it is as though, after the creation of the museum, local heritage became dependent on that (institutional) source to exist socially and culturally. And, as we can see, in their speech, this "truth" seems to be uncomfortable.

## Devotion to the saints

> Here in Marechal we have nine churches. And there was always Mass Friday, Saturday, Sunday. At the convent, there was Mass on Sunday mornings. At the parvis you would see many festivals and the "meeting procession", during Holy Week. It was much celebrated in Marechal Deodoro! The two would meet and there they would form the Meeting Sermon. It was a moment of reflection. Of meditation. It was very beautiful. The parvis was overcrowded. There were torches. The lighting was done with little gas lamps. Those little torches. An old thing. Dona Mariinha, 70 years old, interview from 11/2008.

In a place with many churches occupying an important social and symbolic place, the Convent of Santa Maria Madalena stands out. Local devotion is an aspect that adds dynamism to daily life and reinforces, in the very life of the people, the central position that churches occupy in the landscape. Churches not only present a great scenic appeal in the horizon, but they are also major guides for the references and values of the locals[75].

The calendar of saint festivals mobilizes those who reside in the historical site and in the outskirts of the village in a complex existential web. Some saints in local devotion even have more than one procession in their honor, like, for instance, Saint Peter, who has two different processions: the first takes place in the lagoon, and begins when the saint leaves one of the ports in the lagoon to Marechal Deodoro in a boat (followed by many others), along with the musicians who play in tribute to him. When they land at Cais da Lancha, near the convent, many people await the arrival of Saint Peter. Then, no longer sailing but walking, the believers form a great cortege and follow through the streets of the historical town, carrying the image of the saint in a boat-shaped bier.

> We can do without anything in Marechal. The only thing we can't do without are the saint festivals. Carlos, acolyte in the Church of Senhor do Bonfim de Taperaguá, 25 years old, interview from 09/2008.

The imagination of the inhabitants of Marechal Deodoro is richly filled with saints, but, when asked about religious festivities in the Convent of Santa Maria Madalena, their speech often brings details of tributes to Saint Benedict and Saint Therese. Faith in this latter saint, particularly, became more visible in town with Dona Antonieta, a believer and former director of the São José Orphanage, in the convent building.

> The festival in the convent was only the festival of Saint Therese, because it was the director's birthday. She promoted the Saint Therese Mass and the procession. But the true festival, for real, was that of the patron of the Third Order, Saint Benedict. We would do auctions, we would do everything on that patio. There were stands coming all the way from Pilar! Maria Florêncio, 68 years old, interview from 10/2008.

> One very good festival was that of Saint Benedict. I think it was on October 28. It lasted ten days. It was a

75. In addition to churches, easily inscribed in one's perceptive territory, other more reserved stages such as the *candomblé* yards, for instance, also host different rites, practices and experiences of sociability in Marechal Deodoro, strengthening not only faith in the saints but also the connections established by the inhabitants with each other and with the place.

novena plus the day. When the other day came, they would distribute those Saint Benedict breads. In the old days, people had those coal stoves and kept those big cans by the stove. My mother herself had one. So, there was always that very thin flour that stayed warm forever, because of the coal stove. People always went to Mass to get some Saint Benedict bread because they said that, if you put it in the flour, you would never run out of flour! You could eat it all year. No matter what crisis was there! Dona Mariinha, 70 years old, interview from 11/2008.

The arrival of Saint Benedict was very pretty. In reality, it was like this: it was more black people. There was the Mass as usual at nine in the morning, and, in the afternoon, about four o'clock, there was always a procession. But it was mostly the dark people. And me too. Mom made a promise at the time to attain some grace. I don't quite remember the grace, but she attained it and I went depicting Saint Benedict. Very cute with that Saint Benedict outfit of the time. And today you almost don't see any more Saint Benedict! So I think that's prejudice. In reality, Saint Benedict is a strong saint. The black, as always, acted with Saint Benedict. Dona Nair, 97 years old, interview from 10/2008.

In the Saint Benedict festival there was a pastoral, a nativity scene, folk dances. There were the festivity stands. Everything like in the old days. Attractive things that, if you do them today, you're called ignorant. *Vixe*, that's sad! A festival has to have an amusement park! It has to have a band! Dona Mariinha, 70 years old, interview from 11/2008.

They say that, here, the Ordem Terceira was the church of the black. And Saint Benedict was the head of the church. Look, there was a Saint Benedict festival. A lively festival, on the street! I have a son who was born on the day of the Saint Benedict festival. There was the festival of the patron, over at Matriz Street, at the Mother Church. Here it was Saint Benedict. It was a smaller festival, but it was lively! Dona Benedita, 68 years old, interview from 10/2008.

The festivals of Saint Benedict were attended mostly by the black people. The confraternity. The whole brotherhood of Saint Benedict was all dark folk. Seu Aderbal, 79 years old, interview from 10/2008.

Here in Marechal Deodoro, there was a lady called Maria Souto. She lived at Matriz Street, near the church. They say she was from the time of the slaves. Well, she used to rehearse a nativity scene. I still miss that nativity scene! I danced on it until I was a grown girl. You can still find some people who have the book with all the music in three acts. It is all on stage. On stage is the birth of Jesus Christ. This nativity scene won an award as the best folklore of the time... What is the name of the museum? Théo Brandão Museum! At the time of Théo Brandão it won first place in folklore! He [Théo Brandão] was crazy for that nativity scene! Dona Mariinha, 70 years old, interview from 11/2008.

I don't remember a festival for Saint Magdalene. Now, for Our Lady of Conception, who is the patron here, it was very lively. Not was, it is. Just not like in my time. Dona Maria Florêncio, 68 years old, interview from 10/2008.

## The convent in the frame of windows

The inhabitants of Marechal Deodoro take in the landscape of the Convent of Santa Maria Madalena as they walk through the streets, and, singularly, through the frames of their own windows, particularly from the houses around the building. With such physical proximity, it is possible to frame the convent along with the waters. Certainly, through time, many shades were superposed in each inhabitant's perceptive territory: a darkened **ashlar**, a green fence...

From inside the houses, in the living rooms, the image of the Convent of Santa Maria Madalena at the windows receives a particular finish. It appears as a desired image. Next to biographical objects displayed on living room walls (photographs, travel souvenirs, calendars etc.), the convent framed by the window and preserved in intimacy not only seduces one's glance but also incites consistent remembrances.

The convent framed by the window makes each address more personal, also revealing that, from the point of view of one's own dwelling, one can witness the movements of the convent through time.

When the friars looked through the frames of other windows, those of the convent, they had a panoramic view of a town spotted, through time, with other religious buildings. They might see, over the waters, fishermen in their boats doing their daily labor, fishing or turning canoes into biers. In the same panoramic view, there were certainly other men coming from the town's vicinity, intervening and displaying, near their bodies, saints, flags and colorful masts, exhibiting the different shades of the former capital's faith... From this point of view, the town is still attached to the convent as another angle of its originality.

## Telling other stories

> Every convent has a story! There's a huge fantasy from Paraíba to Cairu! Over in João Pessoa they say there is a tunnel that goes all the way to Cabedelo! Friar Hugo Fragoso, 81 years old, interview from 08/2009. Convent of São Francisco, Salvador (BA).

Through time, the tunnels that comprise the Franciscan building breed many stories, within and without the conventual grounds. There are many different explanations for the existence of this element: a link with another convent, with settlements, beaches, leprosariums, mills or as storage for certain goods, such as beverages and silverware.

Fed by the existence of Franciscan convents, certain stories have been permeating the imagination of the people from North to South through generations. These stories start with the buildings themselves, and expand their substance through time, creating closer links with those who live around it. In the case of the Convent of Santa Maria Madalena, the materiality of the building in its space gives an even greater reality to the stories told and shared by the inhabitants. In oral speech we tried to investigate and compare the multiple versions and perceptions of the Convent of Santa Maria Madalena, one of the rare temples, in the vast Franciscan context, devoted to this saint.

> The tunnel, I've never seen! People said there was a tunnel, but no one ever saw it. My father [Frederico José de Mesquita] went down there, but right away he found a wall. He found a lot of bones and bats. He found nothing valuable. In the altars, also, all he could find was bones. He found anything but standing people. He found rests of hair and shrouds. It was in the closed altars where they used to bury people and then close them. Dona Benedita, 68 years old, interview from 10/2008, in Marechal Deodoro.

> I've never been in the tunnel. But people used to say there was a hole that led to Carmo, near the cemetery. Inside the church there's the hole. The tunnel is from the time of the Dutch. I myself have never seen it, or entered it. I know there's the place. The hole is covered. Inside there's gold, there's silver and there's bronze! Dona Cícera, 60 years old, interview from 09/2008, in Marechal Deodoro.

> I've heard a great deal about the tunnel. But that was at the time of the friars. It started at the convent and led to the Carmo under the ground. But it's filled with earth now. All in a thicket. It doesn't exist anymore. Dona Nair, 97 years old, interview from 10/2208, in Marechal Deodoro.

> The tunnel is nothing but yarn! I'm absolutely sure. I went down there! Me and a friend looking for buried money. I went down there about ten years ago. Then, after five more years, I went down again and it's still the same thing... That little mausoleum! We couldn't see any way out. It's all closed. Anyone who says there's a way out is lying. Seu Carlos Avelino, 89 years old, interview from 09/2008, in Marechal Deodoro.

> In Igarassu there used to be a tunnel linking the convent [of Santo Antônio] to Iguape, where there's another convent. Francisco, 50 years old, interview from 08/2009, em Igarassu (PE).

> At the church there's a grate that you can lift. Under it there are six square meters where the bodies of some religious men are buried, and of some people who were part of the Franciscans. People say the tunnel goes all the way to Cabedelo, at the river. That it was used to run away from the Dutch. We've been looking for it. I've been here for eighteen years. I've also been looking for that tunnel [laughter]. Employee in the Convent of Santo Antônio, João Pessoa (PB), interview from 07/2008.

We also heard stories about jugs of gold buried in the grounds or in convent walls. In this case, the location of the treasure is given by friars who appear in dreams, as told us Dona Euflorzina, who has been living, since she was born, in the vicinity of the Convent of Santo Antônio, in Cairu (BA):

> Oh, if my folks would believe it! Once, I was a girl and dreamt of a coffin filled with gold! Some chains! There at the convent! I dreamt and, when the morning came, I told them. Forgive the expression... people said it was bullshit. All I know is they never took it out. It might be true and it may still be there. In the dream, when I walked in front of it, a tall priest came and said: "you may take it, the gold is yours!" I didn't know that friar! I was dreaming of a Franciscan friar! Dona Euflorzina. 88 years old, interview from 08/2009.

In addition to tunnels and jugs of gold, stories revolving around the convents also include elements that are often visible in the conventual landscape: towers, bells, slave quarters, chimneys, terraces, pulpits, windscreens, cisterns etc.

In the case of the convent of Paraguaçu (BA), it is the patron saint himself – Saint Anthony – who appears most frequently in the local imagination. From above the pediment, Saint Anthony participates in local social life without the interference of glass domes. It is not that locals wouldn't like to protect him from inclement weather. They say they leave him that way in respect to his own will. According to the inhabitants, there were several attempts, but the saint will throw to the ground any glass, any dome they try to place above him. They believe that it was the saint's perspective, from that strategic spot in the landscape, that allowed him to see and sink a pirate ship that was coming to attack the settlement.

## Fickle lights

To Saint Francis, nature and humanity are part of a great fraternity; they are as elementary as light and color are for painting. Through a method, a rule, an Order and a mystic, the author reaches us with the simplicity of his work. Convents, as depositories of the ever renewed radiance of a lifestyle through the centuries, speak to the world and, in different contexts, impregnate narratives, gestures, ways of experiencing religiosity, songs, nativity scenes, *lapinhas* and pastorals with their grace.

Franciscan buildings, therefore, have Francis as their highest reference. A man who, all the way from Assisi, towards the four corners of the world, launched multiples of his cosmic experience.

Convents throughout the world unite times, worlds, Old and New, North and South. Those who did not succumb still preserve the sensations that made them exist as art. As such, they can reach people, in time and space. And, in

daily life, the company of convents, if only through the frame of windows, adds quality and dynamics to the human process of reinventing places, landscapes and art forms.

In Marechal Deodoro, the time spent in the place brought with it the voices of the Franciscans who shared certain values and meanings for life. Still, even before the first signs of decay of the building's materiality, religious men had migrated to other convents or, like Saint Francis, thrown themselves into life, in communion with everything, with time and death itself.

Saint Francis was assured of the divine essence in everything. That is why, even when silent, the convent tells us that the God of Francis remains among us, reminding us, for instance, of the importance of maintaining the integrity of ecosystems. And also that, before the arrival of "our sister, bodily death, which no man can escape"[76], we may still expand and nourish the capacity to restore – by similarity – not only the convent's materiality, but also the now polluted waters of the lagoon that surrounds it, and the very perception of the men who rely on it for survival. If we imitate the ***frater*** Francisco, we may not only ensure that the fisherman will have his fish, but that the "sister" waters of the lagoon will stay limpid through time, as a gift.

Light begins at the star and travels alone. Some convents, like stars, still shine in the human space, but we don't know for how long we will be able to see them. Convents don't thrive only on our glances. Sometimes we say that the star we see is no longer there. It's true. Still, their light shines on us. And here on Earth, we still look at stars and convents. In some of them the radiance is stronger. Particularly when they're filled with daily life. In this case, the surrounding landscape also seems to become a star from which light insists in departing. When a convent is empty, like a light-deprived star, we must extend an invitation: to open the windows and tread the paths opened by remembrance. Shortcuts are many, and not always easy or safe. But it is through these paths, lodged in minds and hearts, that we will try to access some of the light that now shines on the Convent of Santa Maria Madalena in Marechal Deodoro.

And, since the world will not stop moving, it is interesting to know this history of centuries told in an instant, contributing to construct a glance on the House of Madalena.

> The history is a bit long because the convent began in early 1635, when the Franciscans arrived here. All they found was the land, and here, by the lagoon, they found a good place to build a convent. Since they had no resources, they built a shack with straw and branches. Twenty-five years later, they managed to get these resources. In 1660, they began the construction, placing the first stone of the church's foundations. After the church was finished, they began the convent. Works began in 1660 and were completed only in 1796. That is, it took them one hundred and thirty years to finish the building. From 1796 until 1821 it worked as a convent. When the Franciscans left – we don't know why – the building was abandoned. As it was a big and very safe building, they decided to turn it into a barracks for a huntsmen battalion. It remained as a barracks from 1821 to 1839. Note that the barracks occupied only the ground floor of the cloister. They used some areas such as the cells, the kitchen and other quarters. After the barracks came the orphanage, the seminary and the boarding school. The boarding school came around the early 20th century. From 1915 until around 1970, when the building came to ruin. They transferred it to the building next door and this one was closed. After the reform, which lasted nine years – from 1975 to 1984 –, the Museum of Sacred Art was created on August 5, 1984. This is the history of the building. This is the history of the convent. Messias, 36 years old, guide in the Museum of Sacred Art, interview from 10/2008.

76. This phrase, written by Saint Francis, was extracted from one of the signs displayed along the "penitence pathway" of the Convent of Nossa Senhora da Penha, in Vila Velha (ES).

# III. THE MATERIALITY AND RESTORATION OF THE CONVENT OF SANTA MARIA MADALENA



*Ana Cláudia Magalhães*

## Body and soul in conventual expression

### The convent in history

The construction of the Franciscan complex of Santa Maria Madalena began after eleven convents had been built in villages and towns along the coast of Northeastern Brazil. At that time, an architectural model had already been established, and would be truly confirmed after the end of the Dutch invasion[1], when many buildings had to be recovered, since one of the most significant consequences of the period known as the "sugar war" was the summary destruction of several Franciscan conventual houses.

After 1684, with the end of the invasion, the so-called restoration of the Captaincy of Pernambuco begins, and with it what Glauco Campello calls the "golden period of constructions"[2], extending until the 18th century. In that period, the old Franciscan buildings were restored and new ones were built, with more advanced techniques and resources favoring new forms of aesthetic and constructive expression.

In this sense, the Convent of Santa Maria Madalena follows a consolidated architectural tradition, ensuring the continuity of the model advocated by the Franciscans. Still, while it is a fragment of a whole integrated by an omnipresent style, it was also very particular, with its established identity as part of the locality of Marechal Deodoro.

On the other hand, no less important in the configuration of its physiognomy were the cultural and anthropological phenomena experienced between hallways and walls: social practices that, materializing through facts marked by the conflicts of Colonial society, were used as instruments legitimating the convent in the eyes of the people. Beyond religious meaning and the mere visual fruition afforded by its plastic attributes, meanings and values were provided to qualify each conventual environment as a unique scenery for varied interactions.

Franciscan presence in the old village of Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul begins in August 1635, when a group of Franciscan friars, in a desperate flight to Bahia, built a small retreat with an oratory in the village and settled there[3]. Less than a year later, they abandoned it. Friar Jaboatão comments: "and thus the People of Alagôa were frustrated in their wish to also see one of our Convents in their Village (...)"[4].

In 1657, in the name of thea population, local authorities (vicar, judge, mayor, town councilor, solicitor) asked the Franciscan Custody to send friars to the village and to build a convent, promising to help in every way. Thus, they managed to fulfill the requisites prescribed in the Order's Statutes, offering the site for the installation of the convent and the alms necessary for the support of the religious men and the maintenance of the conventual house[5].

1. Dutch invasion in the Portuguese colony began in Bahia and lasted from 1624 to 1625. In Pernambuco, Dutch rule was maintained for the longer period of 1630 to 1654.

2. CAMPELLO (2001: 39) attributes Friar Daniel de São Francisco with the necessary impulses towards the physical and aesthetic recovery of the old convents of Olinda, João Pessoa, Recife, Ipojuca and Igarassu.

3. According to SANTANA (1970: 29), at that time an entourage of eight thousand people was flying from the Dutch towards Bahia. With it were almost forty Franciscan friars who had abandoned the convents located between the current states of Pernambuco and Paraíba. Part of them stayed at the Village of Magdalena, but soon after that the conflict itself made them leave the retreat, less than a year after its installation.

4. JABOATÃO, 1980: 605.

5. Cf. FRAGOSO, 2004: 32-33.

Although the Franciscan chronicler described the building and signaled its location in the urban environment, it is still a matter of doubt if the place chosen for the convent was the same that sheltered the fleeing friars: "it is located at the same place as the retreat at the end of the Village's streets, with a wall of stone and lime, with its cart gate by the beach (...)"[6].

At first only two friars inhabited the building, but gradually the primitive retreat gave way to a larger building, that took centuries to complete. Its construction began in 1660, with Friar Pedro de São Paulo officially named the prelate of the new convent. In the first semester of 1662, during the festivities of Holy Week, the first Mass was celebrated and, in October of that same year, on the day devoted to Saint Francis, the sacrarium was placed in his chapel, although the latter would only be completed in 1689.

Jaboatão[7] describes the retreat as "being fully perfect", but goes on to inform us that for sixteen years it was occupied without the adequate commodity, because, until then, the plot of land hadn't been officially donated to the Franciscan community.

The construction of the structures necessary to conventual life would begin only in 1684, when the cornerstone of the hallways was lain, after the consent of the Brotherhood of Nossa Senhora da Conceição, who owned the land. That same year, the site's property conveyance was handed to the **Order of Friars Minor**.

The land that had been donated presented favorable conditions for the construction of the convent, and was adequate to the material needs of the friars. The plot's dimensions, the access to potable water and the proximity with the urban center favored the pursuit both of conventual activities themselves and of parallel activities necessary for the subsistence of religious activities, such as cattle breeding and agriculture[8]. And thus, at the banks of the Manguaba Lagoon, the Franciscans found the perfect place to build their convent.

No information could be found on the authorship of the project, nor further details about those who performed their trades there, probably because they were done by the friars themselves, who had many craftsmen, architects and artists of all specialties in their midst. History even points to the presence of a lay brother called Friar André de Sant'Ana, who lived in the convent and was a theologian, philosopher, goldsmith, carpenter and scribe, and also had the artistic talent of a sculptor and painter[9].

The most significant works in the building were completed in 1723, when the high chapel had been finished and services were underway on the church and the friars' dwellings, including the cloister's upper gallery. In 1759, the church was still uncovered and the façade was at a more recessed position than it is now.

The Portuguese Crown gave its share of contributions for the convent's maintenance, but its construction was undoubtedly the result of the collective efforts of the village's productive population, by then socially and economically stratified, who managed to conjoin their efforts for the benefit of construction works[10].

6. JABOATÃO, 1980: 608.

7. JABOATÃO, 1980: 607.

8. Cf. ROWER, 1947: 97 and MARX, 1984.

9. JABOATÃO, 1980: 609.

10. MARX (1991: 39) states that the believers "provided, thus, the conditions for the construction of the temple, its maintenance and repair, its liturgical equipment and effective functioning". The *Book of Guardians of the Convent of São Francisco da Bahia (1587-1862)* informs us that the convents received from the Portuguese government the ordinaries, consisting of wine, olive oil and wax, to be used in Mass, and wheat flour for making hosts (1973: 74).

A document dated 1735 declares that, with the alms collected, in a short time the convent had gathered a small patrimony formed by an island with crops, cattle breeding, a recreation house, twenty-eight slaves, as well as livestock, sugar, tobacco, flour, rice and vegetables for their maintenance[11].

Even so, the enterprise faced difficulties, and construction was paralyzed for about thirty years, since the alms collected and the contribution of the locals was not always enough to maintain religious men and their activities[12].

Only in 1784, after the narthex had been added, the façade was brought forward and elevated as high as the choir to occupy a wider portion of the plot. The porch possibly also dates from that time. Its completion, in 1793, was marked by the introduction of a bronze bell in the tower. Made in Portugal, its sound was vital to the urban and cultural dynamics of the time, because of its role as "announcer of Christian hours"[13], around which the whole Colonial society was organized.

The convent building was designed as an elongated block with two stories, recessed in relation to the church and separated from it by a wall of stone and lime. Its façade is cut with several openings, such as entry doorways, small windows (at the cells), French windows with guardrails (at the former library) and wider windows (at the old corridors between the cells). A sense of horizontality is ensured by its length, greater than its height. The belvedere and what seems to have been a chimney are the prominent elements in the ensemble's volumetry, standing higher than the roof.

The self-supporting walls were made of mixed masonry consisting of rough stone and bricks of cooked clay. As for the wall surrounding its backyard, it is completely made of stone and lime. The roof, made of barrel clay tiles alternating between concave and convex placements, has a wooden structure and *beira-seveira* eaves, with three successive layers of tiles.

Calcary stones, abundant in the seaside region, were widely employed for the confection of other parts of the building, appearing particularly as components of façades and other parts of the complex's internal areas. They were also explored plastically on the façades of the Church and Chapel of Ordem Terceira, the cloister and the main stairway. As rough-hewn stones, they also appear in the frames of doors and windows, arches, lavabos and holy water basins.

Once the conventual complex with its church, the Chapel of Ordem Terceira and the friars' dwellings had been completed, the architectural composition was finished up with a high cross in front of the church. This Latin Cross lies on a wide pedestal, as usual in Franciscan houses of the time.

This was the conformation of the Colonial religious building, where stone and lime – spatiality, plasticity, architecture – met intangible aspects such as Catholic rites and celebrations, exalted sermons, chants, incense, *alfaias*, effects of light and shadow that, with juxtaposed depictions and symbols, configured the great scenic space of Baroque where the Christian drama was spectacularly performed, particularly within the church.

But the Convent of Santa Maria Madalena was not characterized merely by its built dimension. Unbuilt areas were there, quite present and connected to the architecture: the parvis and the convent grounds – stable elements, found in every Franciscan conventual composition. In the grounds, we may still see the old cart gate, an opening located

11. *Contestação do Advogado dos Carmelitas Velho Barretto às Allegações dos Franciscanos – 1735* (1879: 30).

12. *Certidão Passada pelos Officiaes da Camara da Villa das Alagoas Acerca do Estado do Convento de S. Francisco, 1759*. (1859: 34-35)

13. PASTRO, 2001: 71.

at the beach of the lagoon, originally used for the passage of oxcarts or wagons. Mentioned by Friar Jaboatão[14], it is now in ruins, but it is still possible to observe the careful cutting of the stone that frames the opening.

In the early 18th century, we may say that the Franciscan Order was fully integrated to the local context. It was intensely active in the community, offering, in addition to liturgical and missionary activities, Grammar lessons (first letters) for the population since 1719. Providing regular sacramental assistance in the convent, the practice of begging for alms was the only one that offered them the opportunity to leave the cloister. A document dated 1759 confirms its attributions:

> We certify that the reverend religious men of St. Francis in the Convent of this village live in regular and perfect observancy of their sacred institute, possessing or accepting nothing personal from which to derive income for their subsistence and dressing, as they are and will always be satisfied with whatever they acquire by begging for alms... the products of their labor, such as saying Mass and preaching, without attending funerals because it is well known that Capuchins like them are not allowed to leave in a formed community and accompany processions and funerals outside the convent, and they have always been and will always be of great spiritual use by administering sacraments in the convent, not only to Third Brothers who are instructed and exercised by their commissary in every cult pertaining to that venerable order, but also to every fortunate one who comes to the convent during Lent and other times of the year(...)[15].

The conventual space was also a social reference: it was used as meeting place by lay groups, associated in various brotherhoods. The Brotherhood of Saint Benedict, formed mostly by black believers and other devotees of the Franciscan saint, met at the Franciscan convent for a long time. The convent also housed the Third Order of Saint Francis, traditionally formed by the local elite, who, at a later time, built their own temple next to the Church of the First Order.

This was the physical structure where most religious scenes in the village took place. There, in that convent, for about two and a half centuries, intense religious and social practices that were part of the cultural apparatus typical of Brazilian Colonial times were experienced. After the 19th century, however, a new phase began, gradually establishing and imposing new appropriations and uses for the building. This was a period when the exhaustion of its religious role, due to the decreasing number of friars, signaled the appropriation of the building for other ends. The church maintained its daily liturgical activities, but the convent itself was impoverished.

From 1821 until 1839, the ground floor of the cloister, the library and the external areas were used as barracks for a group of soldiers in the Huntsmen Battallion of Maceió. Soon afterwards, it sheltered the victims of the great draught that afflicted the backlands of Alagoas, bringing severe damages to the monument. In 1855, with only three friars as residents – Guardian Friar José de Santa Engrácia Cavalcante, President João das Chagas de Cristo and Ostiary Friar José d'Anunciação –, the building showed many signs of degradation in its physical structure. It was gradually depleted, and, in 1879, only three religious men and four slaves lived in the convent. Twelve years later, it was occupied only by the Guardian friar[16].

This decadence had been announcing itself since 1764, when the Marquis of Pombal forbade the admission of novices, unleashing a crisis with drastic consequences for the history of the Franciscan Order in Brazil. Although revoked in the 19th century, the law went back into effect in 1855, deterring new members from joining the regular

14. JABOATÃO, 1980: 608. These grounds still presents a lush greenery of tall and medium plants, comprised of fruit trees typical of the region, several kinds of palm trees, creepers, ornamental herbs and grass.

15. *Certidão Passada pelos Officiaes da Camara da Villa das Alagoas Acerca do Estado do Convento de S. Francisco, 1759*. 1879: 34.

16. SANTANA, 1970: 31.

orders. Then, all Franciscan convents in the country started to be underused, with a reduced number of friars, which, among other things, was detrimental to the conservation of buildings. Another factor that may have caused this depletion was the high number of deaths of religious men. In face of this decadence, the Franciscan Province of Brazil was almost completely extinct, starting to recover only in 1893, with the so-called "Restoration" that brought German friars to the country[17].

As we have seen, the conventual complex of Marechal Deodoro was not immune to this problem, suffering the consequences of nation-wide historical and political developments. On the other hand, the loss of the town's condition as Province capital to Maceió generally enhanced a process of economic and social stagnation that had been announcing itself for a while. This was certainly reflected in the conservation of its religious and civil monuments.

In 1902 the Provincial Seminary of Alagoas was founded in the building that, by then, was uninhabited. At the time "a great reform was made in the old convent of the town of Alagoas", since 70 to 80 seminarians were expected to occupy the building[18].

In spite of the physical interventions undertaken at the occasion, the most severe damages seemed to have worsened, since, merely two years afterwards, the seminarians were transferred to Maceió, claiming to seek for better accommodations. Practically empty, it remained in a state of complete abandonment for many years, until, in 1914, the friars in the Province of Santo Antônio, gathered in Bahia, decided to donate the building to the Archdiocese of Maceió, as they had no means to restore it or friars to occupy it. In 1915, the Orphanage of São José was installed there, run by the Nossa Senhora do Bom Conselho Society. In 1923, the Firmo Lopes Pavilion, where the orphanage's festivities took place, was installed at the back of the convent.

With its value acknowledged by the public power, the convent was listed as a Federal Heritage Site in 1964. In 1967, when the building was in a terrible state of conservation, the Firmo Lopes Pavilion was annexed to the building of the São José School, maintained until 2007 by the Claretian Society of Education and Assistance, from Londrina (PR), now empty.

In an attempt to preserve the monument, practically abandoned and in terrible conditions, an institutional interaction involving the state government, the Nossa Senhora do Bom Conselho Society and the Archdiocese of Maceió sought not only to establish a new use for the old convent but also to obtain the resources for its restoration and maintenance. This was achieved from 1975 to 1987, through a partnership between Sphan and the Government of the State of Alagoas. In 1984, after restoration, the Dom Ranulfo Museum of Sacred Art of Alagoas was inaugurated, and remains open to this day.

That same year, with the approval of Iphan, a part of the convent grounds was ceded for the construction of the Marechal Deodoro Technical School of Arts and Trades, as long as it "maintained its adequacy with the old ensemble, in terms of placement, relationship between full and void in the façades, dimensions, shape, disposition, declivity of roofs, color, materials and, particularly, concerning the existing plant coverage"[19].

This officialized the appropriation of the convent lands. The ETFAL, now called Alagoas Federal Center for Technological Education – Marechal Deodoro Decentralized Teaching Unit, was built in 1990. Although one of

17. ALMEIDA, 2009: 100. Cf. also WILLEKE, 1973: 42. For reasons that are still unknown, the Convent of Santa Maria Madalena, unlike the Convent of Nossa Senhora dos Anjos, in Penedo (AL), did not count with the presence of German friars.

18. *O Semeador* newspaper (2002: 8) and MERO (1993: 100), transcribing a quote from a newspaper at the time.

19. Data found in documents from the archives of the Regional Superintendency of Iphan in Alagoas, in March 2005.

the conditions for the donation was the recomposition of part of the old stone wall that had collapsed, and the demolition of the São José School, this commitment was never fulfilled: the wall's restoration was never even considered and the school, although no longer in activity, remains there.

The occupation of part of the convent grounds was justified, at the time, by the need of revitalizing the area and by the imminent danger of collective invasions. The fact that the monument, as Federal Heritage, included the building and also its site, as admitted by Augusto Silva Telles, the director of DTC/SPHAN in 1983, was not taken into account[20].

In fact, every convent in the country suffered with the the division of their lands. The decadence of monastic life, with the consequent physical degradation of convent buildings from the 19th century, appears as a crucial factor in the process whereby great shares of land belonging to the Franciscan Order were appropriated throughout Brazil[21]. In some cases, this happened even before the 19th century. In the case of Marechal Deodoro, the fragmentation of the space began when parts of the land were ceded for the aforementioned constructions. With that, its total area, that used to be 58.700m², has been reduced by more than 50%.

## The Convent as inhabited space

Built with the appropriate infrastructure to support the daily lives of resident friars, the Convent of Santa Maria Madalena was meant to be one of the nodes in a network established by the Franciscan Province of Santo Antônio, in which every convent in the Northeast played an important role, since they all "worked as centers for the support of friars and missionaries"[22]. Small when compared to other monumental buildings of the Order, its architectural plan follows a simple structure, easily lending itself to the fruition and contemplation of its users.

A point of passage in the incessant itinerancy of missionary friars from Pernambuco to Bahia, the Convent of Santa Maria Madalena was meant to shelter not only its inhabitants with dignity, but also the occasional guests. There, the whole spatial disposition was intended to welcome dwellers and visitors alike, with their collective practices, as well as seeking to translate a religious dimension whose gestures are expressed, seen and, especially, sensed, through the language of architecture.

In this sense, although its architectural program is not very lofty, it provided the necessary environment for the performance of the friars' daily activities, whether in the privacy of the cloister of in the perspective of interaction with the population.

With the exception of the church body, this convent is marked by a decorative simplicity that does not impoverish it. On the contrary, the building is enriched by the confrontation between its ornamental subtlety and erudite design, apparent in the definition and disposition of spaces, outlines, indentations, metrics, resulting in a composition whose formal appeal flows with ease between simplicity and sophistication.

Considering that the Order lived on alms, the convent could not hold a great number of dwellers[23]. An analysis of the floor plan shows that there were about fifteen small cells on the upper floor and three smaller ones on

20. Research in documents from the archives of the Museum of Sacred Art of Alagoas, formerly the Franciscan Convent.

21. Cf. MARX, 2000.

22. ALMEIDA, 2009: 114.

23. In the mid-18th century, disputes over the collection of alms and donations caused a serious dissension between the Franciscans, already established, and the Carmelites, who wished to establish themselves at the village. The conflict, with political consequences, was detrimental to the Carmelite presence, and eventually they had to leave the village.

the intermediate floor[24]. In each quadrangular cell there was a corresponding small window, surrounded, on the outside, by a stone frame. The extremity of what used to be the corridor of the cells leads to a larger room, marked by a generous window with **double benches**, intended to bring light and ventilation to the circulation areas and to be used as a convivial space.

The dwellings of friars followed a simple program, distributed between common areas – cloister, refectory, *De Profundis*, chapter hall, library, vestibule, consistory, sacristy – and service areas: kitchen, flour room, latrines, storage rooms, quarters for slaves or servants.

Two stairways link the two floors, one connecting the refectory to the cells and the second, more monumental, located between the church and the sacristy, leading directly to a hallway before the cloister's upper gallery, or a great hall, probably used as the consistory, where brotherhoods would meet and where they kept the *alfaias*, vestments and other objects used in processional corteges.

The main stairway, all made of stone, is notable for the artistic refinement of the springers on its handrails, at the base and at the top, on both sides. These are robust stone-carved pillars, presenting phytomorphic motifs, with acanthus leaves as its most explored element.

Anthropomorphism is also present in the **atlas** and **caryatids** at the base of the high retable. These are depictions of human figures, both male and female. Also worthy of notice are the wood-carved female figures at the guardrails of the stairway leading to the top floor (above the sacristy hallway) and at the guardrails of the choir at the Chapel of Ordem Terceira. In both cases, these women appear with naked breasts and the lower part of their bodies veiled. Their bellies are prominent and their breasts are marked, even with defined nipples, possibly alluding to the potential maternity in these figures.

The convent building, with its two stories, follows a rectangular model where a noticeable hierarchic order and architectural narrative confirm the cloister as a central territory, establishing a relationship with every other space. Emblematic in shape and in essence, the cloister subordinates everything to its attractive force, because of the historical destination that placed it as the defining agent in monastic architecture since the earliest Medieval monasteries.

A gallery that is geometrically inscribed in a quadrangular space, at the left side of the church, the cloister is a mandatory passageway for anyone who wishes to enter the church and most other spaces in the building. Physically characterized by the striking shape of a series of arcades supported by pillars, it presents an open area intended to provoke strong cognitive impressions, "in a symbolic association with paradise"[25]. From there, it is possible to contemplate the celestial dome in its entirety.

The place for the friars' internal, private processions, the silent environment of the cloister was inducive to prayer and introspection, while lending itself to the reading of books, as demonstrated by the presence of a small cabinet on the wall of one of the upper floor galleries.

24. There is very little information on the number of friars living at the convent. According to the Statutes of the Province of Santo Antônio do Brasil, a document dated 1683, at first ten brothers were meant to live in that house. The Report of Friar Domingos da Purificação, dated 1779, says that seventeen friars lived in the Convent of Santa Maria Madalena. Apud: ALMEIDA, 2009: 111.

25. According to VILAMARIZ (2002: 29) "inside the monastery, the true heavenly space was the cloister, with its garden charged with associations, ranging from the symbolism of plants – the rose, for example, was a symbol of the blood of Christ – to a parallel between water – at a fountain or even at the lavabo – and the rivers that crossed the Garden of Eden".

In terms of visual language, we can also find here the standard common to other cloisters, aiming to establish a connection between heaven and earth, with its stone arcades announcing the frontier between internal and external space. Its visual predominance, however, is also determined by sensible aspects such as the smooth walls contrasting with different meanings wrought in stone, or the sacralization of the floor by the rows of gravestones.

The ensemble seems to emphasize the contours of the double pillars, a singular shape that differs from those of every other Franciscan cloister in Brazil.

Confirming the sacredness of the *paradisus claustralis*, the tombs are there. Throughout the perimeter of the gallery, the rectangular gravestones represent the "underworld"[26], one of the three levels of a wider spiritual universe with which religious men will establish a relationship at the cloister (the others are heaven and earth). It is possible that only friars were buried there, and one of the blocks was reserved for the Brotherhood of Saint Benedict. A preliminary research in the book *Et Orent Pro Defunctis* shows that, between 1665 and 1881, forty four brothers died in the convent of Santa Maria Madalena.

The chapter hall, usually one of the most prominent spaces in the convent, is a small room in Santa Maria Madalena, highlighted not by its furniture or decorative arrangement, but by the mystical character of its original role as a place for meetings and prayers. The privileged position of this room in relation to the others in the convent is perceptible in subtle, but eloquent gestures. Among them, the symmetric rigor of its placement at the center of one of its galleries; the **round arch,** lying on pillars with a polychromed surface showing floral motifs within geometric themes, as the stately entrance to the room; the wall paintings, including traces of a composition whose design is reminiscent of a retable with a central niche sided by twisted-shaft columns[27].

The old vestibule lies parallel to the wall of the church. This room opens directly to the narthex and on its outer door are metal spokes that, while maintaining the privacy of the cloister, allowed friars to communicate with the world outside.

This is a wide room, but deprived of any of the adornments typical of the stately vestibules announcing the access to convents. With no traces of old decoration or furniture, all that could be found there was a niche, roughly carved onto the thick wall, with indentations to be used as shelves and located immediately after the entrance.

The sacristy, originally used to store the *alfaias* and vestments employed in religious ceremonies, was always an exemplary space, because of its meaning within the constructive logic of the convent, but also because of its materiality. Its location in the church has been the same for centuries; novelties in Catholic liturgy could not alter that feature, found in the earliest Christian temples and promoting a trajectory sacralized by tradition. From the sacristy, the priest moves on to the church, performs the ceremony and returns to it after its conclusion.

Its furniture is no longer comprised of those pieces commonly found in the sacristy of old convents: today, it retains only an amice counter and a jacaranda chest. Other that these, it has no ornaments to highlight its importance in the ensemble. Only one of its walls is enhanced with a stone lavabo, flanked by two concave niches topped by a round arch.

But the existence of a majestic doorway announces the possibility of a new perspective for the insertion of the sacristy into the spatiality of the convent. Opening to the outside, this door is surrounded by a broad frame, completely carved in stone, and seems to indicate not only the access to a special place, but also the intention of expanding the building towards the Northwest. In this case, the sacristy would be transferred to the rear part of the church, admitting the form that is most commonly found in conventual houses of the Franciscan School of the Northeast.

26. BORGES, 2006: 69.

27. This painting appeared during the restoration of the Franciscan complex, and part of it is still covered by layers of repainting.

The belvedere – designating the old library – is a quadrangular room, with three walls facing the outside, and communicating with it through windows. To reach the belvedere, one has to walk through the former row of cells. The room is elevated in relation to the volume of the convent building; for this reason, it has a privileged view of its surroundings: the town, the lagoon, the greeneries in backyards. Through this room, a connection between the **interior** and the **exterior** is fully achieved.

For a comfortable contemplation of the landscape, of the streets with its simple houses, the French windows are provided with double benches. The openings consist of French windows with **shutters**, allowing one to lean over an elegant wrought-iron railing.

The library has lost all the furniture that used to characterize its use, as well as its valuable bibliographic collection, probably including books on Philosophy, Theology, expository, predicative or historical, emphasizing Franciscan Medieval thinkers[28].

The kitchen is broad and well-lit, and its use is clearly noticeable by its connection with the refectory and the flour room, through quadrangular passages and cuts into the walls, including a serving hatch.

This is a vigorous room, following a regular design, with doors and windows facing the outside, and communicating with contiguous spaces such as the refectory and the flour room through small openings on its internal walls. There are few traces of its equipment, with the exception of a large tiled sink and a recessed space at the back, elevating above the roof and evoking a chimney, now used as a water tower. The oven was probably installed there, at the ground level.

In the convent, tiles are modestly employed in architectural elements, appearing only in the kitchen. They date from the 19th century and present phytomorphic motifs, with the repetition of two models of flowers, in monochromatic shades of blue on a white background. This is a tile panel of the "*tapete*" kind, manufactured with a stencil technique[29].

Connecting directly with the kitchen, the flour room was used to store the products that were necessary for the daily nourishment of friars. On the other extremity, after *De Profundis*, the refectory. A larger, rectangular hall, it is very wide and well-lit, since two of its outer walls are cut through with a sequence of windows. In its interior, inset on the wall, there is a stone counter, with rich details sculpted at its lower part, which seems to have been used as a pulpit for sermons and readings appropriate to mealtime, although it has no traces of a guardrail or a stairway.

Although none of its traditional furniture has been preserved – nor tables, nor benches, nor images – there is a certain nobility and solemnity in this environment, evoking a time long past when the **food** was shared to strengthen body and soul. This is a place where communal life was fully experienced by sharing bread.

In addition to these, other rooms must have been important in the convent. We know that there was no infirmary[30], and that there was a cemetery that served the population until the mid-19th century, located outside, between the church and the Chapel of Ordem Terceira, although on the inside its floor is also torn by gravestones, both in the nave and in the cloister.

The almost complete absence of documents regarding this convent made some spaces difficult to define, such as a small room at the ground floor, opening to one of the galleries in the cloister. The same question applies to the hall

28. Convents kept libraries with the Order's basic works, aiming to stimulate the moral and intellectual development of friars. Cf. ALMEIDA, 2009: 102-103.

29. JÚNIOR e MACHADO, 2008: 65-66.

30. JABOATÃO, 1980: 609.

above the sacristy, whose utility we could not specify. It may have been used as a consistory, or it may have contained cells, or the veranda, where friars would perform their mandatory studies[31].

Service areas were located at the tall basement, right below the old library. Latrines were located at the upper floor, near the cells.

Baroque culture is apparent in many aspects of its composition, eloquently or subtly, materialized or merely sensed. It is at the church, however, that it is stated most strongly, sometimes mingled with Rococo features, as in the stone adornments marking frontispieces, the top of pediments, the hollowed guardrails, the oculi, the Franciscan emblems, the casements and arcades, the pinnacles: different elements that, emphasized by their careful carvings, sweeten and soften the raw matter.

Completed in the late 18th century, the internal space of the church is divided into porch**,** narthex, nave, chancel and lateral chapel. The convent is at its right side, and communicates with it through doors and tribunes. Its location, centralized from the perspective of the parvis, draws the attention of those who contemplate the built ensemble. Immediately distinguishable is the porch, a recurrent element of Franciscan architecture, occupying the whole extension of the façade and featuring four openings in round arches, closed with panels carved as railings. On each side there is a repeated opening; the leftmost one, covered with rammed earth at an unknown date, led directly to the interior of the convent. This opening may have been the "doorway of the poor", a recurrent element mentioned in Franciscan conventual historiography. It was a door through which the poor, wayfarers and pilgrims were welcomed and received some sort of assistance from the friars. Friar Basílio Rower calls it the "vestibule or special house where distributions are performed"[32].

Corresponding to each entrance to the porch, at the upper floor, is a French window belonging to the choir, with a depressed arch as lintel and a beautiful guardrail in wrought, sculpted and hollowed stone.

According to Bazin[33], its slightly undulate cornice – with an stronger movement at the center insinuating itself into the pediment – results from the transformation of façades after 1760. Under this half arch is the oculus, right above the central French window, with its frame in carved stone.

The pediment reveals its triangular origin. Still, what might have been a rigid cornice is fragmented into a series of curves and countercurves topped by robust volutes. At the center is a niche holding the polychromed terracotta image depicting Saint Francis of Assisi.

Another fundamental element in the aesthetic composition of this façade is the bell tower. Although in other exemplars it traditionally appears at a recessed position in relation to the frontispiece, in this case it is aligned with it, contributing to the plastic composition of the whole: the series of openings continue, integrating the relationship between full and void.

The campanile, topped by a polygonal socle, is finished up with an acroterion with a small cross. At the four extremities of the bell tower there are elongated pinnacles. This volume standing above the roof is horizontally divided into three parts, each with its opening. Built in the 18th century, the campanile belongs to the same family of bulb-shaped elements with ornaments reminiscent of the Far East[34].

31. *Atas Capitulares da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, 1649/1843*, p. 212, nota nº 6.

32. ROWER, 1947: 100.

33. BAZIN, 1983: 178.

34. BAZIN, 1983: 151.

Completing the architecture of the conventual complex is the Chapel of Ordem Terceira de São Francisco. Built to house the Third Franciscans, men and women, it was established in the old Village of Santa Maria Madalena in 1719, by Provincial Friar Hilário da Visitação. The first election for the board of directors took place that same year, when Father Domingos de Araújo de Lima was chosen as minister. Until 1762, the Third Brothers would meet at an unknown place, possibly inside the convent church itself. They owned a two-story house where there was an oratory and a consistory. The group would meet and keep their processional objects there, after the foundations of the chapel had been lain[35].

Since 1751, even without adequate accommodations, the group had been in charge of several activities that took place throughout Lent and Holy Week, the most grandiose of which was the Ash Procession: "The Ash Procession, on the first Wednesday [of Lent], was an act of the Venerable Third Order of the Convent of São Francisco, drawing a great number of people, and performed according to the rule and statutes of the Order (...)[36].

In 1781, Dona Maria I, Queen of Portugal, approved the Commitment of the Brotherhood of Saint Benedict, with its seat at the Chapel of Ordem Terceira. The chapel is still called Saint Benedict by many locals, an indication of their devotional connection to the black saint.

The construction of the chapel followed three stages. At first, the nave and chancel were built; parallel to the latter, the sacristy; on the upper floor, the consistory. At the second stage, a room was built annex to the sacristy and, finally, at the third stage, an area behind the chancel[37].

The layout of its blueprint indicates that lateral galleries were planned to be built at a later time. Some other evidences of this were the pulpit and the tribunes, elevated upon the nave and chancel, although there was no way to reach them: these accesses would probably be added in the occasion of its expansion.

This chapel was a novelty in the usual standard of Franciscan convents, since, unlike the others, placed perpendicular to the nave of the church, it was built separate from the ensemble. This innovation was possibly due to the fact that, at the place where the brotherhood would normally be built, there was a private chapel, destined for the funerals of an important local family, taking the space that would usually be destined to the the Third Franciscans.

The interior of the chapel is iconographically poor, but it may have been deprived of its original ornaments. Currently, it contains only a masonry high retable, dated 1923, and the wrought-stone base of the old pulpit. A prominent feature of this building is the wooden guardrail in the choir, displaying good quality carvings, particularly the caryatid-style female figures. In the sacristy there is a simple lavabo, made of mixed stone and mortar.

But this basic architectural floor plan, allied to a modest iconographical program, was enough for the promotion of the religious and social activities inherent to the Third Order of Saint Francis, culminating in the Holy Week celebrations.

A prominent feature of the façade is the grand doorway, all sculpted in wood, attesting to the importance of its members, generally belonging to the wealthiest groups of the population. Marked by subtle mortar reliefs, the pediment of the chapel seems to work as a delicate frame for the wrought-stone Franciscan emblem, occupying practically the whole tympanum.

35. JABOATÃO, 1980: 613.

36. FONSECA, 1895: 43.

37. MELO, 1979.

Generally speaking, we may say that the church and the chapel form an expressive ensemble, with a slender profile, marked by decorations of controlled outbursts, conferring it a subtle, but striking plasticity. On the other hand, the possibility of viewing the buildings as a whole greatly enhances the ensemble, avoiding to compromise its potential unity, thanks to the visual liberty ensured by the parvis, whose integrity was partially maintained. Thus, the façade expands the dimension of the impact caused by the monument, contributing to ensure its presence in the town.

The history of the Catholic Church is marked by the use of artistic elements as instruments of catechesis and persuasion since the establishment of the first Christian spaces. Although there were disagreements in that respect, the institution stood firm against iconoclastic movements. In this sense, the II Ecumenical Council of Niceia, in 787, and centuries later the **Council of Trent** accepted and defended as positive the visual depiction of characters, elements and figures associated to Christendom in churches and other Catholic spaces.

Christendom in Brazil participated in this logic inherited from Portugal. The clergy who came to these lands brought with them the ideal of propagating Christian faith with plenty of pedagogical resources, including the arts. In this sense, we may say that Baroque was, by excellence, the language that best served this role, by its own nature. Since its appearance, the style was based upon the premises of Counter-reformation, as well as the peculiar cultural scenery of the New World, by which it was considerably favored.

The iconographical program of the Church of Santa Maria Madalena expresses this spirit and the importance, in the eyes of the Franciscans, of the place where divine cult was exercised most ostensibly and eloquently. There are not many references dealing specifically with its iconographical attributes, although certain pieces of information allow us to understand that the additions to its internal space were gradual, eventually leading to its current configuration. Added throughout the years, these attributes allow us to establish a new level of interpretation of that scenery. They have possibly been installed after the 18th century, when the construction was well advanced, and when part of the artistic elements integrated to the architecture were defined.

Devotional practices so dear to Colonial Catholicism and the Franciscan Order, in particular, required a great investment in the acquisition and making of furniture and other sacred objects. The Church of Ordem Primeira illustrates this wish, materialized at first in mural paintings, now imitating altars, now framing simples niches carved into the walls. Then came the wooden retables, the stone crossing, the pulpit, the polychromed ceilings, the tribunes, the jacaranda **wicket**, the valances above doors and windows, the choir rails, among others.

The wooden retables, precisely, are the most expressive elements. They stand high upon the walls of the church with a complex constructive technology, an accurate carving technique, incorporating polychromy and gold plating. The images of the saints in local devotion, or their patrons, were distributed among them.

Historiography tells us that, by 1759, the church already had polychromed and gilded retables[38]. These were probably the retables at the chancel and at the lateral chapel, whose artistic expressiveness includes them in the first cycle of Brazilian Baroque, the early 18th century. Along with the retable in the Golden Chapel of the Convent of Santo Antônio, in Recife, these are the oldest exemplars of carvings made by Franciscan workshops[39]. Their communicative expression uses angels, birds, fruit, flowers and foliage to consolidate, in an intricate texture, religious and symbolic representations. They were probably workshop pieces, that is, they were conceived and executed by the same carving workshop, probably artist friars belonging to the Order.

According to Friar Jaboatão, by the second half of the 18th century the image of Saint Mary Magdalene was already placed at the high retable, flanked by Saint Francis of Assisi to the right and Saint Anthony to the left.

38. *Certidão Passada pelos Officiaes da Camara da Villa das Alagoas Acerca do Estado do Convento de S. Francisco, 1759*. (1879: 34)

39. BAZIN, 1983: 311.

The lateral chapel, in its turn, was built perpendicular to the nave, thanks to the donation offered by Brother João de Araújo de Lima and Father Domingos de Araújo de Lima, in 1709, to fund its construction: "they mortgaged two thousand *cruzados* with interest, for ornaments, and vestments to the said Chapel"[40]. The retable held the images of Saint John the Baptist and Saint Dominic, in tribute to the sponsors of the construction. A funeral crypt below the ground, with a vaulted ceiling, held the funerals of the benefactors' families. Three gravestones remained, one of them reading: "August 1884".

By then, there were reserved spaces for the installation of the collateral altars by the crossing, dedicated to Our Lady of Conception and Saint Anthony, as mentioned by the chronicler[41].

By the mid-18th century, the church had all the vestments and *alfaias* necessary for its liturgical activities. In the 19th century, the lateral retables, dedicated to Jesus Crucified and Saint Benedict (the latter with the date 1841 inscribed at the crown), were incorporated to the nave.

Alongside the different rituals and ceremonies, there was also, not only at the church, but throughout the convent, an element that was essential to the religious dynamics of the time: the images depicting Catholic saints. "The image means the presence of the saintly, of the sacred, in the most varied circumstances of the formation of Brazil"[42].

Popular devotions were widespread and multiplied through all the villages and settlements of Brazil, partly as a Portuguese heritage and, on the other hand, as a typically Colonial phenomenon, inherent to the social and cultural processes of the local population. Add to that the countless devotions specific to the members of the Order of Friars Minor, as well as the brotherhoods that possibly met there, such as that of Saint Benedict. According to oral tradition, the saints that attracted the greatest number of believers in Marechal Deodoro were Saint Benedict (particularly among the black), Our Lady of Conception and Saint Joseph. These devotions are responsible for the great number of images still existing in the old convent, of which the following are the most recurrent: Jesus Christ, in scenes of the Passion, Franciscan saints (Saint Yves, Saint Gonzalo Garcia, Saint Felix of Cantalice, Saint Anthony, Saint Benedict), Saint Francis of Assisi, Mary Mother of Jesus (Our Lady of Conception, Our Lady of the Rosary, Our Lady of Sorrows, Our Lady of Patrocínio, Our Lady of Good Birth), Biblical figures (Saint John the Baptist, Mary Magdalene), celestial figures (Saint Michael the Archangel).

Following the same Evangelizing impulse are the polychromed ceilings. A prominent exemplar is that on the chancel, a **barrel vault** divided into 25 rectangular panels, possibly painted in the first half of the 18th century, with themes exploring Franciscan history, Marian themes and Jesus Christ. At the nave of the church, the smooth ceiling highlights the central medallion with a painting depicting the Miracle of Porziuncula, with Our Lady, Jesus Christ and Saint Francis as characters, surrounded by angels.

On the ceiling of the narthex, a painting depicts Saint Clare with her iconographic attributes, the staff and the lantern. As part of the ceiling, although extending towards the nave, is the inscription: "Fr. Manoel de S. Joaquim ordered the making of the present work out of wood and paint as a Guardian, year 1817. José Eloy painted it in the same year". It is one of the rare references to the authorship and date of a work in such an old building. It is possible that the same artist, at the same date, also made the painting on the nave ceiling[43].

40. JABOATÃO, 1980: 609.

41. According to JABOATÃO (1980: 608), all the ornaments necessary for the collateral retables had been ensured by 1660, in the first days of the building's construction, through benefactor Ignácio Vieira and his wife, who gained the privilege of burying their families by the retables.

42. HOORNAERT, 1977: 292.

43. Painter José Eloy worked in Recife and made some paintings found at the Monastery of São Bento (panel and ceiling at the sacristy), in Olinda (PE).

Burials in sacred places, such as churches and their contiguous spaces, were common until the 19th century, when matters of hygiene forced the construction of public cemeteries. This custom was maintained by the belief that having one's body buried in such a place contributed to the salvation of a sinner's soul. For this reason, people would go to great lengths to obtain the means to purchase such a privilege. On the other hand, it was an expression of faith to have the dead and the living sharing the same space[44].

Another striking element of the church is the extension of its nave, all marked by the presence of quadrangular gravestones, framed by chamfered stones. Some of them are inscribed with numbers, and in only one of them there is a small text– *S A DES B°* - possibly alluding to a member of the Brotherhood of Saint Benedict.

Note that the Convent of Santa Maria Madalena is enriched by the aesthetic complexity and the symbolic values of a great number of elements. There is a coherent articulation between Christian symbols related to Marian and Franciscan themes, ancient mythology, pagan and profane icons, heraldry and many other phytomorphic, zoomorphic and anthropomorphic decorative elements, as well as geometric motifs.

The iconography of the convent is enhanced by the whiteness of its walls and its shades are molded by the external environment, at each moment throwing lights or shadows on their surfaces. Adequate to the physical structure of the convent, to its role as an educating and catechetical agent, to its proportions, this iconography includes very sophisticated elements, in terms of their constructive technology and aesthetic attributes – such as the retables in the chancel and in the lateral chapel and the boxed ceiling in the church, or the incisive carving framing the door of the main stairway at the ground level hall – as well as simpler ones, such as the retable of Saint Benedict, the delicate volutes on the arcades of the cloister or the small holy **water** basins at the entrances to the church and chapel.

Its collection of images is one of the most representative in the history of Colonial image-making, including pieces of complex workmanship, in their sculpture or polychromy[45]. The rough-hewn stone of the arches, frames, crossing, lavabos etc. attests to the knowledge and technical and artistic expertise of the stonemason, granting, at the same time, delicateness and vigor to the built space.

Within the walls of the Franciscan Convent of Santa Maria Madalena, a fragment of the divine was materialized through its symbols and depictions, forming a delicate web where characters, lay and religious, sacred and profane, wove their lives and embroidered a place that was destined to be perpetuated. Perpetuated in memories, dialogues and affections.

## The Restoration: From Intention to Gesture[46]

Although there are several approaches to restorative interventions, a new panorama is appearing today in which restoration is conceived as arising from implications that transcend technological and scientific issues. Reliable information is obtained beyond the realm of the concrete: non-official memories, empirical data, cognitive aspects, among others that are also seen as fields of knowledge.

Restoration, in and of itself, is a producer of knowledge, as a result of the interaction and contribution of several actors: the materialized cultural heritage, the technical team involved, the user, the context and, permeating it all, a historical process that is continually recreated.

44. RODRIGUES, 1977: 67.

45. In 2000, eight of these wooden, gilded and polychromed sculptures were on display at the exhibition Brazil 500 Years, commemorating the discovery of Brazil, in the city of São Paulo.

46. The title was inspired by a line in the song by Chico Buarque and Ruy Guerra – *Fado tropical*.

It was from this perspective, embracing and accepting new possibilities, that we created the proposal for the restoration of the Franciscan Convent of Santa Maria Madalena, focusing on the building's dimension as a space out of time. In this way, the monument would maintain its integrity, in spite of its long trajectory and of the disruptions and fragmentations it suffered. It would also retain a meaning that would allow contemporaneous people to connect with it, felling provoked, affected, moved.

The acknowledgement that the monument is still present in emotion and in history helped define the series of interventions to be performed. Although apparently different from each other, all of them – maintenance, removal, changes, permanence – gravitate around a common goal, the dream of perpetuation.

In the 350 years since the beginning of its construction, the building has accumulated the marks imprinted by the passing of centuries, by its uses and by the many alterations introduced in its physical structure, bringing changes to its former aspect and spatial ordering. These changes were seen not only as additions brought about by time, but also as additional meanings that were gradually attributed to the space.

From the physical point of view, the consequences of the absence of friars in the convent were momentous. Its occupation, in the mid-19th century, by migrants fleeing from the draught in the backlands and by a batallion of soldiers caused great damage to the building, as well as the introduction of new elements, such as the railings on ground-level windows.

Its gradual depletion and its state of abandonment propitiated acts of vandalism. Town dwellers themselves removed stones from the walls surrounding the convent grounds, forcing local authorities to take measures to curb these ravages[47].

In 1883, Pedro Paulino da Fonseca, the first governor of the State of Alagoas, born in Marechal Deodoro, described his impressions on the state of conservation of the monuments in his homeland, giving particular attention to the situation of the convent, at that time with very few resident friars:

> (...) From there we proceeded to the Ordem Terceira de São Francisco and then to the convent, the former in abandon, and as for the latter I almost cannot describe what I have seen and felt there. The walls are striped from top to bottom with bat droppings; the floor tiles in the nave are full of holes; seeing such things in passing I went towards the chancel of the majestic temple; there I was enraptured (...) with the paintings and gilding on the ceiling, still appearing (...) as new and beautiful as if they were the work of a few years back, although they date from more than a century ago; there I yearned for the feelings of yore, the scent of incense lingering in my nostrils from the festivities I witnessed there so long ago, impressions from the time when I was a boy, in mourning for all my eyes had seen there, all producing in my spirit a struggle between pleasure and sadness, ideal and reality, with the consequence of laughter and weeping; I could almost hear the sound of the music choir in the festivities of its time (...). True madness! Wiping the tears from my eyes I walked away thinking how urgent it would be to conserve the majestic temple, so deprived of resources[48].

It was this feeling of grief that possibly instigated the first official initiative for an intervention to restore that cultural asset. In a short period of time, the governor attained the funds for an emergency recovery of the building.

After 1915, when the building was occupied by the São José Orphanage, little by little, for a lack of financial resources and its intensive use by the many orphans that were sheltered there, as well as the teachers and the board of directors, new problems started to accumulate and aggravate, for the lack of immediate recovery.

47. According to SANTANA (1970: 32), this happened in 1868. Still, through time, the action of inclement weather, allied to the absence of care, caused the collapse of parts of the stone wall surrounding the convent grounds.

48. Pedro Paulino da Fonseca's will, dated 1883. Research at the archives of the Historical and Geographic Institute of Alagoas.

It was not until 1975 that the public government, through Iphan, began a major restoration, with services ranging from summary removals to the recovery and partial replacement of elements. Works included the replacement of roughcast (chancel, camarín and smoke room), the placement of brick floors (porch, tower, vestibule, lateral chapel, camarín, sacristy, refectory, stairway hall), cement floor at the outer pavements, replacement of floorboards (practically the whole building), installation of ceiling boards (cloister corridors and chapter hall), as well as interventions on the polychromed ceilings at the nave, narthex and chancel of the church, cleaning the ashlar (lintels, parapets, jambs of doors and windows), recovery of the roof structure and the casements, interventions on the retables in the chancel, lateral and collateral chapels, crossing, pulpit, tribunes, top of the pulpit in the refectory, recovery of eaves, hardware and iron railings. The building was also immunized against the attack of **xylophagous insects** and received electric and hydraulic installations. Still, only 2/3 of the necessary works were completed[49].

By this time, the Chapel of Ordem Terceira was completely degraded, in a terrible state of conservation. Continuing the process of restoration of the conventual complex, in 1987 this building also received recovery services, including the construction of stairs leading to the upper floor, the restoration of the choir guardrails, the removal of all the paint on the ceilings of the nave and chancel, sacristy, consistory, valances, guardrails of the choir and tribunes, and recovery of electric and hydraulic installations. A wall that used to connect the church and the chapel by their outer corners was completely removed, and a metal railing that was not visually aggressive was installed in its place. During restoration, vestiges of an old balustrade were found in front of the chapel, connected to the cemetery walls. Photographs dated 1955 show that the element still existed at that time, and the date of its demolition could not be identified[50].

The lateral and collateral retables of the nave, dated 1927, were also demolished, claiming that they compromised the aesthetics of the internal space, because they were recent and made of masonry, as well as the crude stairs leading to the pulpit and the wooden guardrails. The project also proposed a new use for the chapel, which, by then, maintained its religious activities, but would become an extension of the Museum of Sacred Art (established at the convent in 1984), to answer the needs of the community, including an auditorium, reading rooms and rooms for the practice of arts and crafts.

After the conclusion of works, the absence of preventative conservation routines, vital for the maintenance of the monument, caused new damages to the building, that reached high levels of degradation, with losses, compromises and several impairments to the development of museographic activities. Still, none of the institutions involved had the means to promote the actions necessary for its recovery. Some isolated actions were performed, such as small repairs at the roof and masonry, wall paintings and, between the late 1980s and early 1990s, some major or minor interventions such as those performed at the chancel, involving the retables and ceiling.

The wish for a wide, unlimited intervention was consolidated in public opinion, and the Nossa Senhora do Bom Conselho Society, who, as the monument's administrator, had been pursuing efforts to attain funds for that end, was finally contemplated, in 2007, with the sponsorship of BNDES. Funds were also obtained from Iphan, Telemar and Petrobras, who financed an extensive research on the building[51].

In addition to merely technical aspects, restoration efforts attempted to identify and value the most significant

49. Research in documents and reports from the archive of the Museum of Sacred Art of Alagoas, formerly the Franciscan Convent. According to these documents, all services were done under the direction of Professor Ayrton de Almeida Carvalho and conducted by José Ferrão Castelo Branco, a technician from Iphan in Pernambuco.

50. These photographs can be found in the Project for the Restoration of the Church of Ordem Terceira in Marechal Deodoro (1979), developed by architect Marta Maria R. da Silva Melo. Most of the interventions undertaken in the chapel, as well as its new functions, were proposed by the architect.

51. One major contribution was that of Petrobras, who financed, through a public bid, a historical research on the convent, undertaken by the Landscape Studies Research Group/FAU/UFAL, including expert consulting on monastic architecture and an archaeology team for a more consistent planning of the building's constructive stages.

elements of the Franciscan building, in order to enhance their presence in the context of the works, following an interpretation of the monument that showed a greater commitment with the Franciscan conventual model, in spite of the recurrent concern of leaving manifest, also, some of the contributions that history itself had aggregated to its physical structure.

As the restoration of the physical area and part of the artistic elements integrated to architecture approaches its completion, it is already possible to recognize the historical recovery of the monument, thanks to a greater knowledge about the building, the stages and movements in its construction. Recognizing the context of recurrence revealed in its constructive aspects, in its decorative details, in the flux directed by spatiality, in the way each room presents itself, it was possible to reaffirm its condition as a convent in the molds of the Franciscan School of the Northeast.

## State of conservation

The 21st century found the convent building in a poor state of conservation, with some rooms closed for the public and the suspension of secular liturgical activities. Not only its structural and aesthetic quality was compromised, but also its ability to function properly, whether as a museum or as a space for religious and cultural celebrations. The greatest causes of these pathologies were the inexorable action of time, humidity, biological agents, losses and inadequate previous interventions.

The interventions that produced the most noticeable changes in the former aspect and typology of the convent were: the removal of most cells and the elements that referred to them; the aforementioned demolition of the wall in front of the ensemble that demarcated the cemetery and appears in old photographs; the closure of doors and windows, very perceptible because of the disharmony in the relation between full and void in the façades; the several layers of repaintings on walls and artistic elements integrated to the architecture.

Difficulties regarding maintenance and preventative conservation services also caused degradations in the built space and its decorative elements. These include the ascending and descending spots of humidity on the walls, the decay of plaster, the presence of vegetation along the top of walls, cracks, damages to the casements, broken glass panes etc. But the roof concentrated the greatest number of problems, such as broken and lost tiles, attacks by xylophagous insects and the presence of fungi on wooden pieces throughout the structure.

But the greatest damages were observed in the area destined for liturgical activities. At the church, the ceilings and retables dated from the 18th and 19th centuries were in a terrible state of conservation, due to the intense attack by soil and dry wood termites, causing widespread losses, making the wood vulnerable and structurally compromised. Excess humidity reached the support as well as the polychromy and the gilding, particularly in the parts that came into direct contact with the humid walls of the nave. Rust on the metal nails corroded the wood, causing the dislocation of certain components of the piece. The pictorial layer was detached, with losses, dirt and spots caused by insect, bat and bird droppings. Add to all that the aesthetic compromise caused by successive repaintings on the surface of retables and ceilings.

Since parts of the cornice in the nave were threatening to collapse, access to the church, that until then was used for occasional religious activities, was forbidden, even for visitation. The problems in the building's physical structure consolidated the impoverishment of its functions. This had a direct impact on the relationship of the locals with the building. The affective memory of the people wished to claim back the full fruition of the church.

## Restoration as a sign of renovation of the ancient

The process of restoration welcomes the apparent contradiction between "doing" and "undoing". Conciliating the idea of a restoration with historical and cultural dynamics that presuppose losses and gains may have been the reason for the most intense moments of reflection that permeated the works, forcing the technical team to position itself when faced with the question of which memories to highlight, which historical moments to privilege.

In this sense, conflicts arose from the recognition of superposing memories forming a whole structure of references that, if suppressed, could become gaps of identity.

In addition to the population's affective memory, the memory of the Franciscan Order itself was omnipresent, and the restoration team sought to identify and value the most significant elements of the convent body, in order to enhance their presence in the context of the building as a whole. This was possible thanks to the recovery of an interpretation that was more committed to a model that had been previously identified and studied, although there was the recurrent concern of leaving manifest, also, some of the contributions that history itself had aggregated to its physical structure, the so-called patina of time.

In this sense, restorative interventions performed in the buildings of the conventual complex of Santa Maria Madalena were guided by the need to recover its material structure, made vulnerable by the absence of preventative conservation measures and by the several modifications introduced to its physical structure. Previous studies allowed us to foresee and pointed to the possible suppression of several elements of identity brought about by these alterations in the typology of the conventual model, particularly in the cells, the latrines, the refectory and the chapter hall.

The conduct that permeated all the services was based on wider concepts, according to a methodology whose criteria were supported by the careful analysis of Franciscan architectural premises and an understanding of the articulation between content/rule and form/built space. In this way, the contact of society with the convent was preserved, maintaining the attributes of public appropriation, reinforcing its importance as a tool of access to knowledge and, especially, perpetuating its presence as the place of memories.

## Services undertaken

### Stratigraphic surveys on walls and casements

The first service performed in the building were the stratigraphic surveys on walls and casements to detect the various existing layers of paint and subsidize interventions on areas of the plaster, since it presented various pathologies associated with excess humidity.

Accumulated knowledge regarding Franciscan architecture pointed to the possibility of finding, underneath the several layers of repainting, some kind of mural painting or even a wall tile panel. On the other hand, the possibility of observing the convent's chromatic expression and the behavior of colors in each room, in the different stages of its existence, prompted these surveys throughout the building, inside and outside. With this expectation, 125 surveys were undertaken, to identify the colors underlying the superficial painting and the number of layers of paint.

The building's original color was white, present throughout the building, although on the inside it was gradually covered with shades of pink, blue and green. In all the walls different applications of paint were found, possibly related to the different uses of the convent through time (army barracks, Catholic seminary, orphanage) after it lost its religious role as a Franciscan convent.

It was not difficult to establish which color should be applied in the convent: it is understood that the monument is qualified by its white walls, since it includes all other colors and for this reason potentially embraces all of them, greatly favoring effects of light and shadow in its environments and expanding the perception of details. In addition, maintaining this color reinforces a chromatic standard that is solidified in the people's imagination.

The same exploratory procedure was done on the frames of doors and windows. This stage of works was very meaningful, as it ensured the conservation of artistic paintings, also to be restored later, and provided the subsidies for the final stage of the monument's painting as a whole, with white on the walls and green on the frames.

But the greatest surprise provided by the stratigraphic surveys was the existence of artistic paintings underneath the surface. This new fact was evident in the *De Profundis* and chapter halls, but this aesthetic intention could not be identified in the other rooms of the building. The discovery of these panels, featuring religious or figurative themes, requalified the rooms where they were found, attributing them new values. With this, these places, whose original function was not clear until that moment, were granted a new status. In fact, artistic paintings were associated to prominent places within the cloister, and represented, amidst the brightness of whitewashed walls, a new stimulus to the senses, thanks to the shapes and colors that appealed to one's emotions.

### Roofing

The roofing was certainly the most damaged element, and, as a consequence, it submitted the conventual complex to a series of pathologies that quickly reverberated throughout its physical framework, causing structural and aesthetic harms: humidity spots on walls, floors and ceilings, hydrolysis of wooden elements, attacks by fungi and xylophagous insects, fragility of constituent materials (plaster, bricks, ashlar), among other losses that even compromised its stability.

The morphology of the roof itself, typical of the constructive technology of the time, caused a few problems for the restoration team, considering the intention of maintaining it, as a testimonial to the history of architecture. One of them was the slight slope that became practically horizontal at the eaves, causing rainwater to accumulate and infiltrate into the building.

Refusing to alter this old design, the team made the risky decision of trying to minimize the problem by nailing the roof tiles. Also, the eaves were not long enough to stop the water from flowing into the building in occasions of heavy rainfall. In this case, the cloister was one of the places that suffered the most, because, deprived of a covering or any kind of collecting system, it would receive all the water, damaging floors and, especially, the ashlar of arcades and pillars. It was a difficult decision whether to maintain or alter a typical language of centuries, recognized in all other convents of the Order. In this case also, after a long deliberation, the team decided to maintain the constructive standard, to avoid imposing an alien design to the building.

All the ceramic roof tiles at the church and the friars' dwellings, in a poor state of conservation, were removed and replaced by industrial tiles, whose pegs, dimensions and color were similar to the old ones. In the chapel of Ordem Terceira, whose roof was in better using conditions, they were only partially replaced: only the severely damaged pieces were removed, and those that were still in decent conditions were maintained. They were replaced by handmade tiles. The old tiles that could be reused were hygienized, receiving waterproofing products and fungicide to ensure a longer service life.

The wooden structure was treated according to the same criteria. Pieces in a good state of conservation were maintained, those showing some level of degradation were treated and those that were absolutely useless were replaced. The treatment consisted of removing the degraded parts and inserting prosthesis or grafts. They were also

duly treated against the attack of xylophagous insects, with the extermination of termites and other infestations. The wood used for the replacements were manilkara, cedar or bay laurel. The old zinc gutters, completely rusted and full of holes, were replaced by aluminum ones. The same procedure of exchanging useless materials was repeated in the case of rainwater spouts.

## Masonry

With the result of the stratigraphic survey in hands, the treatment of masonry began, with the analysis of all plastered areas and the mapping of those that presented degradation (excess humidity, pulverulence, disintegration of materials etc.), and that should be removed for replacement[52]. This process, beginning in the cloister, was then expanded to the other walls in the convent building.

This stage revealed interesting structural load-bearing solutions, such as the segment arches above doors and windows and the tied wood inside the masonry, ensuring their self-supporting condition with the introduction of supporting elements marking the walls vertically and horizontally.

In spite of many inquiries to that effect during the course of works, the surveys inside the masonry could find no traces of the elements that divided the old cells of the friars, on the upper floor. These inner walls were possibly juxtaposed structures, not attached to the outer walls, working only as dividers, much unlike the solid structure that surrounds the building. The exception was the intermediate floor, where it was possible to see the exact location of the divisions between each of the three small cells, whose traces remained clear on the remaining wall. In the space where the convent vestibule used to be, the removal of plaster also showed the marks of an old wall, indicating an expansion of that room, possibly associated to an early expansion of the convent itself.

Another data that resulted from the recovery of mortar was the discovery of openings and niches that had been covered, helping to better understand the functions of rooms. Among them were niches in the sacristy, cloister and vestibule, and an opening in the flour room, with the same shape and dimensions as the serving hatch in the kitchen.

Only the niches in the cloister were covered again. At first there was no consensus regarding their original use; they seemed to have been ossuaries, because of their location right above the gravestones. Although acknowledging their importance in the built ensemble, the team decided to leave them disguised into the masonry in order not to disrupt the balanced whiteness of the cloister's vertical surfaces, until then interrupted only by the stone frames around the doors.

## Demolitions and removals

This was one of the most significant stages of works, implicating the difficult choice between removing or maintaining the previous interventions in the building. Because of the importance of the building and of the works underway, all restoration services were judiciously conducted, particularly regarding the conceptual aspects that formed its theoretical foundation. The aesthetic aspects that characterize the convent artistically were carefully considered, with no detriment, however, to the marks of its historical process.

Considering the near inexistence of graphic and/or iconographic documents to subsidize a greater knowledge of the convent's constructive stages, opting for the removal of a certain element to reveal another, hidden one was, for the

52. To ensure the compatibility of the old plaster with the new, all recompositions of demolished areas were done with mortar made of sand and lime, as close as possible to the preexisting material, trying to maintain approximately the same granulometry and volumetric outline.

restoration team, the opportunity to get more acquainted with the building's original typological character, as well as understanding how it was formerly used, at the time when it was inhabited by friars.

As a theoretical premise, restorative interventions seek to respect the marks of time, that is, the monument's trajectory in relation to the stages of its construction, to its different uses, to the additions introduced. In this way, openings that were once closed were now reopened, and vice-versa, enhancing inner spaces and recovering the full and void relationships in lateral and rear façades, such as the refectory and the chapter hall, where all windows had been turned into doors, or the choir, where the ashlar guardrails had been completely covered with rammed earth, deterring the full entrance of light into the room through the cuts and hollows in the stone.

It was not possible to recover all the losses, as there were not enough references and, in restoration, hypotheses will not do, only evidences resulting from scientifically established research and analysis. But the intention was not to recover all losses. Our priority was, through interventions in its physical structure, to emphasize the more subjective aspects of the building's essence, as the materialization of a philosophical and spiritual thought. Regarding its less palpable aspects, the restoration tried to emphasize the richest expressions of the conventual space that, through time, were made invisible, as in the case of Franciscanism itself and its materialization in the building. In this sense, the church, cloister, refectory and chapter hall were the most relevant spaces, held dearest by the religious community.

The cloister, one of the most expressive spaces in the convent, rose questions regarding the original uses and the physical aspect of its uncovered area; the possibility of its being kept as a garden, as in old Medieval cloisters, was strongly considered. On the other hand, serious practical issues were involved, as there were traces of a central element connected directly to the hydraulic system. Thus, searching for answers to these questions, the team opted for the removal of all the floorings, in the covered galleries as well as in the open area. This removal allowed a more direct contemplation of the well for the collection of rainwater, which would then flow to the service areas (kitchen and latrines), showing the maintenance of traditional habits of collecting and using this water in domestic services. In the same vein, the team also identified the gutter that drained used waters towards the grounds[53]. No traces of any kind of garden were found, and the underlying floor consisted of clay bricks and stone.

After surveys on the floors of the church and cloister, two underlying levels were found, comprised of bricks and/or stone, apparently dating back to the convent's most primitive floorings. The team opted for the removal of these more recent floorings, revealing the old gravestones and allowing users to access the information contained in those rare documents of a very particular historical and cultural context[54].

With that in mind, the floor tiles in the convent church, cloister, vestibule, chapter hall, kitchen and the old flour room were removed. The intention was to recover elements that would add value to the monument, as well as contributing to expand our knowledge regarding the former uses of the building. The removals at the church revealed the movements of the wicket, indicating the stages of growth and appropriation of that space. According to archaeological research, this movement took place in three different stages, marking the occurrence of internal

53. Research and consulting promoted by the team of archaeologist Professor Dr. Marcos Albuquerque, from UFPE (in 2010), and by monastic architecture scholar Professor Dr. Virgolino Ferreira Jorge (in 2009), from the University of Evora, were priceless, providing more consistent information on the interventions performed, contributing for a greater understanding of the building in its material and historical aspects.

54. This intervention was discussed with municipal, state and federal inspection bodies, the Nossa Senhora do Bom Conselho Society and Archbishop Dom Antônio Muniz. In this occasion, it was decided, considering the historical value of the place, that it would be worth it to remove the more recent flooring, revealing more remote chronological layers. While visiting the convent, in 2008, the architect of UFPE Luiz da Mota Menezes contributed to that decision, acknowledging the unique opportunity afforded by this intervention, adding new data to the convent's history.

reforms, one of them associated with the need of compatibilization with the gravestones, and another to the need of adjusting the space for the construction of lateral altars[55].

Another removal that granted a peculiar value to the building was the one allowing to visualize the distribution of graves under the floor tiles of the cloister galleries and the church nave. Covered at an unknown date, they catch one's attention for the meticulous design of their gravestones, marked by chamfered-cut stones, some of them with incisions carved into the very stone, containing numbers and inscriptions identifying their occupants. The whole lower gallery of the cloister was marked by graves, and one of the blocks presents an inscription announcing, in archaic Portuguese, that they were reserved for the members of the brotherhood of Saint Benedict. This discovery points to the possibility that some of the friars who dwelt in the convent were members of the brotherhood devoted to the black saint.

At the vestibule, a small opening was found on the floor referring to the burial of a child, with the bones still present. The crypt at the lateral chapel – which, according to the fancy of the population, led to a tunnel where treasures were hidden – also revealed three graves, possibly built for the members of the family who sponsored the construction of the chapel.

The placement of graves around the conventual building points to some very relevant historical and anthropological aspects, such as the social pacts represented there simply by the location of the graves, reproducing the same codes that ordered society, whereby the wealthiest members of the population were entitled to be buried at the most privileged spots – at the church, by the holy water basins, in the vicinity of altars and retables.

Attempting to minimize the harmful effects of humidity in the masonry, an embankment at the external area corresponding to the old cemetery was also completely removed, since it was verified that it did not allow the proper ventilation of walls, and consequently the humidity that accumulated there would flow inside, precisely at the location of a valuable mural painting, found hidden behind a retable at the lateral chapel. During the removal of this land several archaeological remains were found, such as bones, fragments of china and earthenware[56].

During the restoration of artistic elements integrated to the architecture, while disassembling the retables in the chapel at the side of the nave, of the Crucified and the collateral retables at the crossing, artistic paintings were found on the covered walls. The presence of these mural paintings preceding the retables indicates that they were made at a previous date, possibly between the late 17th and early 18th centuries, when the friars' material resources were still scarce. Although less refined, these paintings are very important from the historical point of view, as they attest to the different chronologies experienced by the monument[57].

The location of part of the structure comprising the latrines was one of the most important discoveries of the restoration, pointing to intelligent solutions for practical matters, while confirming, even in this sphere, the existence of a constructive standard common to all other convents in the Franciscan School of the Northeast. Resulting from the removal of plaster, floorings and floorboards (for treatment), it was a very significant information to be unveiled in the process of restoration, since it is rarely found in other convents, after the alterations suffered by all of them. The location and operation of hydraulic facilities, the system of water supply and draining and for the elimination of excrements were also identified.

55. ALBUQUERQUE, 2010: 22-28.

56. These artifacts are being kept by the Nossa Senhora do Bom Conselho Society, while awaiting the adequate conditions for their use.

57. In 2007, soon after the discovery of the painting at the lateral chapel, Professor Myriam Ribeiro visited the convent, as a consultant from Iphan, and wrote a Technical Report on the unquestionable relevance of this pictorial depiction, but acknowledging the artistic priority of the retable.

To requalify the place, three bathrooms installed at the upper floor were removed, since they occupied inappropriately three of the old remaining cells.

As for the doors and windows, most were removed from their original places for treatment, consisting of the complete stripping of the old paint – whose color had been completely altered by the action of sunlight – and the treatment of the support according to the process described above. Then, they received a new layer of paint in the color determined by the surveys.

The wooden boards at the ceiling and floors of the monument were also submitted to the appropriate maintenance interventions. The most degraded, dirty or spotted parts were removed and replaced, and those whose support was vulnerable because of the humidity coming from infiltrations at the roof were recovered. Their supports, in turn, were cleaned, sandpapered, immunized against the attack of xylophagous insects and rough-hewn, when necessary. Where losses in the support were verified, they were adequately recomposed through grafts, fillings and recomposition of missing parts.

The interventions also highlighted another peculiar feature of this convent: the attribution of dates. At the Chapel of Ordem Terceira, when the roof was being recovered, a piece in the supporting structure appeared with an incision on the wood indicating not only the year when, supposedly, some sort of intervention was performed, but also the name of its author: "Tourinho did it in 1874". At the narthex ceiling there is also an inscription: "Fr. Manoel de S. Joaquim ordered the making of the present work out of wood and paint as a Guardian, year 1817. José Eloy painted it in the same year". On one of the larger windows lighting the corridors of the cells, once the paint had been removed for the treatment of wood, an inscription with the date "1863" appeared, as in one of the props in the belvedere, where the date is "May 1855". And, finally, the central gravestone in the funeral crypt at the church's lateral chapel is inscribed "August 1884".

These are peculiar pieces of information that not only enable us to identify the timing of several interventions, but also grant a singular personality to the Convent of Santa Maria Madalena, whose secrets it was only possible to fathom through restoration.

### Artistic elements integrated to the architecture

Generally speaking, the church, destined to liturgical activities, was the space where the absence of conservation services left the strongest marks, severely affecting the state of conservation of the elements in carved, gilded and polychromed wood. Various aggressive elements were involved, most resulting from biological, physical-chemical and human agents.

Biological attacks involved xylophagous insects: present for many years, they compromised the structure of the pieces by creating deep holes and galleries inside the support, causing it to lose parts and become fragile. Fungi also gave rise to the so-called "white rottenness", destroying the pigments on the support (and consequently altering its color) and causing a gradual loss of weight. The accummulation of bird and bat droppings on the pieces also caused aesthetic damages and harmful chemical reactions.

As for physical-chemical agents, they include harsh oscilations of temperature and relative humidity, causing movements in the support and consequently cracks, dislocation of blocks, detachment of polychromy, deformations, as well as photochemical reactions caused by the action of light on constituent materials, such as the weakening of fibers, rusting of the metallic pegs used to attach blocks, causing breakages, wear and vulnerability to the support.

Finally, inadequate human action caused damages to the monument, some of them irreversible.

Stone elements, present in the decoration of pediments, frames of doors, arcades, high cross and other decorative

artifacts, in the shape of flowers, volutes, shells etc., also suffered with the lack of conservation routines, causing cracks, splits, laceration, biological attacks, spots, even irreversible losses.

All the treatments promoted by the team of restorers[58] intended to reestablish the structural and aesthetic integrity of elements, hygienizing, immunizing, consolidating the support with new attachments, grafts and prosthesis, recomposition of missing parts and removal of inadequate interventions, such as repaintings and addition of harmful materials.

Practically all wooden decorative elements in the Chapel of Ordem Terceira were removed for treatment, since they presented degradations associated to attacks by xylophagous insects, cracks and splits, and generalized dirt. At first, the valances, tribunes, windows and doors that were not covered with dirt (insect, bat and bird droppings, spatters of paint etc.) were removed to be immunized against biological attacks. The support was consolidated through recompositions, prosthesis and grafts.

These interventions were undertaken from 2007 until June 2009, when works were interrupted, to be continued in 2010. In this period, the ceiling at the nave of the convent church, depicting the Miracle of Porziuncula, was completely recovered, as well as the narthex ceiling and the lateral and collateral retables. Works on the high retable also began at the time. The restoration is nearing conclusion, and hopefully the monument will be returned to the community soon.

After 2010, a new stage in the monument's full recovery began, with the development of a project for the restoration of the images in the museum collection, most coming from the convent itself. In an interaction between the Nossa Senhora do Bom Conselho Society and BNDES, a technical structure was created for the performance of these services. The images carved in gilded and polychromed wood, dated from the 17th, 18th and 19th centuries, were compromised in many different ways, and their recovery intended not only to ensure their historical integrity, but, especially, their symbolic role for the people of Marechal Deodoro, who maintain loving and devoted relationships with these saints.

Once the building's restoration is complete, some of these images will be returned to the church, according to the available historiographical records and testimonials of oral history, reattaching and confirming the old connections that are what truly gives meaning to the places in the convent.

Generally speaking, we may say that each of the services performed allowed the technical team to achieve a wider knowledge of what Franciscan conventual architecture actually was, particularly that which Germain Bazin calls the Franciscan School of the Northeast[59].

In this sense, we tried to recover and highlight its physical and aesthetic components, using reversible materials and techniques in order to affirm the contemporaneity of the intervention, without compromising the reading and comprehension of the architectural object in its historical and artistic integrity. This also served to stimulate reflections on identity and on how a heritage asset, preserved and requalified according to the wishes of the population, can contribute to reinforce the cultural personality of a place.

Our intention was to identify and reestablish the Franciscan *anima* present in its architecture, enhancing the elements that most strongly affirmed its religious and cultural identity, as well as its original design, but not disregarding its interfaces with the course of time. Time not only subtracted, but also enriched the Franciscan Convent of Santa Maria Madalena with additions that, as superposing layers, turned it into a book where it is possible to observe not only a moment in history, but a multiplicity of them.

58. The team in charge of restoring wooden elements was led by experts Prof. José Dirson Argolo, from UFBA (who started the restoration of the lateral chapel retable), Mário Swenson (retables and church ceiling) and technician Christiano Gregório (ashlar). Some of these elements are not yet finished, such as the stone ornaments throughout the convent. The retable in the chancel is under restoration.

59. At this stage, unbuilt elements such as the parvis and the grounds, as important in the conformation of the convent as any other architectural structure, were not contemplated with actions of preservation and conservation.



# IV. SOUNDS OF EMPTINESS: A VISUAL REPERTORY OF THE CONVENT OF SANTA MARIA MADALENA

*Alice Jardim and Luísa Estanislau*

Delicateness, simplicity, spirituality... Sensations that inhabit the House of Madalena. Revealed spaces outlining emptiness. The alternation of light and shadow that permeates the convent's architectural materiality creates, in its interplay, different sceneries.

This capacity of manifesting itself in different ways brought about the distinct compositions found in these photographs. Some are minimalist, built upon contrasts of light and shadow, and others explore scenes portrayed through an explosion of color, expressing the textures of each place.

Light is continually unfolding, at times introspective, at others, playful, revealing the peculiarities of the place, unveiling the marks of time imprinted on the architecture and on the outlines of its design.



# THE TRACE OF FRANCISCAN WORDS: GLOSSARY OF TERMS BELONGING TO THE CONVENTUAL UNIVERSE

*Érica Aprígio, Flora Paim, Louise Cerqueira, Luísa Estanislau and Taciana Santiago.*

**Acolyte:** a religious man who is not ordained, who accompanies and helps the celebrant of Mass in liturgical acts. Among other things, he is in charge of arranging the altar.

***Alfaia*:** vestments worn during religious ceremonies, including the garments worn by priests during Mass and the textiles used to ornament churches during such celebrations.

**Amice:** a sort of white veil used by priests over their habits or over their heads, when celebrating Mass. At a later time, a small square or rectangular piece of white cloth by their necks was used.

**Ashlar:** a technique of cutting stones for the structure or ornamentation of a building, geometrically or figuratively.

**Atlas:** sculpted human figure (or half-figure), usually male, used to support an entablature or column and also as decoration in architectural elements. The name is related to the Greek Titan Atlas, who was encharged with the task of carrying the sky on his shoulders.

**Barrel vault:** a vault, normally made of masonry, in the shape of a continuous round arch, resembling a half-cylinder supported by two parallel walls or pillars. Known by other names, such as tunnel vault or wagon vault, it was widely employed in the Romantic and Renaissance periods.

***Beira-seveira*:** a kind of eaves in a roof consisting of two rows of tiles that are inlaid at the upper part of the walls supporting the roof. The tiles in the lower row, called *seveira* or *sobeira*, reinforce the support of the tiles in the uppermost row, called *beira*, where rainwater flows. We can also find eaves with three rows, called *beira-seveira e bica*.

**Birds:** in many passages in the life of Saint Francis, the saint is said to have preached to the birds. In one of these moments, he said to his disciples "Wait a moment, I will go preach to our little brothers the birds!" Larks were his favorite bird, and appear in many passages of Fioretti, in anonymous Franciscan literature.

**Burel:** a coarse and thick woolen cloth, widely employed to make blankets and capes and used by the Franciscans because of its roughness.

***Cairu*:** according to Friar Jaboatão, the original word was *ará cajurú*, modified when recorded by the Portuguese. It supposedly means "vessel and house of the Sun", because from that spot the Sun could be seen very high. The Convent of Santo Antônio, recently restored, was built in the year 1654 by request of the inhabitants of Cairu. In spite of some interventions, it presents many features of the typology that defines an exemplar of the Franciscan School of the Northeast.

**Canonic hours:** the division of time traditionally defined by the Catholic Church, consecrating hours for liturgical prayers. This division guided life in convents through ternary hours, that is, the alternation of moments of prayer and labor every three hours.

**Canticle of Creatures:** also known as Canticle of Brother Sun, this poem was written by Saint Francis in old Italian (a popular language), and in it the author praises God and expresses love for all divine creations, by glorifying the elements of nature, seen by the saint as brothers.

*All praise be yours, my Lord, for sister Moon and for the stars*

*in heaven you made them bright and precious and fair.*

*All praise be yours, my Lord, for brother wind,*

*and for the air and the clouds and the dew and all the weather,*

*by which you cherish all your creatures.*

*All praise be yours, my Lord, for sister water*

*that is so useful and humble and precious and chaste.*

**Caryatid:** a sculptural element, originally Greek, employed as a pillar or column, consisting of feminine figures supporting an entablature on their heads. The name is associated with the women of Karyes, who, after the destruction of the region, were enslaved and used as models for the construction of column-shaped statues.

***Cercilho*:** a word derived from "*cercílio*" ou "*circilo*", that may refer to the tonsure used by friars or the coarse extremities of parchment, where writing was difficult.

**Chest:** a piece of furniture containing large drawers, normally used in sacristies to store the church's *alfaias*, garments and vestments with which the priest celebrates religious ceremonies.

**Chimney**: a cone- or prism-shaped element that existed in certain convents, located in the kitchen and used as an escape for the smoke from the ovens where food was prepared. In Europe, it was also used for heating. Among convents in the "Franciscan School of the Northeast", those of Cairu, Paraguaçu, São Cristóvão, Penedo and Marechal Deodoro feature a chimney. The latter is the only convent that still preserves the base of a prism-shape chimney.

**Cilice:** a small belt made of horse hair, coarse wool or steel, used over the skin for mortification or penance – a way of reflecting, on one's own body, the suffering of Christ.

**Cloister**: the heart of the convent, around which all other quarters are distributed. It is a place for meditation, prayer and contact with the light from the outside world.

**Conventualists:** adepts of one of the two currents that appeared within Franciscanism after the Ecumenical Council of Vienna (1311 and 1312). It was characterized by a slighter rigidity regarding the Rule, including the vow of poverty, unlike the second current, the "observants". Following this idea, convents were built to favor communal living, and located closer to towns, so they could perform activities aimed at urban populations.

**Cosmographer:** in charge of orienting projects for the construction of fortresses, of making nautical and geographical charts and of initiating young men in the studies of mathematics, astronomy, architecture and others.

**Council of Trent:** during one of the most critical moments for the church – the Lutheran expansion of 1546 – a council was summoned, in the Italian town of Trent, by Pope Paul III, aiming to strengthen the union of the church and to curb abuses. Interrupted several times, the Council lasted 16 years and its work was completed in 1562, when its decisions were solemnly promulgated in a public session. The whole body of Catholic doctrine was discussed, and some of the decisions were: the condemnation of the Protestant principle of justification by faith, the accumulation of benefits, the maintenance of the seven sacraments, clerical celibacy, the indissolubility of marriage, the cult of saints and relics, the doctrine of Purgatory.

**Cowl:** the outer part of the habit of friars, comprised of a short cape worn over the tunic to protect the shoulders and the upper back, and by a hood covering the head.

**Custody of Santo Antônio do Brasil**: the first Brazilian custody, established by a decree in the year 1584 and subordinate to a small Portuguese province also dedicated to Saint Anthony. The first Franciscan convent in the colony founded by the Custody was that of Nossa Senhora das Neves, in Olinda. It was elevated to the status of Province of Santo Antônio do Brasil in 1657.

**Custody**: a group of autonomous convents, subordinate to a province and managed by a Custodian.

**Depressed arch**: a curved constructive element framing the upper portion of openings and defined by the flattened shape of its curve. Also known as four-centered arch or Tudor arch.

**Double bench:** a double seat whose parts are placed facing each other, made of stone or wood, integrated to the wall and located below the parapet.

**Ecology:** Because of his love of nature and of God's creations, Saint Francis was proclaimed the patron saint of ecology by Pope John Paul II, on November 29, 1979.

***Enfusa***: a small clay vase used to store and conserve fresh water.

***Facistol***: a large bookshelf placed in the choir of churches to hold hymns or liturgical books.

**First Order of Friars Minor (OFM):** the Order created by Francis of Assisi, the Order of Friars Minor *(Ordo Fratrum Minorum)* was approved by Pope Innocence III, and intended to follow the steps of Jesus Christ and serve as a model of obedience for the Church. It congregated male religious. The term "minor", used to designate the poorer and most marginal classes of the urban population of the time, was chosen so that congregates would not aspire to be "major", that is, wealthy, thus following the steps of the humility of Christ.

**Food:** the initially strict diet instituted by Saint Benedict in his book of rules consisted of peas, black bread and water. Friars no longer follow such rigid diets.

**Franciscan emblem**: an insignia that includes, among its various elements, the crossed arms of Saint Francis and Jesus Christ, both with stigmata, and an elevated cross at the center.

**Franciscan habit:** a long tunic originally conceived in the shape of a cross, with the waist tied by a white string with three knots in one extremity, referring to the three vows made by Francis (poverty, chastity and obedience). Sometimes, a Rosary, in devotion to Our Lady, is worn on the left side. Wearing the habit is one of the strongest and most representative symbols of the Franciscan Order, indicating that the novice is prepared to be a friar. It is an external sign of an internal consolidation.

**Franciscan tau:** in addition to a Biblical emblem, it is the last letter in the Hebrew alphabet and the 19th letter in the Greek, corresponding to "T" in the Portuguese language. The Tau is the convergence between verticality and horizontality, symbolizing the meeting between heaven and earth, divinity and humanity. Saint Francis shows a predilection for this letter, also constituting a representation of the Cross, like the Franciscan habit itself. For this reason, he used to draw it at the end of his letters.

***Frater***: a Latin word meaning "brother", he who lives with another, sharing and suffering everyday life with him. It is the opposite of the word monk, from the Greek *monos*, evoking solitude and isolation.

**Fraternity:** a sense of union and family, love of all people and all creatures because they are the work of God. Fraternity is inherent to Franciscanism, based upon respect and care for one's neighbor and for nature.

**Gravestones:** until the 19th century, the wealthy, the religious men and women, prominent figures in local society and those who sponsored the construction of churches were buried inside the temples, in graves closed with "lids", a sort of sepulchral slab called *campa*, or gravestone. In convents there were also spaces dedicated to burials, distributed throughout the floors of naves, corridors and cloisters, all identified with gravestones.

**Guardian:** the title of the highest authority within convents, in charge of managing daily conventual activities and, usually, of keeping the keys to the building.

**Half-dwelling:** a ground-floor home facing the street, whose quarters are distributed in a sequence along a lateral hallway, adequate to the old, very narrow urban plots. The façade contains two windows adjacent to the door.

**High cross**: an element referring to the cult of the Passion of Christ, usually found in the parvis of Franciscan convents. It is comprised of a stone base supporting a cross made of the same material or of wood. Usually characterized by the presence of adornments, it marks the sacred space in the town and holds a prominent position in it, subtilely or majestically.

**House:** "Dwelling house, a building where a family lives with its furniture sheltered from the injuries of the weather" (BLUTEAU, 1712-1728). The Portuguese word *casa* may also mean a room or quarter.

**Humility:** a remarkable feature of Francis' personality and a principle of his followers, it is associated to humiliation for elevation, the capacity to listen to one's neighbor and love one's brothers. With it, he presents a new face of God to the faithful, associated with poverty and human fraternity, very different, therefore, from the image cultivated by Ecclesiastic lords.

***Igarassu*:** a word from the tupi*, yara-assu*, meaning a large canoe. The village of Igarassu, founded in 1535 at the banks of the river with the same name, was one of the first settlements in Brazil and the first in Pernambuco. The Convent of Santo Antônio, founded in 1588, is located there.

***Ipojuca*:** from the tupi *Iapajuque*, meaning dark water. The town of Ipojuca, Pernambuco, lies at the banks of the river with the same name and holds the Convent of Santo Antônio, founded in 1600 in the vicinity of the river.

***Lavabo*:** an ashlar sink adorned with elements typical of the Order, located in several places of convents, particularly the sacristy and *De Profundis*.

**Lay brother:** a layman admitted to the Order, with activities that are different from those of conventual religious men. Among other things, he is in charge of domestic work and crafts.

***Manguaba*:** an indigenous word meaning "source of rainwater". As in all other Franciscan convents, the conventual house of Marechal Deodoro is also near the water, in this case the Manguaba Lagoon, the largest in the state of Alagoas, that was the main access to the Village of Santa Maria Madalena in Colonial times.

**Mary:** the Mother of Jesus is the object of constant references by Franciscans. Saint Francis was the one who disseminated the cult of Mary in monastic spaces, calling on friars to emulate her behavior and act as mothers to each other. In the convent of Madalena the lily appears on the chancel ceiling at the Church of Ordem Primeira, symbolizing purity, innocence and virginity, the qualities of Mary.

**Nativity Scene**: On Christmas Eve 1223, during the celebration of the birth of Jesus in a grotto in the Italian town of Greccio, Saint Francis recreated the Nativity scene, afterwards reenacted in convents using figures of painted wood. With this, he founded the custom of creating Nativity scenes to ornament churches during Christmas.

**Nature:** greatly esteemed in the Middle Ages, nature is beloved by Francis, who sees it as a divine creation. As such, its elements are the brothers of man. Through love of the natural environment, he seeked to praise God and his goodness. In this way, a very rich relationship of respect and dialogue with nature is typical of Franciscanism.

**Neighbor:** a privilege granted some people for the settlement of old Portuguese towns and villages, usually related to princes. Those who received such a privilege participated in the division of lands in a certain region. It may also be used in reference to houses, families or dwellers.

**Nominalism:** a Medieval doctrine created by the Franciscan William of Ockham (1280-1349) according to which overarching concepts and themes, while endowed with the capacity of being attributes of many things, eliminate the reality of the singular. This current understands that only experience (afforded by the human senses) allows one to know the causes of things. In his works, Ockham separated reason and faith, philosophy and theology, and for that he is considered the predecessor of rationalism.

**Observants:** a current that appeared after the Council of Vienna (1311 and 1312) advocating faithful adherence to the Rule (opposing the conventualist current). Its convents, with their simpler architecture, were built at more remote places, although they also performed missionary activities in towns. The custody and province established in Brazil are associated to observant friars.

**Order of Saint Clare or Second Order of Poor Clares**: the female Franciscan Order, created by Saint Clare of Assisi, and for this reason called the Poor Clares. It was dedicated to sacrifice, prayer and love of God in the cloister, and the first members of this Order were attributed with thaumaturgic powers.

***Paraguaçu*:** from the indigenous word *Peruassu*, meaning thick sea or deep river. The Convent of Santo Antônio, in the municipality of Cachoeira, Bahia, was established at the banks of the Paraguaçu River. Its cornerstone was placed in 1658, but the construction itself began only in 1660, to be completed in 1686, according to inscriptions found in the building.

**Peace and Good**: a greeting commonly used among Franciscans, it refers to the love of God, that brings with it the love of one's neighbor, the path of bliss. From his earliest preachings, Saint Francis greeted everyone with the expression "May the Lord bring you peace!", expressing and offering everyone the inner peace achieved and built only through charity. Good, in its turn, finds its highest representation in the Creator, the God of Love.

**Porch:** a covered space delimited by arcades, preceding the church and functioning as a transition between the building's exterior and interior. Typically, in the architectural program of the Franciscan School of the Northeast, the porch is directly connected with the vestibule. It used to be occupied by the believers who were not allowed to enter the church to attend rituals, or as an adjacent space when the nave was crowded.

**Poverty:** one of the three vows of the Franciscans, through which religious men and women try to live according to the model of Jesus Christ, without attachment to material possessions and valuing all that comes from God.

**Province**: a group of convents establishing a unity, but with autonomous administrations. The Province of Santo Antônio do Brasil, the first in the country, was created in 1657, following the Custody with the same name. In 1659, the Southern convents were dismembered, forming the Custody of the Immaculate Conception, with its seat in Rio de Janeiro. In 1675, it also became a Province.

**Retable:** usually made of wood with accurate carving techniques, retables are pieces of joinery or ashlar framing a panel where the images of devotion in a temple are displayed. They may be classified as high-retable (the main one, placed at the chancel),

collateral retables (at the sides of the crossing) and lateral retables (placed along the nave). Other places in the religious space, such as chapels, corridors or sacristies, may also contain retables.

**Round arch:** applied in different architectural and artistic elements, such as portals, windows and retables, also known as semi-circular arch, it presents a full-center curve, that is, its rise measures the same as its radius, because it is shaped as a semi-circle formed by a single center in a 180º angle.

**Saint Anthony of Padua:** a Portuguese Franciscan friar, born to a wealthy family in Lisbon, who left his possessions to dedicate himself to God. He lived in Padua, Italy, where he converted a great number of people. We may say he was the greatest Franciscan preacher after Saint Francis. He became the most popular saint in Brazil, naming eight of the fourteen convents in the Franciscan School of the Northeast. One of the passages in the life of Saint Anthony says that, when his preaching was ignored by the people, he went to a river where several fish came to listen to him.

**Saint Benedict:** one of the most popular saints in Brazil, he was the son of slave parents who were taken to Italy. Because of his black color, he was called "the moor". A shepherd and a Franciscan friar, he was greatly sought by the poor, the ill and other people in need. Within convents, he acted as guardian, novice master, vicar, cook and ostiary, which justifies the presence of his image in the vestibules of conventual houses. Brotherhoods that had him as patron were in charge of distributing bread and flour at vestibules.

**Saint Clare of Assisi***:* the founder, along with Saint Francis, of the female branch of the Franciscan Order, also known as "Poor Clares". Like Saint Francis, she belonged to a noble family whom she abandoned to lead a life of poverty and devotion to God.

**Saint Francis:** his given name was Giovanni Bernardone. Born in Assisi, Italy, in 1181 or 1182, he was nicknamed Francis while still a child by his father.

**Saint Mary Magdalene:** a Catholic saint, Mary Magdalene was healed by Jesus when he expelled seven demons from her body. After that, she followed him in his apostolic activity, was present at the Calvary and was the first to witness his resurrection. This is a controversial figure: it is argued whether the one who served Christ, the repenting prostitute and the Mary of Bethany, who anointed the feet of Jesus with expensive perfume and wiped them with her hair, were the same person. This saint named the Franciscan convent of Marechal Deodoro, as well as the locality's first denominations.

**Seraphic:** related to Seraphs. In the Bible and in Christian theology, a Seraph is a celestial spirit in the first hierarchy of angels. The term is also used in reference to the order of Franciscan friars.

**Shutter:** a quadrangular opening above a door or window through which one may look out without opening it, or to allow ventilation into the room.

**Signal:** the *ars signorum*, a set of signals that included over 300 types, was used to allow communication in monastic communities that practiced perpetual silence. A specific sign for requesting bread was used in Franciscan refectories.

***Sirinhaém*:** from the tupi *Serinhaim*, meaning "the cradle of crabs". The town of Sirinhaém, in Pernambuco, was formed at the banks of the river with the same name, inspiring the first name of the town, that later became Vila Formosa de Sirinhaém, in 1627. The Convent of São Francisco, founded in 1630, was established in the vicinity of the homonymous river, with the limits of its grounds near its banks.

**Springer:** the point where an arch or vault begins and where it is supported. It may also refer to the beginning of the wrought part of the pillar of a handrail.

**Third Order:** also known as Secular Franciscan Order (OFS - *Ordo Franciscanus Saecularis*), it is destined to men and women who do not wish to desert their families or renounce their possessions, but would like to bring Christian ideals to all. The members of this order are called Penitence Brothers, whose ideal is to achieve Christian perfection.

**Three-knotted string:** a string with three knots worn around the waist by Franciscans, symbolizing the three vows of the Order: poverty, chastity and obedience. The last knot was used to knock on the doors of cells to wake friars for offices.

**Tonsure**: an old religious procedure in which the ordinand receives a circular haircut on top of his head, symbolizing his entry into the Ecclesiastic state, a sign of obedience to the Lord. The tonsure was usually renewed every fifteen days, by a man who was in charge of it. It was abolished by Pope Paul VI, in 1973. To protect the tonsure from the sun, the Franciscan would wear a small hat called a zucchetto.

**Wall tile:** *azulejo* tile panels are like books, whose scenes tell stories related to the Order or to the Catholic Church. They are usually monochromatic, in shades of blue. Themes range from religion to scenes from the daily lives of friars and common people. There are also tiles presenting floral motifs, such as those in the kitchen of the convent of Santa Maria Madalena.

**Water:** indispensable for the convent's daily functioning, water is a source of life and also a means of purification, an element of bodily and spiritual regeneration. Proximity with bodies of water was one of the parameters to be considered in choosing the site for the implantation of the convent.

**Wattle-and-daub:** a constructive process that consists, at first, in a structure of props, that is, vertical wooden posts nailed in the ground. Then they are joined by smaller pieces of horizontal and vertical sticks forming a web that is usually tied with liana and filled with clay.

**Whole dwelling:** corresponds to twice a half-dwelling home. Its floor plan is structured along a central hallway, reached through the living room, around which its rooms are placed in sequence. The façade is symmetrically comprised of a central door and one or more windows on each side.

**Wicket:** a balustrade inside a church separating the chancel and the lateral altars from the nave of the building.

**Xylophagous insects:** those that feed on the cellulose present in wood, paper, canvas, cloth, plaster cast and masonry.



# BIBLIOGRAFIA


ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABREU, Capistrano de J. O descobrimento do Brasil. Povoamento do solo. In: *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, vol. XXXI. Rio de Janeiro: IHGB, 1908.

ACEVEDO, Elena Quirós. *Los Franciscanos y el nuevo mundo: Monastério de Santa María de la Rábida*. Sevilla: Guadalquivir Ediciones, 1992.

ACTAS - I e II Seminário *"O franciscanismo em Portugal"*. Lisboa: Fundação Oriente, 1996.

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de arquitetura.* Vol. I e II. São Paulo: ProEditores, 1998.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. *Avaliação arqueológica no Convento de Santa Maria Madalena, município de Marechal Deodoro/AL, durante as obras de restauração.* Relatório Técnico, 2010.

ALMEIDA, Fortunato. *História da Igreja em Portugal.* Vol.1 e 2. Coimbra: Imprensa Acadêmica, 1910.

ALMEIDA, Frei Marcos Antônio de. Franciscanos em época de transição. In: *Igreja e Convento de São Francisco da Bahia*. FLEXOR, Maria Helena Ochi; FRAGOSO, Frei Hugo (orgs). Rio de Janeiro: Versal, 2009.

AMBROSELLIE, C. et al. "Ordres mendiants et urbanization dans la France médiévale". In: *Annales,* CNRS, jul-ago , ano 25, N. 4, 1970.

ARAÚJO, Renata Malcher de. *As cidades da Amazónia no século XVIII. Belém, Macapá e Mazagão.* Porto: FAUP, 1998.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada – da Europa feudal à renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARQUIVO do Museu de Arte Sacra de Alagoas, antigo Convento Franciscano de Santa Maria Madalena. Documentos disponíveis (ofícios, cartas, relatórios, pareceres técnicos).

ATAS Capitulares da Província de Santo Antônio do Brasil – 1649/1843. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 286, jan-mar, 1970. Rio de Janeiro: Departamento da Imprensa Nacional. (Introdução e notas explicativas de Frei Willeke)

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

ÁVILA, Afonso. *Glossário de arquitetura.* Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Cia. Editora Nacional, 1979.

AZEVEDO, Aroldo. *Vilas e cidades do Brasil colonial. Ensaio de uma geografia urbana – retrospectiva*. São Paulo: USP, 1956.

BARLÉUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil, 1647*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

BARROS, Theodyr Augusto de. Contribuição à história da antiga capital das Alagoas. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas,* vol. XXXVII. Maceió, 1981.

_____. *O Processo de mudança de capital (Alagoas-Maceió): uma abordagem histórica, 1819-1859*. Maceió: Imprensa Universitária, 1991.

BASTOS, Carlos Ramiro. *Memórias de uma velha cidade: Marechal Deodoro*. Maceió, 1976.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Vol. I e II. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez & latino, áulico, anatômico & architectonico (...).* Coimbra: Colégio da Companhia de Jesus, 1712-1728.

BOESIGER, W.; GIRSBERGER, H. *Le Corbusier – 1910-1965*. 6ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

BORGES, Nelson Correia. Arquitectura de Cister na Época Moderna. O claustro: força centrípeta nos espaços da vida comunitária. In: *As Beiras e a presença de Cister.* MARQUES, Maria Alegria Fernandes (org). Lafões: Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2006.

BOTTON, Alan de. *A arquitetura da felicidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BRAUNFELS, Wolfgang. *Monasteries of Western Europe – the architecture of the order.* Londres: Thames & Hudson, 1972.

_____. *The architecture of the orders*. Nova York: Thames and Hudson Ltd, 1993.

BUCI-GLUCKSMANN, Christine. *La folie du voir – de l'esthétique baroque.* Paris: Éditions Galilée, 1986.

BULLESTRATE, Adriaen Van. Dois relatórios holandeses. In: *Revista do Interior e Justiça.* Recife, ano 4, 1949. (Separata)

CABRAL, João Francisco Dias. Pesquisa rápida a'cerca da fundação de alguns templos da villa de Santa Maria Madalena da Laga do Sul, agora cidade das Alagoas. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.* N. 11, primeiro do vol. II. Maceió: Typographia de T. de Menezes, 1874.

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. *O brilho da simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil colônia*. Rio de janeiro: Editora Casa da Palavra/Departamento Nacional do Livro, 2001.

CARITA, Helder. *Lisboa manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna, 1495-1521***.** Lisboa: Horizonte, 1999.

CARVALHO, Ayrton. Algumas notas sobre o uso da pedra na arquitetura religiosa do Nordeste. In: *Arquitetura religiosa - Textos escolhidos da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* MINC/IPHAN/FAUUSP, 1978.

CASTELO BRANCO, Fabiana. *O pátio do complexo franciscano de Santa Maria Madalena. Marechal Deodoro-Alagoas: urbanização e usos nos séculos XVIII e XIX*. UFOP/IAC, 2000. (Monografia de Especialização)

CERTIDÃO passada pelos officiaes da camara da Villa das Alagoas acerca do estado do convento de S. Francisco – 1759. In: *Revista*

*do Instituto Archeológico e Geográphico Alagoano*. Nº 11, primeiro do volume II. Maceió: Typographia de T. de Menezes, 1879.

CHARTE EUROPEENNE des Abbayes et des sites Cisterciens. *Vivre dans une abbaye: cistercienne aux XII^e et XII^e siécles*. Moisenay: Éditions Gaud, 2003

CHEVALLIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos – mitos, símbolos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.

CONTESTAÇÃO do Advogado dos Carmelitas Velho Barretto ás Allegações dos Franciscanos – 1735. In: *Revista do Instituto Archeológico e Geographico Alagoano*. N. 11, primeiro do Vol. II. Maceió: Typographia de T. de Menezes, 1879.

CORBUSIER, Le. *Le Corbusier et la Méditerranée*. Marseille: Editions Parenthèses, 1987.

CORDEIRO, Eluzia; SANTANA, Manoel H. *Festa de padroeira: fenômenos dessas religiosidades populares nas cidades de Pilar e Marechal Deodoro.* Maceió: Catavento**,** 2001.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da arquitetura brasileira.* São Paulo: EDART-São Paulo Livraria Editora, 1972.

COSTA, Craveiro. *Instrução pública e instituições culturais de Alagoas*. Maceió: Imprensa Oficial, 1931.

_____. *História das Alagoas: resumo didático*. Maceió: Sergasa, 1983.

DIREÇÃO Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Inventário do Património Arquitectónico – Sede Urbana do Município de Marechal Deodoro (Antiga Vila de Santa Maria Magdalena da Alagoa do Sul).* Lisboa: DGEMN, 2003. 60. A3. (Cadernos de Inventário do Patrimônio Arquitectónico, IPA – N. 9316010001). Disponibilizado no site: www.monumentos.pt

DUBY, Georges. *O tempo das catedrais, a arte e a sociedade.* Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. *Pós-escrito a O nome da rosa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2010.

ESPERANÇA, Frei Manoel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal, primeira parte, que contém seu princípio & argumentos no estado primeiro da custódia*. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1656.

_____. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal, segunda parte, que conta os seus progressos no estado de três custódias principio da província & reforma observante.* Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1656-1666.

ESTATUTOS *da Província de Santo Antônio do Brasil confirmados Auctoriate Apostolica (...). Ordenados neste Capítulo, que se celebrou nesta Casa de Nossa Senhora das Neves da Cidade de Marim no ano de 1681*. Lisboa: Antônio Craesbeeck de Mello (impressor da Casa Real), anno de 1683.

ETZEL, Eduardo. *Anjos barrocos no Brasil – angelologia*. São Paulo: Livraria Kosmos Editora LTDA, 1995.

*ET ORENT PRO DEFUNCTIS* (cópia xerografada, sem dados técnicos, pertencente ao acervo do Grupo de Pesquisas Estudos da Paisagem/FAU/UFAL) **.**

FALBEL, Nachman. *Os espirituais franciscanos.* São Paulo: Perspectiva; FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FARIA, Jacir de Freitas. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERNANDES, José Manoel. "Leitura do espaço urbano envolvente de São Francisco". In: *Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos.* N. 17, set/2002.

FERRARE, Josemary Omena Passos*. Marechal Deodoro: um itinerário de referências culturais*. Maceió: Edições Catavento, 2002.

_____. *A cidade Marechal Deodoro: do projeto colonizador português à imagem do "lugar colonial"*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2006. (Tese de Doutoramento)

_____. Fé e Festas em percursos urbanos na Alagoas barroca – Marechal Deodoro – Brasil. In*: Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001 – 2003.

_____. *Dossiê de referências culturais – Marechal Deodoro – Alagoas*. Texto de apresentação à candidatura da cidade para Tombamento Federal. Maceió: UFAL – Prefeitura do Município, 2002.

FLEXOR, Maria Helena Ochi; FRAGOSO, Frei Hugo (orgs). *Igreja e Convento de São Francisco da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2009.

FONSECA, Fernando L. *Santo Antônio de Paraguassu*. Salvador: Publicações do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, 1973.

FONSECA, Pedro Paulino da. *Memória histórica da Fundação dos Conventos da Província das Alagoas*. Rio de Janeiro: Typografia de Pinheiro & C., 1874.

_____. A velha Cidade das Alagoas – recordação de suas antigas festas, 1895. In: *Revista do instituto Histórico de Alagoas,* vol. XXII. Maceió, anos de 1942/43, p. 18-26.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir.* Petrópolis: Vozes, 1991.

FRADE, Gabriel. *Arquitetura sagrada no Brasil – sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FRAGOSO, Frei Hugo. *São Francisco de Paraguaçu – uma história sepultada sob ruínas*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2004.

_____. Um monumento marcado por uma presença quatro vezes centenária. In: *Igreja e Convento de São Francisco da Bahia*. FLEXOR, Maria Helena Ochi; FRAGOSO, Frei Hugo (orgs). Rio de Janeiro: Versal, 2009.

FRESNEDA, Francisco Martinez. *Manual de filosofia franciscana.* Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

FREYRE, Gilberto. *A propósito de frades.* Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

FREYRE, Gilberto; MUELLER, Frei Bonifácio, O.F.M. et al. *Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil: Edição Comemorativa do Tricentenário (1657-1957)* Vol I. Recife: Provincialado Franciscano, s/ data.

GIANDOMENICO, R. P. Nicola. *Asís: arte e história*. Florença: Casa Editrice Bonechi, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILHA, Frei Manuel da. *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil –1584/1621*. Petrópolis: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil/ Vozes, 1975.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS. Correspondência do Governador de Pernambuco Duarte Sodré Pereira ao Rei de Portugal. CX. 1/ Pac. 03 / Doc. 12. Doc. 00032 (ano 1730).

IPHAN. Parecer N. 003/2005 MTDR/GT/DEPAM, 2005.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico,* ou *Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil* (1859). Fac-símile das edições de 1859, 1861, 1862. 3 vol. em 1. Recife: Assembleia Legislativa do Estado, 1980.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico,* ou *Chronica dos Frades Menores da Província de Santo Antonio do Brasil, 1761*. Rio de Janeiro: IHGB/ Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858.

JORGE, Virgolino Ferreira. Organização espácio-funcional da Abadia Cisterciense Medieval. In: *As Beiras e a presença de Cister*. Actas do I Encontro Cultural de São Cristovão de Lafões. MARQUES, Maria Alegria F. (coord), 2006.

JÚNIOR, Ricardo; MACHADO, Zeila. *Patrimônio azulejar em Alagoas.* 2008. Produção Oficina de Projetos LTDA/Superintendência do IPHAN em Alagoas. (Mídia digital)

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução: Luis Câmara Cascudo. 2ª ed. Coleção Pernambucana, vol. XVII. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, Governo do Estado de Pernambuco, Departamento de Cultura, 1978.

LAGO, Pedro & Bia Corrêa do (orgs.). *Frans Post (1612-1680): Obra Completa*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

LE GOFF, Jacques. "Apostolat mendicant et fait urbain dans la France médiévale". In: *Annales,* CNRS, mar-abr , ano 23, N. 2, 1968.

_____. *São Francisco de Assis.* Tradução: Marcos de Castro. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEGUAY, Jean Pierre. *L´eau dans la ville au Moyen Age.* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002.

LUNGHI, Elvio. *The Basilica of St. Francis in Assisi*. Antella (Florença): Scala, 1996.

MACHADO, Roseline Vanessa Oliveira. *Pernambuco no papel: o desenho de seis vilas coloniais no contexto da representação iconográfica de Albernaz, Marcgrave e Post*. Salvador: UFBA, 2009. (Tese de Doutorado)

MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. *Frades, artistas, filósofos: o Convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza – ontem e hoje.* Maceió: UFAL, 2005. (Dissertação de Mestrado)

MARQUES, Maria Alegria Fernandes. Os sítios de Cister nas Beiras. In: *Actas do I Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões – Espaço, Patrimônio Edificado e Espiritualidade*. São Cristóvão de Lafões: Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2006.

MARX, Murilo. *Seis conventos, seis cidades*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1984. (Tese de Doutorado)

_____. *Cidade brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

_____. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: EDUSP, 1991.

_____. *Nosso chão – do sagrado ao profano*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. *Cercas estigmatizadas, geratrizes consumadas*. Comunicação apresentada no Colóquio "A construção do Brasil urbano", em Lisboa/Portugal, 2000.

MELLO NETO, José Antônio Gonçalves. Dois relatórios holandeses. In: *Revista da S.I.I.* Ano IV. Recife: 1949. (Separata)

MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. Arquitetura franciscana: tempo e forma. In: *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, vol. LVIII. Recife, 1993.

MELO, Marta Ribeiro R. da Silva. *Anteprojeto de restauração da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco em Marechal Deodoro*. Maceió: SERVEAL, 1979.

MERINO & FRESNEDA (org.). *Manual de Filosofia Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MÉRO, Ernani. *Santa Maria Madalena - vila e capital da Província de Alagoas (história e arte*). Maceió: SERGASA, 1995.

_____. *Os franciscanos em Alagoas.* Maceió: SERGASA, 1982.

_____. *Penedo: templos, ordens e confraria.* Maceió: SERGASA, 1991.

_____. *Arruar pelo tempo*. Maceió: GRAFITEX, 1993.

MINC/IPHAN. *Livro dos guardiães do Convento de São Francisco da Bahia (1587-1862)*. Rio de janeiro: Ministério da Educação e Cultura/IPHAN, 1978.

MINC/MONUMENTA/BID. *Patrimônio azulejar brasileiro: aspectos históricos e de conservação*. DIAS, Maria Cristina Vereza Lodi. Brasília, 2001.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. *Os franciscanos e a formação do Brasil*. Recife: UFPE, 1964.

MORENO, Diogo de Campos. *Livro que dá razão ao estado do Brasil, 1616*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999. (Edição fac-similada do Códice da Biblioteca Pública do Porto)

MUELER, Bonifácio. *Convento de Santo Antônio do Recife*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.

NOTÍCIA acerca do convento de S. Francisco e vida dos religiosos ilustres naturaes das Alagoas, por Frei José de Santa Engracia Cavalcante (1870). In: *Revista do Instituto Archeológico e Geographico Alagoano*. Nº 11, Primeiro do volume II. Maceió: Typographia de T. de Menezes, 1879.

OLIVEIRA, Maria Lêda. *A historia do Brazil de Frei Vicente do Salvador: história e política no Império Português do século XVII*. Rio de Janeiro: Versal; São Paulo: Odebrecht, 2008.

PASTRO, Cláudio. *Guia do espaço sagrado*. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

PESSOA, José (org). *Lucio Costa: documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1998.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil.* São Paulo: EDUSP, 1968.

_____. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado: FAPES, 2000. (Usina-Brasil 500 anos)

RENAUD, Clarisse. *Vivre dans une abbaye cistercienne aux XII^e et XIII^e siècles.* Mosenay; ÉditionsGaud, 2003.

REVISTA *Alagoas Agora – Suplemento Especial*. Maceió: Publicação Bimestral da Subsecretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Alagoas/SERGASA, s.n.t.

RIBEIRO, Enos Omena (org). *Inventário de bens móveis e integrados do Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas*. Marechal Deodoro: MINC/8ª SR IPHAN/SE, 1997.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural/Divisão de Edificação, 1977.

ROMAG, Dagoberto. *História dos franciscanos no Brasil desde os princípios até a criação da Província de Santo Antônio (1500-1659*). Curitiba, 1940.

ROS, Vicente Garcia. *Los Franciscanos y la arquitectura de San Francisco a la exclaustración.* Valência: Editioral Assis, 2000.

ROSSI, Aldo. *Arquitetura da cidade***.** Lisboa: Edições Cosmos, 1977.

ROWER, Frei Basílio. *A Ordem Franciscana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1947.

RYKWET, Joseph. *A Ideia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, na Itália e no Mundo Antigo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na geografia nacional*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SANTA ISABEL, Frei Gonsalo de. *Estatutos da Província de Santo Antônio do Brasil, tirados de vários estatutos da Ordem (...) que se celebrou na Província de Sãto Antonio dos Capuchos de Portugal.* Lisboa: Officina de Manoel & Joseph Lopes Ferreyra, 1709.

SANTANA, Moacir Medeiros de. *O Patrimônio cultural de uma velha cidade (Marechal Deodoro).* Maceió, 1970.

SANTIAGO, Frei Francisco de. *Cerimonial da Província da Soledade da mais estreita, e regular Observância de N. S. P. S. Francisco, do Instituto dos Descalços, neste Reyno de Portugal*. Coimbra: Officina de Luis Seco Ferreira, 1755.

SANTOS, Paulo. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Coimbra: V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1963.

SCIAMANNA, Enrico. *Santuari Francescani Minoritici*. Assis (Perugia): Editora Minerva, 2005.

SEFFENER, Fernando. *Da Reforma à Contra-Reforma – o cristianismo em crise*. 7ª ed. PAES, Maria Helena S.; RODRIGUES, Marly (coord). São Paulo: Atual, 1993.

SERRÃO, Vitor (org.). *Josefa de Obidos e o tempo Barroco*. TLP/Instituto Português do Patrimônio Cultural, s.d.

SILVA, José Custódio Vieira da. *O Palácio Nacional de Sintra*. Londres: Scala, 2002.

SILVA, Maria Angélica da; MAGALHÃES, Ana Cláudia. Inscrito em pedra e cal: o Convento de Santa Maria Madalena e a identidade franciscana no Nordeste do Brasil. In: *Actas do III Congreso Internacional sobre el Franciscanismo em la Península Ibérica*, vol. 1. Córdoba: Ediciones El Almendro, 2010. TIRAR NEGRITO

SPOTO, Donald. *Francisco de Assis – o santo relutante*. Tradução: S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TEIXEIRA, Frei Celso Márcio (org). *Fontes franciscanas e clarianas.* Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

TEIXEIRA, João. *Descripção de todo o marítimo da Terra de Santa Cruz chamado vulgarmente, o Brazil. Feito por João Teixeira cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1640*. Lisboa: I.A.N./TT, ANA, 2000.

TESTAMENTO *de Pedro Paulino da Fonseca - 1883*. Manuscrito consultado no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário Tupi-Português*. São Paulo: Editora Traço, 1984.

TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial***.** São Paulo: Edições 34, 2000.

VASCONCELOS, Pedro. *Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial*. 2005. (Manuscrito)

VASCONCELOS, Sílvio de. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos.* Belo Horizonte: Rona Editora, 1979.

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia, feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

VILLAMARIZ, Catarina Madureira. Em torno da arquitetura claustral. In: *Monumentos – Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 17, Set/2002.

WILLEKE, Frei Venâncio. A Primeira Ordem se estabelece no Brasil. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Vol. XXIV. Ministério da Educação e Cultura, 1973.

_____. *Missões franciscanas no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda,1978.

_____. *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Franciscanos na História do Brasil.* Petrópolis: Vozes, 1977.

Este livro foi impresso em offset pela Finaliza Editora, em papel couché fosco 150 g/m2. A família tipográfica é a Frutiger. Esta edição tem 3.000 exemplares.

This book was printed in offset by Finaliza Editora, with couché matte paper 150 g/m2. The typographic family is Frutiger. This edition has 3.000 copies.

I59c Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).
O Convento Franciscano de Marechal Deodoro : Santa Maria Madalena / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; organização, Ana Cláudia Magalhães, Josemary Ferrare, Maria Angélica da Silva. – Brasília, DF : Iphan, 2012.
336 p. : il. ; 31 cm. – (Grandes Obras e Intervenções ; 6)

ISBN: 978-85-7334-228-4

1. Arquitetura religiosa – conservação e restauração. 2. Patrimônio arquitetônico – Alagoas. I. Magalhães, Ana Cláudia. II. Ferrare, Josemary. III. Silva, Maria Angélica da. IV. Título. V. Série.
CDD 726.288




Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

**Representação no Brasil**




Ministério da
**Cultura**

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

